

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



RELAÇÃO FILHO-MÃE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Nídia do Carmo Roxo Valadares

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila-Real

Nº de aluno

13169

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dra. Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006. publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro 2006.

AGRADECIMENTOS

Terminando este trabalho, neste período tão particular da minha vida, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que se envolveram, comigo e com o meu entusiasmo, nesta grande etapa e que me ajudaram, de alguma forma.

Inicialmente quero agradecer à Escola Secundária de Linda-a-Velha, assim como à Escola E.B. 2.3. Vieira da Silva, em Carnaxide, pela disponibilidade e simpatia com que me receberam para a realização deste estudo. Sem a ajuda de todos os professores, todo este trabalho não seria possível e como tal, deixo-vos o meu agradecimento, por todo empenho e compreensão. Para além dos professores, também não posso deixar de agradecer às psicólogas da Escola Secundária de Linda-a-Velha, que foram incansáveis e extremamente colaborativas neste projecto.

Todo este trabalho não poderia ser realizado sem a preciosa colaboração, quer dos rapazes, quer dos encarregados de educação, aos quais também quero deixar um enorme agradecimento.

Quero agradecer imenso à Professora Doutora Ângela Vila Real por toda a ajuda disponibilizada, não só no esclarecimento de dúvidas e sabedoria transmitida, como também pela forma incansável como me apoiou. Muito obrigada.

Também quero agradecer às minhas colegas das aulas de seminário de mestrado do ISPA, que me ajudaram na compreensão e categorização das entrevistas, tal como na partilha de conhecimentos.

Aos meus amigos que me acompanharam neste percurso e estiveram por perto a transmitirem força, quero dar um muito obrigado.

Agradeço a toda a minha família, especialmente à minha mãe e ao meu pai, pelo apoio, força e compreensão incondicionais e pela transmissão de confiança nos momentos mais críticos deste percurso.

O amor advém daquilo que nos é transmitido, não vivemos sozinhos e precisamos uns dos outros em todos os percursos da nossa vida. O amor e determinação por esta área só são possíveis por me ter cruzado com todas estas pessoas que mencionei e outras que foram passando pela minha vida.

A todos um muito obrigado!

RESUMO

A puberdade masculina desencadeia alterações particulares no rapaz pré-adolescente, fazendo reemergir uma série de conflitos internos e externos. Neste estudo explorou-se a possibilidade destas alterações interferirem na relação filho-mãe. Comparou-se catorze rapazes de doze anos com catorze rapazes de treze anos, quanto à representação da mãe e da relação com a mesma, através de uma entrevista semi-estruturada a cada um. Os resultados revelaram mudança na relação filho-mãe do grupo dos doze para o grupo dos treze anos. O primeiro grupo revelou uma representação da mãe essencialmente pelos seus aspectos relacionais e físicos, enquanto o segundo revelou uma representação da mãe essencialmente afectiva positiva, relacional e exigente. Aos treze anos revelou-se uma maior diferenciação psicológica, assim como o recurso à idealização. Destacaram-se constantes movimentos no sentido do segundo processo de individuação e persistência da ambivalência.

Palavras-Chave: Pré-adolescência; processo pubertário, relação filho-mãe.

ABSTRACT

The male puberty triggers particular changes and series of internal and external conflicts in preadolescent boy. In this study we explore the possibility of these changes interfere in son-mother relationship. We compared fourteen boys of twelve years with fourteen boys of thirteen, as the representation of the mother and the relationship with the region through a semi-structured interview with each. The first group showed a representation of the mother largely by its relational and physical, while the second showed a representation of the mother essentially positive emotional, relational and demanding. Thirteen years ago revealed a greater psychological differentiation, as well as the use of idealization. The highlights were constant movement towards the second individuation process and persistence of ambivalence.

Keywords: Preadolescence, pubertal process, son-mother relationship

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Fundamentação Teórica	3
<i>Enlaces e desenlaces do Pré-Adolescente</i>	3
<i>A Pré-Adolescência</i>	6
<i>Alterações...</i>	7
<i>O Corporal e o Psicológico</i>	7
<i>O Social</i>	10
<i>O reviver do Conflito Edipiano</i>	12
<i>O Segundo Processo de Individuação</i>	14
<i>O papel da mãe no desenvolvimento do pré-adolescente</i>	15
<i>Relação Filho-Mãe</i>	19
Formulação do Problema	22
Objectivos do Estudo	24
Questões de Investigação	25
MÉTODO	25
Delineamento	26
Procedimento	27
Participantes	28
Instrumento	28
Análise de Conteúdo	34

RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO	37
Pré-Categoria – A Mãe	38
Categoria – Relação com a Mãe	41
Categoria – Imagem da Mãe	49
Pré-Categoria – Mudança Relacional	50
Categoria – Narrativas	52
CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	68

Mãe!

Vem ouvir a minha cabeça a contar histórias ricas que ainda não viajei! Traze tinta encarnada para escrever estas coisas! Tinta cor de sangue, sangue verdadeiro, encarnado!

Mãe! Passa a tua mão pela minha cabeça!

Eu ainda não fiz viagens e a minha cabeça não se lembra senão de viagens! Eu vou viajar.

Tenho sede! Eu prometo saber viajar.

Quando voltar é para subir os degraus da tua casa, um por um. Eu vou aprender de cor os degraus da nossa casa. Depois venho sentar-me ao teu lado. Tu a coseres e eu a contar-te as minhas viagens, aquelas que eu viajei, tão parecidas com as que não viajei, escritas, ambas com as mesmas palavras.

Mãe! Ata as tuas mãos às minhas e dá um nó-cego muito apertado! Eu quero ser qualquer coisa da nossa casa. Como a mesa. Eu também quero Ter um feitio que sirva exactamente para a nossa casa, como a mesa.

Mãe! Passa a tua mão pela minha cabeça!

Quando passas a tua mão na minha cabeça é tudo tão verdade!

(Almada Negreiros)

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A – Carta de Consentimento Informado	1
ANEXO B – Guião de Entrevista	3
ANEXO C – Justificação Guião de Entrevista	6
ANEXO D – Entrevistas	11
ANEXO E – Tabelas e Gráficos dos resultados	89
ANEXO F – Caracterização das Categorias	136

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.1 – Cotação das respostas correspondentes às categorias Mãe como Mãe e Mãe como Pessoa no grupo dos 12 anos	90
Tabela 1.2 – Cotação das respostas correspondentes às categorias Mãe como Mãe e Mãe como Pessoa no grupo dos 13 anos	91
Tabela 2.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Tipo de Relação no grupo dos 12 anos	94
Tabela 2.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Tipo de Relação no grupo dos 13 anos	95
Tabela 3.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Conversa no grupo dos 12 anos	97
Tabela 3.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Conversa no grupo dos 13 anos	98
Tabela 4.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Fazer no grupo dos 12 anos	103
Tabela 4.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Fazer no grupo dos 13 anos	104
Tabela 5.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Exige no grupo dos 12 anos	106
Tabela 5.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Exige no grupo dos 13 anos	107
Tabela 6.1 – Cotação das respostas relativas à subcategoria Relação Mãe Discordância aos 12 anos	110
Tabela 6.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Discordância no grupo dos 13 anos	111
Tabela 7.1 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Imagem da Mãe no grupo dos 12 anos	114
Tabela 7.2 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Imagem da Mãe no grupo dos 13 anos	115
Tabela 8.1 – Cotação das respostas correspondentes à pré-categoria Mudança Relacional no grupo dos 12 anos	117

Tabela 8.2 – Cotação das respostas correspondentes à pré-categoria Mudança Relacional no grupo dos 13 anos	118
Tabela 9.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Acontecimentos Importantes, no grupo dos 12 anos	125
Tabela 9.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Acontecimento no grupo dos 13 anos	126
Tabela 10.1 – Cotação das respostas à subcategoria Histórias no grupo de 12 e 13 anos	129
Tabela 11 – Caracterização da pré-categoria M (A Mãe), nas suas diversas categorias e subcategorias.	137
Tabela 12.1 – Caracterização da categoria RM (Relação com a Mãe), nas suas diversas subcategorias.	138
Tabela 12.2 – Caracterização da categoria RM (Relação com a Mãe), nas suas diversas subcategorias	139
Tabela 13 – Caracterização da categoria IM (Imagem da Mãe), nas suas diversas subcategorias.	140
Tabela 14 – Caracterização da categoria MR (Mudança Relacional), nas suas diversas subcategorias.	141
Tabela 15 – Caracterização da subcategoria Acontecimentos Importantes.	142
Tabela 16 – Caracterização da subcategoria Histórias	143

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1.1 – Percentagem das respostas relativas à categoria Mãe como Mãe (MM), no grupo de rapazes de 12 e 13 anos.	92
Fig.1.2 – Percentagem de respostas relativas à categoria da Mãe como Pessoa (MP), aos 12 e 13 anos.	93
Fig.2.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Tipo de Relação (RMR) aos 12 e 13 anos.	96
Fig.3.1 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, consoante aos assuntos que falam, aos 12 e 13 anos.	99
Fig.3.2 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, consoante aos assuntos que não falam, aos 12 e 13 anos.	100
Fig.3.3 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, relativamente à iniciativa das conversas, aos 12 e 13 anos.	101
Fig.3.4 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, relativamente a quem falam quando não falam com a mãe, aos 12 e 13 anos.	102
Fig.4.1 – Percentagem de respostas relativas à 3ª subcategoria Relação Mãe Fazer, aos 12 e 13 anos	105
Fig.5.1 – Percentagem de respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Mãe Exige, aos 12 e 13 anos.	108
Fig.5.2 – Percentagem de respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Mãe Exige, consoante ao que o filho sente face às exigências, aos 12 e 13 anos.	109
Fig.6.1 – Percentagem de respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Mãe Discordância, relativamente a onde há discordância, aos 12 e 13 anos.	112
Fig.6.2 – Percentagem de respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Mãe Discordância, relativamente ao tipo de resolução, ou não resolução, de conflito, aos 12 e 13 anos.	113
Fig.7.1 – Percentagem de respostas relativas à categoria Imagem da Mãe, relativamente à imagem positiva e negativa, aos 12 e 13 anos.	116
Fig.8.1 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, aos 12 e 13 anos.	119
Fig.8.2 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional,	120

relativamente ao que mudou, aos 12 e 13 anos.

Fig.8.3 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente a quem mudou, aos 12 e 13 anos. 121

Fig.8.4 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente a porque mudou, aos 12 e 13 anos. 122

Fig.8.5 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente ao desejo de mudança, aos 12 e 13 anos. 123

Fig.8.6 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente ao que desejam face à mudança na relação, aos 12 e 13 anos. 124

Fig.9.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Acontecimentos Importantes, aos 12 e 13 anos. 127

Fig.9.2 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Acontecimentos Importantes, relativamente ao tempo dos acontecimentos, aos 12 e 13 anos. 128

Fig.10.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente positiva, aos 12 e 13 anos. 130

Fig.10.2 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente ambígua, aos 12 e 13 anos 131

Fig.10.3 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente negativa, aos 12 e 13 anos. 132

Fig.10.4 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, quanto ao tipo de resolução do conflito dependência/independência, aos 12 e 13 anos. 133

Fig.10.5 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, relativamente ao tempo das histórias, aos 12 e 13 anos. 134

Fig.10.6 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Reais, na sua vertente de memórias, aos 12 e 13 anos. 135

INTRODUÇÃO

No decorrer da pré-adolescência, ocorrem uma série de mudanças biológicas, cognitivas e sociais. Consequentemente, a relação entre pais e filhos também se altera ao longo deste período. Surge a necessidade e desejo de realizar actividades fora da família e interagir, principalmente com os pares. Dá-se portanto um alargamento dos contactos sociais (Collins & Sprinthal, 2008; Flannery & Montemayor 1990).

“A puberdade e a maturidade dão um novo sentido às relações com os pais, incluindo as da primeira infância” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.101).

Blos, (1965, 2003) defende um movimento regressivo ao serviço do desenvolvimento. Surge um *conflito de ambitendência, conflito entre a fixação-regressão e mudança-progressão* (Coimbra de Matos, 2002, p.181). O adolescente inclina-se indecisamente, ora para os objectos familiares, ora para os extra-familiares. Não obstante, segundo teorias psicanalíticas, a adolescência normal caracteriza-se pelo conflito, ambivalência e desidealização, para que se desenvolva a autonomia (Fleming, 1993). Parece que a relação com os pais sofre uma reorganização, deixa de se basear, essencialmente, numa autoridade unilateral e torna-se mais igualitária (Fleming, 1993; Youniss & Smollar, 1985).

Steinberg (1981) verificou diferenças entre os rapazes antes e após a puberdade relativamente à relação com os pais, sendo estas diferenças evidentes entre filho e mãe.

Sendo a pré-adolescência masculina, período em que, a maturação sexual promove uma intensificação das pulsões e uma ameaça incestuosa eminente, desencadeia no rapaz, uma necessidade de se distanciar da mãe (Braconnier & Marcelli, 2000). Neste sentido é importante referir a reemergência do conflito edipiano (Blos, 1958, 1965) e o segundo processo de individuação (Blos, 1967).

Deste modo, parece haver um conflito emocional do rapaz pré-adolescente, essencialmente com a mãe pré-edipiana (Blos, 2003), o que sugere uma mudança na percepção dos pré-adolescentes relativamente à relação que estabelecem com a mãe neste período.

Existem alguns estudos que referem haver alterações na percepção da relação de pré-adolescentes com os pais (Branje, Goede & Meeus, 2009; Elkins, Iacono, McGue & Walden, 2005; Saucier, Tremblay & Tremblay, 2004; Fleming, 1993; Youniss & Smollar, 1985), no entanto não relacionam as mudanças próprias deste período com a alteração na percepção do

pré-adolescente, para além de que não incidem, nem aprofundam apenas na relação filho-mãe, uma vez que parece haver evidências de que, segundo Youniss & Smollar (1985), a percepção da relação do rapaz na pré-adolescência difere, relativamente à mãe.

“A adolescência é, depois da primeira infância, o período mais sensível da construção da identidade no ser humano, já com identificações mais diversificadas, sob a influência de modelos extrafamiliares. É nesse período que o sujeito confronta os seus ideais primitivos, próprios das identificações primárias, com ideais mais realistas que o obrigam a reformular as representações que tem de si mesmo, as representações que tem dos seus pais e dos objectos formadores” (Matos, 2005, p.84).

Com este trabalho pretendemos essencialmente, para além de uma compreensão da pré-adolescência masculina, perceber a relação filho-mãe, ou seja, não nos interessa a relação em si, mas como a relação com a mãe é percebida e vivenciada pelo rapaz pré-adolescente. Quando falamos da pré-adolescência é importante tomarmos em consideração que é um período de vida dinâmico, em que fluem uma série de transformações, a vários níveis – corporal; social e familiar; psicológico. A partir daqui, a questão que se coloca é: Como poderão estas características específicas da pré-adolescência masculina influenciar a relação filho-mãe?

Com o objectivo de responder a esta questão, numa primeira parte tentamos explicar as mudanças que ocorrem na pré-adolescência, assim como essas interferem na relação do rapaz com a mãe, pois há conflitos que reemergem e portanto, o significado/percepção da mãe para os pré-adolescentes, é alterado.

A pré-adolescência masculina tem as suas particularidades e, por isso tentamos explicá-las no segundo capítulo. Torna-se assim imprescindível abordar e explicar, seguidamente, as alterações que ocorrem na pré-adolescência, para podermos perceber qual a sua influência na percepção que o rapaz tem da relação com a mãe.

Como tal, numa terceira parte interessa-nos incidir no modo como o filho experiencia a relação com a mãe neste período.

Por fim, tentamos explorar algumas investigações acerca da relação filho-mãe.

Através da análise de conteúdo de entrevistas semi-estruturadas, tentamos com este trabalho, centrar-nos nas percepções dos pré-adolescentes de doze e de treze anos no que se refere à relação com a sua mãe.

Fundamentação Teórica

Enlaces e desenlaces do Pré-Adolescente

“O modo como as crianças e os adolescentes percebem o comportamento dos seus pais é mais importante para o desenvolvimento da sua personalidade do que o conteúdo do estímulo a que se refere, isto é, o comportamento dos pais propriamente dito” (Shaefer, 1965, cit. por Fleming, 1993, p.146).

Segundo um estudo de Steinberg (1981), há alterações nas interações familiares conforme os adolescentes se vão desenvolvendo fisicamente (Collins & Sprinthall, 2008).

Para além disso, Youniss & Smollar (1985) referem a pré-adolescência como um período de mudanças e reorganização nas relações familiares, sendo que os pré-adolescentes rapazes e raparigas revelam diferenças na relação com o pai e com a mãe. Interessa-nos destacar que a relação filho-mãe, neste período, é positiva, sendo a mãe, alguém que percebe e compreende os pontos de vista do filho e, portanto, com quem pode partilhar algumas experiências da sua vida.

“O problema do adolescente é mesmo este: que fazer com o novo corpo, doravante portador de um novo sexo reconhecível?” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.99). A grande tônica é colocada no corpo, uma vez que o adolescente assiste a constantes alterações no mesmo, sem as poder controlar.

Portanto, surge a puberdade, desenvolve-se a adolescência e dá-se, com a revivência do conflito edipiano, uma reorganização e integração de conflitos anteriores, quer a nível psicosexual, quer também a nível psíquico (Coimbra de Matos, 2002). Este cenário de *modificações instintivas sexuais* (Dias Cordeiro, 1988, p.14) e a revivência edipiana, forçam o adolescente a *integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu próprio corpo* (Dias Cordeiro, 1988, p.14). Deste modo, *“com o desenvolvimento genital as imagos parentais revestem-se de fantasmas arcaicos o que provoca, no adolescente, a necessidade de se distanciar dos seus pais reais”* (Dias Cordeiro, 1988, p.19).

Ao compreendermos esta recapitulação e actualização de conflitos da infância, é importante termos em conta a adolescência como um período do desenvolvimento e, como tal, em constantes alterações. Assim, a relação filho-mãe sofre também mudanças ao longo da vida, sendo estas alterações marcantes e essenciais na pré-adolescência. *“De tudo isto podemos concluir que um dos conflitos centrais da vida se joga em torno da mudança ou não*

mudança de objecto. Mudança de objecto que tem dois tempos – ou melhor, que é dupla: do objecto primário para o objecto edipiano, do objecto edipiano para o objecto exogâmico” (Coimbra de Matos, 2002, p.181).

Inicialmente, a mãe é o objecto de amor primário que responde às necessidades básicas da criança, havendo uma reciprocidade de necessidades entre a mãe e a criança (Blos, 2003). É com a mãe (ou substituto), que a criança estabelecerá um vínculo, que deverá ser seguro. Uma vinculação de base segura, serve de suporte à posterior exploração do meio, assim como um porto de abrigo, nos momentos de maior necessidade ou sofrimento. Segundo Bowlby (1973), estas relações seguras com os pais seriam internalizadas e mantidas nas estruturas cognitivas. Desenvolviam assim o modelo representacional seguro (Cassidy, Dycas, Waters & Woodhouse, 2006). Como refere Blos (1967), o modo como decorrem as questões particulares da primeira infância, vai influenciar a organização das tarefas da adolescência e portanto, todo o desenvolvimento. A função, essencialmente da mãe é, segundo Blos (1967), regular a ansiedade nos primeiros tempos de vida. Esta função vai sendo adquirida pela criança, a partir do momento em que vai desenvolvendo determinadas capacidades, até que ela própria arranja maneira de controlar a ansiedade. Pode-se dizer que há um primeiro afastamento, diminuindo, de certo modo, um pouco a sua dependência. A mãe funciona nestes primeiros tempos de vida da criança como provedora de necessidades, segundo as suas respostas às indigências da criança transmitirá a sua capacidade de contenção, resposta e portanto, segurança.

Após a triangulação edipiana, surge o período de latência que é deveras importante para que, na pré-adolescência haja a capacidade de lidar com a energia pulsional que advém da maturação puberal (Blos, 2003). Como sabemos, a pré-adolescência promove um processo regressivo, vivido pela maioria dos adolescentes como um período complexo da sua vida, por isso é importante que na latência haja um desenvolvimento do Ego, para que este seja capaz de controlar os instintos e mobilizá-los para tarefas psicossociais. É com esta evolução do Ego que a criança ganha resistência para a regressão consequente da puberdade (Blos, 1968, 1965). Assim, atingido um certo grau de autonomia e diferenciação, o pré-adolescente já é capaz de enfrentar a regressão proposta pela evolução puberal, pois já tem capacidade de elaboração e resolução dos conflitos sem que haja perigo de fragmentação (Blos, 2003). Portanto, *“a adolescência não surge em terreno virgem”* (Braconnier & Marcelli, 2000, p.52).

Na pré-adolescência, há então uma reactivação dos objectos primários, que originam um reviver do conflito edipiano (Blos, 2003), o que faz com que o pré-adolescente encare as mulheres e raparigas da sua idade como ameaçadoras, devido à angústia de castração causada pela mãe nesta altura – medo de castração em relação à mãe arcaica (Blos, 1965), pois acaba por desencadear culpabilidade e uma violenta angústia, uma vez que há uma tomada de consciência da ameaça edipiana – *“A partir da puberdade, as fantasias eróticas com os pais passam a ser intoleráveis ao nível do desejo – o medo de desejar rivalizar com o pai do mesmo sexo na posse do amor do pai do sexo oposto”* (Dias Cordeiro, 1988, p.14). A mãe é, deste modo, percebida como ameaçadora, o que vai intensificar a necessidade de afastamento da mesma, surgindo o que Blos (1967) denomina de segundo processo de individuação. Uma vez que os fantasmas incestuosos atingem o adolescente, este procura uma fuga a esta realidade, afastando-se do objecto edipiano. Parece que *“por volta dos 12-13 anos, o pré-adolescente vivencia a necessidade de romper com os interesses do passado, o que é simultaneamente, uma distanciação dos investimentos do tempo da infância e uma distanciação vivida como submissão em relação às suas imagens edipianas”* (Marcelli, 2002, p.39).

Sendo assim, o objecto primário é essencialmente protector, sendo portanto a mãe o objecto privilegiado. Mas também é considerada objecto do *Self*, sendo o objecto preferencial e de segurança narcísica (Coimbra de Matos, 2002). É importante que esta tarefa de objecto securizante seja suficientemente bem desempenhada pelos pais, para que o sujeito desenvolva capacidades de autonomia e independência. Deste modo, haverá a passagem de objecto protector para objecto edipiano e deste, para objecto exogâmico. Trata-se da transição de um *“objecto de apoio intrafamiliar para um objecto de apoio extrafamiliar”* (Coimbra de Matos, 2002, p.182). Caso contrário, o desenvolvimento para a genitalidade fica comprometido e há apenas uma intensificação do laço anaclítico – *“O Édipo foi apenas um movimento de recuperação e reforço do laço anaclítico”* (Coimbra de Matos, 2002, p.182).

O pré-adolescente deverá ter a capacidade de reorganizar o já vivido, de modo a promover a procura do novo e desconhecido. Deste modo, sabemos que há necessidade, para além da regressão, do luto das imagos parentais e, neste sentido, surge uma certa ambivalência, segundo Dias Cordeiro (1988, p.19) *“do confronto entre a tendência para a regressão e a necessidade de separar-se dos pais”*. Falamos deste modo, de enlances e desenlances do pré-adolescente. Os enlances da infância que neste período são procurados, pela

regressão e o desenlace, o afastamento, através do luto das imagos parentais, desejado mas ao mesmo tempo temido. Um avançar e recuar constantes, típicos do desenvolvimento da pré-adolescência.

A Pré-Adolescência

A puberdade é indutora de toda uma série de alterações que ocorrem no período da pré-adolescência. Para que alterações biológicas sejam suportadas, agrega-se a estas, o desenvolvimento psicológico da pré-adolescência – *“A pré-adolescência corresponderia ao desenvolvimento psicológico necessário para lidar com a puberdade”* (Matos, 2005, p.66).

“A puberdade, época em que ocorre a maturação sexual, é uma parte da adolescência, mas não é o seu sinónimo, porque a adolescência inclui todas as fases da maturação e não apenas a maturação sexual” (Hurlock, 1979, p.41). Portanto, a puberdade não é um processo singular (Archibald, Brooks-Gunn & Graber, 2003).

Segundo Matos (2005), é preferível denominar pré-adolescência aquando das grandes alterações fisiológicas e psicológicas inerentes à puberdade. *“Na pré-adolescência inicia-se o momento fundamental de desenvolvimento psíquico que vai exercer uma censura, separação e continuidade, entre a infância e a adultícia, entre bios e psique”* (Matos, 2005, p.66). Perante tais mudanças há necessidade de separar/desfazer o laço precoce da infância e partir para o desconhecido mundo adulto, no entanto sente a ameaça de se perder (Braconnier & Marcelli, 2000). Na pré-adolescência exercem duas forças opostas naturais, por um lado a separação ou afastamento dos “pais da infância”, para assim poder haver uma evolução para o mundo adulto, mas por outro, uma continuidade, no sentido em que as questões da infância vão ser reformuladas, dando a oportunidade ao adolescente de criar estruturas para uma evolução adulta. Poder-se-á dizer que há um corte/censura porque as alterações corporais, inerentes à puberdade, são tão bruscas, que são percebidas como um momento de marca deste período e, nesse sentido, um período notável pelas mudanças. No entanto, exerce um papel para que haja a tal continuidade e separação entre a infância e a adultícia, entre bios e psique, pois a puberdade e portanto todas as mudanças a ela inerentes promovem esta ambivalência característica do movimento pré-adolescente.

O período da adolescência transporta consigo algumas mudanças principais: o desenvolvimento e maturação pubertária (alterações corporais); as relações com familiares, professores e amigos; emerge a capacidade de pensar de modo formal; o modo como o

adolescente se percebe a si próprio é alterada, a partir da qual se vai construir a identidade. Sendo assim, segundo Havinghurst (1972), o adolescente terá de resolver algumas tarefas, como: aceitar o seu próprio corpo, ampliar as relações sociais com pessoas de ambos os sexos, procurar a autonomia, distanciando-se dos pais, desenvolvendo competências intelectuais. A solução destas tarefas é sucessiva, sendo a tarefa de aceitar o próprio corpo a mais emergente na pré-adolescência (Martins, 1996).

O rapaz na pré-adolescência, com o aumento da pulsão e todas as alterações a ela inerentes, promove também o reviver do conflito edipiano, o que desencadeia no adolescente uma ansiedade de castração relativamente à mãe arcaica (Blos, 1965), pois *“com o desenvolvimento genital, as imagos parentais revestem-se de fantasmas arcaicos, o que provoca, no adolescente a necessidade de se afastar”* (Dias Cordeiro, 1988, p.19), conduzindo ao que Blos (1967) denomina de segundo processo de individuação.

“O adolescente tem que modificar as imagens parentais idealizadas, e sexualmente proibidas, e aceitar os pais como seres sexualizados” (Dias Cordeiro, 1988, p.23). Deverá portanto, como refere Blos (1967) um afastamento dos objectos edipianos da infância, para assim desenvolver a sua autonomia. De acordo com Blos (1965, 1967) a adolescência será encarada em termos amplos, como o segundo processo de individuação. No fundo, todas as tarefas que surgem desde o início da adolescência têm como fim último o desenvolvimento da autonomia e portanto do segundo processo de individuação, voltando-se o adolescente para objectos exteriores à família. Para que este processo se desenvolva, a pré-adolescência será essencial para integrar, ao nível psicológico, todas essas mudanças desencadeadas pela puberdade.

Alterações...

• O Corporal e o Psicológico

“Constituindo o corpo do adolescente o suporte objectivo dos seus contornos e da sua espessura como pessoa, não é de admirar que seja ao nível corporal que se expressem muitas das suas contradições, dúvidas e receios” (Dias Cordeiro, 1988, p.12).

O querer crescer e ao mesmo tempo não querer, o ser e não ser são uma constante no comportamento adolescente. Este período de vida é realmente um tumultuar de emoções e

alterações às quais o adolescente tenta responder. É o aumento pulsional, as alterações corporais, o deixar para trás a infância e a pequenez e entrar numa nova dimensão que é ao mesmo tempo apetecível e insuportável. Com tudo isto, o adolescente tem de se adaptar com as ferramentas que conseguir disponibilizar para tal. *“Todo o desenrolar da adolescência será marcado pelos efeitos fisiológicos, mas também psicológicos e sociais, dessas transformações corporais”* (Braconnier & Marcelli, 2000, p.53).

Normalmente, o primeiro sinal da puberdade masculina é o desenvolvimento das características sexuais primárias (Brooks-Gunn and Reiter, 1990; Grumbach and Styne, 1992, cit. por Buchanan, Connolly, & Paikoff, 1996), ou seja a maturação dos órgãos sexuais externos (Martins, 1996), que permitem a reprodução em si. Ao longo da puberdade desenvolvem-se também os caracteres sexuais secundários, portanto todos os traços corporais que acentuam as diferenças anatómicas do rapaz. (Martins, 1996). Assim, segundo Matos (2005), a puberdade é assinalada, no rapaz, pelas primeiras ejaculações, embora, como referem Braconnier & Marcelli (2000), seja um marco simbólico do completar da puberdade, pois para além disso, o sistema endócrino também se encarrega das transformações físicas que ocorrem neste altura, como o aumento do volume dos testículos, assim como uma modificação dos órgãos genitais externos, surgem os primeiros pelos púbicos e um pouco mais tarde, a pilosidade axilar e facial. Portanto, também interessam todas as modificações que vão ocorrendo antes das primeiras ejaculações.

Segundo um estudo que relacionou a puberdade com o sofrimento psíquico no rapaz revelou que os rapazes fisicamente mais desenvolvidos, comparando com os seus pares menos desenvolvidos, demonstram maior exteriorização de comportamentos hostis (Conger, Elder & Ge, 2001). O que consta é que, a alteração hormonal que sucede na transição puberal, deixa os adolescentes vulneráveis e portanto desregulados a nível comportamental e emocional (Ge & Huddleston, 2003).

Consequentemente, o corpo muda e portanto é deveras importante a relação que o adolescente estabelece com o mesmo nesta altura do desenvolvimento – *“a principal característica do processo de desenvolvimento da adolescência reside na relação que o sujeito estabelece com o seu corpo”* (Braconnier & Marcelli, 2000, p.53).

Não se pode dizer que as alterações físicas têm uma influência directa (causa-efeito) nas mudanças psicológicas, mas parecem ter o seu impacto no desenvolvimento psicológico, a partir do significado que têm, para os próprios adolescentes, assim como para os outros

adultos que o rodeiam (expectativas) (Collins & Sprinthall, 2008). É a partir daqui que a auto-estima e a auto-imagem podem ser abaladas (Collins & Sprinthall, 2008; Buchanan, Connolly & Paikoff, 1996).

É neste contexto que o adolescente integra um duelo, entre a indignância de se manter num corpo em constantes mudanças – continuidade, e conseqüentemente interiorizar e incluir essas alterações no seu funcionamento psíquico (Braconnier & Marcelli, 2000). Portanto, deverá aceitar e elaborar todas as alterações inerentes à puberdade, de modo a incorporar essas mudanças enquanto ser único e vivo, em desenvolvimento.

Perante as alterações corporais terá necessariamente de haver a assimilação de uma nova imagem de si, com todas as suas capacidades. É importante perceber todo o impacto que essas transformações têm no adolescente ao nível do desenvolvimento cognitivo que promoverá nesta altura, o aumento do interesse e tomada de consciência pelo próprio corpo, e portanto contemplam uma grande atenção ao aspecto físico, estando este último bastante relacionado com a aceitação social (Carratero, 1985).

Tais expectativas que são criadas no adolescente, podem afectar o relacionamento entre pais e filhos, uma vez que os adolescentes mudam e os pais também terão de assumir que os filhos estão a crescer (Collins & Sprinthall, 2008). Deste modo o pré-adolescente, devido a todas as alterações, quer a nível físico, quer tudo o resto a que é submetido, independentemente da sua vontade, terá de se adaptar. Toda a questão pulsional, o reviver do conflito edipiano, conduzirá a uma gestão do pré-adolescente, de todas as tarefas às quais vai sendo subjugado. Requer uma forte adaptação, que conduz a um afastamento e inevitável mudança na relação e interacção com os pais. “*Quando a infância chega ao fim, lá pelos 12 anos de idade, é comum o atrito com todos os membros da família*” (Hurlock, 1979, p.442). Segundo a mesma autora, as alterações físicas inerentes à puberdade influenciam o facto do pré-adolescente se tornar mais reservado e pouco tolerante, ou seja, mais embirrento.

As mudanças físicas provocam inevitavelmente alterações no que se refere ao comportamento, interesses, assim como ao nível afectivo, havendo uma reavaliação do próprio.

Como sabemos e tem sido referido ao longo do trabalho, as alterações biológicas, devido ao significado que adquirem para o próprio adolescente, assim como para as pessoas que o rodeiam, têm impacto no desenvolvimento psicológico, pois interferem também na aceitação social (Collins & Sprinthall, 2008).

Os adolescentes, segundo Shave & Shave (1989) não têm muita capacidade de se exprimir verbalmente, o que promove muitas vezes a passagem à acção. Este aspecto foi antes mencionado por Gesell (1996), ao comparar os pré-adolescentes de 12 e 13 anos de idade. Aos 12 anos parece haver uma tendência para serem positivos, extrovertidos e entusiásticos, no entanto, flutuam ainda entre capacidades mais adultas e outras mais infantis; aos 13 anos de idade, o pré-adolescente nem sempre é muito aberto, nem comunicativo. Os pais preocupam-se porque o pré-adolescente tende a afastar-se um pouco da família, no entanto, nesta idade, o rapaz tem tendência a ser mais introspectivo. Parece que nesta altura o pré-adolescente tenta dar mais uso à comunicação, fugindo à agressividade física.

Os adolescentes adquirem portanto um pensamento formal, o que lhes permite uma maior capacidade de abstracção, pensando através de hipóteses (Collins & Sprinthall, 2008). Talvez devido a este aspecto haja, aos 13 anos, como refere Gesell (1996), uma maior capacidade de introspecção, assim como haverá uma alteração na relação com os pais.

Pode-se assim concluir que “*o processo adolescente é psicologicamente múltiplo*” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.59).

• *O Social*

É concordante entre vários autores (Grotevant & Cooper, 1986; Steinberg, 1990) que a adolescência é um período de transformação e reorganização do relacionamento familiar, nomeadamente na diminuição da autoridade unilateral e do controle, passando o adolescente a intervir também nas decisões (Youniss & Smollar, 1985; Fleming, 1993).

Num estudo de Allison, B. & Schultz, J. (2004), em que tentaram analisar os conflitos entre pais e filhos na pré-adolescência destaca-se a importância do género do adolescente no que se referia, tanto à frequência, como à intensidade do conflito para com os pais. Segundo um outro estudo, de Smetana (1989) parece que os conflitos se situam ao nível do quotidiano, nomeadamente na realização de tarefas, assim como trabalhos escolares.

Grande parte do desenvolvimento também advém do facto do adolescente adquirir um tipo de raciocínio formal (Claes, 1985, cit. por Martins, 1996), sendo já capaz de produzir hipóteses a um nível mental, elaborar sobre as mesmas para além do concreto e daí prever determinadas soluções (Collins & Sprinthall, 2008). Para além disso o adolescente já consegue observar e analisar vários aspectos de forma relativa e não absoluta (Steinberg,

1981). Assim conseguem assumir novos papéis e, adquirindo uma forma de pensamento mais evoluída, permite-os reflectir sobre eles próprios e sobre o mundo que os rodeia de modo mais rico.

Esta capacidade de pensar de modo formal e abstracto irá contribuir para o estabelecimento de novas relações, com objectos externos à família, diferentes às que estabeleceram com os pais. Assim permitirá o afastamento das figuras parentais e desenvolver a autonomia. Tende a haver um processo de separação física e psicológica gradual dos adolescentes em relação aos pais, logo após a puberdade, até ao jovem adulto. Consequentemente, os adolescentes acabam por se envolver mais com os amigos, pois o grupo de pares começa a ter grande importância ao nível da auto-estima, assim como no âmbito suporte social, em geral (Flannery & Montemayor, 1990). Segundo um estudo de Duckett et al (1996), durante a adolescência (entre os dez e os dezoito anos), há um declínio das interacções e tempo passado, não só com a família em geral, como também com a mãe, em particular. Os pais deixam de ter o papel de primeiros objectos de amor e identificação, havendo a procura de um par amoroso e outros (Coimbra de Matos, 2002). Trata-se do luto das imagos parentais, que se refere ao facto do adolescente ter de abandonar a infância e, consequentemente a protecção familiar e todos os seus benefícios em prol do desenvolvimento para a idade adulta. Este processo é fundamental para o desenvolvimento social e psicoafectivo (Coimbra de Matos, 2002).

Neste período de vida indefinido que ainda não é adulto, mas também já não é criança, o que será? É precisamente aqui que o adolescente já quer assumir papéis adultos, mas ao mesmo tempo há certas responsabilidades com as quais não se quer comprometer e portanto o eterno impasse entre a comodidade e gratificação da infância, mas também o êxtase da liberdade e exploração de um caminho desconhecido mas apetecível, precisamente pelo seu carácter misterioso e libertador, que deixa o adolescente fantasiar. É um assunto complicado, uma vez que o adolescente ainda necessita de um abrigo materno, mas também precisa de testar limites, afastar-se e explorar, abrir novos horizontes. É, por assim dizer, um constante avançar e recuar, nesta evolução adolescentil (Braconnier & Marcelli, 2000).

Posto isto, é natural que o adolescente arranje o melhor modo de lidar com todas estas mudanças conflituais, a partir do momento que há transformações com as quais se depara e tem de lidar com as mesmas e portanto, arranjar solução. Assim, o mais certo é proteger-se de

uma possível desorganização que estas mudanças possam causar (Braconnier & Marcelli, 2000).

• *O reviver do Conflito Edipiano*

“A fluorescência da puberdade implica a inevitável revivência do conflito edipiano uma vez que toda a problemática das relações incestuosas com o progenitor do sexo oposto se intensifica. O adolescente é, com efeito, assaltado por imagens conscientes de relações amorosas edipianas que podem atingir uma intensidade de quase-realidade na altura em que a maturação dos órgãos genitais se processa” (Dias Cordeiro, 1979, p. 30)

Com a chegada da puberdade nos rapazes e conseqüente aumento quantitativo da pulsão, observa-se um desequilíbrio entre o Ego e o Id evidenciando uma postura de recusa perante as raparigas, evitando-as, mas quando se juntam eles exibem-se, provocam-nas e depreciam-nas. Este aumento de pulsão é indiscriminado, sendo o falo, o órgão inespecífico de descarga dessa tensão. Isto é, mesmo não sendo um estímulo erótico, o medo, a raiva ou outro sentimento podem despoletar a excitação genital (Blos, 1958, 1965), não há propriamente um controlo dos instintos.

Destaca-se através destas características do rapaz pré-adolescente, o medo de castração relativamente à mãe arcaica. O facto de se unirem a membros do mesmo sexo, evitando o sexo oposto, evidencia esse medo de castração, generalizado às mulheres e raparigas da sua idade (Blos, 1965). O conflito edipiano no rapaz pré-adolescente remete para o medo e inveja da mãe arcaica, sendo esta ansiedade de castração o tema central da pré-adolescência masculina. E é devido a este facto que se diz que o rapaz usa uma solução homossexual contra essa angústia de castração (Blos, 1967), juntando-se aos seus iguais, ou seja aos pares do mesmo sexo.

No entanto, é importante ter em atenção que as evidências neste período de vida da pré-adolescência, estão interligadas com as relações/interacções no início de vida da criança. Ora bem, como refere Fleming (1993, p.25) *“a puberdade introduz a reemergência da problemática edipiana, mas a adolescência também se prepara durante a infância”* (Fleming, 1994, p.26). Isto quer dizer que, voltam a surgir questões que já se evidenciaram na infância, mas nesta altura, o pré-adolescente pode-lhes dar contornos diferentes.

Realmente o processo anterior influencia o seguinte. Vejamos: o bebê carece de necessidades básicas da mãe para sobreviver e é neste sentido que a mãe regula as tensões do seu filho (Blos, 2003). *Desintoxica* a informação, no sentido de Bion, e devolve ao bebê de modo suportável, no fundo, a informação descodificada.

Há portanto, uma reciprocidade mãe-bebê, em que se pretende e espera que haja uma sintonia. Pelo menos sabemos que, assim que o bebê nasce, as relações intersubjectivas que, com ele são estabelecidas, quer conscientes ou inconscientes, vão contribuir para o desenvolvimento da criança. Os pais transmitem uma identificação primária, através de uma imago de rapaz ou rapariga. A identidade é-lhe atribuída através de todos os comportamentos, no modo como lidam com o bebê. Sendo depois estabelecido o reconhecimento da imagem sexuada do bebê, que também vai ser transmitido pelas pessoas que rodeiam a criança – reconhecimento da sua imagem sexuada (Coimbra de Matos, 2002).

Trata-se assim da identificação primária, o que mais tarde dará a possibilidade ao bebê do reconhecimento de si próprio e do outro, começando a interiorizar as tais funções de regulação (Blos, 1967). Depois, na pré-adolescência, há uma intensificação das pulsões e reemerge a questão da mãe arcaica.

E é a partir desta relação diádica precoce, com a mãe arcaica, que vêm a reflectir-se determinadas questões da pré-adolescência, uma vez que o conflito edipiano é reavivado, precisamente pelo intenso despoletar pulsional. Há um evitamento da mãe arcaica – ansiedade de castração (Blos, 1958, 1965), sendo esta questão generalizada a todas as mulheres. Não é por acaso que o rapaz pré-adolescente ao renunciar à mãe arcaica, resolve evitar os membros do sexo oposto e juntar-se aos pares do mesmo sexo, a designada defesa homossexual sobre a ansiedade de castração (Blos, 1958, 1965).

Portanto, “*a emergência pubertária confronta o adolescente com eventuais desejos parricidas, por vezes quase conscientes*” (Braconnier & Marcelli, 2000, p.64). Posto isto, há uma necessidade de afastamento dos pais, embora haja uma certa ambivalência.

O adolescente tenderá a realizar, e é bom que efectue mesmo, um afastamento do vínculo com os objectos edipianos da infância. Portanto o abrigo e segurança que a mãe transmitia na infância terá agora que ser alcançada pelo próprio adolescente, sem recorrer à figura materna, quando isto acontecer fala-se da perda do objecto edipiano (Marcelli, 2002), conseguir encontrar em si essa segurança é sinal de maturidade e de bom objecto interno. O

que promove este distanciamento é precisamente a intensidade pulsional, que reactiva os fantasmas incestuosos que nesta altura se tornam praticamente reais na presença concreta dos pais, o que promove uma desidealização dos pais (Marcelli, 2002).

• *O Segundo Processo de Individuação*

Todo este período da pré-adolescência remete para uma série de mudanças, das quais já se falou anteriormente, mas isto para dizer que essas transformações “*instintivas sexuais obrigam o adolescente a integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu corpo próprio*” (Dias Cordeiro, 1998, p.14), vão portanto contribuir para novas formas de encarar essas alterações, incluindo-as na sua vida psíquica. Desta forma, há um reviver de questões arcaicas relativas ao Édipo que conduzem a um distanciamento dos pais (Dias Cordeiro, 1998).

Segundo Blos (1967), o Ego está relacionado com o processo de individuação adolescente, ou seja, o quebrar das ligações emocionais infantis ocorre no seguimento da maturação do Ego, sendo que, no final do segundo processo de individuação, o Ego adquire outro tipo de capacidades, como consequência do desligamento aos objectos infantis, por parte do adolescente.

É esta a única altura da vida que o adolescente tem a possibilidade de reviver questões anteriores e, através da regressão poderá delinearlos de outra forma, amadurecendo e desligando-se das questões infantis, poderá atingir o segundo processo de individuação. Ganha mais autonomia e independência das figuras parentais, deixando estas de ser as mais importantes, recorrendo o adolescente a outras figuras e explorando outras relações, quer de amizade, quer amorosas. É colocar à prova essas novas formas originárias na infância, no meio que os rodeia, adaptando-as. Portanto, através do amadurecimento pulsional e dependendo do modo como ocorre a regressão do Ego, dá-se a remodelação do mesmo (Figueiredo, 1985). Mas qual a razão desta distancia das figuras parentais? Com o reavivar do conflito edipiano, vem à tona o incesto que agora é na sua consciência, possível. Isto coloca-o em alvoroço e vai desenrolando o renúnciar das imagos parentais (Braconnier & Marcelli, 2005). A mais importante fonte de afastamento em relação aos pais e a hostilidade para com eles é “*o medo inconsciente de que a intimidade contínua com estes aproxime os pais e a criança a um ponto tal que possa ultrapassar o conforto edipiano*” (Waddell, 2003, p.202).

Neste sentido, existem algumas características pelas quais os adolescentes passam, numa tentativa de ultrapassar este processo de individuação e portanto ultrapassar a etapa de dependência-autonomia. No fundo, parece que logo a partir dos 12/13 anos de idade surge uma grande vontade de autonomia, que aumenta com a idade. Pelo contrário, a obediência diminui com a idade, uma vez que esta é usada apenas como fuga às retaliações. Há uma desidealização das figuras parentais, na medida em que os ideais da infância deixam de o ser. Estes conflitos são imprescindíveis, pois reorganizam todo o psíquico do adolescente, tornando-o maduro (Figueiredo, 1985).

Sendo uma das grandes tarefas da adolescência, a “separação dos seus pais” (Figueiredo, 1985, p.74), ou melhor, um desligamento ou desprendimento das imagos parentais, e desta forma já se inclui toda a representação que o pré-adolescente tem dos pais, o rapaz deverá deixar a contraposição para com o seu pai e renunciar aos desejos pela mãe, utilizando-os num outro objecto externo, portanto transpondo para outras relações.

Fala-se em *luto das imagos parentais* (Dias Cordeiro, 1988, p.16), claro que é um luto simbólico uma vez que se trata de uma nova visão destas figuras, a representação que a criança tem dos pais é diferente daquela que tem um adulto e na adolescência dá-se essa reorganização fazendo um luto simbólico daquilo que eram as imagos parentais e que agora passam a ser diferentes, são desidealizadas. Todas as transformações provenientes da puberdade requerem novas adaptações, quer em si próprio, quer em tudo o que rodeia o adolescente. E deste modo, pode-se dizer que “*a puberdade e a adolescência constituem um verdadeiro organizador da vida psíquica*” (Dias Cordeiro, 1988, p.14)

Este aspecto que se altera, assim como todos os outros, propõem ao adolescente uma nova integração das novidades que lhe batem à porta.

O papel da mãe no desenvolvimento do pré-adolescente

“Mãe-filho é uma unidade que se cinde, separa e distância na suavidade de um percurso que se inicia pela mão da mãe, e que prossegue com o apoio da sua vida interior, do seu pensar, inteligência, criatividade” (Branco, 2000, p.298).

Sabemos que a mãe tem grande importância para a criança, é ela que a gera, é ela o primeiro objecto de amor e é com ela que estabelece uma relação privilegiada. Segundo Coimbra de Matos (2002, p.70), “*o primeiro e privilegiado objecto de vinculação, a mãe, é*

para o bebé, o objecto certo como objecto de relação e o objecto errado como objecto de identificação”.

Sendo assim, qual o papel da mãe no desenvolvimento do filho? Interessa-nos ressaltar a importância da relação com a mãe. Quando a vinculação, na relação precoce foi realizada de modo satisfatório, o “processo de separação” (p.116) poderá realizar-se de modo tão suave e progressivo que não se torna doloroso para o adolescente, uma vez que teve um vínculo afectivo positivo, seguro e contentor na infância, consegue estabelecer novas relações com objectos externos. Pelo contrário, se o processo de vinculação não for tão positivo, o adolescente poderá encarar esse desligamento das figuras parentais como perigoso (Matos, 2005).

Normalmente, na pré-adolescência surge uma grande vontade de autonomia, mas este período constitui um processo que causa sofrimento, pois há ao mesmo tempo o desejo de se distanciar dos pais e o medo de se perder (Braconnier & Marcelli, 2000), de certa forma é uma pseudo-autonomia. No entanto, *“se um adolescente não pode tolerar estes momentos de sofrimento, em particular quando estes reenviam para períodos de sofrimento da primeira infância...corre então o risco de eliminar o mal-estar através de comportamentos do tipo de passagem ao acto e projecção agressiva. Se, em contrapartida, o adolescente tolera estes momentos de sofrimentos, poderá integrá-los e ultrapassá-los nos comportamentos de reparação, de sublimação ou de criação”* (Braconnier & Marcelli, 2000, p.65).

Deste modo, a mãe tem o papel importante de transmitir segurança ao filho para que, na pré-adolescência ele tenha a capacidade de explorar e construir a sua autonomia em segurança, sem que isso possa provocar um sentimento de fragmentação. Nesta altura poderá aperceber-se da necessidade de dependência, mas procura novos recursos, distanciando-se da mãe.

Os pais são percebidos como figuras distintas (Fleming, 1993; Youniss & Smollar, 1985), sendo que a mãe é a figura a quem eles desobedecem mais, mas também à qual se submetem mais (Fleming, 1993). Os rapazes encaram a relação com a mãe como sendo positiva, percebendo-a como uma figura que compreende os seus pontos de vista, que não os julga e que portanto, podem tê-la como boa ouvinte (Youniss & Smollar, 1985).

Segundo alguns estudos, a mãe também tem um papel importante no desenvolvimento da masculinidade do filho e portanto, na sua identidade masculina.

Greenson (1968) e Stoller (1964, 1965, 1968) defendem que o rapaz, pela ligação à mãe na sua pequenez (aquando bebé), desenvolve uma identificação feminina, à mãe. Deste modo, terá de se *desidentificar* à mesma, para assim se identificar com a figura masculina, através de uma *contra-identificação* (Diamond, 2004). O rapaz deverá então renunciar à sua fonte primária de satisfação, dirigindo-se para o pai e afastando-se da mãe. Mas, mais importante que isso é que sabemos que, todos os aspectos conscientes e inconscientes na interacção, principalmente da mãe, mas também do pai para com o filho, na altura pré-edipiana e edipiana propriamente dita, influenciam o desenvolvimento da masculinidade (Diamond, 2004). O facto da mãe reconhecer o filho tal como o pai, nas suas similitudes de género, com toda a subjectividade que isso implica, prepondera no desenvolvimento da identidade de género masculino. Como refere Coimbra de Matos (2002, p.217), “*a identidade sexual é fixada, em grande proporção, pelo fantasma identificativo (imago sexuada) que a mãe projecta sobre o seu bebé*”. Está dependente de todos os comportamentos implícitos, de forma inconsciente.

Parece, deste modo, que o rapaz para atingir uma identidade masculina terá de ter uma vinculação segura com a mãe, assim como terá de ter sido transmitido um sentido de masculinidade, ou seja, que a mãe tenha sido capaz de comunicar a masculinidade do rapaz enquanto tal. Mas o pai também tem um papel na interacção e também tem influência nas interacções que estabelece para que, no momento certo, ele seja capaz de dismantelar essa feminilidade primária na identificação com a mãe (Diamond, 2004).

Posto isto, qual é a base desta questão? Greenson e Stoller realizaram um estudo sobre transexuais e observaram que nestas famílias, as mães odiavam e desrespeitavam os maridos (pai dos filhos) e os homens em geral. Importa salientar que se há este tipo de interacção da mãe para com os homens e essencialmente, para com o pai do filho, o filho sente e percebe, como tal. Consequentemente, terá dificuldades em se identificar com um homem que a mãe não respeita, e portanto, o rapaz terá dificuldades em se *desidentificar* da mãe e identificar-se com o pai (Diamond, 2004). Parece então que, para haver uma identificação de género masculino natural, a mãe terá de saber reconhecer e afirmar a masculinidade do seu filho (Atinks, 1984; McDouglas, 1989; Fast, 1990, 2001; Benjamin, 1996; Beebe e tal., 1997 & Diamond, 2001, 2004, cit. por Diamond, 2004). “*Na infância é a mãe deslumbrada com o seu filho e com o homem que lho fez, o casal que se oferece como fonte de segurança e modelo de*

identificação, depois o grupo de pares, uma matriz social e os agentes da educação conscientes da sua importância no processo de desenvolvimento” (Matos, 2005, p.123).

Numa perspectiva mais globalizante, se é que se pode dizer assim, segundo Fast, (1984, 1999, 2001), Bassin, (1996) & Elise (1998), não há uma renúncia à mãe, dar-se-ia em vez disso, uma *identificação recíproca* (Benjamin, 1988, 1991), de um modo natural, teria de haver uma relação triádica, entre o pai, a mãe e o rapaz, sendo que o pai teria de ser disponível, caminhando lado a lado com a mãe nas necessidades afectivas e relacionais com a criança (Diamond, 2004). O pai nesta posição ajuda o rapaz a soltar-se da mãe que, de certo modo, não pode afirmar a masculinidade do filho para organizar a sua identidade de género mais fluida (Diamond, 2004).

Fast (1999, 1984, 1990, 2001), pelo contrário dá mais importância às internalizações e ao impacto das mesmas nos esquemas internos. O desvio da mãe e o deslocamento em direcção ao pai, é transitório no processo de base segura com ambos os pais. Parece que este reconhece-se como diferente e retorna à mãe numa posição de género distinta. Neste caso não se fala em *desidentificação*, mas antes em vinculação-individação, envolvendo tanto a mãe, como o pai. Há portanto uma separação transitória em relação à mãe que advém de uma vinculação segura, que ajuda o rapaz a diferenciar-se e a separar-se do seu objecto primário, externo. Segundo Fast, haverá um modelo interno construído desde cedo, através das interacções particulares da mãe e do pai, se o tratarem como um rapaz ele vai-se sentir como tal e desenvolve essa masculinidade naturalmente.

Perante o que foi exposto, surge a questão interessante da *desidealização*, que gostaria de explorar, tendo em conta que a adolescência normal é caracterizada segundo Fleming (1993), pela revolta, conflito, ambivalência, mas também e era aqui que queria chegar, pela desidealização. Sendo esta última, uma das condições para atingir a autonomia, está relacionada com a vinculação e conseqüente afastamento dos pais. Deste modo pode-se falar em desidealização, sem ser de um modo pejorativo, mas no sentido em que o rapaz terá de se afastar da mesma para uma identificação ao mundo masculino, voltando-se para o pai. O que importa é que haja um objecto interno seguro para que este passo se dê com naturalidade e suavidade no seu percurso normal.

Isto sugere que a mãe tem um papel especialmente importante no que respeita à segunda individuação. “*O sujeito descobre-se na infância, aprende a saber que existe, no*

rosto da sua mãe. Sem esse rosto expressivo e emocionado a reflectir-lhe o que a mãe sente quando olha, fica uma lacuna, um vazio nesse lugar psíquico, uma falha ao nível da identidade primária – que é afinal aquela que o objecto empresta ao sujeito em devir” (Matos, 2005, p.123). Interessa-nos transportar este aspecto no sentido em que, se não houver uma boa estruturação psíquica de base, dificultará o segundo processo de individuação na adolescência e, conseqüentemente a capacidade de autonomia.

Relação Filho-Mãe

“A relação mãe-filho/a, porque é uma relação de maior proximidade, é uma relação concreta, embora dela venham a resultar mais tarde representações que se sobrepõem à realidade factual” (Matos, 2005, p.72).

Seja qual for o nosso ponto de vista relativamente aos adolescentes, eles têm uma postura perante o mundo e diante de todos os acontecimentos da sua vida. Essas representações, a opinião do próprio adolescente deve ser tida em conta. É neste sentido que, no presente estudo pretendemos aprofundar a relação filho-mãe. Porquê estudar as percepções? Precisamente porque os comportamentos e atitudes quer dos pais, quer dos amigos, mas principalmente daqueles que são mais próximos do adolescente, influenciam o próprio. Isso depende do modo como o adolescente percebe essas mesmas atitudes, e só apreendendo o modo subjectivo como os adolescentes vivenciam determinados aspectos da sua vida se pode compreender a influencia que os mesmos têm para eles.

Primeiro de tudo, a chave para o funcionamento mental é a experiencia relacional com o primeiro objecto de amor (cuidador, normalmente a mãe) (Harel, Klein, Scharf, & Scher, 2006), só depois surgirá a capacidade de representação mental e só será imaginável se os objectos primários tiverem transmitido segurança, se tiverem sido *“suficientemente significativos – pensar na mãe é separar-se dela quando deixa de a agarrar com as mãos e desvia os olhos, o que apenas será possível a uma criança que se sinta em segurança”* (Berger, 2003, p.20). A verdade é que as representações afectam e modelam o desenvolvimento da personalidade, servindo de molde para futuras interacções (Harel, Klein, Scharf, & Scher, 2006). O modo como percebem as atitudes e comportamentos dos pais é mais importante do que os factos em si, é o modo como os vivenciam que influencia o desenvolvimento do Ego (Schaefer, 1965; Ausebel et al, 1954, cit. por Fleming, 1993).

É importante que os pais assumam que os filhos estão a crescer, uma vez que os adolescentes mudam independentemente da sua vontade e eles podem observá-lo directamente (Collins & Sprinthall, 2008). Neste sentido surgem alterações a vários níveis, as relações familiares e também as percepções dos adolescentes vão mudando com o tempo.

Segundo um estudo longitudinal, de Steinberg (1981) incluindo famílias de adolescentes do género masculino, demonstra haver influência significativa entre a puberdade e as alterações nos comportamentos familiares, ou seja, a puberdade (e as alterações a ela inerentes) tem impacto no sistema familiar. Utilizando entrevistas, antes da puberdade, durante a mesma e após a puberdade, com o intuito de verificar alterações no relacionamento entre pais e filhos, Steinberg verificou que os rapazes se tornaram menos obedientes em relação à mãe, do que anteriormente a estas mudanças. Parece que tanto o filho, como a mãe, não se preocupam em justificar os seus pontos de vista e portanto a relação torna-se mais inflexível. Deste modo, pode-se dizer que as transformações físicas inerentes à puberdade estão relacionadas com a alteração das relações familiares, pois parece que os adolescentes podem mudar as expectativas no que diz respeito ao modo como devem ser tratados. Mas também é de notar que se verificam novas interações, experiências e exigências sociais fora do contexto familiar (Collins & Sprinthall, 2008). Fleming (1993) acrescenta que, o estudo de Steinberg (1981) evidencia que no progredir do estatuto puberal, há uma passagem de influencia dos pais, que antes era maior, passa depois a haver uma maior influencia do pai para com o filho e este conseqüentemente passa a ter uma maior influencia sobre a mãe, no final do período puberal.

Tendo em conta o que foi referido relativamente ao rapaz e à mãe e relacionando com a teoria psicanalítica freudiana, pode-se perceber que o reviver do conflito edípiano pode estar evidente neste comportamento, ou esta mudança pode ser considerada como reflexo do ressurgir do Édipo (Steinberg, 1981, cit. por Fleming, 1993). A grande conclusão que se tira deste estudo de Steinberg (1981) é que estas mudanças relacionais com os pais na pré-adolescência estão intimamente relacionadas com a alteração corporal e conseqüentemente com o seu aspecto físico.

Apesar da grande tónica ter sido colocada agora, nas mãos do rapaz, a verdade é que, perante tais desafios do desenvolvimento não só os filhos, mas também os pais, têm um papel importantíssimo na aceitação das transformações do adolescente. Como foi referido anteriormente, já na relação precoce mãe-filho são transmitidas “ideias inconscientes”.

Segundo Behrends & Blatt (1985), as representações mentais da relação de vinculação facilitam o desenvolvimento psicológico, porque tornam os indivíduos capazes de integrar as mudanças no psiquismo (Besser & Blatt, 2007). Como se sabe a autonomização é uma das tarefas da adolescência e, pegando nela, como refere Fleming (1993), os pais terão de desempenhar o seu papel, como capazes de suportar e estimular o afastamento psicológico, uma vez que os filhos terão de explorar fora do meio familiar e desenvolver capacidades de independência, mas claro que esse aspecto também tem a sua cota parte na infância, na medida em que uma vinculação segura promove um modelo interno de relação segura com os pais, o que incentiva o movimento exploratório.

Um estudo que comparou as percepções que os rapazes tinham das relações com a sua mãe e com o seu pai, na infância e na adolescência, sendo que havia dois grupos de rapazes: os que tinham e os que não tinham comportamentos perturbadores. Destacou-se que, ambos os grupos revelaram que se sentem menos amados e apreciados pelo pai do que pela mãe na adolescência (e não na infância). Para além disso, parece que os rapazes tinham uma percepção positiva da relação com a mãe, apenas na adolescência. Concluiu-se que há alterações e diferenciação das percepções da mãe, quer no grupo de jovens com comportamentos perturbadores, quer no grupo sem comportamentos perturbadores, apenas na adolescência (Saucier, Tremblay & Tremblay, 2004).

Por outro lado, um estudo ao avaliar a percepção dos conflitos na relação com a mãe, assim como o envolvimento afectivo na mesma, em gémeos de 11 anos e depois aos 14 anos de idade, através de um *self-report*, constatou que os conflitos aumentaram e o envolvimento na relação diminuiu, portanto, menor envolvimento afectivo parental (Elkins, Iacono, McGue & Walden, 2005).

Recentemente Branje, Goede & Meeus (2009), analisaram mudanças no desenvolvimento das percepções dos adolescentes no que diz respeito à relação com os pais, através da avaliação do apoio parental, dos conflitos e do poder parental. Parece que o apoio parental diminuiu a partir da pré-adolescência para os rapazes, estabilizando na adolescência tardia. O conflito aumentou durante a adolescência e o poder parental diminuiu do início para o fim da adolescência. Enfatizando a relação adolescente-mãe, esta torna-se mais igualitária na adolescência, sendo que é percebido um aumento do conflito, embora este não esteja relacionado com um impulso para a mudança na relação. Mas no início da adolescência os

pais são encarados como suporte. Provavelmente um apoio que transmite segurança à progressiva autonomia e distanciamento dos pais.

Segundo Youniss & Smollar (1985), parece que os adolescentes percebem a mãe como alguém que está presente e disponível para os ouvir, quer seja para ajudar na resolução de algum problema, quer seja para atender aqueles assuntos mais íntimos, embora nem todos, mas quanto mais não seja, para aprovar determinadas atitudes do filho. Segundo estes autores, as actividades com as mães são significativas e torna-se importante o facto das mães não irem contra, mas de encontro às opiniões e sentimentos dos filhos, sem os julgar. A mãe acaba por ser um conjunto de autoridade e cooperação.

Isto sugere um *“nível de reciprocidade cada vez mais sólido na relação entre pais e adolescentes e o abandono progressivo duma relação marcada pela autoridade unilateral”* (Fleming, 1993, p.244).

Mais do que isso, sugere que, o modo como os pré-adolescentes vivenciam a relação com a mãe neste período, é influenciada, essencialmente, pela puberdade, uma vez que esta desencadeia todas as alterações e conflitos internos no mundo do pré-adolescente. Há portanto uma reorganização do mundo interno e, conseqüentemente, das relações, quer com os pais, quer com outros exteriores à família.

Formulação do Problema

Embora ainda não seja um assunto muito explorado, a pré-adolescência é um período verdadeiramente importante para a compreensão do desenvolvimento do Homem. É evidente que esta relevância se deve ao facto de ser uma altura de gigantescas alterações a vários níveis, quer a nível físico, quer a nível psicológico, social e familiar. Para além disso, é um período em que se evidenciam características únicas e particulares, tanto na intensidade das mudanças, como na quantidade e reactividade das mesmas (Schave & Schave, 1989), e portanto é um período de extremo interesse em ser aprofundado.

“As percepções que os adolescentes têm das atitudes dos seus pais produzem efeito sobre a sua maior ou menor capacidade de realizar autonomia comportamental” (Flemming, 1993, p.242).

Sendo assim, pretendemos com este trabalho, perceber como estas mudanças interferem na relação do rapaz com a mãe, uma vez que o significado/percepção da mãe e da relação com a mesma, para os pré-adolescentes, é alterado.

Haverá portanto, uma evolução na relação filho-mãe. A puberdade desencadeia um aumento quantitativo da pulsão especialmente na relação do pré-adolescente com a mãe, havendo uma reemergência dos conflitos, nomeadamente o conflito edipiano (Blos, 1958, 1965). Este reemergir do conflito edipiano remete para uma ameaça incestuosa, *“a tomada de consciência do perigo real do conflito edipiano é vivenciada pelo adolescente como uma intensa angústia e culpabilidade e acompanha-se por uma perda de auto-estima comparada a uma ‘ferida narcísica’”* (Cordeiro, 1988, p.18), o que obriga a um afastamento dos pais (Braconnier & Marcelli, 2000 & Cordeiro, 1988), no sentido do segundo processo de individuação (Blos, 1967). *“Por volta dos 12-13 anos, o pré-adolescente vivencia a necessidade de romper com os interesses do passado, o que é simultaneamente, uma distanciação dos investimentos do tempo da infância e uma distanciação vivida como submissão em relação às suas imagens edipianas”* (Marcelli, 2002, p.39).

Gesell (1996) ao comparar os pré-adolescentes de 12 e 13 anos de idade, refere que, enquanto aos 12 anos parece haver uma tendência para serem positivos, extrovertidos e entusiásticos, no entanto, flutuam ainda entre capacidades mais adultas e outras mais infantis; aos 13 anos de idade, o pré-adolescente nem sempre é muito aberto, nem comunicativo. Os pais preocupam-se porque o pré-adolescente tende a afastar-se um pouco da família, no entanto, nesta idade tem tendência a ser mais introspectivo, processo natural do desenvolvimento.

Uma ligação entre uma consciência interior e outra exterior parece ser a chave desta idade, de onde surgem preocupações moderadas em relação a si próprio e aos outros, o que demonstra o desenvolvimento de maturidade. Nesta altura parece assim haver uma oscilação das emoções, fugindo agora à agressividade física e preferindo usar as palavras. *“É um ano de transições complexas que envolvem o corpo, a mente e a personalidade”* (Gesell, 1996, p.185).

Os adolescentes adquirem portanto um pensamento formal, o que lhes permite uma maior capacidade de abstracção, pensando através de hipóteses (Collins & Sprinthall, 2008). Talvez por isso, como refere Gesell (1996), aos 13 anos há um deslocamento para si próprio, trabalhando dentro de si, através da introspecção. E, deste modo a relação com os pais, também a este nível se altera, uma vez que o adolescente se encontra mais em contacto com os seus pensamentos.

Há portanto, um renunciar às identificações edípicas e um refazer das mesmas (identificações), uma vez que requerem um papel no âmbito da genitalidade. Deste modo viram-se para o exterior, procurando novas relações fora do âmbito familiar. “... a reactivação dos resíduos da infância a eliminar, o seu despertar, recordar, para melhor detecção e eliminação; é um processo de limpeza, de desobstrução das vias do investimento libidinal progrediente, para um acesso livre aos novos objectos e novos objectivos – um processo de desimpedimento do funcionamento egóico” (Coimbra de Matos, 2002, p.195).

Deste modo dá-se o vaivém da pré-adolescência, caracterizado por enlances e desenlaces, avanços e progressos que requerem regressos à infância. O ser e não ser jamais criança, o querer e não poder, uma constante ambivalência entre o desejado mas temido. Tudo à volta se torna diferente, aliciante e perturbador ao mesmo tempo. Uma panóplia de questões que surgem ao pré-adolescente, promovidas pelas alterações inerentes à puberdade, que conduzem a um aumento de pulsão e, conseqüentemente, à revivência de conflitos internos que fomentam alterações ao nível das percepções que os rapazes têm da mãe, tal como da relação com a mesma.

Objectivos do estudo

Primeiro que tudo pretendemos compreender as particularidades do período da pré-adolescência. Tendo em conta este período de vida específico, temos como principal objectivo perceber como as alterações inerentes à pré-adolescência podem influenciar a representação que os rapazes pré-adolescentes têm da relação, em particular, com a mãe (mãe interna). Interessa-nos como os rapazes de 12 e 13 anos, invadidos por todas as alterações corporais, experienciam a relação com a mãe.

Neste sentido, será que estas mudanças inerentes à puberdade e conseqüentemente, inerentes à pré-adolescência, influenciam a relação filho-mãe? Para responder a esta questão importa percebermos como o pré-adolescente vivencia e percebe as alterações corporais e a relação com a mãe. Que papéis e características atribuem à mãe, assim como é importante percebermos até que ponto se apercebem da mudança na relação com a figura materna e se estão satisfeitos, ou não, com a mesma.

Através da análise de conteúdo temos como finalidade retirar o máximo de informação possível, no entanto, como se trata de um trabalho exploratório não se pode confirmar nem infirmar hipóteses. Pode-se apenas retirar informação possível e aceitável.

Questões de Investigação

Partindo do objectivo e problema do presente estudo, tendo também em consideração a investigação realizada por Matias (2006/2007), elaboramos algumas questões de investigação:

1. Quais as diferenças entre os rapazes de 12 e 13 anos de idade, no que diz respeito à representação que têm da mãe, assim como das funções da mesma.
2. Tendo em consideração a percepção dos pré-adolescentes, haverá diferenças nos rapazes de 12 e 13 anos quanto à qualidade e tipo de relação mãe-filho.
3. Os rapazes de 12 anos, comparativamente com os de 13 anos, têm uma percepção das experiências vividas na relação com a mãe mais ligada ao que é sugerido pelo período de latência e portanto, mais imaturas, devido ao receio de perda do estatuto infantil.
4. Os rapazes de 13 anos percebem os limites impostos pela mãe de modo mais restritivo do que os de 12 anos, devido à maior vontade de autonomia.
5. Os rapazes de 13 anos têm uma maior percepção das características negativas da mãe, do que os de 12 anos.
6. A capacidade de percepção da mudança na relação, assim como a capacidade de justificar esta mudança e portanto, atribuir uma causa à mesma, é maior nos rapazes de 13 anos do que nos de 12 anos.
7. O desejo de mudança é maior nos rapazes de 13 anos do que os de 12 anos, uma vez que os de 13 anos se sentem mais autónomos, enquanto que os de 12 anos são mais ambivalentes devido ao receio da perda do estatuto infantil.

MÉTODO

A investigação qualitativa visa conhecer os processos complexos que constituem a subjectividade humana, é por isso que, segundo Patton (1900) estes procuram, explorar,

descobrir e incidir numa lógica indutiva, procurando dar um sentido ao que está a ser estudado (González Rey, 2002). Sendo assim, a principal finalidade é o significado, o que envolve o investigador numa procura complexa de compreensão do conteúdo, através da interpretação do que é dito pelo inquirido (Smith, 1995).

O uso de instrumentos abertos facilita a expressão da complexidade e subjectividade dos sujeitos, uma vez que permitem uma melhor expressão, construção e conhecimento do sujeito, através do diálogo (González Rey, 2002). Como refere Ribeiro (2007), a investigação qualitativa requer um trabalho de proximidade e interacção com os entrevistados, através da linguagem e observação dos seus comportamentos, o que conseqüentemente conduz à obtenção mais aprofundada da forma como as pessoas sentem, experienciam, pensam e interpretam a questão em estudo. Ou seja, a obtenção de dados é descritiva através do contacto directo e interactivo, numa procura compreensiva dos fenómenos.

Delineamento

Uma vez que este trabalho visa estudar a representação que os rapazes pré-adolescentes têm da sua mãe e da relação com a mesma, efectuámos a análise de entrevistas semi-estruturadas realizadas a esses pré-adolescentes (12 e 13 anos), através de uma investigação qualitativa de análise de conteúdo. É através de um estudo desta natureza que conseguimos o que pretendemos, como refere Ribeiro (2007, p.66) “*permite desenvolver uma ideia aprofundada do modo como as pessoas pensam, sentem, interpretam, experimentam os acontecimentos em estudo*”. Neste caso, acerca do modo como os pré-adolescentes masculinos vivenciam a relação com a mãe.

Sendo este trabalho preliminar na abordagem da relação filho-mãe na pré-adolescência, através de uma amostra que não é suficientemente abrangente para se proceder a generalizações, trata-se de um estudo **exploratório**. Mas também se trata de um estudo **descritivo**, sendo um possível passo para futuras questões se colocarem, como consequência dos resultados obtidos. Por fim, trata-se de um estudo também **comparativo**, na medida em que se compara dois grupos de rapazes pré-adolescentes, um grupo de catorze rapazes de doze anos e outro de catorze rapazes de treze anos. Constituímos deste modo, um *corpus* de vinte e oito entrevistas.

Tendo em conta as bases teóricas acerca da pré-adolescência masculina e a relação com a mãe neste período de vida, foi construído um guião de entrevista, baseado no guião de

Matias (2006/2007), de um estudo acerca da representação da relação filha-pai, de modo a orientar a mesma. No entanto tiveram de ser realizadas algumas modificações, uma vez que o presente estudo trata da pré-adolescência masculina e não feminina, assim como da mãe como figura parental e não do pai.

Procedimento

De modo a ajustar o guião de entrevista do trabalho de Matias (2006/2007) para o objectivo do presente estudo, realizámos algumas alterações/aperfeiçoamento do guião, assim como procedemos a um pré-teste a quatro rapazes (dois de doze anos e dois de treze), para dar conta de possíveis incorrecções.

Contactadas as escolas, Secundária de Linda-a-Velha, num primeiro momento e, E.B. 2,3 Vieira da Silva, em Carnaxide, num segundo momento, foi feita uma breve explicação sobre o estudo a realizar. Obtidas as autorizações indispensáveis à realização do presente estudo, seguimos com a selecção dos participantes (amostra por conveniência) e consequente envio das cartas de consentimento informado (Anexo A) para os encarregados de educação dos sujeitos pretendidos.

Para a realização das entrevistas individuais gravadas, com a duração de cerca de vinte minutos (embora não houvesse um limite de tempo), foi-nos fornecida uma sala com as condições necessárias à confidencialidade e silêncio, tanto quanto possível.

No início de cada entrevista era realizada uma pequena introdução, acerca do objectivo daquela entrevista, assim como certificar os participantes da sua confidencialidade e identificação reservadas.

Como refere Blanchet e Gotman (1992), *“entrevistar alguém, mais do que questionar, é uma experiência, um acontecimento singular, que podemos dominar, codificar, padronizar, profissionalizar, gerir, desencorajar, na medida do possível, mas que comporta sempre um certo nível de incógnitas (e portanto de riscos) inerentes ao facto de se tratar de um processo interlocutório, e não apenas de uma recolha de informações”* (Pardinielli & Ruan, 2005).

Para que as entrevistas se realizassem, nas melhores condições, foi necessário propiciar um ambiente agradável, acolhedor e com privacidade, assim como estar disponível para refazer ou clarificar algumas das questões. O entrevistador, para além de tudo, como refere Ghiglione & Matalon (1992), *“no início e ao longo da entrevista deve ser a de um*

ouvinte atento que procura constantemente compreender o que é dito pelo inquirido, uma atitude de não-crítica e de não avaliação”.

Após a realização das entrevistas estas foram transcritas, de modo a serem analisadas cuidadosamente. De seguida, foi construída uma grelha de análise baseada no estudo de Matias (2006/2007), no entanto foram necessárias alterações. Para além disso, procedemos à codificação das unidades de registo, inseridas em categorias que, na sua maioria foram definidas à priori, uma vez que tivemos como base a grelha de análise de Matias (2006/2007), sendo que algumas subcategorias foram emergindo do material, conforme foi sendo analisado.

Participantes

A amostra é constituída por um total de vinte e oito pré-adolescentes do sexo masculino, sendo catorze de doze anos e outros catorze de treze anos.

Devido à rapidez com que as alterações se dão na pré-adolescência, e portanto, para não haver uma diferença superior a seis meses aquando da recolha dos dados, a amostra teve de ser constituída por rapazes pré-adolescentes que fizessem anos entre Julho e Novembro. Deste modo, foi-me fornecida uma listagem dos rapazes de doze e treze anos com as respectivas datas de nascimento, dos quais seleccionei os que tinham uma data de nascimento entre Julho e Novembro. Assim como, pelo facto de ser referido por vários autores, nomeadamente Fleming (1993, p.154) “*o facto dos adolescentes viverem em famílias intactas ou separadas influencia as suas percepções*”, seleccionámos apenas rapazes de famílias intactas e que portanto, coabitam com ambos os pais. Para tal amostra, com estas características, foi necessário recorrer a duas escolas. Primeiro a Escola Secundária de Linda-a-Velha e, seguidamente a Escola E.B. 2,3 Vieira da Silva, em Carnaxide.

Instrumento

A entrevista é importante, quando pretendemos estudar as “*representações do sujeito, sobre a produção de um objecto de discurso, sobre as relações que o sujeito mantém com o objecto de que fala*” (Pediñelli & Rouan, 2005, p.106).

Para procedermos à análise das entrevistas, utilizámos a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2008), tem como objectivo apreender o que se esconde nas palavras e, portanto, na fala. Preocupa-se com o significado das mensagens que são exprimidas através da linguagem.

Para além disso trata-se de uma entrevista semi-directiva e, como referem Ghiglione & Matalon (1992), o entrevistador sabe precisamente os aspectos a focar (semi-estruturada - guião orientador). No entanto há alguma flexibilidade em termos de questões adicionais e que proporcionem um melhor entendimento do entrevistado, assim como uma maior fluência da conversa.

Deste modo, o guião de entrevista utilizado foi retirado da investigação de Matias (2006/2007), embora com algumas alterações, que serão apresentadas detalhadamente, devido ao objecto de estudo ser ligeiramente diferente, assim como pequenas incorrecções que foram detectadas nas entrevistas de pré-teste. Para além de substituímos o pai pela mãe em todas as perguntas, as restantes alterações foram efectuadas nas questões:

2.3. *Conversas sozinho com a tua mãe?* Em vez de: *Conversas só com a tua mãe?*, percebemos que o ‘só’ induzia em erro e tornava a questão ambígua, uma vez que pretendemos perceber se há intimidade na relação entre mãe e filho, a palavra ‘sozinho’ ajusta-se melhor.

2.6. *Há alguma coisa que não fales com tua mãe? (Se sim:) Falas com quem sobre isso?* Foi realizada uma questão adicional à pergunta principal, para percebermos a quem o rapaz recorre para falar dos assuntos que não fala com a mãe e, conseqüentemente, se há um movimento de afastamento do rapaz em relação à figura materna e se este movimento é extra-familiar.

2.7. *Se tiveres algum problema vais falar com a tua mãe? Que problemas?* Esta última questão foi adicionada, para tentarmos perceber que problemas são confiados à mãe e portanto, se há uma relação de confiança.

2.8 – À qual foi adicionada uma introdução: *Muitas vezes ao longo do tempo as relações entre pais e filhos mudam* – pretendemos facilitar a entrada num tema diferente das questões anteriores, assim como, ajudar a naturalizar a questão da mudança na relação. O mesmo acontece na questão 5, em que a introdução: *Muitas vezes pais e filhos não concordam em algumas coisas, ou têm ideias diferentes* – é acrescentada, igualmente para inserir um tema diferente do anterior, tal como para orientar as questões seguintes relativas a este tema.

Por fim, modificámos a questão 8. *Agora vou pedir-te para inventares uma história em que entre uma mãe e um filho.* Desta forma pretendemos facilitar a fantasia do rapaz, promovendo a representação inconsciente da relação com a mãe.

O guião de entrevista completo encontra-se anexado (Anexo B), assim como a sua justificação (Anexo C).

Pelo facto do presente estudo ser qualitativo e portanto, solicitar uma análise de conteúdo, é importante referir que o material recolhido através das entrevistas foi analisado com base na grelha de análise realizada por Matias (2006/2007), autora do trabalho que se intitula de “*O sentido do pai na pré-adolescência feminina*”, embora com algumas transformações necessárias, face ao material obtido.

Apesar da análise ser qualitativa, foi importante quantificar os resultados, que foram colocados em frequências e percentagens. Como a amostra do presente estudo se encontra num período de transição, com incessantes avanços e recuos, muitas vezes encontram-se os mesmos sujeitos em várias subcategorias que pertencem à mesma categoria, o que revela uma característica importante deste período de vida (ambivalência). Deste modo, as percentagens são relativas ao número de ocorrências.

Assim, procedemos à explicação da categorização, com as respectivas alterações:

1. Pré-Categoria – A Mãe (M) - Esta pré-categoria, definida à partida, inclui toda a informação que possibilita a caracterização da mãe. Pertence à questão 1.2 – *Como é a tua mãe?* E compreende duas grandes categorias, a primeira, *Mãe como Mãe (MM)* e a segunda, *Mãe como Pessoa (MP)*. Esta divisão foi assim realizada, com o objectivo de se perceber qual a percepção que o rapaz tem relativamente à função da Mãe, através das características que atribuem, à Mãe como Mãe e da Mãe como Pessoa. Através desta divisão vamos tentar perceber se alguma delas se destaca das demais e portanto, tentamos perceber se vêem a Mãe apenas como Mãe e se há uma triangulação na estreita relação consigo e com a função, ou se vêem a Mãe enquanto Pessoa.

Cada uma destas categorias foi ainda subdividida: *Mãe como Mãe (MM)*, com função Afectiva Positiva (MMAP) de apoiar/ajudar/amparar – *MMAPa*, função afectiva positiva de ser amiga/conversar/estar presente – *MMAPp*, função afectiva positiva de mostrar amor/compreensão – *MMAPam*; mas por outro lado também, a função afectiva negativa (MMAN), de mostrar impaciência – *MMANi*; função educativa/formativa (MME); função lúdica (MML); função de autoridade (MMAAt), que inclui ainda: mãe, exigente - *MMAte*,

conservadora - *MMAtc* e liberal - *MMAtl*), finalmente, função provedora de necessidades (*MMNc*).

Dentro da grande categoria da *Mãe como Pessoa (MP)*, encontram-se as subcategorias, mãe trabalhadora (*MPT*), mãe relacional (*MPR*), anti-relacional (*MPAr*), centrada em si (*MPC*), aspectos físicos (*MPF*) e aspectos psicológicos (*MPP*).

2. Categoria – Relação com a Mãe (RM) – Tem o principal objectivo de perceber, através da percepção dos rapazes de 12 e 13 anos de idade, como vivenciam a relação com a mãe, o que eles falam com a mãe, mas também aqueles assuntos que não falam, quem toma a iniciativa das conversas e com quem eles falam quando não falam com a mãe. Divide-se nas seguintes subcategorias:

1ª Subcategoria – *Tipo de Relação (RMR)* – 1.1 – *Como é a tua relação com a tua mãe?* Esta ainda se divide em: Positiva (*RMRp*), Negativa (*RMRn*) e Neutra (*RMRnt*). Tipo de Relação Positiva: Afectiva (*RMRpa*), Educativa/formativa (*RMRpe*) e Lúdica (*RMRpl*); Tipo de Relação Negativa: Afectiva (*RMRna*) e de Dominação (*RMRnd*), por fim, Tipo de Relação Neutra, com Ausência de Relação. Pretende-se perceber, qual o tipo de relação que na percepção dos rapazes impera, em relação à mãe.

2ª Subcategoria – *Relação Mãe Conversa (RMC)*

2.3 - *Conversas só com a tua mãe?* e 2.4 - *Que assuntos?* Nestas duas questões pretende-se perceber se existe intimidade entre a mãe e o filho.

2.5 - *Quem toma a iniciativa das conversas?* Relativamente a esta questão pretende-se saber de que parte é que há procura de intimidade, se da mãe, se do filho, mas também se há desejo de afastamento.

2.6 - *Há alguma coisa que não fales com a tua mãe? Falas com quem sobre isso?* Nesta questão procura-se perceber se há assuntos secretos do filho em relação à mãe e também perceber a quem recorre para falar de assuntos que não revela à mãe, para assim se perceber se há um movimento de afastamento e extra-familiar.

2.7 - *Se tiveres algum problema vais falar com a tua mãe?* Pretendemos saber se existe uma relação de confiança em relação à mãe, de modo a procurá-la quando tem algum problema.

Esta questão subdivide-se em: O que falam (RMCf) – escola (RMCfe), amigos (RMCfa), bem-estar (RMCfbe), dúvidas (RMCfd), vida amorosa (RMCfvs), problemas (RMCfp), “não sei” (RMCfns), assuntos do quotidiano (RMCfq), assuntos repreensíveis (RMCfar) e tudo (RMCft); Ausência de Conversa (RMCac); O que não falam (RMCnf) – vida amorosa (RMCnfvs), assuntos repreensíveis (RMCnfva), nada (RMCnfn); Iniciativa da Conversa (RMCic) – mãe (RMCicm), filho (RMCicf), os dois (RMCicd) e pai e mãe (RMCicpm); Com quem falam quando não falam com a mãe (RMCqf) – pai (RMCqfp), irmãos/amigos (RMCqfi/a), ninguém (RMCqfn) e vários (RMCqfv).

3ª Subcategoria – *Relação Mãe Fazer (RMF) – 2.1 – Fazem alguma coisa juntos, o quê? 2.2. Gostas?* Pretendemos saber se há uma relação de proximidade filho-mãe, através daquilo que realizam juntos e se isso é percebido pelo filho como agradável. Subdivide-se em: O que fazem (RMFf) – Passear (RMFfp), Brincar/jogar (RMFfb), Estudar (RMFfe), Ver filmes/TV (RMFfv), Conversar (RMFfc), Estar (RMFfet) e tarefas domésticas (RMFtd); Não Fazem (RMFnf).

4ª Subcategoria – *Relação Mãe Exige (RME) – 6.1 - Há-de haver alguma coisa que a tua mãe exige de ti. Que coisas são essas? e 6.2 - Como te sentes em relação a isso?*

A primeira subdivide-se em: O que a Mãe Exige (RMEe) – Escola (RMEee), Passatempos (RMEep), Bom Comportamento/Valores morais (RMEev), Maior Segurança (RMEes), Cuidado (RMEec) e Tarefas Domésticas (RMEet). A segunda, O que o Filho Sente face às exigências da mãe (RMEse) – Sente-se Bem/Concorda (RMEseb), Sente-se Mais ou Menos/Não Concorda com algumas coisas (RMEsem) e Sente-se Mal/Discorda (RMEsem). O objectivo desta questão é compreender a percepção que os rapazes de 12 e 13 anos têm dos limites impostos pela mãe, tal como se os percebem como limitadores/restritivos face a um maior desejo de autonomia ou não.

5ª Subcategoria – *Relação Mãe discordância (RMD) - 5.1- Há alguma coisa que não concordes com a tua mãe?, 5.2- O quê? e 5.3- Como resolves a situação?* Esta subdivide-se em: Há Discordância (RMDh) – Saídas/Amigos (RMDhs), Escola (RMDhe), Passatempos (RMDhp), Discussões Familiares (RMDhd), Notícias/Política (RMDhn), Individualidade (RMDhi), Conflito de Gerações (RMDhc), Tarefas Domésticas (RMDht) e Dinheiro

(*RMDhdi*); Não Há Discordância (*RMDnh*); por fim pretende-se ver o Tipo de Resolução do Conflito (*RMDrc*) – Confrontação (*RMDrcc*); Evitamento de confrontos (*RMDrce*) e ainda Não resolução do conflito (*RMDnrc*). Pretende-se perceber a autonomia que o rapaz tem perante a figura materna, assim como a capacidade de diferenciação e os conflitos que existem na relação com a mãe.

3. Categoria – Imagem da Mãe (IM) – 3.1- *O que é que gostas na tua mãe?* e 3.2- *O que é que não gostas tanto na tua mãe?* Subdivide-se em: Imagem Positiva da Mãe (*IMP*) – Fazer o Desejado (*IMPfd*), Ser o Desejado (*IMPsd*) e Estar Disponível (*IMPed*); Imagem Negativa da Mãe (*IMN*) – Fazer o Não Desejado (*IMNfnd*), Não Ser o Desejado (*IMNnsd*) e Não Estar Disponível (*IMNned*). Por fim ainda se poderá evidenciar Ausência de imagem da mãe negativa (*AIMN*). A partir desta questão pretende-se perceber a percepção que o rapaz tem da mãe, nomeadamente quanto às suas características positivas e negativas, dando para esclarecer os aspectos mais valorizados e idealizados, assim como a capacidade de se distanciar da figura materna.

4. Pré-Categoria – Mudança Relacional (MR), definida à partida – 2.8- *Achas que mudou alguma coisa na relação com a tua mãe?, O que mudou?, Como era antes?, Tens alguma ideia porque mudou?*

7.1- *Há alguma coisa que mudasses na relação?* e 7.2- *O quê?*

Dividiu-se em dois grupos, por um lado as subcategorias: Mudança da Relação – Houve (*MRh*), Não Houve (*MRnh*); O que Mudou/Como era Antes – Proximidade (*MRp*), Afastamento (*MRA*); Quem Mudou – Mãe (*MRm*), Filho (*MRf*), outros (*MRO*); Porque Mudou – Mãe (*MRpm*), Filho (*MRpf*), dois (*MRpd*), Circunstâncias Exteriores (*MRpe*) e não sabe (*MRpns*).

Por outro lado as subcategorias do segundo grupo são: Desejo de Mudança de Relação – Deseja a Mudança (*dMR*), Não Deseja Mudança (*ndMR*); O que Desejam – Mãe Diferente (*MRmd*), Mãe que faça o desejado (*MRmfd*), Mãe Disponível (*MRmdp*) e Filho diferente (*MRfd*).

Deste modo pretende-se saber se os rapazes são capazes de recordar a infância e comparar com o presente, assim como a que é que atribuem a mudança na relação, qual será a

capacidade que estes rapazes têm de criticar a relação, tendo em conta a actual relação com a mãe.

5. Categoria – Narrativas – Esta categoria inclui, Acontecimento Importante (*A*) e Histórias (*H*). Os acontecimentos importantes (*A*) dividem-se em: Tipo de acontecimento – Episódios (*TAe*), que podem ser: Positivos (*TAep*), Ambíguos (*TAea*) e Negativos (*TAen*) e, Memórias (*TAm*), que se dividem em: Agradáveis (*TAmA*), Desagradáveis (*TAmD*) e Ambíguas (*TAmab*); por outro lado, o Tempo de Acontecimento (*TPA*) – Passado (*TPAp*), Actual (*TPAa*) e Indeterminado (*TPAi*). Esta primeira subcategoria advém da questão: 4- *Há alguma coisa que tenhas vivido com a tua mãe que consideres importante?* A partir daqui pretende-se perceber que acontecimento, na percepção do rapaz, teve importância, assim como se conseguem diferenciar os acontecimentos importantes consoante a idade (doze e treze anos).

A segunda subcategoria advém da questão: 8- *Agora vou-te pedir para inventares uma história em que entre uma mãe e um filho.* Divide-se em: Tipo de História Fantasiada (*THF*) e Real (*THR*). A primeira inclui histórias, positivas (*THFp*), ambíguas (*THFa*) e negativas (*THFn*), que conseqüentemente incluem o conflito, o tipo de mãe e inclusão de um terceiro elemento. A segunda, história Real, divide-se em memórias agradáveis (*TAmA*), desagradáveis (*TAmD*) e ambíguas (*TAmab*). Para além disso contempla também o tempo da história (*TPH*), podendo ter um tempo passado (*TPHp*), actual (*TPHa*) ou indeterminado (*TPHi*).

Pretende-se perceber o modo como o rapaz de doze e treze anos vivencia a relação com a mãe, promovendo a projecção numa história fantasiada por eles, em que entre uma mãe e um filho.

Análise de Conteúdo

Para investigar as entrevistas procedemos a uma investigação qualitativa de análise de conteúdo. De um modo geral, a análise de conteúdo pretende superar incertezas, tal como um enriquecimento da leitura. Ou seja, salienta um desejo de rigor e uma necessidade de aprofundar o assunto (Bardin, 2008).

Quando se fala em análise de conteúdo surgem duas grandes questões: por um lado a questão da codificação, como efectua-la uma vez que é o ponto-chave do tratamento da

informação, mas por outro lado, como nos podemos certificar da fiabilidade do procedimento?

Tendo em consideração estas questões ao longo desta abordagem, é importante referir que a análise de conteúdo, possibilita uma interpretação da informação que é fornecida nas entrevistas. Como define Krippendorff (1980) *‘uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto’* (Vala, 1999, p.103), sendo uma técnica de tratamento de informação pode-se dizer que a análise de conteúdo possibilita inferências sobre a fonte, a situação em que o sujeito produziu o material que será analisado. É, no fundo, a realização de inferências, tendo em conta os objectivos e o objecto de pesquisa. Através da relação dinâmica entre as condições de elaboração do discurso que será analisado e as condições de elaboração da análise, procede-se ao desmembramento do discurso e da produção de um novo, pelo sistema de localização-atribuição de traços de significação (Vala, 1999). Segundo Vala (1999, p.104), *“a finalidade da análise de conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas.”* Por outras palavras, a análise de conteúdo analisa o material passo a passo, divide-o em unidades, havendo um sistema de categorias elaborado a partir do mesmo, sustentado e dirigido pela teoria. A partir deste sistema de categorias, são determinados os aspectos que devem ser depurados pelo material.

De acordo com Vala (1999, p.107), *“é a análise de conteúdo que permitirá apreender o significado das respostas obtidas”*, pois tal como refere Bardin (2008, p.45) *“a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça”*. Esta, pelo facto de não ser obstrutiva, pode ser usada em vários tipos de intervenções/estudos, assim como tem a vantagem de se poder trabalhar sobre material não reproduzido directamente pelos intervenientes (Vala, 1999).

Na prática da análise de conteúdo de uma entrevista é necessário colocar uma série de questões, como a frequência de ocorrência de certos objectos; as características associadas aos vários objectos; assim como a associação entre os mesmos. Para além disso, como a análise de conteúdo é uma técnica que permite a análise de uma grande quantidade de informação, necessita da intervenção de vários codificadores.

Como em qualquer investigação, o primeiro passo é definir objectivos e referentes teóricos. De seguida, passa-se à constituição do *corpus* teórico, que normalmente é todo o material, uma vez que na maioria destes casos, o material em questão é escolhido em função

do próprio objectivo da investigação. O terceiro passo será a definição de categorias, de modo a simplificar e assim apreender o seu significado. É no fundo criar uma palavra-chave, “*significação central do conceito*” (Vala, 1999, p. 111) que se quer deter. Portanto, trabalhe-se o material codificando-o, como refere Holsti, (1969, cit. por Bardin, 2008, p.129) “*a codificação é o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo*”. Estas unidades de que se fala são as unidades de registo, que “*é a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização*” (Bardin, 2008, p.130).

A codificação de que se tem vindo a falar depende do sentido dado pelo codificador, no entanto “*não existe teoria do sentido que possa dar conta do conjunto semântico-situacional*” (Ghiglione & Matalon 1992, P.189). A codificação requer critérios de objectividade, ou seja evitar ao máximo a ambiguidade e, por outro lado deverá incluir sistematicidade e generalidade, para que o mesmo método possa ser aplicado e repetido de forma semelhante, na análise de uma subpopulação (Ghiglione & Matalon 1992). No mesmo sentido Bardin (2008) refere que as categorias podem ser construídas de várias formas, mas para serem de qualidade terão de obedecer a alguns critérios: *exclusão mútua*, de modo a que cada elemento pertença apenas a uma categoria, não propiciando a ambiguidade; *homogeneidade*, de modo a que exista apenas uma dimensão da análise em cada categoria – um só nível de análise; *pertinência*, dependendo do material de análise seleccionado, deverá haver uma adequação da categoria ao mesmo; *objectividade e fidelidade*, as variáveis devem ser definidas de forma clara, tal como os parâmetros a que devem reger na entrada de um elemento numa categoria, de modo a que diferentes codificadores consigam retirar o mesmo sentido (percebê-la da mesma forma), da mesma categoria; por fim, a *produtividade*, quando é que um conjunto de categorias é produtivo? Quando consegue proporcionar dados que produzam boas inferências e novas hipóteses (Bardin, 2008).

Construídas as categorias é necessário proceder à validade interna, ou seja garantir que toda as unidades de registos se integram numa das categorias, assim como a mesma unidade de registo só possa pertencer a uma categoria. É por isso que se diz que a atribuição de categorias é o momento sensível da análise de conteúdo (Vala, 1999). Deste modo, a análise de conteúdo de uma grande quantidade de informação, só é conseguida através da mediação de vários codificadores.

E a credulidade do instrumento? Remete-nos para a questão da fidelidade (validade interna), deveras relacionada com o acto de codificação, quer ao nível do codificador, quer ao nível das categorias (Ghiglione & Matalon 1992). Nestes termos a fidelidade refere-se ao facto dos codificadores operarem segundo um mesmo critério de classificação (Vala, 1999). Pode-se dizer que depende da fidelidade, o facto dos codificadores operarem segundo um mesmo critério de classificação (Vala, 1999). Assim como, é deveras essencial que as categorias e análises de registo sejam definidas de forma precisa e o mais rigorosa possível.

Para além disso, é importante ter também em consideração a validade externa, que está relacionada com a sensibilidade da análise ao contexto em que é desvelado (Ghiglione & Matalon 1992). Posto isto, passa-se à análise e consequente apresentação dos dados. Através da categorização, a comparação torna-se mais fácil e possível, de modo a garantir a fidelidade do estudo (Ribeiro, 2007).

No presente estudo, foi utilizada a grelha de categorias do trabalho de Matias (2006/2007), ao qual foram realizadas algumas modificações, de modo a analisarmos especificamente a representação que os rapazes pré-adolescentes têm da mãe e da relação com a mesma, mediante o material que conseguimos obter através das entrevistas realizadas.

RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

Neste capítulo pretendemos discutir pormenorizadamente os resultados obtidos. Para tal recorreremos a uma análise categoria a categoria, tentando ressaltar os aspectos mais importantes em cada grupo de idades, comparando-os entre si (12 e 13 anos). Tendo em conta as tabelas e gráficos em anexo (Anexo E), analisamos os resultados:

Pré-Categoria – A Mãe (M)

A primeira pré-categoria M permite-nos perceber a percepção que os rapazes têm da mãe, dividindo-se nas categorias: *Mãe como Mãe (MM)* e *Mãe como Pessoa (MP)*.

Na categoria *Mãe como Mãe (MM)* verifica-se um destaque da Função Afetiva no seu conjunto, quer no grupo dos doze anos (42,86%), quer no grupo dos treze anos (78,57%). No entanto, no grupo dos treze anos sobressai a Função Afetiva Positiva (MMAP 57,14%), em relação à Negativa (21,43%), sendo que no grupo dos doze estas igualam com 21,43%.

A seguir à Função Afectiva, sobressai, tanto nos doze, como nos treze anos, a Função de Autoridade (MMAAt, com 35,71% aos treze anos), sendo que aos doze, a Função Provedora de Necessidades (MMNc), aparece com igual predominância da Função de Autoridade, (21,43%).

É importante salientar que, no grupo dos doze, entre as subcategorias de MMAP, destaca-se a de apoiar/ajudar/amparar (MMAPa, 14,29%), que não aparece no grupo dos treze. Neste último destaca-se substancialmente a subcategoria de mostrar amor/compreensão (MMAPam), com 50% enquanto que no grupo dos doze não ocorre.

Este aspecto é interessante e poderá sugerir, tendo em conta as respostas dos rapazes de doze anos, uma maior necessidade de apoio, como refere um rapaz: "*protege-me*" (suj.10), o que nos faz pensar num conforto, necessidade de um porto de abrigo ainda primário, aspecto que é intensificado pela proporção em que surge a mãe como provedora de necessidades neste grupo. No entanto, nos rapazes de treze anos parece haver uma maior discriminação das funções da mãe, percebendo a mãe como disponível. Como referem alguns sujeitos, "*tem muita paciência para as asneiras que eu faço.*" (suj.1); "*não se chateia muito, não é irritadiça nem nada.*" (suj.2) "*é compreensiva*" (suj.8). Os resultados obtidos vão de encontro ao que referem, Youniss & Smollar (1985) que, a mãe é percebida, pelos adolescentes como alguém que está presente e disponível, quer para ajudar, quer para os ouvir.

Neste sentido, ocorre um aspecto curioso no grupo dos treze anos, que é o facto de aparecerem, ao nível da Função Afectiva Positiva na sua vertente de mostrar amor/compreensão (MMAPam), respostas como: "*não se chateia muito, não é irritadiça nem nada.*" (suj.2); "*é boa mãe, nunca me fez sentir mal.*" (suj.13). Este aspecto pode sugerir uma tentativa de fazer persistir a idealização da mãe, fazendo uma negação – características negativas que são negadas. Facto que sugere, ainda algumas dificuldades em aceitar as características negativas da mãe, permanecendo a idealização e, de certa forma, obstaculiza o movimento de distanciamento. Provavelmente trata-se de uma recusa a um novo período da sua vida, uma defesa face ao receio da perda do estatuto infantil.

Relativamente à Função Afectiva Negativa (MMAN), ocorre com igual incidência em ambos os grupos, 21,43%. Parece assim que os aspectos negativos em relação à mãe são percebidos de forma idêntica em ambas as idades. Ao ocorrerem em menor proporção que a função afectiva positiva, mas também ao se limitarem apenas a uma subcategoria

(MMANi - mostrar impaciência), revela ainda algumas dificuldade de discriminação e distanciamento em, ambos os grupos.

Para além da Função Afectiva, também se destaca a Função de Autoridade (MMAAt), sendo que, no grupo dos doze anos esta iguala-se à Função Provedora de Necessidades, com 21,43%. Já no grupo dos treze anos, a MMAAt, é a que mais se evidencia a seguir à Função Afectiva, com 35,71%. Tanto no grupo dos doze, como no grupo dos treze, apenas ocorrem duas das três subcategorias, sendo a função exigente (MMATE) e a liberal (MMAAtL), não aparecendo a conservadora (MMAAtC). A diferença está na proporção em que estas ocorrem nos grupos. No grupo dos doze, sobressai a Função liberal (MMAAtL, 14,29%) e no dos treze destaca-se a Função exigente (MMATE, 28,57%), embora nesta última se incluam respostas dadas a questões que remetiam para a relação com a mãe conversa, no entanto, adequam-se a esta subcategoria.

Estes resultados podem sugerir uma percepção da mãe como figura de autoridade mais declarada aos treze anos, uma vez que, como refere Gesell (1996), nesta idade há uma tendência à retracção, afastando-se, muitas vezes, das actividades em família. Este movimento, quer de retracção, quer também de exploração do meio extra-familiar, poderá provocar este sentimento, como refere um rapaz de treze anos, "*não posso fazer nada...*" (suj.4). E portanto, a mãe liberal decresce do doze para os treze anos e é sentida nesta última faixa etária, como mais exigente.

De um modo geral, é nesta altura que se percebe alguma ambivalência, uma vez que há sujeitos que, ora enunciam aspectos positivos, ora enunciam aspectos negativos na mesma resposta. No grupo de doze anos, os sujeitos referem: "*...é simpática mas é muito mãe galinha...*" (suj.2), "*é amiga, mas às vezes está muito zangada...*" (suj.8), "*...dá-me liberdade para algumas coisas, de vez em quando é que se irrita um bocado, mas é fixe*" (suj.9), "*mais ou menos...umas vezes é bom, outras vezes é mau, depende...*" (suj.10). Aos treze, também se evidenciam igual número de sujeitos a referirem aspectos positivos e negativos em simultâneo: "*é importante...mas também é um bocado chata...*" (suj.4); "*...às vezes tem mau feitio, mas é engraçada*" (suj.7); "*às vezes é simpática, outras vezes está aos gritos*" (suj.10); "*...chateia-se um bocadinho com facilidade, mas é boa mãe...*" (suj.13). A ambivalência encontra-se igualmente nos dois grupos, persistindo.

No fundo, como referem Youniss & Somollar (1985), a mãe acaba por ser um conjunto de autoridade e cooperação.

Importante referir que a Função Provedora de Necessidades (MMNc) diminuiu do grupo dos doze anos (que inclui aspectos referidos em questões que remetiam para o tipo de relação com a mãe) para o grupo dos treze anos, resultados que sugerem algum movimento de afastamento da figura materna em termos mais funcionais, ou pelo menos tratar-se-á de um movimento progressivo para a diferenciação. Mesmo assim, ao persistir, também pode dar conta do aspecto regressivo (mãe como objecto primário, de segurança narcísica), como defesa face à possível desorganização sugerida pela pré-adolescência. Como refere Braconnier & Marcelli (2000), protege o sujeito de uma possível desarmonia, para poder enfrentar o dia-a-dia, e por isso influenciará o seu funcionamento social e relacional. Não nos podemos esquecer que a pré-adolescência é um período de constantes avanços e recuos.

Na categoria **Mãe como Pessoa (MP)**:

Predomina a subcategoria Relacional (MPR, 78,57%), tanto no grupo dos doze, como no grupo dos treze, em igual proporção. Seguida também, em ambas as faixas etárias, dos Aspectos Físicos (MPF, 50% aos doze e 21,43% aos treze). Verifica-se ainda que, aos treze anos para além destas subcategorias, aparece ainda a mãe definida pelos seus Aspectos Psicológicos (MPP, 14,29%).

A função relacional da mãe enquanto pessoa destaca-se, em ambos os grupos, provavelmente pela própria (do rapaz) vontade de exploração extra-familiar, valorizando este aspecto na mãe, como referem Flannery & Montemayor (1990), o grupo de pares começa a ter maior importância. As características valorizadas na mãe são aquelas para as quais o pré-adolescente está especialmente atento, pois ao virar-se para o exterior e portanto, para as relações extra-familiares, começa a mobilizar outro tipo de competências sociais.

As características físicas da mãe também são bastante salientes, principalmente no grupo dos doze anos, o que poderá acontecer pelo facto do pré-adolescente idealizar a mãe, ou pelo facto de haver, como refere Carratero (1985), uma tomada de consciência pelo próprio corpo e ter de aceitar e elaborar todas as alterações inerentes à puberdade, incorporando-as enquanto ser único e portanto, diferente do outro. Os aspectos físicos da mãe já não são tão referidos aos treze anos, possivelmente pelo ressurgir do conflito edipiano que, pela percepção do desejo e o incesto se tornar possível, promove uma intensa culpabilidade e portanto, dá-se um afastamento psicológico, do rapaz em relação à mãe.

Neste sentido, os aspectos psicológicos começam a ser valorizados e, provavelmente, aos treze anos, uma vez que adquirem um tipo de pensamento formal, conseguem elaborar acerca de aspectos mais abstractos, através da introspecção.

Estes resultados sugerem que os rapazes, ao definirem a mãe enquanto mãe e enquanto pessoa, revelam a capacidade de olhar para o outro como diferente de si nas suas diferentes características, demonstrando um *Self* mais autónomo.

É de salientar os aspectos indiferenciados dos sujeitos, uma vez que, é curioso e ao mesmo tempo interessante como é perceptível ao longo do discurso, a dificuldade dos rapazes em se distanciarem e, nem sequer conseguirem caracterizar ou falar sobre a mãe, o que sugere ainda uma grande aproximação e portanto, aponta dificuldades em se afastarem da figura materna, não conseguindo elaborar sobre esta questão. Não deixa de ser relevante salientar que a indiferenciação continua, no grupo dos treze anos, – “*Importante...mas também é um bocado chata porque não posso fazer nada...*” (suj.4); “*...às vezes tem um mau feitio quando se chateia mas é engraçada*” (suj.7); “*às vezes é simpática, outras vezes está aos gritos*” (suj.10); “*chateia-se um bocadinho com facilidade, mas é boa mãe...*” (suj.13), tendo mesmo aumentado neste grupo, passando de 14,29% para, 28,57%, o que também pode sugerir que, o facto de os colocar a pensar na mãe, numa tentativa de a caracterizarem, inconscientemente, poderá perturbá-los um pouco devido à revivência edipiana.

Sucintamente, podemos realçar a persistência da ambivalência, dando conta provavelmente das dificuldades de adaptação, dos rapazes às alterações puberais e portanto, o constante avanço e recuo na caminhada para o segundo processo de individuação. Apesar desta insistente ambivalência, evidenciam-se movimentos no sentido do segundo processo de individuação que, no entanto, não são permanentes, nem constantes.

Categoria – Relação com a Mãe (RM)

1ª Subcategoria – Tipo de Relação (RMR)

Subdivide-se em: *positiva (RMRp), negativa (RMRn) ou neutra (RMRnt)*

Predomina claramente, em ambos os grupos, a relação positiva RMRp, e especificamente o tipo de relação positiva afectiva, evidenciando-se um aumento desta aos treze anos (RMRpa, 78,57% aos doze anos e 85,71% aos treze). No entanto, a relação afectiva negativa também aumenta, do grupo dos doze (14,29%) para os treze anos (RMRna, 35,71%). Resultados que permitem supor uma maior discriminação da relação aos treze anos

verificando-se, em termos qualitativos, uma maior restrição no conteúdo das respostas (respostas sucintas) dadas pelos sujeitos ao nível das respostas positivas afectivas.

A relação positiva educativa/formativa (RMRpe) é superior no grupo de doze anos, com 21,43%, enquanto que aos treze, aparece com 14,29%.

A relação positiva lúdica (RMRpl), por sua vez, também diminui dos doze para os treze, passando de 28,57%, para 7,14%. Estes resultados demonstram que o rapaz percebe a relação com a mãe de uma forma positiva, tal como no estudo de Saucier, Tremblay & Tremblay (2004), em que os rapazes referem uma percepção positiva da relação com a mãe, apenas na adolescência.

No tipo de relação negativa destaca-se, em ambas as faixas etárias, a relação afectiva, sendo que o grupo dos doze apresenta RMRna, 14,29% e aos treze, 35,71%, aumentando significativamente neste último grupo. Este valor aumenta, tanto em termos quantitativos, como qualitativos, uma vez que o tipo de respostas dadas aos treze anos revelam alguma necessidade de espaço e afastamento, como refere um rapaz de treze anos: *"a minha mãe pergunta-me sempre o que aconteceu na escola, quer saber sempre coisas sobre mim."* (suj.9).

Quanto à relação negativa de dominação (RMRnd), aparece apenas aos doze, com 7,14%, parecendo uma submissão face à autoridade que a mãe pode revelar. Pelo contrário, a Relação Neutra (RNRnt), passa a ocorrer, apenas no grupo dos treze anos, com 14,29%, salientando-se um rapaz (suj.11) que ao longo da sua resposta evidencia os três tipos de relação. Este último aspecto pode dar conta da ambivalência, provavelmente pelo receio da perda do estatuto de criança. Podemos pensar que, poderá surgir uma perturbação inconsciente face à questão, uma vez que, perante as grandes e intensas transformações puberais e segundo Blos (1965), com o reviver da problemática edipiana na pré-adolescência, ocorre um grande distúrbio interno. O facto do incesto se tornar concretizável coloca-o em alvoroço, afastando-se da mãe e, provavelmente, da resposta relacionada com a mesma, não se comprometendo face à culpabilidade que a erotização da relação o fará sentir, ex.: *"temos uma relação normal."* (suj.11).

Tendo em consideração tudo o que foi referido nesta subcategoria, parece haver uma maior diferenciação da relação com a mãe aos treze anos, uma vez que o pré-adolescente percebe mais aspectos negativos na relação com a mãe que, qualitativamente, dão conta de um aumento da vontade de autonomia aos treze anos. No entanto, a ambivalência também

sobressai neste grupo. Possivelmente é a altura em que ocorrem as maiores transformações puberais e o pré-adolescente ainda se está a adaptar às mesmas, tentando integrá-las psiquicamente. Com a constante maturação do Ego, os avanços e recuos continuam para o desenvolvimento do segundo processo de individuação.

2ª Subcategoria – Relação Mãe Conversa (RMC)

Subdivide-se em: *o que falam (RMCf), ausência de conversa (RMCac), o que não falam (RMCnf), iniciativa da conversa (RMRic) e com quem falam quando não falam com a mãe (RMCqf).*

Não se evidenciam rapazes, em qualquer dos grupos, em ausência de conversa, apenas um sujeito (suj.4), no grupo dos doze anos revela incerteza, apresentando dificuldades na discriminação de assuntos que fala com a mãe, o que poderia supor que, ou houvesse uma ausência de conversa, ou que falasse de tudo, mas quando lhe é perguntado o que não fala ele sabe discriminar e diz: “*sobre as namoradas*”. Provavelmente os assuntos que falam são indiscriminados, mas quanto ao que não fala ele discrimina bastante bem, o que levou a utilizar uma nova subcategoria (RMCfns – não sei), que aparece apenas no grupo dos doze anos.

Relativamente ao que falam, destaca-se em ambos os grupos, o tema escola, sendo a incidência muito idêntica aos doze (RMCfe, 50%) e aos treze anos (RMCfe, 57,14%). No entanto no grupo dos treze, salienta-se em igual proporção, os assuntos do quotidiano (RMCfq, 57,14%), sendo esta subcategoria menos saliente nos doze anos (RMCfq, 21,43%). Logo a seguir ao tema escola destaca-se, no grupo de doze anos, os sujeitos que referem que falam de tudo (RMCft, 35,71%), o que sugere uma indiscriminação quanto às conversas com a mãe, que já não ocorre no grupo dos treze anos, onde os assuntos que conversam são mais restritos e discriminados. Provavelmente já terão capacidade de assumir uma posição única e diferente da mãe. Há um afastamento psíquico pela noção de que há assuntos que, nesta altura, já não podem ser falados com a mãe. Mas também porque há o reemergir do conflito edipiano, o que faz com que o pré-adolescente mobilize estratégias para conseguir controlar os seus conflitos internos e manter a sua harmonia, tentando não desorganizar. Caminha-se para o segundo processo de individuação, como denominado por Blos.

O tema dos amigos é abordado em igual proporção, quer no grupo dos doze, quer no grupo dos treze anos (14,29%).

Aparece apenas um sujeito que refere o assunto bem-estar, no grupo dos treze, "*por causa da minha cara, dos pontos negros e borbulhas...*" (suj.10), abordando assim a problemática da puberdade.

A vida amorosa é uma das temática que é mais abordada com a mãe, no grupo dos doze anos (14,29%), diminuindo no grupo dos treze anos (7,14%), começam a ter os seus assuntos íntimos, os quais começam a ter um carácter privado.

Os assuntos do quotidiano aumentam do grupo dos doze (21,43%), para o grupo dos treze (57,14%).

A subcategoria de assuntos repreensíveis, surge no grupo de treze anos, embora em apenas um sujeito.

Relativamente ao que não falam (RMCnf), destaca-se no grupo dos doze anos, os assuntos repreensíveis (RMCnfar, 50%), que se sobrepõe ao assunto, vida amorosa (RMCfva, 21,43%), enquanto que, no grupo dos treze anos, os resultados invertem-se e predomina a vida amorosa (42,86%) sobre os assuntos repreensíveis (35,71%).

O tema da vida amorosa aumenta relativamente ao que não falam, o que sugere que este assunto começa a ser elaborado de forma diferente pelo pré-adolescente, começando a ter noção do que é a sua intimidade, passando este assunto a ser pessoal, fazendo parte da sua identidade como pessoa e de género.

A conversa é, em ambos os grupos, desencadeada pela mãe, sendo aos doze (RMCicm), 85,71% e aos treze 92,86%. Parece assim que é mais a mãe que procura o diálogo e a intimidade do filho. O filho não apresenta qualquer iniciativa no grupo dos treze anos.

Relativamente a, com quem falam dos assuntos que não falam com a mãe (RMCqf), destaca-se em ambos os grupos, os irmãos e amigos. Segue-se, nos doze anos, que não falam com ninguém (RMCqfn, 28,57%) e, por fim, os que falam com vários (RMCqfv, 14,29%). O que revela que os restantes, ou falam tudo com a mãe, ou não gostam de falar de algo, mas que muitas vezes acabam por falar. É importante referir que aquando de um problema, os rapazes demonstram confiança na mãe para lhe contarem o sucedido. Há a particularidade de, no grupo dos doze anos haver um rapaz (suj.12) que fala com vários elementos, incluindo a mãe, revelando uma grande indiscriminação face a quem revelar determinados assuntos, não assumindo ninguém como privilegiado.

No grupo dos treze anos, a seguir aos amigos e irmãos (63,64%), destaca-se a subcategoria ninguém (18,18%), aparecendo vários e o pai, em igual proporção.

Perante estes resultados parece que os amigos e irmãos são as figuras mais escolhidas para os pré-adolescentes falarem dos seus assuntos mais íntimos, tanto aos doze, como aos treze anos. Podemos assim supor que, ao surgir a capacidade de pensar de modo formal, contribuirá para o estabelecimento de novas relações, exteriores à família, numa tentativa de afastamento das figuras parentais e desenvolvimento da autonomia. Deste modo, os adolescentes acabam por se envolver mais com os amigos, pois o grupo de pares começa a ter grande importância ao nível da auto-estima, assim como no âmbito suporte social, em geral (Flannery & Montemayor 1990).

3ª Subcategoria – Relação Mãe Fazer (RMF)

Subdivide-se em: *o que fazem (RMFf) e o que não fazem (RMFnf)*

À partida salienta-se o facto de, no grupo dos doze anos, todos os rapazes fazerem algo com a mãe, enquanto que no grupo dos treze há um rapaz que refere não fazer.

Em ambos os grupos predomina a actividade passear, sendo que no grupo dos doze RMFfp, apresenta 64,29%, enquanto que no dos treze RMFfp apresenta 46,15%, diminuindo.

Aos doze apresenta-se em destaque, a seguir ao passear, o estudar (RMFfe, 57,14%), seguida de tarefas domésticas (RMFftd, 42,86%), depois brincar e conversar, ambas com 21,43%, por fim, ver filmes ou TV, RMFfv 14,29%.

Aos treze destacam-se, para além do passear que predomina, três subcategorias com a mesma percentagem, 38,46%, incluindo estudar, ver filmes/TV e tarefas domésticas. Se repararmos, aos treze anos, diminui a conversa e aumenta a actividade de ver filmes/TV, onde também o silêncio, em princípio, sobressai. Como refere Gesell (1996), os rapazes aos treze anos tornam-se mais introvertidos e menos comunicativos.

4ª Subcategoria – Relação Mãe Exige (RME)

Subdivide-se em: *o que a mãe exige (RMEe) e o que o filho sente face a essas exigências (RMEse)*

Na categoria Relação Mãe Exige – RME, destaca-se nitidamente, no grupo dos doze anos, as exigências face à escola (RMEee, 92,86%), tal como acontece no grupo de treze, embora numa proporção um pouco inferior (85,71%) o que indica que praticamente todos os sujeitos (excepto um no primeiro grupo e dois no segundo) referem a escola como uma das principais exigências da mãe. Em seguida apresenta-se o bom comportamento/valores morais também em ambos os grupos (RMEev, 28,57% aos doze anos e 35,71% aos treze), como

refere um rapaz "...*não falte ao respeito a ninguém...*" (*subj.14*). Seguida esta, dos passatempos (RMEep, 21,43%), por exemplo, "*não jogar tanto.*" (*subj.4*), apenas no grupo dos doze anos. Embora ocorra menos, é interessante destacar as exigências face às tarefas domésticas (RMEet, 14,29% aos doze anos e 7,14% aos treze).

No modo como o filho se sente face às exigências da mãe, tanto aos doze como aos treze anos, destaca-se quanto à sua satisfação, ou seja, sente-se bem/concorda (RMEseb, 57,14% no grupo dos doze e 42,86% no dos treze), seguindo-se a sua discordância e portanto, sente-se mal/discorda (RMEsem, 14,29% no grupo dos doze anos e 21,43% no grupo dos treze). Parece assim haver um aumento de discordância face ao que a mãe exige, o que demonstra uma percepção mais restritiva face às exigências que lhe são feitas pela mãe e, consequentemente revela uma maior vontade de autonomia.

Para além disso, no aspecto intermédio (RMEsem – mais ou menos/não concorda com algumas coisas), em que não há uma posição definida face às exigências da mãe, percebe-se uma persistência em ambos os grupos com uma percentagem idêntica, o que se traduz numa ambivalência face aos sentimentos relativos às exigências feitas pela figura materna. Quando reparamos nas exceções, por exemplo, numa das que surge aos doze anos: "*falo com ela*" (*subj.1*), foge completamente à questão sem referir como se sente face às exigências da mãe. O mesmo acontece na única exceção que ocorre no grupo dos treze anos, "*...pronto a minha mãe e o meu pai... gostam que eu tire boas notas... é isso que eles tentam explicar.*" (*subj.12*). Nesta última, para além de não haver referência ao que sente face às exigências da mãe, inclui o terceiro elemento, o pai, demonstrando necessidade de os juntar e, consequentemente, separar a mãe de si (filho), devido à intensa culpabilidade sentida, o que parece interessante uma vez que reemerge o conflito edipiano.

Segundo Figueiredo (1985), parece que logo aos 12/13 anos de idade emerge um grande desejo de autonomia, que vai aumentando com a idade, ao contrário da obediência, que diminui. Como a vontade de autonomia aumenta, as exigências são percebidas como mais limitativas.

5ª Subcategoria – Relação Mãe Discordância (RMD)

Subdivide-se em: *há discordâncias (RMDh), não há discordância (RMDnh) e resolução de conflito (RMDrc)*

Nesta categoria verifica-se que, na maioria dos rapazes, quer do grupo de doze anos, quer do grupo de treze, há discordância relativamente à mãe (RMDh). No entanto, o aspecto de não haver discordância aumenta dos doze (RMDnh, 16,67%) para os treze (21,43%), possivelmente devido a um movimento de afastamento por parte do rapaz, em que o diálogo poderá ser mais escasso relativamente aos doze anos, como refere Gesell (1996), o pré-adolescente aos treze anos nem sempre é muito comunicativo, tendendo a afastar-se um pouco da família.

No entanto verificamos que qualitativamente, entre aqueles que discordam, em ambos os grupos predomina uma discordância acerca de temas relacionados com a individualidade, sendo que, aos doze anos assume um maior predomínio (75%) que aos treze (45,45%). Parece que a individualidade é um aspecto bastante protegido pelos pré-adolescentes. Como referem Youniss & Smollar (1985), a maioria dos rapazes encara a mãe como preocupada, no entanto, por vezes esta preocupação pode ser sentida pelo rapaz como intrusiva. Neste caso, os pré-adolescentes mostram apreço pelo seu espaço e pela sua individualidade, como tal, não toleram quando isso não é respeitado pela mãe. Como refere um rapaz de doze anos: *“diz-me para eu vestir uma coisa, mas eu não quero porque não gosto...”* (suj.5).

De seguida, no grupo dos doze anos destaca-se a escola (25%), enquanto que no grupo de treze anos os temas, escola e passatempos, assumem igual posição de destaque, com 27,27%. Este aspecto de discordância em assuntos escolares vai de encontro a resultados obtidos por um estudo de Smetana (1989), que refere que os conflitos estão mais relacionados com o quotidiano, nomeadamente em tarefas escolares. Como refere Figueiredo (1985), a vontade de autonomia aumenta com a idade e a obediência diminui. Portanto, aumenta a discordância e os conflitos tendem também a aumentar.

Quanto ao tipo de resolução do conflito, nos rapazes do grupo de doze anos, verifica-se maior incidência ao nível do evitamento de confrontos (RMDrce, 91,67%), enquanto que no grupo dos treze anos, encontra-se uma distribuição igualitária entre a confrontação e o evitamento de confrontos, com 36,36%. No entanto, a confrontação passa a existir aos treze anos (não se verifica no grupo dos doze anos), parece que o pré-adolescente assume uma posição face à mãe, lutando pela sua individualidade. Ainda aparece a vertente de não resolução do conflito, com maior incidência no grupo de treze anos (27,27%), do que no de doze (8,33%), o que sugere um predomínio da ambivalência neste grupo, ao mesmo tempo que se quer afastar, receia a perda do estatuto infantil.

O facto do evitamento se destacar aos doze, sugere como diz Figueiredo (1985), uma fuga às represálias. Há um receio da perda de amor e segurança, medo da perda da mãe como objecto de segurança narcísica.

Podemos pensar que, perante o reemergir da problemática edípiana como refere Blos (2003), o rapaz sente a mãe como ameaçadora e, perante a angústia que esta lhe causa, evita o confronto com a mesma, surgindo um afastamento por evitamento como acontece no grupo dos doze anos. Aos treze esse aspecto parece ser, em parte, ultrapassado por alguns sujeitos, parece que a mãe já não é tão perturbadora para o rapaz, destacando-se a ambivalência em relação aos doze anos, com a não resolução do conflito.

Segundo o estudo de Pinquart & Silbereisen (2002), há um distúrbio temporário na ligação com a mãe durante a pré-adolescência. Parece que a mãe tenta manter uma relação estreita com o filho, acabando por haver um aumento dos comportamentos negativos do filho para com a mãe. No nosso estudo verificamos precisamente um surgir do confronto nos rapazes de treze anos.

A integração de todas as alterações puberais ao nível psíquico, está a ser elaborada, havendo necessidade de voltar aos laços infantis e, ao mesmo tempo, de exploração, verificando-se, mesmo assim vontade de autonomia, pela confrontação à mãe aos treze anos, lutando pela sua individualidade, embora persista o evitamento de confrontos nesta faixa etária – há um movimento o sentido da autonomia, dos doze para os treze anos. Em suma, os rapazes do grupo dos treze anos parecem demonstrar alguma diferenciação psicológica em relação à mãe, assim como um *Self* mais autónomo, uma vez que demonstram capacidades de confronto, o que não se verifica no grupo dos doze anos.

É importante ainda referir, que ao longo desta categoria (RM – Relação com a Mãe) existem vários tipos de relações, podendo estas evidenciarem-se, ou não, entre a mãe e o filho. Referimos assim, a relação simétrica, em que os sujeitos em relação se encontram num mesmo patamar, em posições igualitárias e, pelo contrário, a relação assimétrica, em que um dos sujeitos se encontra numa posição superior ao outro, como na relação do filho com a mãe, em que a mãe se encontra numa posição superior à do filho. Quando há uma troca destes lugares e o filho assume uma “posição de mãe”, estamos perante uma relação assimétrica invertida.

Sendo assim, foram-se verificando alguns aspectos particulares, de relações invertidas, como sujeitos de doze anos que respondem: “*falamos sobre nós*” (suj.11), “*falamos sobre o trabalho dela...e as amigas dela*” (suj.12), mas também sujeitos de treze anos: “*falamos sobre o meu irmão*” (suj.5), “*do trabalho dela*” (suj.13); “*ajudo-a a estudar porque ela está a tirar um curso*” (suj.2). Estes resultados podem sugerir questões de onnipotência, em que os papéis familiares são invertidos e quem ganha o poder é o rapaz.

Categoria – Imagem da Mãe (IM)

A terceira categoria IM permite-nos perceber a percepção que os rapazes têm em relação à mãe, se há distanciamento da mesma consoante o modo como descrevem os seus aspectos positivos e negativos, dividindo-se nas subcategorias: **Imagem da Mãe Positiva (IMP)** e **Imagem da Mãe Negativa (IMN)**.

Na categoria **Imagem da Mãe Positiva (IMP)**, nos rapazes de ambas as faixas etárias, destaca-se ser o desejado (IMPsd, 71,23%), com igual predominância, seguida de fazer o desejado IMPfd, 50%, aos doze anos, e 35,71% aos treze.

O facto de se evidenciar um destaque em ser o desejado (IMPsd) em ambos os grupos, sugere uma persistência da idealização da mãe em ambos os grupos, como refere um sujeito de treze anos, “*gosto dela como ela é...*” (suj.13). Segue-se a imagem da mãe positiva como fazer o desejado (IMPfd), em ambos os grupos.

É de salientar o decréscimo da subcategoria estar disponível (IMPed), que no grupo dos doze anos aparecia com 28,57%, diminuindo no grupo dos rapazes com treze anos para 7,14%, o que sugere algum afastamento em relação à mãe. As respostas ao nível dos doze anos reflectem ainda uma grande aproximação e necessidade do conforto próximo com o objecto de amor primário, como refere um desses rapazes: “*quando ela está comigo...e ficamos ali sem dizer nada...*” (suj.4). Ao passo que, aos treze evidencia-se uma resposta mais diferenciada e madura “*sabe falar, se lhe faço alguma pergunta sabe responder, sabe...fala abertamente.*” (suj.11).

Observando agora a **Imagem da Mãe Negativa (IMN)**, nos rapazes de doze anos de idade, destaca-se o fazer o não desejado (IMNfnd, 64,29%), tal como no grupo dos treze (64,29%). Esta subcategoria sobressai do não ser o desejado (IMNnsd), aos doze com 35,71%

e aos treze com 28,57%. Esta diminuição faz supor uma maior capacidade de perceber os aspectos negativos da mãe e portanto, revela um maior distanciamento e diferenciação psicológica. A subcategoria não estar disponível (IMNned) evidencia-se apenas nos treze anos, mas não é significativo (7,14%).

O facto de sobressair a subcategoria fazer o não desejado em ambos os grupos, como por exemplo um sujeito de doze anos diz: *“quando me mete de castigo,..., quando não me deixa jogar computador”* (suj.6) e um de treze, *“quando ela se chateia por eu estar no computador muito tempo”* (suj.7) – parecem dar bastante importância às restrições, o que sugere alguma vontade de autonomia. Como explicam, Braconnier & Marcelli (2000, p.65), *“através da necessidade de se separar, o adolescente está à procura dos seus ‘limites’, limites corporais (nas suas necessidades fisiológicas, na maneira de se vestir, nas suas realizações físicas), limites intelectuais e limites sociais.”*

Pode-se assim ressaltar que os rapazes, quer aos doze, quer aos treze anos conseguem atribuir aspectos positivos e negativos à mãe, sobressaindo ainda uma certa idealização. É de salientar pouca diferença entre grupos relativamente a esta categoria. Não obstante, percebe-se o constante avançar e recuar para um progressivo afastamento da figura materna.

Pré-Categoria – Mudança Relacional (MR)

A quarta pré-categoria MR permite-nos perceber a percepção que os rapazes têm da mudança na relação, dividindo-se nas subcategorias: **Mudança na Relação**, *se houve (MRh) ou não houve (MRnh)*; **O que mudou/Como era antes**, *se houve afastamento (MRa), proximidade (MRp) ou é indiferenciada (MRi)*; **Quem mudou**, *se a mãe (MRm), o filho (MRf) ou se esta mudança é atribuída a outros (MRo)*; **Porque Mudou**, *por causa da mãe (MRpm), por causa do filho (MRpf), por causa dos dois (MRpd), por circunstâncias exteriores (MRpe) ou não sabe (MRpns)*; **Desejo de mudança na relação**, *deseja (dMR) ou não deseja (ndMR)*; por fim, **o que desejam**, *Mãe diferente (MRmd), Mãe que faça o desejado (MRmfd), Filho diferente (MRfd) ou Mãe disponível (RMmdp)*.

Nesta pré-categoria, **Mudança na Relação**, nos rapazes de doze anos de idade, destaca-se um maior número de sujeitos a perceberem mudança – MRh 71,43%, havendo, conseqüentemente, menos em MRnh, com 28,57%, tal como acontece no grupo de treze anos, em igual proporção. Portanto, dez de um total de catorze sujeitos referem que houve mudança. Desses dez (MRh), no grupo de doze anos, quatro destacam-se na proximidade (40%), e os

restantes seis dividem-se, metade para o afastamento (30%) e outra metade para uma subcategoria indiferenciada (30%), onde as razões referidas para a mudança não são distintas. Situação bastante diferente ocorre nos treze anos, onde nove, de um total de dez, evidenciam afastamento (MRa, 90%) e apenas os restantes 10% se encontram em aproximação. Este aspecto revela que os rapazes de treze anos apercebem-se da diferença entre os aspectos da infância e os relativos a este período da pré-adolescência, como refere um rapaz de treze anos, *“estou a ficar mais velho e quase autónomo e acho que consigo fazer as coisas mais por mim”* (suj.4).

Estes resultados são bastante interessantes e evidentes do movimento que se dá na pré-adolescência entre a proximidade e a necessidade de distanciamento da figura materna. Para além de, aos doze anos haver maior incidência ao nível da aproximação, o que sugere o recorrer aos laços infantis, também surge uma característica que não se encontra aos treze anos – indiferenciada – ou seja, os rapazes de doze anos não conseguem discriminar, ou apegam-se a características concretas, fugindo a uma explicação para a mudança na relação com a mãe, ou então outros aspectos se sobrepõem a esta característica do desenvolvimento, como acontece *“Sei lá...não sei, como é que eu hei-de dizer?...parece que se chateia mais comigo do que com o meu irmão”* (suj.5), onde sobressai a rivalidade fraterna, antes de qualquer outra explicação.

Relativamente à subcategoria de Quem mudou, a maioria dos rapazes de doze anos incidem sobre eles próprios (MRf, 50%), tal como no grupo dos treze (80%), o que nos pode fazer pensar que eles próprios têm noção de que estão a mudar em termos físicos e de relacionamento com a mãe, pelo desenvolvimento do pensamento formal. Há um aumento dos doze para os treze, o que também sugere uma maior capacidade de pensar sobre o próprio e, neste âmbito, pode-se falar em introspecção, como refere Gesell (1996). É referido por vários autores, nomeadamente Collins & Sprinthall (2008), a emergência do pensamento formal, que se parece adequar a estes resultados.

A questão de porque mudou, acaba, no mesmo sentido, por incidir no filho, tanto no grupo dos doze anos (40%), como no grupo dos treze (60%), aumentando, na mesma lógica dos resultados anteriores.

No entanto, aos doze aparecem ainda como causas da mudança, as circunstâncias exteriores (30%), tal como nos treze, embora com menor incidência (20%). Para além do “não

sei” também surgir em 30% dos rapazes de doze anos e em apenas 10% dos rapazes de treze anos.

Estes resultados sugerem constantes tentativas de distanciamento da figura materna, assim como o envolvimento de um tipo de pensamento mais formal, mas também uma maior diferenciação psicológica, havendo uma maior percepção da mudança aos treze anos. Como é referido no estudo de Duckett, Larson, Moneta & Richards (1996), evidencia-se um declínio nas interacções com a família, assim como especificamente com a mãe, entre os dez e os dezoito anos de idade.

No entanto, não no grupo dos treze, mas no grupo dos doze, desejam mudança na relação, incidindo as mudanças, na sua grande maioria, na mãe. Porque será que isto acontece aos doze e não aos treze? O facto de se destacar o não desejo de mudança aos treze anos pode supor uma grande culpabilidade sentida pelo pré-adolescente nesta altura. Como refere Figueiredo (1985), *“a visão infantil da relação com o objecto, deformando a realidade, torna o Super-Eu pós-edipiano demasiado repressivo, infiltrando muitas vezes de culpabilidade edipiana e o próprio desejo de autonomia”*.

No entanto as mudanças também são atribuídas a outros factores particulares e, por isso importante de referir, já que parece que há aspectos da vida pessoal do sujeito que se podem sobrepor e, de certo modo, camuflar algumas questões particulares deste período da pré-adolescência, vejamos: *“antes fazíamos mais coisas, porque nós éramos menos, agora já somos mais...”* (suj.9), *mas também “...antes chegava a casa e ia estudar, depois de jantar ia para a cama. ...já não estudo durante a semana, fico no meu ATL até às sete...”* (suj.10). Ou simplesmente, isto pode acontecer por se tratarem de questões regressivas do desenvolvimento.

Categoria – Narrativas

A categoria Narrativas divide-se em *Acontecimentos Importantes (A)* e *Histórias (H)*. A primeira (A) tenta perceber até que ponto o rapaz apreende as circunstâncias importantes que vivenciou com a mãe, assim como tenta dar conta da capacidade do rapaz em discriminar esses momentos, em ambas as faixas etárias. A segunda (H), permite-nos perceber a percepção que os rapazes têm da mãe interna, assim como da relação com a mesma, através da projecção promovida ao ser solicitada uma história entre uma mãe e um filho, deixando o rapaz livre na sua própria fantasia.

1ª Subcategoria – Acontecimentos Importantes (A)

Ao ser pedido aos rapazes para contarem um acontecimento que tivessem passado com a mãe e que considerassem importante, detectámos alguma dificuldade em seleccionar ou ter presente um acontecimento que tivesse sido importante (positivo ou negativo) e portanto, em ambos os grupos verificou-se uma abstenção de 50% (não contaram).

Relativamente aos que referem um acontecimento, destaca-se, no grupo de doze anos, a selecção de um episódio específico (71,43%), que sobressai sobre as memórias (14,29%), sendo estas últimas mais salientes no grupo dos treze anos (42,87%).

No grupo de doze anos destacam-se, os episódios, quer negativos, quer os ambíguos, na mesma proporção (28,57%), sobressaindo nos negativos a mãe que reprime.

No grupo de treze anos os episódios e as memórias apresentam-se praticamente na mesma proporção, sendo de salientar que os episódios negativos não aparecem em nenhuma das suas características, surgindo apenas os positivos e os ambíguos. As memórias aparecem em todas as suas vertentes (agradáveis, desagradáveis e ambíguas).

Sendo assim reparamos que os episódios negativos só aparecem aos doze anos. Porquê? Possivelmente os episódios negativos não aparecem no grupo dos treze anos pela necessidade do pré-adolescente se agarrar à mãe idealizada quando a real já não corresponde. Para além disso, as memórias desagradáveis são as únicas que surgem neste grupo, salientando aspectos mais negativos que guarda da relação com a mãe.

Relativamente ao tempo do acontecimento, percebemos que, quer no grupo de doze anos, quer no grupo dos treze anos, há igual incidência no passado (57,14%), embora persista o tempo indeterminado em ambos os grupos e o tempo actual apenas apareça nos doze anos. Talvez possamos pensar neste tempo dos acontecimentos, como o tempo sentido pelo pré-adolescente. Os episódios passados remetem para o seu próprio passado e, desse modo, o recuar característico da pré-adolescência, o rapaz faz uma regressão aos laços da infância perante o medo da perda do estatuto infantil. Por outro lado, o tempo indeterminado poderá salientar a ambivalência, colocando o acontecimento num patamar indistinto, que não se situa, nem no passado, nem no presente, mas fica indeciso entre esses dois tempos, – avançar para um período mais maduro e recuar aos tempos de infância. O próprio rapaz situa-se num período indeterminado da sua vida.

A diferença entre grupos verifica-se no facto de aumentar a incidência das memórias aos treze anos que, como foi dito, remete provavelmente para um recuar à infância.

Outro aspecto que deve ser salientado é o facto do tempo indeterminado aparecer em maior proporção no grupo dos treze que no grupo dos doze, fazendo sugerir a dificuldade de atribuir um tempo específico aos acontecimentos. Provavelmente, a própria indeterminação deste período.

Por fim, encontramos uma excepção em cada grupo, no primeiro (doze anos, suj.12), descreve vários acontecimentos da sua vida real e actual, onde sobressai o aspecto recíproco da relação – *“empresto-lhe e às vezes ela empresta-me a mim...às vezes eu ou ela estamos em baixo conversamos um com o outro...acho que é importante ela cuidar de mim e eu dela...”*, aspecto que não se evidencia em mais nenhum rapaz desta amostra e portanto não foi passível de uma categorização razoável. No grupo dos treze anos, o suj.3, revela também vários acontecimentos, *“má foi quando o meu pai se foi embora e boa...é o tempo que nós passamos juntos. Quando ela chega tarde e eu não sei onde ela anda e não atende o telemóvel, de vez em quando”* salientando-se uma troca de papéis, em que o filho é que se preocupa com a mãe e a sua chegada a casa.

2ª Subcategoria – Histórias (H)

Ao ser pedida uma história entre uma mãe e um filho, tivemos o objectivo de promover uma projecção do sujeito, acerca da sua relação com a mãe, no entanto apercebemo-nos que isso poderá ou não ser contornado pelos pré-adolescentes, acabando alguns por não fantasiar, agarrando-se a à realidade concreta.

De um modo geral podemos perceber que a maioria das histórias contadas, tanto no grupo dos doze, como dos treze anos, foram elaboradas ao nível da fantasia, em detrimento das de carácter real, que também se verificaram, apesar de surgirem numa proporção bastante inferior desta amostra. Apesar dos rapazes terem imaginado as histórias, na sua grande maioria, também se verificou que, ao serem confrontados com a questão, ficavam atrapalhados e inibidos, utilizando correntemente a expressão *“não sei...”* ou, *“sobre mim e a minha mãe?”*, de qualquer modo, ficavam mais tranquilos quando era novamente referido que era para **inventar** uma história.

Do mesmo modo conseguimos perceber que a grande maioria destas histórias têm um carácter ambíguo (THFa), que poderá traduzir a própria incerteza e flutuação das relações

filho-mãe neste período da pré-adolescência, onde a ambivalência prepondera. Para além do mais, estando o pré-adolescente confuso com as alterações do seu próprio corpo, isso estende-se ao modo como se encara a si e aos outros, sendo a sua percepção flutuante, onde o positivo e o negativo emergem simultaneamente. Como referem Braconnier & Marcelli (2000, p.65), *“É quando nos afastamos do objecto investido que a necessidade deste objecto se faz sentir. Se este distanciamento necessário à adolescência reenvia para momentos de ruptura de laços na primeira infância, o adolescente arrisca-se a não poder assumir este momento de flutuação. Voltar-se-á eventualmente a objectos de substituição para esconder a sua necessidade de dependência”*. Neste período, a própria relação está em mudança, sucedendo esta flutuação natural da pré-adolescência.

No grupo dos doze anos, todos os rapazes contaram uma história, sendo que apenas um sujeito apresentou uma História Real (THR), tal como acontece no grupo dos treze anos. Entre os que fantasiaram, podemos salientar que apenas um rapaz de treze anos elaborou uma história positiva (THFp), revelando um evitamento do conflito, talvez devido à revivência edipiana, provavelmente mais emergente aos treze anos, o rapaz idealiza a mãe e protege-se afastando-se das pulsões libidinais, recorrendo a uma banalização. Tem dificuldade em iniciar a história dizendo *“Não sei...”* (suj.1), tentando fugir à representação da relação que o perturba, acaba por dar uma resposta curta e banal, não se comprometendo naquilo que diz. Verifica-se uma necessidade de controlo.

As histórias negativas (THFn) já surgem em maior quantidade, revelando-se uma proporção superior aos doze anos do que aos treze, o que à partida nos causa algumas questões. Vejamos que, no grupo dos doze anos qualitativamente encontramos um conflito de dependência/independência, em ambas, que referem uma mãe percebida como limitante, superegógica, na medida em que inibe a realização do desejo (princípio do prazer), para o qual o filho está inclinado, insistindo sobre o princípio da realidade. Verifica-se assim um desejo de afastamento por parte do pré-adolescente, sendo a resolução do conflito realizada, no suj.5, pela regressão, e o suj.6 submete-se, não alcançando o desejado, toda a história apresenta um panorama desagradável para o rapaz. No sujeito 7, o único de treze anos que se encontra nesta categoria negativa, apresenta uma história que, na sua totalidade está relacionada com aspectos de dependência (drogas e bebida) e a mãe é percebida como limitante, proibidora. No entanto, este rapaz procura algo exterior (policia – figura de autoridade) para a resolução do conflito. Interessa aqui salientar que, comparando estas histórias que,

categorizando parecem estar no mesmo patamar, se formos ao fundo da questão encontramos resoluções de conflito diferentes. O sujeito 7, de treze anos demonstra necessidade de um terceiro elemento (autoridade) possivelmente como separador para deixar a dependência e conseguir avançar para a progressiva “independência”. Como refere Braconnier & Marcelli (2000, p.54), “*é uma perda não desejada, mas imposta e sentida pelo interessado como difícil embora necessária*”. O sujeito 5, de doze anos deseja e teme a independência, regredindo, enquanto que o sujeito 6 desta faixa etária submete-se à mãe não realizando o desejo de independência.

No âmbito das histórias ambíguas (THFa), é onde encontramos a maioria das respostas dos pré-adolescentes, quer no grupo dos doze, quer no dos treze anos.

Alguns sujeitos tiveram tendência para incluir uma terceira personagem, por vezes o pai, ou referindo os pais, ou ainda através de um deslocamento para outra figura. No grupo dos doze apenas um sujeito utilizou esta estratégia (7,14%), enquanto que o grupo dos treze superou com três sujeitos (23,08%). No primeiro, a história destaca-se pela necessidade de juntar os pais e referir “*Era uma vez uma família, uns meninos...*” (suj.9), não distinguindo a mãe e o pai como seres diferentes e únicos, o que pode sugerir uma incapacidade do próprio surgir como distinto e diferenciado, na medida em que também não refere um filho na história, mas “*meninos*”, colocando tudo no exterior. Provavelmente, o nível cognitivo ainda não está suficientemente desenvolvido para promover um pensamento formal e assim ter a capacidade de pensar sobre hipóteses, assim como pensar sobre os pensamentos e sobre si próprio, de maneira a distinguir-se dos demais (Collins & Sprinthall, 2008). Através da introspecção, os pré-adolescentes promovem a sua diferenciação, pois as possibilidades e estratégias de lidar com as situações aumentam.

Aos treze anos, as três histórias referidas pelos rapazes, evidenciam uma necessidade de incluir o pai normalmente como defensor, mas ficamos a pensar se não será um membro separador da relação, uma vez que por vezes é simplesmente introduzido (ex.:Suj.3). Provavelmente, e tendo Blos (1965,1967) como referência, a questão edipiana, ao perturbar o rapaz, provocando movimentos pulsionais incestuosos quase conscientes, poderá sugerir que utilizem um elemento separador que, elaborado e mencionado, tranquiliza o pré-adolescente, quanto mais não seja, apazigua a culpabilidade sentida pela ambivalência de sentimentos em relação à mãe. Por vezes poderá nem surgir como figura apaziguadora, mas o simples facto de ser incluído na relação fantasiada, colocará de lado, ou pelo menos mais distante, a

possibilidade de incesto e permitir o movimento necessário ao segundo processo de individuação. Mas podemos pensar também no trabalho de Diamond (2004), que refere o pai como um elemento que ajuda o rapaz a distanciar-se da mãe, para poder afirmar a sua masculinidade. Mas mais do que isso, permitirá realmente desenvolver a sua individualidade, não só masculina, mas como pessoa com uma identidade própria e única.

Debruçando-nos sobre o tipo de conflito, devemos destacar os rapazes que, tanto no grupo dos doze (14,29%), como no grupo dos treze (15,38%), não referiram nenhum conflito específico nas suas histórias fantasiadas. Este aspecto torna-se curioso quando podemos investigar as histórias referentes a estes sujeitos. No primeiro grupo, tanto numa como noutra história (suj.10 e 13), verifica-se uma troca de papéis. Na primeira (suj.10) o filho faz tudo para agradar a mãe e não percebe como ela não lhe faz as vontades, tendo o desejo de mudar as atitudes da mãe, conseguindo-o através da retaliação e portanto tendo uma saída narcísica, baseada na onipotência. Na segunda (suj.13), a mãe só dá atenção ao filho se ele a compensar narcisicamente, ou seja, o filho tenderá a agradar à mãe, para ter a sua atenção.

No segundo grupo, o sujeito 6 acaba por elaborar uma história parecida com as do grupo anterior, havendo uma troca de papéis, e o sujeito 3, conta uma história muito ambivalente, ao mesmo tempo gosta e não gosta, não percebe as atitudes da mãe, mas gosta muito dela, acabando por se culpabilizar pelos seus sentimentos em relação à mãe e inclui o pai, apenas para se tranquilizar. De um modo geral, parecem histórias que, apesar da ambivalência referida, bem saliente no suj.3 e característica destas idades, talvez revelem também, pela troca de papéis a que se submetem, o desejo de serem mais velhos e, muitas vezes, agradar a mãe.

O conflito de rivalidade surge em ambos os grupos, embora com nuances diferentes. No grupo dos doze anos, verifica-se um triunfo do Édipo, enquanto que no grupo dos treze a rivalidade é fraternal e o desejo de ser mais velho impõe-se e portanto, a necessidade de afastamento e independência sobressaem.

Ao nível do conflito de dependência/independência é o que ressalta dos demais, tanto na faixa etária dos doze, como dos treze, apesar da proporção ser maior aos treze. Apesar deste grupo sobressair nesta questão, será importante analisarmos conjuntamente os tipos de resolução inerentes a este conflito, aos doze e aos treze, onde se verificará uma diferença maior entre grupos (doze e treze). Aos doze anos sobressaem, a **submissão** e a **reparação mágica** (42,86%, na primeira e 28,57% na segunda), sendo mesmo exclusivas nesta faixa

etária. No grupo dos treze destaca-se, a **omnipotência** (57,14% aos treze e 14,29% aos doze anos) e em igual proporção nos dois grupos surge a **regressão** (42,86%).

Aos doze anos a **submissão** acaba por ser um evitamento do conflito, como refere Youniss & Smollar (1985), a relação com a mãe começa por ser de autoridade unilateral que, ao longo deste período se vai desvanecendo. Provavelmente, aos doze anos, a autoridade sentida por parte da mãe leva à submissão, como refere Fleming (1993), a mãe é a figura a quem se submetem mais. A **reparação mágica** já poderá surgir de um pensamento ainda concreto e portanto infantil. Muitas vezes o desenvolvimento cognitivo ainda não passou, aos doze anos, para um pensamento de carácter mais formal, como surge na adolescência.

A **regressão** é característica neste período de vida, e salienta-se em igual proporção nos dois grupos, como referem Braconnier & Marcelli (2000), por um lado a necessidade de se separar, receando perder-se e, por outro o desejo de atingir a autonomia, temendo a depressão. Uma ambivalência constante entre o desejo e a realidade, o que faz com que o rapaz regreda constantemente aos laços infantis, ao objecto de amor primário transmissor de segurança para a exploração que se avizinha, tão desejada como temida. Para além da regressão sobressai bastante a **omnipotência** (57,14%), ou seja, saídas narcísicas como resolução do conflito. Talvez possamos pensar no trabalho de Steinberg (1981), que refere que, após a puberdade, os rapazes evidenciaram maior influencia sobre a mãe, apoderando-se das decisões. De acordo com estes resultados, a resolução do conflito através da omnipotência começa-se a evidenciar com maior predominância aos treze anos, ganhando um diferente sentimento de si, um adquirindo um *Self* mais autónomo.

Relativamente ao modo como a mãe é percebida, é importante destacar a mãe percebida como limitante no grupo dos doze anos (35,71%), sugere a vontade de testar limites e de experimentar, sentindo a mãe como inibitória deste movimento de exploração natural, que tem por base o principio do prazer. Este tipo de percepção permanece no grupo dos treze anos (23,08%), embora diminua. Talvez aos doze anos, com o grande impacto de todas as alterações provenientes da puberdade, o pré-adolescente apercebe-se que o seu corpo está a mudar e o significado que tem para o próprio, assim como o significado que tem para os outros que o rodeiam, nomeadamente para os pais, provocará a necessidade de estar mais tempo sozinho e, provavelmente por isso, sentimento de mãe limitante, que não compreende as suas necessidades, acaba por ser muitas vezes sentida como intrusiva, tal como referem

Youniss & Smollar (1985). No entanto, segundo Gesell (1996), aos treze anos é que ocorreria esse movimento de afastamento e introspecção.

A mãe como objecto de desejo aparece numa proporção muito idêntica, o que revela a ambivalência natural deste período de vida, surgindo um pano de fundo edipiano (revivido) em ambos os grupos. O avançar e recuar no desenvolvimento é recorrente na pré-adolescência. O que reforça esta ideia de mãe ideal que aparece exclusivamente no grupo dos treze anos, provavelmente há um recuar no desenvolvimento e a necessidade de um porto de abrigo eleva-se, para poder suportar todas as transformações inerentes a este período de vida – provavelmente recorre à mãe ideal quando a mãe real já não corresponde.

A mãe percebida como negligente sobressai no grupo dos doze anos, desencadeando na maioria das vezes uma angústia de perda por parte do filho, podendo ser detectada directamente no próprio, ou no outro, por identificação projectiva (suj.2). No grupo dos treze anos, apenas surge um sujeito que refere a mãe negligente, sendo a história correspondente, de carácter mais regressivo. Estes resultados podem sugerir a necessidade ainda de refúgio materno e portanto pode-se evidenciar em ambas as faixas etárias. No entanto, ressalta aos doze anos, de onde podemos depreender que seja a altura das grandes alterações decorrentes da puberdade e também o primeiro grande impacto com as mesmas.

Ao ser pedido para os rapazes contarem uma história, houve alguns que acabaram por verbalizar histórias reais e não fantasiadas. Evidenciou-se um sujeito de doze anos a referir uma memória agradável – Na história contada pelo sujeito, ele vai de férias, mas vai com a mãe e passa muito tempo com ela e isso é que é importante, como o próprio rapaz diz: “*coisas mais importantes...não sei*” (suj.1).

Uma memória desagradável é contada por um sujeito de treze anos, no entanto não se compromete e conta uma história de um colega com os pais, fugindo ao tema proposto. Foi um modo de se defender face àquilo que o assusta, a percepção que tem da relação com a mãe, ou aquilo que ao falar da mãe o poderá perturbar.

Quanto ao tempo das histórias podemos observar que se destaca, em ambos os grupos, um tempo indeterminado. Porque será que isto acontece? É necessário termos em conta que o tempo da história é indeterminado quando o rapaz não refere, de modo algum, aspectos que refiram um tempo exacto, como por exemplo a sua idade real, e portanto refere aspectos de várias naturezas, não localizando a história num momento preciso. Este aspecto evidente em ambos os grupos pode sugerir a projecção da própria flutuação a que estão submetidos

durante este período da pré-adolescência, notando-se mesmo nas histórias os avanços e recuos, ora para o desejo de ser mais velho, ora para a necessidade de regredir e agarrar-se a aspectos mais infantis do desenvolvimento. Por outro lado, mas no seguimento desta lógica, poderá também denunciar um impasse no desenvolvimento do pensamento formal que começará a dar os seus sinais.

Destaca-se assim, no mundo fascinante da fantasia pré-adolescente um carácter ambíguo reflectindo a constante ambivalência do período da pré-adolescência. Esta questão emerge pelo desejo constante de independência, mas que ao mínimo afastamento há uma necessidade de refúgio materno. Esta será a temática mais evidente, o caminho tão desejado e, ao mesmo tempo tão temido dá conta das constantes oscilações dos rapazes nesta altura.

CONCLUSÃO

A representação que os rapazes têm da relação com a mãe na pré-adolescência está relacionada com as incessantes alterações inerentes à puberdade, promovendo conflitos internos e externos que, por sua vez desencadeiam uma remodelação do mundo interno do rapaz e, conseqüentemente, das relações com a mãe e sua representação.

Perante a análise detalhada das entrevistas e respondendo às questões de investigação podemos salientar que os rapazes percebem **a mãe como mãe**, maioritariamente, de uma forma afectiva no seu conjunto sendo que, a vertente positiva sobressai no grupo dos treze anos. No entanto, também sobressaem as funções de autoridade na sua vertente liberal e função provedora de necessidades no grupo de doze anos, enquanto que no dos treze, depois da função afectiva positiva destaca-se a função de autoridade exigente. Relativamente à **mãe como pessoa** os rapazes salientam a sua função relacional em ambos os grupos, seguida dos aspectos físicos em maior proporção nos doze anos e verifica-se apenas no grupo dos treze, aspectos psicológicos. Assim, é de salientar, em ambos os grupos, a representação da mãe quanto à sua função afectiva no seu conjunto. No grupo dos treze anos, no entanto, há um destaque para a representação da mãe como exigente, uma mãe superegógica, que é percebida pelo rapaz como restritiva, impondo mais limites, o que revela um movimento no sentido da autonomia. Surge também nesta faixa etária a mãe caracterizada pelos seus aspectos psicológicos, demonstrando um tipo de pensamento mais abstracto (formal), assim como uma maior diferenciação psicológica.

No entanto, aparece uma categoria indiferenciada, tanto no grupo dos doze como no grupo dos treze, que dá conta de uma certa dificuldade em se distanciarem e conseqüentemente, uma certa ambivalência. Como refere Braconnier & Marcelli (2000), é uma perda do refúgio materno, e *“estes ‘adeuses à infância’ são, evidentemente progressivos e nunca completos”* (p.54). Apesar de se verificarem movimentos no sentido do segundo processo de individuação, permanece a ambivalência – avanços e recuos necessários para o desenvolvimento da autonomia.

Relativamente à representação que os rapazes têm da **relação com a mãe**, verificamos que, tanto nos doze como nos treze anos, esta é encarada essencialmente como afectiva positiva. No entanto, a afectiva negativa também sobressai das restantes características negativas, essencialmente no grupo dos treze anos, o que revela uma maior percepção e discriminação dos aspectos afectivos negativos da relação com a mãe. De qualquer modo, aparecem dois rapazes de treze anos a definirem a relação como neutra, demonstrando alguma dificuldade em se diferenciarem.

Estes resultados parecem ir ao encontro do que é mencionado por Youniss & Smollar (1985), quando revelam que o rapaz percebe a relação com a mãe de forma positiva (aparece com maior incidência que as demais, em ambos os grupos), sendo a mãe uma pessoa que compreende os seus pontos de vista e com quem podem partilhar alguns momentos da sua vida.

Os resultados mostram-nos que os rapazes falam de bastantes assuntos com a mãe, não havendo uma grande distinção dos mesmos aos doze anos. Sobressai em ambas as faixas etárias a escola como assunto predominantemente falado, sendo que, a escola e os assuntos do quotidiano se encontram em igual proporção no grupo dos treze anos. Neste mesmo grupo sobressai a vida íntima como assunto de que não falam. Parece assim haver uma maior reserva relativamente aos assuntos relacionados com a sua própria intimidade. Destes assuntos que não falam com a mãe, têm tendência a confidenciar a amigos ou irmãos, o que supõe um movimento de afastamento da figura materna e alargamento ao meio extra-familiar, como refere Coimbra de Matos (2002), é a transição de um objecto de apoio intrafamiliar para um objecto de apoio extrafamiliar. Isto também é sugerido pela diminuição das actividades realizadas com a mãe, quer ao nível escolar, quer ao nível da conversa. No entanto, outras actividades como brincar/jogar, permanecem em ambas as faixas etárias.

Parece que os rapazes de treze anos discriminam melhor aquilo que falam, assim como aquilo de que não falam com a mãe. Se repararmos, as actividades que realizam com a mãe, requerem menos conversa, como refere Hurlock (1979), as alterações físicas inerentes à puberdade influenciam o facto do pré-adolescente se tornar mais reservado e menos tolerante. Supõe-se, deste modo, que os rapazes de doze anos têm percepções das experiências vividas com a mãe, mais próximas do período de latência e portanto, mais imaturas que os de treze.

O rapaz aponta diversas **exigências** por parte da mãe, o que já supõe a percepção de imposição de limites em diversas áreas. Mas ao avaliarmos qualitativamente percebemos como este aspecto se relaciona com a vontade de autonomia, pois face às exigências, o grupo de treze anos sente-se mal e discorda em maior proporção que o de doze. Do mesmo modo que, aquando da emergência de conflitos, que se destacam pela sua individualidade (aspectos pessoais que preservam), os rapazes da faixa etária dos treze confrontam mais a mãe que os dos doze, que em vez disso se submetem e evitam o confronto. Este destaque na área da individualidade em ambos os grupos revela afirmação da sua personalidade e individualidade, o que supõe um maior distanciamento e diferenciação psicológicas da figura materna e, conseqüentemente, um *Self* mais autónomo e uma maior individuação. No sentido do que dizem Youniss & Smollar (1985), a mãe apesar de ser percebida como preocupada, pelo rapaz, muitas vezes acaba por ser sentida como intrusiva.

Sentindo os limites da mãe como restritivos, os rapazes no grupo dos treze anos demonstram um movimento para a autonomia tão desejada quanto temida. E, precisamente por este aspecto, na faixa etária dos treze encontra-se uma maior incidência de rapazes que não resolvem o conflito e demonstram ambivalência, evidenciando dificuldades em assumir uma posição perante o que discordam e que faz parte da sua individualidade, não lutando pela mesma, provavelmente pelo receio da perda do estatuto infantil.

Como se evidencia aqui, de um modo geral, e como referem, Fleming (1993) e Figueiredo (1985), há uma tendência para a desobediência crescente em todos os comportamentos na relação entre o rapaz e a mãe. Para além disso, o estudo de Steinberg (1981) revela que o rapaz, durante as alterações pubertárias se submete menos à figura materna do que anteriormente a estas.

Relativamente à **imagem da mãe**, em ambas as faixas etárias aparece em igual proporção, a imagem da mãe positiva como ser o desejado, o que revela uma certa idealização, recuando aos laços infantis. Quanto à imagem negativa da mãe, predomina em

ambos os grupos, fazer o não desejado. A imagem positiva da mãe prevalece sobre a negativa, persistindo a idealização. Não obstante, o rapaz também é capaz de perceber e discriminar os aspectos negativos da mãe.

A **mudança relacional** é percebida em ambas as faixas etárias, na mesma proporção, no entanto, analisando qualitativamente as respostas verifica-se, no grupo dos treze anos, uma maior tendência ao afastamento, enquanto que o grupo dos doze revela uma maior ambivalência, ao haver referências indiferenciadas, os rapazes revelam dificuldades em justificar e atribuir uma causa à mudança, definindo mesmo, aspectos concretos que evidenciam também um pensamento pouco evoluído. No grupo dos treze anos já há um pensamento sobre si próprio, individuado, uma vez que há uma maior proporção de atribuição da mudança a si próprio. Há portanto, uma melhor percepção da mudança relacional aos treze anos, assim como uma melhor discriminação da mesma, no sentido de um movimento para o segundo processo de individuação. No entanto, ao atribuir a mudança apenas a si próprio pode provocar o emergir da culpabilidade face à percepção da mudança, que aumenta aos treze anos.

O desejo de mudança não foi declarado com maior intensidade aos treze anos, como era esperado, pois apenas um sujeito dos treze anos revelou desejar mudança na relação. Qualitativamente conseguimos perceber que, aos doze anos, desejam essencialmente uma mãe diferente e que faça o desejado. Talvez isto ocorra por uma recusa à perda da ligação com os laços infantis, como organizadora desta progressão pré-adolescente. Possivelmente, estes resultados sugerem o emergir da culpabilidade que o pré-adolescente sente face aos conflitos internos inerentes à revivência edipiana e à vontade de autonomia.

É importante não deixar de referir como as **narrativas** foram ricas para o presente estudo. Como tal, relativamente aos acontecimentos importantes que os rapazes viveram com a mãe temos de salientar que apenas no grupo dos doze anos encontramos rapazes que contam episódios negativos da mãe (que reprime), não ocorrendo nenhum no grupo dos treze anos. Possivelmente pela vontade de afastamento e autonomia tão desejada quanto temida. Assim, aos treze anos recorrem aos episódios positivos e ambíguos com a presença/proximidade da mãe, pelo receio da perda do estatuto infantil. Para além disso, o tempo indeterminado dos acontecimentos sobressai no grupo dos treze anos, o que sugere a própria flutuação e ambivalência deste período.

Nas histórias fantasiadas ainda obtivemos mais informação acerca da relação filho-mãe. Nas histórias fantasiadas positivas sobressai a idealização da mãe, apenas no grupo dos treze anos. Possivelmente o rapaz recorre à mãe ideal quando a mãe real já não serve, como uma estratégia para lidar com os conflitos internos. Como refere Braconnier & Marcelli (2000), uma vez que a desidealização se trata de um trabalho intrapsíquico, normalmente tem influências no comportamento, o que conduz o adolescente a procurar um modelo extra-familiar, desvalorizando os pais e começando a idealizar um modelo exterior. Sendo um processo difícil, o rapaz recua utilizando a idealização, o que promove uma segurança narcísica necessária à sua progressão, uma vez que também impedirá a sua desorganização.

Quanto às histórias fantasiadas negativas salienta-se o facto dos rapazes incluírem, apenas no grupo dos treze anos, um terceiro elemento. Interessante como este aspecto coloca em evidencia a questão edipiana, uma vez que, como refere Waddell (2003), o rapaz nesta altura pode na realidade colocar em prática os seus desejos genitais e sentimentos destrutivos, em vez de os satisfazer apenas em fantasias conscientes ou inconscientes. Sendo assim, o terceiro elemento (pai ou figura de autoridade) funciona como separador, possibilitando o desenvolvimento do segundo processo de individuação, mas também, como refere Diamon (2004), permite integrar a sua identidade masculina e como pessoa. Intensificando este aspecto, o conflito que ressalta é o de dependência/independência.

As histórias fantasiadas ambíguas foram as que mais apareceram, dando conta da flutuação deste período de vida que é a pré-adolescência, em que os conflitos se evidenciam, mostrando de novo a necessidade do elemento separador no grupo dos treze anos.

Apesar de tudo, há questões de investigação que não conseguimos confirmar. O grupo rapazes de treze anos não percebe melhor as características negativas da mãe do que o grupo de doze anos. Isto sugere uma persistência da idealização em relação à mãe que é essencialmente percebida pelas suas características positivas. Além disso, também não conseguimos observar um maior desejo de mudança no grupo de rapazes de treze anos em relação ao grupo dos doze, possivelmente devido à culpabilidade edipiana.

Dos resultados mencionados e discutidos, obtivemos algumas excepções. Como podemos observar na pré-categoria A Mãe (M), no grupo dos treze anos: “*não consigo estar muito tempo longe dela...vêm as saudades*”(suj.3) revela uma grande dependência da figura

materna. No entanto a seguinte exceção relativa à subcategoria Relação Mãe Exige (RME) - “...pronto a minha mãe e o meu pai...gostam que eu tire boas notas...é isso que eles tentam explicar.” (suj.12) verificamos a inclusão do pai como elemento separador face à culpabilidade edipiana sentida pelo pré-adolescente.

Em suma, o grupo dos doze anos revela uma representação da mãe que parece mais próxima do período de latência, enquanto o grupo dos treze assume uma representação da mãe, até certo ponto, mais superegóica, restritiva e exigente.

Do grupo dos doze para o grupo dos treze anos, assistimos nomeadamente a um aumento do afastamento e diferenciação psicológicas, evidenciando-se no dos treze anos um Eu mais diferenciado, aumentando neste grupo a capacidade de perceber e caracterizar os aspectos negativos da mãe. Para além disso, os assuntos íntimos assumem, no grupo dos treze anos, um carácter secreto na relação com a mãe, levando a um movimento no sentido do segundo processo de individuação, confidenciarem estes assuntos a amigos ou irmãos. Por outro lado, face à discordância com a mãe, o confronto só surge no grupo dos treze anos, o que demonstra uma maior diferenciação psicológica, assim como um Eu mais maduro e autónomo.

Como tivemos oportunidade de perceber, ao propormos ao rapaz para contar uma história em que entrasse uma mãe e um filho, induzimos a representação mental da sua relação com a mãe interna. Deste modo foi interessante observar a ambiguidade e portanto a indefinição da maioria das histórias, tal como acaba por ser experienciada a relação com a mãe neste período de vida, uma relação que é geradora de constantes conflitos, quer internos, quer externos na medida em que reemerge a questão edipiana. Relacionado com isto, ambos os grupos salientam o conflito de dependência/independência observando-se diferenças no modo como estes grupos resolvem o conflito – enquanto que o grupo de doze anos se submete, o de treze resolve pela onipotência, o que revela um *Self* mais autónomo.

Voltando à questão edipiana, é curioso como o grupo de treze anos insere uma terceira pessoa nas histórias, normalmente o pai ou uma figura de autoridade, que intensifica a necessidade de um elemento separador e conseqüentemente tranquilizador. Com as alterações inerentes à puberdade, o incesto torna-se na realidade concretizável, o que faz com que o pré-

adolescente recorra ao terceiro elemento. Para além disso a mãe ideal só aparece no grupo dos treze anos.

Podemos concluir que um dos conflitos centrais da vida se joga em torno da mudança ou não mudança de objecto. Mudança de objecto que tem dois tempos – ou melhor, que é dupla: do objecto primário para o objecto edipiano, do objecto edipiano para o objecto exogâmico (Matos, 2002, p.181).

Todas as alterações inerentes à puberdade provocam uma grande desorientação ao rapaz, pois ao desencadear conflitos quer internos, quer externos, que se reúnem no pré-adolescente, promovem também constantes avanços e recuos, indispensáveis no caminho para a segunda individuação. São estes conflitos internos que desenvolvem a mudança na percepção quer da mãe, quer da relação com a mesma. Como refere Flemming (1993), o modo como os adolescentes percebem as atitudes dos pais e, neste caso da mãe, influencia a sua capacidade de se autonomizar. É o modo como vivenciam e percebem as experiências, que influencia o desenvolvimento do Ego (Schafer, 1965; Ausebel et al, 1954, cit. por Flemming, 1993).

Chegando ao término deste estudo é importante salientarmos alguns **benefícios** como, a importância das percepções para a compreensão do psiquismo humano e, como isso poderá influenciar o desenvolvimento de um sujeito, principalmente no período da pré-adolescência. Além do mais, a pré-adolescência é essencial no desenvolvimento da personalidade do ser humano. É extraordinário perceber a complexidade da mente humana, pois nada é linear quando se trata de perceber o Homem e um período tão particular como a pré-adolescência.

Nenhum estudo é globalizante, pois o ser humano está envolvido por diversos contextos e é influenciado por diferentes factores. Como tal, também verificamos algumas **limitações**, nomeadamente a questão relacionada com os assuntos que o rapaz não fala com a mãe, assim como a questão dos problemas que o rapaz fala com a mãe, poderiam ter sido mais exploradas nas entrevistas. Por outro lado, ao termos o objectivo de estudar as representações dos pré-adolescentes, controlando a variável idade, assim como termos o cuidado de aplicar as entrevistas apenas a rapazes pertencentes a famílias intactas, existem muitas mais variáveis que influenciam as representações do rapaz, tal como a história pessoal, por exemplo. Para

além disso, a amostra deveria ser maior e abarcar pré-adolescentes de várias zonas do país, para os dados poderem ser mais abrangentes. O estrato sócio-cultural também não foi controlado, o que poderá ter influenciado os resultados.

É preciso não esquecer que uma entrevista implica pelo menos duas pessoas e ambas sofrem a influencia uma da outra (Kvale, 1996). Como tal, o facto de ter sido um elemento do género feminino a entrevistar os rapazes pré-adolescentes pode ter influenciado as respostas do entrevistado, assim poder-se-ia experimentar realizar as entrevistas por um elemento masculino e analisar os resultados para ver se havia diferenças.

É importante salientar que o pai também tem um papel importante nesta relação filho-mãe e, conseqüentemente no desenvolvimento do rapaz pré-adolescente e portanto, o facto deste não ser incluído neste estudo também se torna uma limitação.

Em **próximos trabalhos** poderiam ser focadas as relações filho-pai para se poderem proceder algumas comparações, percepcionando as diferenças existentes na percepção que o filho tem da mãe em contraponto com a do pai. Para além disso também poderia ser realizado o mesmo tipo de estudo tendo em consideração as percepções quer do pré-adolescente (rapaz ou rapariga), quer da figura parental (mãe ou pai), podendo proceder posteriormente a comparações. Além do mais, temos de salientar que, nas relações, há uma influência recíproca e, como tal seria importante haver estudos que incluíssem a inter-relação no seu contexto. Há representações conscientes e inconscientes que também devem ser contempladas.

Provavelmente, também seria interessante realizar as entrevistas aos rapazes relativamente à mãe e, uns meses depois apresentar as entrevistas relativamente ao pai.

Para além disso, para nos apercebermos das mudanças na pré-adolescência, também se poderia efectuar um estudo idêntico, mas com rapazes nas faixas etárias dos treze e catorze, uma vez que os rapazes têm um desenvolvimento maturacional tardio. Deste modo, poderíamos eventualmente perceber onde ocorrem as grandes e intensas alterações.

REFERÊNCIAS

- Allison, B. & Schultz, J. (2004). Parent-adolescent conflict in early adolescence. *Adolescence*, 39, (153).
- Archlbald, A., Brooks-Gunn, J. & Graber, J. (2003). Pubertal process and physiological growth in adolescence. In Adams, G. & Berzonsky, M. (Eds), *Blackwell handbook of adolescence*. Malden: Blackwell.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berger, M. (2003). *A criança e o sofrimento da separação* (p.15-23). Lisboa: Climepsi.
- Besser, A. & Blatt, S. (2007). Identity consolidation and internalizing and externalizing problem behaviors in early adolescence. *Psychoanalytic Psychology*, 24 (1).
- Blos, P. (1958). Preadolescent drive organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 6
- Blos, P. (1965). The initial stage of male adolescent. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 1.
- Blos, P. (1968). Character formation in adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 23.
- Blos, P. (2003). *Los comienzos de la adolescencia*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Branco, Maria Eugénia (2000). *Vida, pensamento e obra de João dos Santos*. (p.297-299) Lisboa: Horizonte.

- Branje, S.; Goede, I. & Meeus, W. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal of Youth Adolescence*, 38.
- Buchanan, C., Connolly, S. & Paikoff, R. (1996). Puberty: the interplay of biological and psychosocial processes in adolescence. In Adams, G., Gullotta, T & Montemayor, R. (Eds), *Psychosocial development during adolescence*. Thousand Oaks: Sage publications.
- Carratero, M. (1985). *Psicologia evolutiva: adulescencia, madurez y senectud* (p.13-35) Madrid: Alianza.
- Cassidy, J., Dycas, M., Waters, H. & Woodhouse, S. (2006). Narrative assessment of attachment representations: links between secure base scripts and adolescent attachment. *Attachment & Human Development*, 8 (3), p.221-240.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Psicanálise e psicoterapia psicanalítica* (p.215-226). Lisboa: Climepsi.
- Collins, A.& Sprinthall, N. (2008). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Conger, R., Elder, G. & Ge, X. (2001). The relation between puberty and psychological distress in adolescent boys. *Journal of Research on Adolescence*, 11 (1), 49-70.
- Diamond, M. (2004). The shaping of masculinity: Revisioning boys turning away from their mothers to construct male gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 85, (2).
- Dias Cordeiro, J. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa: Ed Salamandra.

- Dias Cordeiro, J. (1979). *O adolescente e a família: abordagem educativa e psicoterapêutica na perspectiva familiar*. Lisboa: Moraes editores.
- Duckett, G., Larson, R., Moneta, G. & Richards, M. (1996). Changes in adolescents daily with their families from ages 10 to 18: disengagement and transformation. *Developmental Psychology*, 32 (4).
- Elkins, I.; Iacono, W.; McGue, M. & Walden, B. (2005). Perceptions of the parent-adolescent relationship: A longitudinal investigation. *Development Psychology*, 41 (6).
- Fechner, P. (2003). *Gender differences at puberty: new development in sex differences*. Cambridge: University Press.
- Figueiredo (1985). *No reino de Xantum. Os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento.
- Flannery, D. & Montemayor, R. (1990). Making the transition from childhood to early adolescence. In Montemayor, R. (Ed.), *From childhood to adolescence: a transitional period?* Newbury Park: Sage.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ge, X. & Huddleston, J. (2003). Boys at puberty: psychosocial implications. In Hayward, C. (Ed.), *Methodological concerns in puberty-related research*. Cambridge: University Press.
- Gesell, A. (1996). *O jovem dos 10 aos 16 anos* (p.139-219; 451-461). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ghiglione, R. & Matalon, B., (1992). *Inquérito: teoria e prática* (p.179-230). Oeiras: Celta.

- González Rey, F., (2002). Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Thompson.
- Harel, J.; Klein, L.; Scharf, M. & Scher, A. (2006). The dual viewpoints of mother and child on their relationship. In Mayseless, O. (Ed.) *Parenting representations: theory, research, and clinical implications*. Cambridge: University Press.
- Hurlock, E. (1979). *Desenvolvimento do adolescente*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: an introduction to qualitative research interviewing* (p.30-36). Thousand Oaks : Sage
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência* (p.33-42). Lisboa: Climepsi.
- Martins, Maria José (1996). Aspectos sobre o desenvolvimento psicológico na pré-adolescência e adolescência. *Aprender*, 20, 5-12.
- Matias, D. (2006/2007). *O sentido do pai na pré-adolescência feminina* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Pedinielli, J. & Rouan, G. (2005). A entrevista de pesquisa. In Cyssau, C. (Ed.), *A entrevista em clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Pinquart, M., Silbereisen, R. (2002). Changes in adolescents and mothers autonomy and connectedness in conflict discussion: an observational study. *Journal of Adolescence*, 25, 509-522.
- Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia da saúde* (p. 64-76). Porto: Legis.

- Saucier, Jean-François; Tremblay, G. & Tremblay, R. (2004). The development of parent-child relationship perceptions in boys from childhood to adolescence: A comparison between disruptive and non-disruptive boys. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 21 (4).
- Schave, D. & Schave, B. (1989). *Early adolescence and the search for self: a developmental perspective*. New Yoork: Praeger Publishers.
- Smetana, J. (1989). Adolescents and parents reasoning about actual family conflict. *Child Development*, 60, 1052-1067
- Smith, J. (1995). Semi-structured interviewing and qualitative analysis. In Harré, R., Langenhove, L. & Smith, J. (Eds), *Rethinking methods in psychology*. Thousand Oaks: Sage
- Steinberg, L. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology*, 17 (6).
- Vala, J. (1999). A análise de conteúdo. In Silva, A. & Pinto, J. (Eds), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- Waddell, M. (2003). *Vida interior – psicanálise e desenvolvimento da realidade* (p.195-216). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Youniss, J. & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. Chicago: University of Chicago press.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



RELAÇÃO FILHO-MÃE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA
LIVRO DE ANEXOS

Nídia do Carmo Roxo Valadares

Dissertação orientada por Professora Doutora Ângela Vila-Real

Nº de aluno

13169

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Clínica

2009

ANEXO A

CARTA DE CONSENTIMIENTO INFORMADO

CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Estimado Encarregado de Educação:

Com o objectivo de colaborar com a investigação da aluna Nidia Valadares do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA e uma vez dada a permissão do conselho executivo para a realização da mesma, venho por este meio pedir a sua autorização para a participação do seu educando num estudo sobre a representação dos pais na pré-adolescência. A participação nesta investigação envolve uma pequena entrevista gravada.

Todos os dados colectados para esta pesquisa são de carácter sigiloso, assim como não haverá identificação dos participantes.

Pretende-se que assine e entregue o documento apenas se consentir a participação do seu educando.

Lisboa, ____ de _____ de 2009

(Encarregado de Educação)

Com os melhores cumprimentos:

ANEXO B

GUIÃO DE ENTREVISTA

Guião de Entrevista

O guião de entrevista utilizado foi retirado da investigação de Matias (2006/2007), embora com algumas alterações, devido ao objecto de estudo ser diferente, assim como pequenas incorrecções, detectadas nas entrevistas de pré-teste:

1.

1.1. *Como é a tua relação com a tua mãe?*

1.2. *Como é a tua mãe?*

2.

2.1. *Fazem alguma coisa juntos, o quê?*

2.2. *Gostas?*

2.3. *Conversas sozinho com a tua mãe?*

2.4. *Que assuntos?*

2.5. *Quem toma a iniciativa das conversas?*

2.6. *Há alguma coisa que tu não fales com a tua mãe?*

(se sim:)

Falas com alguém sobre isso?

2.7. *Se tiveres algum problema vais falar com a tua mãe?*

Que problema(s)?

Muitas vezes, ao longo do tempo as relações entre pais e filhos mudam.

2.8. *Achas que mudou alguma coisa na relação com a tua mãe?*

(se sim:)

- O que mudou?

- Como era antes?

- Tens alguma ideia porque mudou?

3.

3.1. *O que é que gostas na tua mãe?*

- 3.2. *O que é que não gostas tanto na tua mãe?*
4. *Há alguma coisa que tenhas vivido com a tua mãe que consideres muito importante?*
5. *Muitas vezes pais e filhos não concordam em algumas coisas, ou têm ideias diferentes.*
- 5.1. *Há alguma coisa que tu não concordes com a tua mãe?*
- 5.2. *O quê?*
- 5.3. *Como é que resolves a situação?*
- 6.
- 6.1. *Há-de haver algumas coisas que a tua mãe exige de ti. Que coisas são essas?*
- 6.2. *Como te sentes em relação a isso?*
- 7.
- 7.1. *Há alguma coisa que mudasses na relação? (Que gostavas que fosse diferente?)*
- 7.2. *O quê?*
8. *Agora vou pedir-te para inventares uma história em que entre uma mãe e um filho.*

ANEXO C

JUSTIFICAÇÃO GUIÃO ENTREVISTA

Apenas foram feitas algumas remodelações às questões do guião de Matias (2006/2007) já utilizado. Necessitamos, mesmo assim, de proceder a uma justificação das questões, tendo também por base o estudo de Matias (2006/2007).

1.

1.1. Como é a tua relação com a tua mãe?

Esta questão tem o objectivo de perceber como os rapazes pré-adolescentes verbalizam e portanto como caracterizam, vivenciam e descrevem a relação com a mãe.

1.2. Como é a tua mãe?

Com esta questão pretendemos perceber se há um Eu mais diferenciado da mãe, no grupo de rapazes dos treze, em relação aos de doze anos. Para isso vamos verificar se ele atribui características específicas à mãe e se estas são concedidas à mãe como mãe ou à mãe enquanto pessoa. Assim percebemos qual a principal função que lhe é atribuída.

2.

2.1. Fazem alguma coisa juntos, o quê?

2.2. Gostas?

Nestas duas questões temos o objectivo de verificar se há uma relação de proximidade entre o rapaz e a mãe, e se esta é agradável ou desagradável para o rapaz.

2.3. Conversas só/sozinho com a tua mãe?

2.4. Que assuntos?

Com estas questões tentamos perceber se há uma relação de intimidade entre o filho e a mãe e se, realmente há assuntos secretos para o rapaz, que ele guarda para si, ou pelo menos não confia à mãe.

2.5. Quem toma a iniciativa das conversas?

Através desta pergunta, pretendemos perceber se é o rapaz ou a mãe quem procura a intimidade, e a partir daí, se anseia ou não o afastamento relativamente à mãe.

2.6. Há alguma coisa que tu não fales com a tua mãe?

(se sim:)

Falas com alguém sobre isso?

Estas questões têm o objectivo de perceber que assuntos o rapaz não fala com a mãe, assim como perceber com quem ele tem preferência em falar acerca de determinados assuntos, pois é diferente falar com os pais e falar com os amigos.

2.7. Se tiveres algum problema vais falar com a tua mãe?

Que problema(s)?

Através desta questão pretendemos perceber a confiança que os rapazes depositam na mãe e até que ponto confidenciam determinados problemas; que tipo de problemas lhe confiam.

Muitas vezes, ao longo do tempo as relações entre pais e filhos mudam.

2.8. Achas que mudou alguma coisa na relação com a tua mãe?

Para orientar a questão para o período da pré-adolescência, faz-se a pequena introdução, sendo que temos o objectivo de compreender qual a percepção que o rapaz tem relativamente à mudança da relação com a mãe.

(se sim:)

- O que mudou?

Com esta questão, tentamos verificar se o rapaz percebe a diferença entre aspectos relativos à infância e relacionados com a pré-adolescência

- Como era antes?

Através desta questão, queremos verificar a capacidade que o rapaz tem em relembrar o a infância e relacionar com o presente.

- Tens alguma ideia porque mudou?

Colocamos esta pergunta, na tentativa de perceber se conseguem estabelecer uma relação, conferindo uma causa a tal mudança. Pretende-se por fim e, no conjunto deste grupo de questões, perceber o que levou a essa mudança.

3.

3.1. O que é que gostas na tua mãe?

Remete para a idealização que o rapaz faz da mãe, o que ele valoriza, ou não.

3.2. O que é que não gostas tanto na tua mãe?

O objectivo é perceber se há desrinça e distanciamento do rapaz em relação à mãe.

4. Há alguma coisa que tenhas vivido com a tua mãe que consideres muito importante? (o que foi marcante e que originasse a relação actual)

Pretende-se perceber se o rapaz distingue os momentos mais importantes da relação com a mãe, possibilitando perceber o ponto de vista do rapaz relativamente à relação com a mãe.

5.

Muitas vezes pais e filhos não concordam em algumas coisas, ou têm ideias diferentes.

5.1. Há alguma coisa que tu não concordes com a tua mãe?

5.2. O quê?

5.3. Como é que resolves a situação?

Tais questões dão a entender conflitos que possam existir, assim como perceber a autonomia interna que o rapaz possa evidenciar, tal como ainda entender a diferenciação psicológica deste em relação à sua mãe.

6.

6.1. Há-de haver algumas coisas que a tua mãe exige de ti. Que coisas são essas?

6.2. Como te sentes em relação a isso?

Pretendemos que estas questões originem a verbalização de algumas insatisfações e portanto a capacidade que o rapaz tem de criticar a relação, tal como perceber o modo como os rapazes percebem os limites impostos pela mãe. Assim tentamos perceber o desejo de maior ou menor autonomia.

7.

7.1. Há alguma coisa que mudasses na relação? (Que gostavas que fosse diferente?)

7.2. O quê?

Estas questões reenviam para o desejo, mas também a parte crítica relativas à relação.

8. Agora vou pedir-te para inventares uma história em que entre uma mãe e um filho.

Pretendemos enviar o rapaz para o mundo da fantasia, de modo a proporcionar uma projecção da relação que estabelecem com a mãe. Deste modo obtemos um retrato do modo como vêm a mãe e a relação com a mesma.

ANEXO D

ENTREVISTAS

12 Anos

SUJEITO 1 (12 anos)

1.

1.1. “ É Boa... a gente convive bem, normalmente faço o que ela me pede ou me ordena e....temos uma boa relação.”

1.2. “ É um pouco invejosa, mas também é simpática e tudo o que é para ela, ela dá-me tudo a mim e sabe-me tratar muito bem, de mim e do meu irmão.”

2.

2.1.“Normalmente não, mas o que pode ser mais próximo de nós é... às vezes cozinhamos, doces para festas, normalmente é mais isso.”

2.2.“ Sim.”

E fazes isso só com a tua mãe? “Normalmente a minha mãe costuma-me pedir a mim, mas o meu irmão como é mais novo quer imitar, é próprio da idade, ele também vai ajudar-nos.” E com o teu pai? Faço mais coisas com a minha mãe do que com o meu pai.”

2.3. “ Sim, algumas vezes.”

2.4. “ Normalmente quando ela tem alguma novidade que seja para mim, que o meu pai ou o meu irmão não tenham nada a ver com o assunto, é normalmente isso.” E que outros assuntos conversas tu com a tua mãe? “ Costumo-lhe dizer tudo porque ela a mim também me diz sempre tudo.” Por exemplo...” Coisas da escola, da rua, normalmente quando é cá na escola particularmente, quando falto ou quando chego atrasado aviso-a.”

2.5. “ É mais a minha mãe, porque ela está sempre...é muito preocupada e está sempre a perguntar-me. É mais ela.”

2.6. “Há algumas coisas que eu não gostava que ela soubesse, mas acho que era justo eu também contar porque ela também me conta.” Mas, e que coisas são essas que gostas menos

de falar com a tua mãe? “ Aquelas noticias piores, que têm já algum significado e talvez ela fique zangada ou triste.” Muitas vezes os rapazes não gostam de contar certos assuntos que se passam com eles... “Fora da escola, quando estou com os amigos, há umas coisas que eu não gosto de contar, porque ela não ia reagir bem, é mais isso.”

(se sim:)

-“ Normalmente fica só para mim, quando eu não falo com a minha mãe fica só para mim.”

2.7. “Sim”

- “Não costuma haver muitos problemas, para pedir dinheiro, ou alguma coisa da escola que peça para ela me ajudar, mas isso o meu pai também me ajuda.”

2.8.

(se sim:)

- “Talvez possa ter piorado um pouco porque eu ultimamente ando um pouco mais tímido e arranjei novos amigos e estou-lhes a dar mais importância do que à família e é uma coisa que eu não devia estar a fazer.”

- “Antes eu normalmente pedia mais ajuda à minha mãe e ela ajudava-me sempre e ainda me ajuda, só que eu agora há umas coisas que eu não gosto de lhe pedir ajuda. Porque eu não quero que ela sinta que eu tenho a vida só dependente dela.”

- “ Talvez porque eu mudei de escola e há umas coisas que eu guardo para mim.”

3.

3.1. “Talvez a simpatia. Ela não esta todos os dias simpática, mas ela é muito bondosa para mim e dá-me sempre tudo, o que ela pode dar, ela dá.”

3.2.“ É que ela é um bocado injusta com os castigos em casa, é o que eu gosto menos.”

4.“ Hmm...comigo e com a minha mãe acho que não.” Mas deve ter havido algum acontecimento que te tenha marcado... “Não.”

5.

5.1.“Às vezes concordo, outras não, ela às vezes também é um pouco injusta” E sobre que assuntos não concordas? “É mais nos castigos, normalmente isso. Pode haver discussões porque temos diferentes ideias, mas é isso.”

5.2. (responde na anterior)

5.3.“ Tenho de respeitá-la e obedecer.”

6.

6.1.“Coisas da escola. Ela é um pouco...guarda muitas coisas para ela, não é daquelas pessoas que diz as coisas na cara das pessoas e então acho que ela não devia falar das pessoas nas costas e guardar as coisas para ela, é mais ou menos isso.”

6.2.“ Eu falo com ela.”

7.

7.1.“Eu normalmente tento falar com ela para ver se ela muda a atitude acerca daquilo de guardar as coisas para ela.”

8.“Talvez uma vez quando fomos viajar para Palma de Maiorca, foi a primeira vez que andei de avião para outros países. E lá, eu tava muito com ela, o meu pai depois arranhou amigos, eu também arranhei lá amigos da minha idade e a minha mãe também arranhou lá amigas, mas eu estava lá muito tempo com a minha mãe e a gente falava muito. Às vezes pedia-lhe para ela ir à piscina comigo, mas ela às vezes preferia ficar no quarto. Mas coisas mais importantes...não sei”

SUJEITO 2 (12 anos)**1.**

1.1. “Então nós damo-nos bem, eu conto-lhe as coisas da escola, ainda ontem fomos juntos a um concerto mais o meu irmão, pronto.” Porque é que dizes que se dão bem? “Falamos muito sobre a escola, as férias, passamos muito tempo juntos.”

1.2. “É loira, tem os cabelos encaracolados, olhos azuis, é magra, é um bocado...é média, não é alta nem é baixa.” E mais? “de manhã tem muito mau humor, sempre, mas é só de manhã, é mau humor matinal, depois quando lhe passa esse mau humor é simpática, mas é muito mãe galinha, fica muito preocupada quando não lhe ligamos durante algum tempo e fica chateada quando nos esquecemos de ir almoçar a casa. Dá-se bem com todos os filhos.”

2.

2.1 “Às vezes, vou ter com ela ao trabalho quando tenho de ir ao dentista ou ao médico, vemos filmes também e às vezes ajudo-a a fazer o jantar.”

2.2. “Gosto, eu divirto-me sempre.”

2.3. “Converso, todos os filhos conversam.”

2.4. “Sobre a escola, as namoradas, falo do que gostava de fazer, de onde gostava de ir.”

2.5. “Ela. Pergunta-me uma coisa, como correu a escola ou assim e depois começamos a falar.”

2.6. “Sou muito mais tímido quando tenho de falar das namoradas. Também não gosto de falar com ela sobre os meus defeitos e mais nada.”

(se sim:)

Porquê? “Porque não gosto dos meus defeitos e não gosto de falar deles com ninguém.”

-Falas com alguém sobre isso? “Não”

2.7. “Falo com a minha mãe e com os meus amigos, e com os meus irmãos também, com o segundo mais velho, tem 19 anos.”

- Que problemas? “Da escola, quando me chateio com uma pessoa, de namoradas também e mais nada.”

2.8. “Quando era mais pequeno não falava muito com ela, agora conforme vou crescendo comecei a falar mais com ela sobre os problemas”

(se sim:)

O que mudou? “Foi para ai no 5º ano que começou a mudar, comecei a ter mais amigos, a dar-me melhor com as pessoas e então falava disso com a minha mãe sobre o que se passava.”

Tens alguma ideia porque mudou?

“Então, antes não acontecia nada de especial, depois comecei a dar-me com mais gente.”

3.

3.1. “Gosto quando ela está de bom humor, quando me chama para falar com ela e é isso.”

3.2. “Do mau humor matinal, é sempre, grita muito, por exemplo não vê o açúcar pergunta logo a gritar ‘onde está o açúcar?’, mas depois lava a cara e fica melhor.”

4. “Uma vez o meu pai e a minha mãe chatearam-se e a minha mãe ficou para ai 15 dias a dormir comigo.” E foi importante? “Foi importante porque acho que ela confiava em mim e foi para lá.”

5.

5.1. “Não concordo que, por exemplo o meu pai está sempre a defender os mais novos, e a minha mãe como vê que ele defende os mais novos não quer que ele ponha as culpas para

cima dos meus irmãos e eu às vezes penso que ela só os quer defender, é os ciúmes.” E mais?
“nada”

5.2. **O quê?** (responde na anterior)

5.3. **Como é que resolves a situação?**

“Não resolvo, não lhe digo nada.”

6.

6.1. “Que seja educado para os amigos dela e gente que ela conhece e outras pessoas, que eu estude e mais nada.”

6.2. “Acho que ela faz isso para eu ser boa pessoa quando crescer”

7.

7.1. “Não, não é preciso mudar nada.”

8. “Estava a mãe e o filho no centro comercial, no piso de cima e o filho estava chateado com a mãe porque a mãe não lhe tinha comprado um doce e afastou-se da mãe e a mãe perdeu-o e entrou em aflição e aí ela sentiu muito a falta dele e começou a chorar e quando o filho a encontrou percebeu que há certas coisas que interessam mais que os doces, por exemplo o amor da mãe.”

SUJEITO 3 (12 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “Porque ela preocupa-se comigo, diz o que eu devo fazer, coisas assim...” E mais? “não sei...”

1.2. “Como ela é...é simpática, é...não sei.”

2.

2.1. “Sim...estudar, brincar, conversar.”

Fazem todos juntos ou fazes só com a tua mãe? “A minha mãe trabalha muito, faço mais com o meu pai.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim, às vezes quando eu preciso.”

2.4. “Qualquer assunto.” Por exemplo... “o que me preocupa, como me correu o dia na escola, coisas assim.”

2.5. “É a minha mãe que me costuma perguntar, eu também digo o que se passa...”

2.6. “Não, só coisas pequeninas.” Se calhar há coisas que não gostas de falar com ela...”falo tudo normalmente.”

2.7. “Sim, falo com o meu pai e com a minha mãe, depende.”

- Que problema(s)? “Tudo.”

2.8. “Sim.”

- O que mudou?

“Antes não nos dava-mos tão bem.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Sei lá! não sei...”

3.

3.1. “Ela ajuda-me a resolver os meus problemas, coisas assim.”

3.2. “Que ela me mande ir estudar.” Mais...”não sei...”

4. “Não, não sei, assim má não me lembro.” E boa? “Sim, há várias.” Por exemplo... “Não me lembro.”

5.

5.1. “Sim.”

5.2. “Por exemplo no Carnaval as brincadeiras e isso, eu como sou novo, ela já não gosta muito...”

5.3. “Tentamos conversar.”

6.

6.1. “Sim. Que eu não chumbe e que não faça coisas más, que não tenha um mau comportamento nas aulas.”

6.2. “É sinal que a minha mãe se está a preocupar comigo e isso é bom.”

7.

7.1. “Não, está bem assim.”

8. “...Era um menino que gostava muito de brincadeiras de Carnaval e a mãe não gostava muito, mas ele como já não via os amigos há muito tempo gostava de ir ver os amigos, mas a mãe só deixava às vezes. Então o menino pedia, pedia e a mãe não deixava e...depois um dia, o menino foi sem a mãe saber e a mãe ficou chateada e começou...falou com ele a dizer que ele não podia fazer isso e podia ir brincar mas sem fazer nada de mal às outras pessoas e pronto fica assim uma história pequenina.”

SUJEITO 4 (12 anos)

1.

1.1. “É boa. Chateamo-nos às vezes, mas acho que é boa...” Porque é que dizes que é boa? “Então porque quando chateamos fazemos as pazes e depois fica tudo bem e... converso com ela sobre outros assuntos, acho que é boa.”

1.2. “Então...físico?” O que quiseres... “hmmm, é simpática, é morena, divertida, então é alta e mais nada.”

2.

2.1. “Só os dois?” Sim... “Às vezes vou com ela onde ela quer ir, a centros comerciais, também às vezes vamos dar uma volta.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Às vezes... às vezes também falo com o meu irmão, às vezes falamos sozinhos, depende.”

2.4. “Não sei agora... Não sei, não me lembro.”

2.5. “É mais ela.”

2.6. “Há.” Sobre o quê? “Sobre as namoradas e mais nada...”

E porquê? “Não sei.”

Falas com quem quando não falas com a tua mãe? “Às vezes com o meu irmão, mas só às vezes.”

2.7. “Sim.”

Que problema(s)? “Na escola, ou algum problema diário, falamos.”

2.8. “Não, acho que não.” Mas se calhar havia coisas que não fazias que agora fazes... “Bom... antes saía mais com ela, agora não tanto, porque ela também trabalha até mais tarde e depois quando ela chega eu também não me apetece sair porque já está noite. E aos fins-de-semana saímos todos juntos.” O que achas que alterou para além disso? “Antes falava de outros assuntos, agora falo, consigo falar melhor.” Então achas que mudou? “Sim mudou, mas acho que foi para melhor...”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“ Se calhar agora estou mais resmungão. Mais nada acho eu.”

3.

3.1. “De muita coisa...” Por exemplo... “gosto quando ela não resmungar comigo, mas quando ela está comigo e não comenta assuntos e ficamos ali, sem dizer nada, vemos televisão, mais nada.”

3.2. “Não gosto quando é para me ir deitar”.

4. “Má não. E boa..., algumas.” Por exemplo... “Não sei...”

5.

5.1. “É...Sim...ela às vezes não me deixa sair, ir ao cinema ou assim porque eu depois no outro dia tenho escola ou assim, não me deixa chegar muito tarde e eu não percebo porque é que ela não me deixa chegar tarde, se tenho escola, acordo mais cedo, não percebo isso.” E mais alguma coisa que não concordes? “Também não concordo quando ela me põe de castigo não percebo porquê e mais nada.”

5.2. (O quê? Responde na anterior)

5.3. “Pergunto-lhe e ela responde-me e depois se eu achar que ela tem razão respondo-lhe: ‘tá bem, fico aqui em casa contigo’ e se achar que ela não tem razão, vou para o meu quarto.”

6.

6.1. “Sim. As notas, para não conversar e acho que mais nada. Também é, às vezes eu em vez de estar a estudar estou no computador e ela diz para eu não jogar tanto e acho que é só isso.”

6.2. “Eu?! Então, tento! às vezes vou para o meu quarto e às vezes tenho coisas para fazer e ela não me deixa, por exemplo no computador estou a falar com alguém depois ele diz: ‘desliga isso e vai fazer outra coisa’ e não me apetece deixar de falar com aquela pessoa, mas depois tenho de desligar.”

7.

7.1. “Ela não embirrar comigo.”

7.2. (O quê? Responde na anterior)

8.“Uma mãe e um filho?! Como assim?” Para inventares uma história em que entre uma personagem que é a mãe e outra que é o filho... “Havia uma mãe que tinha um filho, então mas sobre mim?” Uma história... “(Ah! tá bem...) então o filho era viciado nos jogos depois a mãe estava tão chateada com ele, porque ele era viciado naqueles jogos... depois o filho como queria jogos levou um computador com ele, era um portátil, levou-o com ele e saiu de casa, depois continuou a jogar os jogos e a mãe tinha ido à procura dele. A net é preciso ser paga todos os meses, a mãe quando viu a conta da internet decidiu não pagar mais. Assim ele não podia jogar mais jogos ele decidiu voltar para casa, pediu desculpa à mãe e depois ficou tudo bem. Acabou a história.”

SUJEITO 5 (12 anos)

1.

1.1.“ É Boa, às vezes zanga-se....tem algumas guerras, mas não me bate muito, só quando é preciso, de resto não tenho mais nada a dizer.” Mas podes explicar um pouco melhor? “É assim, eu dou-me bem com a minha mãe só que às vezes ela acorda mal-humorada e isso e depois descarrega, pronto não é bater mas às vezes começa a gritar e isso.”

1.2.“ Quer dizer, às vezes é um bocado teimosa. Às vezes manda-me fazer uma coisa, depois eu não quero e depois obriga-me e isso, começa aquela coisa.” E como pessoa? “Como pessoa...hmmm...” É assim só contigo? “É só comigo e com o meu irmão às vezes, mas com outras pessoas, tipo convidados e assim não faz isso...” Então como é que ela é? “Hmmm...”
Características... “...não sei...”

2.

2.1.“Fazemos os trabalhos de casa juntos, estudar...estudar nem muito, é mais os trabalhos de francês, porque ela sabe mais de francês.” E fazes só com a tua mãe? “Não, também faço com o meu pai.” Mas mais com a tua mãe? “Não, é mais com o meu pai.” Então o que fazes mais com a tua mãe? “...às vezes ajudo-a a cozinhar, ela ensina-me, hmmm..., falamos sobre o que aconteceu na escola e isso.”

2.2. “ Sim gosto.”

2.3. “ Sim.”

2.4. “Sobre a escola, sobre....sobre....” por exemplo, que assuntos da escola? “ Se eu me estou a dar bem com os meus amigos, se eu percebo o que os professores me dizem...”

2.5. “ Ela pergunta-me e depois começamos as conversas.” É a tua mãe ou tu que iniciam mais as conversas? “É mais ela.”

2.6. “ (ri-se) hahm...prontos. Não, acho que não, não estou a ver...” é normal não se falar de tudo, se calhar há alguns assuntos que gostas menos de falar... “Sim...” que tipo de assuntos? “(ri-se)...não sei, eu...às vezes quando se está apaixonado assim por outra pessoa e isso às vezes não falamos sobre isso com os pais...”

E falas com quem? “Às vezes com os meus amigos, para desabafar e isso...”

2.7. “Depende do problema.” Que tipo de problemas é que contas à tua mãe? “...é assim, eu não tenho muitos problemas...normalmente não falamos sobre isso, problemas...não tenho problemas nenhuns...” Exemplos de problemas que fales...”sei lá, às vezes quando ando à luta com alguém e isso, mas só quando alguém me chateia mesmo.”

2.8. “Pronto, eu quando era mais pequeno ela era mais delicada e mais calma e isso, mas agora pensa que eu faço...como é que eu hei-de dizer? Pensa que eu faço muita asneira e que não estudo e isso, depois eu é que levo sempre com as culpas...”

Mas mudou, achas que mudou? “ Um bocado, às vezes parece que..., como é que eu hei-de dizer? Sei lá, parece que...não sei como é que hei-de dizer...parece que se chateia mais comigo do que com o meu irmão.”

- Como era antes?

“Noto alguma diferença, no tom de voz e isso, quando lhe dá aquela coisa...”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Se calhar por ter más notas e isso, quando alguma coisa corre mal.”

3.

3.1. “Gosto de estar com ela, às vezes conversar e isso.” Mas o que é que gostas mais na tua mãe? “Gosto dela porque ela é minha mãe não é?!” Mas algumas características dela que gostas mais? “Não, assim mais, mais não estou a ver...gosto quando ela está feliz não é?!, mas quando se chateia às vezes fico um bocado chateado, saem-me...às vezes digo coisa que me saem assim...pronto que eu não gosto muito...”

3.2. “Eu não gosto quando ela se chateia...Bom, quando o meu pai chega a casa e vem do trabalho e depois ela volta-se a chatear e depois ele também se começa a irritar porque vem do trabalho cansado e depois ainda tem que levar com aquilo tudo, custa...mas não é assim muito frequente.”

4. “Má...má não.” Mas qualquer coisa, pode ser boa ou má, que te tenha marcado.... “ Não estou a ver...Houve uma vez que eu estava assim a dormir e ouvi a minha mãe a zangar-se com o meu irmão, tava assim...eu assustei-me, nunca tinha acontecido, quer dizer acordar e ouvir aquilo...” Marcou-te? “Quer dizer às vezes dá-lhe aquela coisa, começa a gritar muito alto e fica muito nervosa, acho que isso é com todos os pais.”

5.

5.1. “Sim.”

5.2. “Às vezes ela diz-me para eu vestir uma coisa, mas eu não quero, porque não gosto, depois ela obriga-me, ou porque é quente..., às vezes quando tenho teste ou isso, acordo e depois pergunta-me: ‘já tomás-te o pequeno-almoço? Vá, vai estudar’”

5.3. “ Infelizmente tenho de fazer aquilo porque não tenho idade suficiente para mandar em mim próprio, para fazer aquilo que eu quero.”

6.

6.1. “Sim...exige que eu estude muito e que...quando eu via mais televisão, que eu visse menos, e não jogar tanto computador.”

6.2. “Um bocado preso...porque estou sempre a estudar e isso mas depois quando o meu pai chega é que posso ver televisão e ir para o computador.”

7.

7.1. “...Que ela fosse menos exigente.”

8. “Que não seja minha? Mas boa ou má?” É para inventares o que tu quiseres...

Era uma vez...

“Era uma vez um miúdo que chegou da escola e então estava muito cansado porque tinha estado a jogar futebol e...lanchou e foi ver TV, passado 15 minutos chegou lá a mãe para dizer que ele tinha de estudar, mas ele não queria e fez birra, porque só tinha 8 anos ou 9...fez uma grande birra, não queria estudar... foi para o quarto, fechou a porta com toda a força e ficou amuado na cama. Passado um bocado a mãe foi lá dizer para ele estudar, ele foi estudar e tipo... (eu não sei, eu estou a inventar qualquer coisa...eu não tenho muito jeito para composições...)” e depois... “Depois o irmão chegou a casa, também estava cansado, foi-se deitar na cama e...já eram horas do jantar e...foi ver TV e passado um bocado, ele era mais velho, tinha 17 anos a mãe pronto, já não... quer dizer, eu não sei, não tenho 17 anos, mas penso que as mães já não...não pressionam tanto os filhos quando já são mais velhos, por isso é que às vezes eu quero ser mais velho, hmmm estava a ver TV e...” e...” e pronto, acabou o dia.”

SUJEITO 6 (12 anos)

1

1.1. “É Boa, dou-me bem com ela, consigo falar de tudo com ela, por isso é que é boa.”

1.2. “É boa mãe, essencialmente isso.” E mais? “simpática, e não sei...”

2.

2.1. “Sim, às vezes peço-lhe ajuda para estudar, para fazer os trabalhos de casa, às vezes jogo jogos com ela, saiu com ela para ir às compras e essas coisas.” E fazes só com ela? “às vezes com o meu pai e com o meu irmão.” E só com a tua mãe o que fazes? “normalmente vamos beber café, a um café perto da casa da minha avó.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim.”

2.4. “Sobre a escola, como é que correu, sobre os problemas que há na vida, para eu ter cuidados...” e quais são os problemas? “Por exemplo, a minha mãe não gosta que eu saia da escola e então ela avisa-me como dá nas notícias que os miúdos são raptados, depois ela assusta-se com essas coisas.”

2.5. “Os dois, mas primeiro a minha mãe.”

2.6. “Não.”

2.7. “Sim. Não sei, não costumo ter muitos problemas, por exemplo quando tenho negativas ou assim, falo com ela.”

2.8. “Às vezes quando me porto mal.” Mas mudou alguma coisa? “Não, agora não.”

3.

3.1. “Quando eu peço uma coisa ela dá, compra sempre ou assim, conseguir ter tempo para falar comigo, muitos pais não dão atenção aos filhos.”

3.2. “Quando me mete de castigo, quando me porto mal, quando não me deixa jogar computador e eu tenho de estudar ou assim, ela não me deixa.”

4. “Não.”

5.

5.1. “Sim.”

5.2. “Concordo.” Concordas com tudo? “às vezes não concordo... não sei, só se for por ela me por de castigo às vezes.”

5.3. Tento fazer, é minha mãe, por isso tenho de fazer o que ela quer.

6.

6.1. “Sim... estudar, fazer os trabalhos de casa antes de ir para o computador, isso.”

6.2. “ Bem, porque ela quer o meu bem.”

7.

7.1. “Não, nada...”

8. “Era uma vez um rapaz que tinha uma mãe que gostava de fazer as coisas com ele, ir as compras, café e fazer os trabalhos de casa com ela e que...ela um dia zangou-se com o filho e proibiu-o de sair com os amigos, jogar à bola, ir à praia e ele ficou chateado, então teve de falar com ela para as coisas melhorarem, teve de começar a ter melhores notas para poder...assim como ele não podia ir à praia com os amigos, não se importava que chovesse porque, depois a mãe não gostava disso...”

SUJEITO 7 (12 anos)

1.

1.1. “É boa, mas só que às vezes, pronto, aquelas coisas habituais...às vezes ela diz alguma coisa e eu depois esqueço-me.” Mas porque é que dizes que é boa? “Porque não estamos sempre a discutir e gostamos um do outro.”

1.2. “Aspectos psicológicos?” Sim... “é divertida, mas só que não tem muita tolerância, também é liberal.”

2.

2.1. “Às vezes faço o comer e outras, posso ajudar a pôr a mesa.” E com a tua mãe, fazes alguma coisa? “Ajudo-a a pôr a minha roupa no armário e a ajudar também a distribuir roupa pelos quartos.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sobre os problemas da escola, nós às vezes escondemos algumas coisas para depois não se saber noutros sítios...” Mas és tu que escondes à tua mãe? Às vezes a minha mãe é que diz que é melhor as conversas entre os dois não saírem dali. Mas que assuntos? Assuntos mais problemáticos da escola e testes e...comportamento. Assuntos de família também e de casa.”

2.4. (Responde na anterior)

2.5. “É a minha mãe.”

2.6. “Há coisas mas...sobre coisas do computador, às vezes a minha mãe vai lá mexer e eu não gosto que ela vá lá ver as coisas que eu estou a fazer, também na escola quando faço alguns problemas também não quero que ela saiba.”

Então com quem falas? “só com os amigos.”

2.7. “Sim.”

“Sobre testes negativos e...penso que mais nada”

2.8. “Mudou desde que estou da altura dela.”

- **Como era antes?**

“ Antes era mais infantil, agora estou, pronto um bocado mais alto.”

- **Tens alguma ideia porque mudou?**

“ A maneira dela falar, para eu ter mais juízo, mais responsabilidade.” Mas achas que isso deve-se a alguma coisa? “Então, por às vezes não fazer uma parte dos meus deveres a minha mãe diz que sou irresponsável...e pronto.”

3.

3.1. “...hmm...é liberal.”

3.2. “ Irritar-se só por uma coisinha que eu faça.”

4. “Não, penso que não.” Uma situação que tenhas achado importante. “Ah! levei uma estalada, foi uma das únicas que levei.” E foi porquê? “Eu estava no 6º ano, era aquela fase em que tinha a mania que sabia tudo e depois levei e depois atinei.”

5.

5.1. “ Há algumas, mas não estou a ver nenhuma agora.” Mas não te lembras de nada?
”Quando às vezes não posso ir comer para a sala.”

5.2. (O quê? Responde na anterior)

5.3. “Mãe é mãe, tenho de aceitar. Ela manda! Também posso dizer que também quero, mas tenho de fazer o que ela diz.”

6.

6.1. “ Desempenho, desempenho no que estou a fazer em tudo.” Mais... “Integrar, integrar as coisas.”

6.2. “Um bocadinho... também acho razão por causa de não me esquecer de qualquer coisa, mas nem sempre acho que ela tenha razão, porque às vezes até eu posso fazer, ela pensa que não está bem feito, mas até está bem e ela às vezes isso não percebe.”

7.

7.1. “Para ser melhor.” E o que é que mudavas para ser melhor? ”Não discutir demais porque às vezes estamos a discutir mais, dias que não tenho tempo para nada e tenho de estudar mais.”

8. “Uma história?!” Sim, para inventares... “Era uma vez um filho, e pronto e uma mãe, que estava no computador e que a mãe lhe disse para estudar, ele foi estudar mas ficou sempre mais um bocadinho e até que chegou que tinha que estudar e já não tinha tempo, tinha de ir para a cama. Então no dia seguinte fez o teste pronto, ele disse que tinha estudado no dia antes, à mãe e quando foi ver, tinha negativa.” E depois? “Depois a mãe zangou-se e tinha-lhe avisado para ele não fazer isso...” E o filho? “o filho concordou mas pá... mas ficou também um bocado desatinado e tentou, foi para o quarto ‘ya tá bem...’ mas tentou, fez um esforço para estar menos tempo no computador. Não é uma boa história!”

SUJEITO 8 (12 anos)

1.

1.1. “É Boa.” Podes explicar um pouco melhor? “é amiga, quando preciso de desabafar desabafo com ela, faz-me os favores que eu quero, quando quero alguma coisa comprar, isso.”

1.2. “É grande, cabelos pretos, olhos castanhos...” E o feitio dela, como é? “É amiga, mas às vezes está zangada comigo e fica muito chata...” E mais? “Acho que é só isto.”

2.

2.1. “Não, agora não fazemos. Antes íamos à piscina, mas agora ando no futebol, já não faço isso.” Mas passas algum tempo com a tua mãe? “Passo às vezes em casa, na sala...” e nesse pouco tempo que passam juntos, o que fazem? “Falamos da escola, da vida e do trabalho, basicamente isso.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Não, às vezes está o meu pai, outras vezes não, depende da hora que ele chega do trabalho.” Falas mais com quem? “Falo mais com o meu pai por causa do futebol e isso.” E porque é que achas que falas mais com o teu pai? “porque o meu pai percebe mais de futebol, só isso.” E outros assuntos, falas com a tua mãe? “Sim, outros assuntos falo com a minha mãe.” Que assuntos falas com a tua mãe? “Amores, escola, comportamento... tudo vá, menos futebol.” E sem ser a escola, que outros assuntos mais conversas? “a vida cá fora, como vai a... se a minha tia disse alguma coisa de importante para lhe dizer a ela, como correu o dia, o

dinheiro que gastei, só isso.” Estás muito tempo com a tua tia é? “Sim, quando saiu da escola vou para ao pé dela.”

2.4.(Responde na anterior)

2.5.“ Umas vezes é ela, outras vezes sou eu, depende de como chego a casa.”

2.6.“ Não.” Contas tudo? “Quando me porto mal digo que me porto mal, quando me porto bem também digo. Só não falo de futebol” Porquê? “Porque ela me compreende, não é como o meu pai e porque me percebe, como eu sou rapaz e ela é mulher sabe-me dar conselhos.”

2.7.“Não, normalmente chamo os meus pais.” Os dois? “Sim.” Não falas só com a tua mãe ou só com o teu pai? “Não.” Que tipo de problemas? “Problemas escolares, às vezes do futebol...” Problemas escolares como? “Comportamento, idas para a rua, notas e comportamento geral da turma, como eu sou delegado tenho de dizer isso.”

2.8.“Não, nunca, acho eu...” Porque é que dizes que não? “Porque ela não se importa de passar pouco tempo comigo, porque antes não falava muito com ela mas agora tá a melhorar.” Se calhar alterou ou não? “Pois...mudou para melhor, não para pior.” Mas achas então que mudou? “Mudou um pouco.”

- O que mudou?

Como era antes? “Antes chegava a casa e ia jogar Play-Station, agora já falo um pouco com ela e depois vou dormir ou jogar.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Porque antes ainda era criança e tinha vergonha de dizer certas coisas aos meus pai, tinha medo da reacção, agora já não.”

3.

3.1.“De ser amiga, de às vezes me dar o que quero e porque sabe falar comigo como deve ser.” Como deve ser como? “Saber falar a minha língua vá...às vezes digo umas palavras estranhas e ela percebe e depois também tenta responder na minha língua, menos complexa.”

E só a tua mãe é que te consegue compreender o teu pai não? “O meu pai às vezes, quando estou a falar com os dois, quando falo com a minha mãe ela explica de uma maneira, quando falo com o meu pai, ele explica de outra.”

3.2. “Quando está chateada comigo.” E porquê? “Porque eu faço asneiras.”

4. “Foi a morte do meu tio à pouco tempo, foi difícil, porque ele é que me vinha buscar à escola, levava-me ao futebol, fazia tudo, era como um pai já, depois morreu e passar isso foi difícil, ajudei-a.”

5.

5.1. “Sim.”

5.2. “Às vezes, quando quero alguma coisa e quero comprar, por exemplo uma vez vi uns ténis que gostei, mas custavam cento e tal euros e a minha mãe disse, deixa descer o preço, desceu o preço, ficaram a cinquenta euros e eu disse-lhe e ela disse que ainda iam descer mais, e eu disse que se esperasse que depois saiam do mercado, então ela disse para eu juntar dinheiro e comprar, juntei e comprei.” E que mais assuntos? “mais nada, só se for bens essenciais como ténis e roupa, mas tenho de concordar às vezes, por causa do preço.”

5.3. “ Digo: ‘posso juntar dinheiro para comprar?’ e ela diz que tá bem, mas juntas, dás-me o dinheiro que eu compro e eu: ‘tá bem...’.”

6.

6.1. “Sim...exige boas notas na escola, que eu seja bom aluno para vir a ter uma profissão que ganhe bem no futuro.”

6.2. “ Sinto-me bem porque vai ser lucrativo.”

7.

7.1. “Não, nada.”

8. “Uma história inventada?” Sim. “E pá...Então, era uma vez uma mãe que houve um dia que teve um filho e falavam de tudo e houve um dia que o pai morre, depois eles ficam tristes e abalados, a mãe tenta segurar o filho, o filho tenta segurar a mãe para não irem para caminhos maus, depois o filho tenta-se empenhar mais na escola para poder ser alguém, depois quando chega à idade madura, com 20 anos, é um engenheiro muito conhecido no mundo, ganha dinheiro e reconstitui a sua vida.” Reconstitui a vida como? “Estudando na escola, aproveitando o máximo para tirar um curso que lhe dê uma profissão. Fim.”

SUJEITO 9 (12 anos)

1.

1.1. “Ela leva-me aos sítios, é minha amiga, damo-nos bem...” dão-se bem como? “Não discutimos muito, só quando eu faço alguma porcaria ou qualquer coisa assim.”

1.2. “Tem cabelo encaracolado, é pintado mais ou menos de laranja, um, bocado acastanhado, tens olhos verdes e é um bocado branquinha.” E o feitio dela? “Ela dá-me liberdade para algumas coisas, de vez em quando é que se irrita um bocado, mas é fixe, mais nada...”

2.

2.1. “Sim. De vez em quando vamos dar passeios, vamos toda a família a alguns sítios, a parques ou alguma coisa assim.” E sozinho com a tua mãe, vais a algum lado? Não, acho que não. Não, porque nós também somos muitos e não dá muito tempo. E o que é que costumamos fazer só com a tua mãe? Ela de vez em quando costuma-me levar a sítios, praia e assim, e ajuda-me de vez em quando a fazer os trabalhos de casa.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Converso, de vez em quando.”

2.4. “Sobre a escola, sobre isso, ela pergunta-me como é que está a correr a escola, os testes, os amigos, só isso. Ah! sobre o meu dia e o dela.”

2.5. “Depende, se eu tenho alguma coisa para desabafar eu vou ter com ela, de vez em quando é ela. Mas normalmente é ela.”

2.6. “Só se fiz alguma coisa má (ri-se) ou porcaria, não sei!” Por exemplo... “Se parti alguma coisa ou alguma coisa assim...”

Porquê? “Porque ela punha-me de castigo.”

Então com quem falas? “Não sei, só se for a quem viu ou então a ninguém.”

2.7. “Vou, falo com as pessoas que normalmente sabem resolvê-lo, mas normalmente é com ela.” Que problema(s)? “Não sei, se tiver algum nos trabalhos ou na escola, mas depende, também de vez em quando é com o meu pai.” Mas é mais com quem? “É mais com a minha mãe.”

2.8. “Acho que alterou um bocado, porque antes fazíamos mais coisas, porque nós éramos menos, agora já somos mais ela faz-me...temos menos tempo. Só isso.”

3.

3.1. “Ela dá-me liberdade, dá-me alguma liberdade e não me mete muitas vezes de castigo.”

3.2. “Ela de vez em quando tem um feitio um bocado esquisito, é um bocado histérica (ri-se).”

4. “Acho que não.” Alguma coisa que te tenha marcado, que tenha sido importante para ti... “Ah! Sim, só se, quando eu era pequeno tive uma carraça e ela ficou lá esse tempo todo comigo, no hospital.”

5.

5.1. “Há vários, mas agora não me estou a lembrar de nenhum, quando estamos a falar de alguma coisa, não sei, de vez em quando ela diz uma coisa e eu digo que não concordo e não sei quê.”

5.2. (O quê? Responde na anterior)

5.3. “Não sei, damos as opiniões um do outro, ela diz porquê que acha aquilo e eu digo porquê que acho aquilo.”

6.

6.1. “Sim que...me porte bem, que tire boas notas e mantenha o quarto arrumado.”

6.2. “ Eu tento fazer o que ela diz. De vez em quando é que já não dá!”

7. “Acho que não. Acho que as coisas estão bem.”

8. “Que eu conheça?” Para inventares... “Era uma vez uma família, uns meninos que tinham ido nadar, mas a maré estava vazia então eles conseguiram subir facilmente para uma rocha, depois a maré começou a encher e as rochas, aquilo fazia ali uma corrente, então foram os pais lá e conseguiram salvá-los, conseguiram trazê-los para terra mas depois eles é que não conseguiram sair, os pais ficaram lá na rocha.” E os filhos como ficaram? “Os filhos, não sei mais nada, acabou.”

SUJEITO 10 (12 anos)

1.

1.1. “É boa. Ela dá-me muitas coisas, deixa às vezes ir para o computador. É amiga, sabe cuidar bem de mim, dá-me as refeições almoço, jantar, pequeno-almoço, lanche, assim bons e agradáveis, que fazem bem à saúde...Compra coisas, faço presentes para retribuir o que os meus pais me dão, temos uma boa relação e gosto muito dela.”

1.2. “Já tem 53 anos, este ano vai fazer 54...” Como é que a caracterizas? “É quase da altura do meu irmão, protege-me, é assim magra, é enfermeira.” Como é o feitio dela? “Mais ou menos...” Como assim? “Umas vezes é bom, outras vezes é mau, depende das situações.”

2.

2.1. “Lemos livros, cozinho com ela às vezes para ajudar, fazemos as cama e pomos a mesa. Vamos às compras.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Às vezes.”

2.4. “O que é que eu acho que não tenho do que a minha mãe não me dá e devia-me dar...”
Que outros assuntos conversas com ela? “...Mais nada.”

2.5. “É ela.”

2.6. “Das notas, quando são más, das coisas que eu fiz e que aprendi na escola, é isso que não gosto de falar.” Porquê? “Para ela não me chatear, para ela não dizer que tenho de estudar mais e isso tudo.”

- Então com quem falas?

“Com o meu irmão.”

2.7. “Sim.”

- Que problemas?

“Se alguém me roubar de alguma coisa, mais nada.”

2.8. “Alterou... Já não estudo durante a semana, fico no meu ATL até às sete, chego a casa às sete e já cansado.” E mais... “...”

- **Como era antes?**

“Antes chegava a casa e ia estudar, depois de jantar ia para a cama.”

- **Tens alguma ideia porque mudou?**

“ Não é porque eu me porte bem...” Então é porquê? “Não sei.”

3.

3.1. “Muita coisa.” O que é que gostas mais? “Dos cozinhados.” Mais... “Mais nada.”

3.2. “A minha mãe não me deixar estar acordado até mais tarde. É isso.”

4. “Importante, não.”

5.

5.1. “Não.” Se calhar agora tens uma opinião diferente... “Não. Eu concordo.”

6.

6.1. “Estudar.”

6.2. “Mais ou menos, sei que tenho de estudar e é isso. Sei que tenho de estudar, mas não quero.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Era uma vez uma mãe que se dava muito mal com o seu filho. Quando o filho pedia uma coisa ela dizia sempre que não, que não, mas a mãe pedia sempre muita coisa e o filho dizia sempre que sim. Uma em que a mãe vira-se para o filho e diz assim: ‘emprestas-me...’ pede-lhe dinheiro para ir ao centro comercial comprar coisas e ele diz-lhe que não, e a mãe diz: ‘porque disseste que não?’ é para tu aprenderes a ver como é que eu me sinto quando tu dizes não, quando eu quero fazer uma coisa ou quero uma coisa. ” E o que aconteceu depois? “Depois o filho pedia coisas, depois a mãe quando achava mal dizia que não, quando achava mais ou menos dizia sim, mas quando achava mal, mas que era bom para o filho dizia também que sim. E o filho ficava feliz assim a viver dessa maneira. Fim.”

SUJEITO 11 (12 anos)

1.

1.1. “A relação com a minha mãe é sempre boa, falamos sobre muita coisa: sobre escola, sobre os meus colegas. E quando eu chego tipo assim contente, a minha mãe pergunta-me sempre se eu estou apaixonado, eu às vezes digo que sim para ela não me chatear mais, porque depois começa sempre a chatear, a dizer ‘oh filho diz lá, de quem é que tu gostas?’. Falamos sobre mais coisas, sobre as notas...falamos sempre, temos uma relação muito boa, vamos a muitos sítios, só eu e a minha mãe.”

1.2. “É boa pessoa, tem 49 anos, é um bocado velha, mas tem uma carinha assim tipo de 39.”

2.

2.1. “Sim, damos passeios, fazemos os trabalhos de casa juntos, depois se tiver alguma dúvida nas coisas da escola, ela ajuda-me.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim.”

2.4. “Sobre a escola, sobre os meus colegas, sobre as notas, sobre a matéria, sobre nós, sobre...prontos as namoradas como já disse.”

2.5. “É a minha mãe.”

2.6. “Sim, quando são coisas privadas só minhas ela está sempre a insistir para eu falar.” Por exemplo... “por exemplo, quando eu gosto de alguém e finjo que não gosto dessa pessoa a minha mãe começa-me a chatear então pergunta sempre de quem é que eu gosto e isso, e é por isso que eu não gosto de falar com ela por causa disso, coisas íntimas, porque depois os meus pais começam logo a dizer que eu gosto de não sei quem e isso.”

- Falas com alguém quando não falas com a tua mãe?

“Não, ninguém.”

2.7. “Às vezes, quando não quero, mas depois fico com aquela cara assim mal disposto a minha mãe pergunta-me logo o que é que se passa.”

- Que problema(s)?

“Sobre a escola, das notas, quando às vezes tiro negativas, quando fico zangado com os meus amigos.”

2.8. “Sim mudou, ou está a começar a mudar porque eu agora já não converso muito com a minha mãe por causa do crescimento e isso, esse tipo de coisas.”

- Como era antes?

“Ia sempre falar com ela, no 5º, 6º ano quando tinha algum problema. Agora às vezes não faço isso, porque não quero falar com a minha mãe, às vezes digo outra coisa, porque não quero falar com ela.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Não... A minha mãe diz que eu estou naquela fase do crescimento, por mim pode ser... mas digamos que é uma fase de crescimento.” Tu achas que é isso? “Eu posso achar, mas não tenho a certeza.”

3.

3.1. “Simpatia, paciência que ela tem e quando ela é simpática com os meus amigos, mais nada.”

3.2. “Quando me começa só a chatear, a perguntar só pelas notas, depois a falar das raparigas que eu gosto.”

4. “Não.”

5.

5.1. “Sim, por exemplo quando eu quero ir a algum sítio e ela diz que não quer ir porque pode ser muito longe eu insisto, insisto e não vamos. Depois quando a minha mãe diz que eu tenho de estudar e eu não quero, depois a minha mãe chateia-se logo, começa a gritar e eu fico logo irritado.”

5.2. (O quê? Responde na anterior)

5.3. “Prontos, tem de ser à maneira dela, se não, não dá, não dá nada...”

6.

6.1. “Estudar, tirar boas notas. Diz que consigo melhores notas se estudar mais um bocado, quando não consigo fazer alguma coisa a minha mãe diz que insiste nisso que vais conseguir.”

6.2. “Bem.”

7.

7.1. “Mudava a minha atitude.” Como assim? “Às vezes porto-me mal e depois a minha mãe diz para eu ser mais simpático porque ela faz as coisas sem eu lhe pedir nada, e depois ela diz que só preciso de estudar um bocado para retribuir.”

7.2. (Responde na anterior)

8. “Era uma vez um filho que ao princípio portava-se muito bem, mas à medida que ia crescendo ia-se portando cada vez pior, então a mãe começava-se a zangar com ele, a proibir as coisas, até que ele ficasse melhor, depois houve uma parte em que ele cedeu e começou-se a portar melhor e depois a mãe aproveitou quando era pequeno para pensar sobre as coisas e depois quando era mais velho quando se portava melhor teve tempo para conversar com ele, então como já estava maior, saiu de casa então foi viver para uma casa maior, e foi aí que percebeu que a relação deles era muito má.”

SUJEITO 12 (12 anos)

1.

1.1. “Então às vezes a minha mãe está a arrumar a casa, eu ajudo-a, às vezes estou a fazer os trabalhos, ela ajuda-me e é assim um ajuda o outro lá em casa. Eu às vezes gosto de ficar em casa com ela, gosto de andar de bicicleta ou andar, aqui pela zona. Acho que nos damos bem lá em casa, somos amigos, brigamos poucas vezes e estamos de acordo em quase tudo.”

1.2. “É baixinha como eu, simpática, tem muitas amigas, é bonita, convive bem com outras pessoas.”

2.

2.1. “Sim, vamos andar, andar de bicicleta, vemos televisão, às vezes jogamos computador juntos, às vezes ajudo a minha mãe a cozinhar, ela ajuda-me a fazer os trabalhos, eu ajudo-a a limpar a casa.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Não, às vezes converso com o meu pai ao lado, com um amigo.” E sozinho com a tua mãe? “Às vezes...”

2.4. “Sobre a escola, sobre o trabalho dela, somos muito amigos, e sobre as amigas dela.”

2.5. “Às vezes sou eu, outras vezes é ela, mas normalmente é ela que começa a conversa.”

2.6. “Sobre as minhas notas (ri-se)” Porquê? “Porque se tenho más notas ela põe-me de castigo.”

- **Falas com quem quando não falas com a tua mãe?**

“Falo com o meu pai, com o meu irmão, com amigos, mas também falo com a minha mãe.”

2.7. “Sim.”

- **Que problema(s)?**

“Às vezes tenho problemas com as notas ou com amigos e vou falar com ela.”

2.8. “Acho que não, nem com a mãe, nem com o pai.”

- **O que mudou?**

“Foi para ai no 5º ano que começou a mudar, comecei a ter mais amigos, a dar-me melhor com as pessoas e então falava disso com a minha mãe sobre o que se passava.”

3.

3.1. “Gosto da paciência dela e da comida dela.”

3.2. “Às vezes não gosto quando fala das amigas dela ou do trabalho dela.”

4. “Acho que não...por exemplo?” Alguma situação que tenha acontecido que consideres importante... “Então, algumas vezes a minha mãe precisa de dinheiro para alguma coisa, eu tenho o mealheiro com dinheiro guardado e empresto-lhe e às vezes ela empresta-me a mim. Às vezes, eu ou ela estamos em baixo, conversamos um com o outro, às vezes ela está doente ou com dor de cabeça ou assim ela diz-me o que fazer e eu faço, faço-lhe massagens e assim, dou-lhe remédios.” É importante para ti? “Sim, acho que é importante falarmos um com o outro, acho que é importante ela cuidar de mim e eu dela, é importante falarmos sobre as coisas que acontecem.”

5.

5.1. “Às vezes quero vestir uma coisa, ela quer que eu vista outra, às vezes quero comer num sitio, ela quer comer noutra, outras vezes eu quero comer uma coisa, ela quer comer outra. Às vezes eu quero ir passear a um lugar, ela quer ir a outro.”

5.2. O quê?

5.3. “Então, às vezes falamos, eu, ela e o meu pai, o que queremos fazer e o que achamos melhor.”

6.

6.1. “Tirar boas notas, comer bem e não ter amigos maus, aqueles tipo rufias.”

6.2. “Acho que é uma boa atitude, porque também não vou estar assim com más companhias, a alimentar-me mal...”

7.

7.1. “Não, acho que estamos bem assim.”

8. “Então o filho chegava da escola e dizia à mãe que tinha tido um 100 a matemática e a mãe pediu-lhe o teste e ele disse que a professora ainda não tinha entregado e depois a mãe

descobriu o teste escondido, viu que ele tinha negativa e a mãe pôs o menino de castigo. A mãe ficou triste com o menino. O menino ficou envergonhado por ter tido má nota, quis esconder o teste, mas não resultou e depois voltaram a ser amigos.”

SUJEITO 13 (12 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “Acho que me dou bem com ela.” E mais? “mais nada.”

1.2. “A minha mãe é simpática, ajuda-me a estudar.”

2.

2.1. “ Sim... às vezes vou passear com ela, como ela é professora eu às vezes estudo com ela e os miúdos das explicações.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Às vezes.”

2.4. “Sobre os problemas, quando por exemplo tive problemas com os meus amigos e me senti excluído.” E mais? “mais nada acho eu.”

2.5. “A minha mãe.”

2.6. “Não sei” Se calhar há assuntos que não gostas de falar com ela...”Acho que não.”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“Os problemas da escola.”

2.8. “Acho que não, damo-nos bem.” Achas que se alterou alguma coisa na vossa relação? “A minha mãe sempre me ajudou e preocupou comigo e ainda se preocupa.”

3.

3.1. “Simpática, descontraída, quando falo com ela fico mais descontraído.”

3.2. “Às vezes é um bocado stressada, discute e discute com o meu pai também.”

4. “Não me lembro de nada.”

5. “Não sei, acho que não, agora não me lembro de nada.” Concordas com tudo? “Acho que sim.”

6.

6.1. “Que estude, que não veja tanta televisão, que leia livros também e que às vezes limpe o quarto.”

6.2. “Acho que a minha mãe só me está a tentar ajudar a fazer o meu caminho e não ficar agarrado ao computador e à televisão também.”

7.

7.1. “Não, acho que não”

8. “Não sei...” Era uma vez... “Era uma vez um menino que foi com essa mãe passear e o filho entregou-lhe uma flor, a mãe ficou feliz.” Depois... Depois o que aconteceu? “Não sei...” Como era esse filho? “O filho era um bocado rebelde e a mãe quando viu o gesto que o filho fez ficou impressionada e compensou-o, deu-lhe mais atenção depois ajudou-o nos amigos que tinha, ele era muito mal comportado na escola conseguiu fazer com que ele se comportasse melhor e pronto.” Como o filho se sentiu? “O filho quando se portava mal sabia que a mãe ficava triste e desiludida e começou a portar-se melhor.”

SUJEITO 14 (12 anos)

1.

1.1. “É boa, damo-nos muito bem, saímos sempre à tarde, não nos damos mal, mas às vezes acontecem aquelas coisas entre filho e mãe, mas nada de especial” Porque é que dizes que é boa? “Porque eu gosto muito da minha mãe e a minha mãe gosta muito de mim e ajudamo-nos muito um ao outro, agora o meu avô morreu e eu e a minha mãe, nós apoiamo-nos muito uns aos outros.”

1.2. “É simpática, calma, compreende as pessoas, sabe ouvir as pessoas, não gosta de aborrecer as pessoas muitas vezes, não me lembro de mais.”

2.

2.1. “ Sim... vamos muitas vezes ao centro comercial, porque eu e a minha mãe temos uma coisa em comum, que é gostarmos muito de fazer compras, damos passeios muito grandes ao domingo à tarde, até durante a semana saímos muito à tarde, menos quando eu tenho testes. A minha mãe vem-me quase sempre buscar à escola.” Fazes mais coisas com a tua mãe do que com o teu pai? “mais ou menos” Só com a tua mãe, o que fazes? ”ir ao centro comercial comprar roupa, ir a Sintra...”

2.2. “Sim.”

2.3. “Sim.”

2.4. “Sobre a escola, sobre os problemas da escola, mais nada em especial.”

2.5. “Os dois, um começa, o outro desenvolve, depois puxa mais.” E mais? “eu”

2.6. “Sobre as raparigas e essas coisas.” E porquê? “Não sei...”

- Falas com alguém quando não falas com a tua mãe?

“Não”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“Escola, por exemplo se me acontece alguma coisa ou se perco alguma coisa muito importante, mais nada em especial.”

2.8. “Não. A minha mãe teve de se dedicar um pouco mais à minha irmã quando ela nasceu, mas não mudou nada, continua tudo igual.”

3.

3.1. “O que eu gosto mais é a forma dela ser, por exemplo, ajuda muito as pessoas, no outro dia um amigo meu tinha um problema e ela foi ajudá-lo, a minha mãe ajuda toda a gente.”

3.2. “Às vezes chateia-se comigo sem eu ter a culpa e é isso que eu gosto menos, é assim um bocadinho chato.” Por exemplo... “No outro dia, a minha irmã aleijou-se porque quando a minha mãe está a fazer o jantar sou eu que tomo conta dela e a minha irmã começou a correr pela casa e caiu e bateu com a cabeça na parede e a minha mãe uma vez disse para eu não correr atrás dela quando ela corre, só que eu esqueci-me e fui a correr e depois caiu.”

4. “Má não houve, boa...o que eu gostei mais de viver com a minha mãe e o que eu gostei mais foi quando a minha mãe estava a ter a minha irmã, porque eu sempre pedi um irmão e a minha mãe deu-me e é por isso que eu gosto muito da minha irmã, também gostava se não fosse isso, e eu tava todos os dias, eu saía da escola e pedia à minha avó para me levar e tava lá até à noite sempre e quando a minha mãe tava lá internada eu estava sempre lá, foi o momento que eu mais gostei.”

5.

5.1. “Às vezes...quando...as professoras são um bocadinho injustas e a minha mãe acha que não, acontece alguma coisa na escola eu acho que não tenho tanta culpa e a minha mãe acha que eu tenho mais a culpa, coisas assim pequeninas, não grandes.”

5.2. (O quê? Responde na anterior)

5.3. “Normalmente conversamos e depois chegamos à razão, quem tem mais razão.”

6.

6.1. “Que eu não...eu não sou assim, sou um aluno médio mais para o bom e a minha mãe exige que eu não seja mau aluno, porque a minha mãe gostava muito que eu tivesse um futuro fixo...exige que eu não falte ao respeito a ninguém, sobretudo a familiares e que nunca seja mau para a minha irmã, é isso.”

6.2. “Sinto-me bem, acho que a minha mãe tem razão, que eu não devo falhar na escola, também com a minha irmã, devo gostar dela e isso.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Já sei...um dia uma mãe e o seu filho foram dar um passeio, ao Porto e de repente o filho viu-se perdido da mãe, depois a mãe tentou contactar a polícia para encontrar o filho e o filho já tinha sido raptado então quando a mãe soube que o filho tinha sido raptado, decidiu apanhar o agente para resgatar o filho, então a mãe arranjou um esquema qualquer, conseguiu resgatar o filho e voltaram felizes para casa, felizes para sempre.”

13 anos

SUJEITO 1 (13 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “hmmmm...damo-nos bem...” bem como?
“hmmmm...”

1.2. “É simpática, agradável,” Mais... “hmmmm... tem muita paciência para as asneiras que eu faço... mais nada.”

2.

2.1 “ Às vezes...às vezes vamos ao café, ao supermercado também....”

Vais só com a tua mãe? “Sim, mas às vezes também com o meu pai, vamos todos.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Às vezes.”

2.4. “Da escola, de vez em quando sobre as notícias....” Mais... “...nada”

2.5. “Umás vezes eu, outras a minha mãe, o meu irmão também, às vezes.” Mas é mais a tua mãe a tomar a iniciativa ou tu? “É mais a minha mãe.”

2.6. “Não.” Nada que não gostes tanto de falar com ela? “às vezes quando tenho más notas nos testes.” E mais... “mais nada.”

- Então com quem falas? Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Com o meu irmão.” Que assuntos? “sobre jogos, futebol, basicamente isso.”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“...se for para a rua em alguma aula, na escola, quando chego a casa falo sobre isso.”

Mais...”nada.”

2.8. “Sim.”

- Como era antes?

“Antes a minha mãe zangava-se mais, porque eu estava sempre a fazer asneiras e agora não se zanga tanto, porque eu faço menos asneiras.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Porque faço menos asneiras e porque ao longo do tempo ganha-se mais paciência para as asneiras que as pessoas fazem.” Então és tu que fazes menos asneiras ou a tua mãe tem mais paciência para as tuas asneiras? “As duas coisas, mas faço menos asneiras.”

3.

3.1. “...hmm costuma ver filmes comigo, televisão também...”

3.2. “... Quando recebo as más notas nos testes, a minha mãe não gosta muito...” Mas o que é que tu não gostas na tua mãe? “Ralha muito comigo.” E mais? “...mais nada.”

4. “Não, não me lembro.”

5.

5.1. “...que me lembre não.” Concordas sempre ou há alguns assuntos que não concordas? “Às vezes quando aparece aquelas notícias sobre os ladrões, a minha mãe diz que eles deviam ser apanhados e irem para a prisão e também reclama quando encontram um rapaz e o polícia mata-o e eu acho que devia ser assim porque assim eles paravam, não é só meter na prisão porque passado pouco tempo já estão cá fora e fazem a mesma coisa.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3. “Digo que não concordo mas passado um bocado desisto porque a minha mãe é mais teimosa do que eu.”

6.

6.1. “Portar-me bem na escola e ter boas notas, mais nada.”

6.2. “Concordo.”

7.

7.1. “Não. Acho que se deve ser bom para os filhos, mas também se eles se portarem mal ou coisas assim não se deve fazer tudo o que querem, por isso acho que está bom, concordo.”

8. “Não sei....” É para inventares.... “...hmmm...não sei...” Era uma vez.... “Era uma vez uma mãe e ela tinha um filho que estava na escola e não tinha muito boas notas e depois a mãe tentou ajudar o filho, dando-lhe algumas lições, por exemplo de francês, e ajudou muito e o filho começou a ter boas notas.” Mais... “o filho ficou contente porque teve boas notas e a mãe também porque o ajudou.”

SUJEITO 2 (13 anos)

1.

1.1. “Damo-nos bem, às vezes vemos filmes durante a tarde, às vezes passeamos.” Mas como é a relação com a tua bem? “Damo-nos bem...” Porque dizes que se dão bem? “Não nos chateamos, às vezes faz-me algumas vontades e eu faço a ela, pedimos favores um ao outro, damo-nos bem não nos chateamos nem nada. Às vezes fazemos programas juntos, ou vamos andar de bicicleta ou jogamos jogos na consola.”

1.2. “É simpática, extrovertida, não se chateia muito, não é irritadiça nem nada.”

2.

2.1. “Passamos a tarde a ver filmes ou vamos passear, jogar jogos na consola, às vezes damos uma volta de carro, jogar ténis.” E fazes isso só com a tua mãe? “Não, com o meu pai também.” E o que fazes só com a tua mãe? “Ajudo-a a estudar porque ela está a tirar um curso outra vez, como o meu pai já tirou não preciso de o ajudar. Ajudo-a a limpar a casa, jogamos consola que o meu pai não gosta muito disso, mais nada.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Não, às vezes quando não está mais ninguém em casa, falamos...”

2.4. “O que aconteceu no dia, ou pergunta-me o que aconteceu na escola, pergunta-me se tenho novidades boas ou más, é a mesma coisa que eu lhe pergunto a ela. Se correu bem o teste, agora ela fez um teste e diz que lhe correu mal e pensa que vai chumbar.”

2.5. “Às vezes é a minha mãe, outras vezes eu, mas mais a minha mãe.”

2.6. “Nem por isso, não há nada quase. Ah, quando me porto mal, às vezes, quando digo assim: ‘vou jogar e chatear o miúdo’, ela não gosta nada disso e chateia-se.” Mas se calhar há assuntos que não gostas tanto de falar com a tua mãe... “Nem por isso... bom, há assuntos que falo mais com o meu pai do que com a minha mãe, quando há futebol, desporto ou essas coisas, a minha mãe não é nada dessas de desporto. Só para jogar ténis e isso.” Porquê? “Porque são assuntos que falo mais com o meu pai.”

2.7. “Falo. Com a minha mãe, ou com o meu pai, com o meu avô ou com a minha avó. Se não poderem atender ou assim.”

- Que problema(s)?

“Ou estou muito cansado, ou chateio-me com outro, ou quando a camioneta não vem e eu fico ali 3 anos à espera, à espera, à espera, eu digo-lhes para eles não ficarem preocupados.”

Mas falas primeiro com a tua mãe? “Sim, falo mais com a minha mãe, decorei o número da minha mãe, mas também falo com o meu pai, só que ele está muitas vezes de viagem portanto ele não me pode fazer quase nada, por isso é que eu ligo mais à minha mãe.”

2.8. “Não, acho que continua na mesma, estamos sempre bem, nunca estamos mal.” Sim, mas pode mudar sem ser de modo negativo... Se calhar antes não fazias determinadas coisas e

agora fazer... “Ah isso! Antes não passava tanto tempo a jogar ténis, agora passo mais tempo, mas não afecta nada, não mudou.”

3.

3.1.“Gosto que ela passe algum tempo comigo a jogar ténis, a andar de bicicleta, quando vamos até casa dos avós.”

3.2.“Às vezes quando me pede para limpar a casa, para limpar o meu quarto, para ir fazer os trabalhos de casa, para estudar.” O que é que não gostas mais na tua mãe? “é a mania das limpezas, tem de ter tudo limpinho, quando vão lá a casa ela diz logo: ‘limpa já tudo!’ e eu: ‘tôu tramado com isto’.”

4.“Não.” Alguma situação que...”ah! houve um dia em que pareceu-me que estava demasiado boa, depois é que eu descobri que era a festa de anos da minha mãe, só que eu não decoro as datas, só decoro a minha. Estava muito simpática e prontos. A minha mãe está sempre feliz no aniversário. Há aquelas pessoas que não gostam de fazer anos porque ficam mais velhas, a minha mãe gosta, acha que é o seu dia de importância, toda a gente lhe liga só a ela.”

5.

5.1.“É, é, o meu pai quer que eu vá para economia, mas eu quero ir mais para computadores.” E com a tua mãe não concordas em alguma coisa? “Ela diz que o futuro é meu e a vida é minha, ela apoia-me em algumas coisas e se achar errado não.” Há mais algum assunto que não concordes com a tua mãe? “hmm...Não.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3.“ Quando não concordo, ou continuo a persistir, ou olha que se lixe, faço o que a minha mãe me diz.”

6.

6.1. “Estudar mais, porque ela diz: ‘ah, és aluno de 5, e que podias ter só 5 e só tens 3 e negativas e eu: ‘pronto calma!’.” Mais... “Exige que estude e que me porte bem, portar bem eu pronto e estudar mais.”

6.2. “Sinto-me bem, eu vou estudar, claro, mas às vezes fico chateado de não poder estar mais tempo no computador ou jogar ténis, ou ir à rua passear e não sei quê.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Comigo e com a minha mãe?” Para inventares.... “É, está na festa de anos do filho, a mãe era nova tinha trinta e tal anos e o filho tinha 13, 17 e então os amigos diziam que a mãe era muito gira e então começavam a dançar com ela e não sei quê, então o filho ficou todo chateado.” Mais... “hmmm, trancou-se no quarto não falava com ninguém e depois quando os amigos chegaram lá ele começou a bater nos amigos, a dizer que eles eram uns grandes porcos e assim.” E a mãe como ficou? “A mãe ficou triste e prometeu ao filho que não ia fazer mais nada disso e o filho disse: ‘está bem se não fizeres mais eu não esmurro mais ninguém’.”

SUJEITO 3 (13 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “Tou mais à vontade com ela, como o meu pai está a trabalhar fora...”

1.2. “É boa, não consigo estar muito tempo longe dela porque depois vêm as saudades e...é assim a minha mãe é assim, não sei explicar...” Mas como é que ela é? “é amiga, faz-me as vontades às vezes, deixa-me ir aos sítios quando eu lhe peço...”

2.

2.1. “Falamos, arrumamos a casa, jogamos a jogos e vimos televisão.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim....”

2.4. “Sobre a escola, sobre os amigos, sobre o que me acontece, o que vou fazer, se for longe liga para saber se está tudo bem.”

2.5. “É mais a minha mãe.”

2.6. “Sobre se tenho namorada ou não.” Porquê? “Porque acho que é mais um assunto meu.”

- Então com quem falas?

“Com os meus amigos.”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“Sobre a puberdade e esses problemas falo com ela.” Mais... “sobre coisas que acontecem na escola ou que tenha acontecido a outro colega e me possa acontecer também a mim.”

2.8. “Não...Acho que agora ficou melhor porque o meu pai está mais longe e temos de ficar mais unidos.” Se calhar havia coisas que não fazias antes e agora fazes, ou assim... “às vezes quero ir a algum sítio que fica um pouco longe de casa ela não me deixa ir, se calhar se o meu pai tivesse cá ele levava-me de carro, mas como ele agora não está, ela não quer à noite sair lá muito, então não me leva. Não mudou muito, mudou mais ou menos, agora tenho de ter mais responsabilidades”.

- Como era antes?

“Antes éramos três fazia-mos várias coisas, agora já não.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Quando o meu pai se foi embora mudou assim um bocado.”

3.

3.1. “A amizade que temos.” E mais? “Ela compreende sempre o que eu às vezes faço e sabe que não é por mal.”

3.2. “Não gosto quando ela me manda arrumar a loiça (ri-se) e sei lá... fazer a cama, às vezes não me apetece nada fazer, mas às vezes tenho de fazer.”

4. “Assim que me recorde não.” Algum acontecimento...” má foi quando o meu pai se foi embora e boa... é o tempo que nós passamos juntos.” Mas algum acontecimento que te tenha marcado... “Ah! Quando ela chega tarde e eu não sei onde ela anda e não atende o telemóvel, de vez em quando.”

5. “Com a minha mãe o que é que eu não concordo? Assim de repente não sei...” Algum assunto... “...sobre computadores, às vezes ela pensa que é assim mas não é, começamos a dizer é assim, não, mas eu tou a dizer que não é assim...”

5.2. (Responde na anterior)

5.3. “Às vezes como já estamos muito exaltados, tento acalmar e explicar-lhe assim de uma forma que ela perceba.”

6.

6.1. “Estudar muito, tirar um curso, mas isso do curso já é toda a família, a minha tia já me disse: só tens três hipóteses, médico, médico ou médico. É estudar e no futuro ter uma boa vida.” E agora no presente? “Ah, estudar e... ser um bom aluno e não me meter em confusões, é mais ou menos isso.”

6.2. “Sinto bem, acho que os pais devem apoiar os filho, mesmo que os pais digam: ‘olha quero que tu vás ser médico’, mas mesmo se eu não quiser eles devem apoiar na mesma, porque é uma profissão como todas as outras.”

7.

7.1. “Não, nada.”

7.2. “Sei lá... Era uma vez uma mãe que andava na rua com o filho e o filho começa a chatear, pede um objecto ou um brinquedo e ele não quer depois chega a um momento que a mãe dá-lhe uma palmada, mas às vezes também tem de se compreender que nem sempre se tem de dar tudo o que nós queremos.” Como era essa mãe? “Era boa, fazia tudo o que..., tentava sempre dar o melhor ao filho mas o filho não compreendia lá muito, basicamente isso.” E o filho? “O filho gostava muito da mãe mas às vezes não compreendia o que ela fazia, se era por bem ou por mal, ficava revoltado..., o pai... também fazia a mesma coisa que a mãe e o filho também não sabia se estava a fazer por bem ou por mal, ficava confuso.”

SUJEITO 4 (13 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “porque não nos chateamos” mais... “não sei... quer dizer acho que é boa porque nos damos bem, falamos, estamos sempre a falar e relacionamo-nos bem.”

1.2. “Como é que é? Importante... mas também é um bocado chata porque não posso fazer nada, se fizer coisas tipo levar recados e isso, ela fica bué da chateada comigo e eu não gosto.” Mais..., como é que a caracterizas? “Impaciente, simpática, hmm... bonita.”

2.

2.1. “Depende, às vezes damos uns passeios e isso, mas não fazemos muito, fazemos mais todos juntos.” E sozinho com a tua mãe o que fazes? “Às vezes cozinho com ela, mas isso é para... aprender, fico só a ver e isso.” Mais... “Os trabalhos de casa, vemos televisão e falamos.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Às vezes, mas não muito. Só quando vamos sozinho no carro a falar da escola e isso, mais nada” Sobre a escola... “tipo como é que foi o dia, se recebi algum teste, se levei algum recado, se fui para a rua ou... acho que é só isso.”

2.4. (Respondeu na anterior)

2.5. “É a minha mãe, sempre.”

2.6. “De escola, hammm, da escola e não sei.” E porquê? “Porque depois ela começa a chatear-me, a ver se tenho recados e isso, e eu quase sempre tenho....”

- Então com quem falas?

“Com os amigos, às vezes.”

2.7. “Se for muito grave sim, mas se não der muita importância, não.”

- Que problema(s)?

“...se tiver aleijado ou isso, ou se não conseguir fazer alguma coisa, ou se tiver doente, é claro que lhe digo, mas depois há outras coisas que não é preciso dizer, tento resolver sozinho.”

2.8. “Não, quer dizer acho que estou a ficar mais velho e quase autónomo e acho que consigo fazer as coisas mais por mim, sem a ajuda dos meus pais, algumas.”

- O que mudou?

O que mudou mais? “Quando era mais novo não podia ficar em casa sozinho, não sabia cozinhar, agora já sei mais ou menos, já sei fazer o jantar e isso e antes também não fazia as camas e agora faço a minha e faço coisas que antes não fazia.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Porque estou mais responsável.”

3.

3.1. “Dá-me liberdade, deixa-me fazer aquilo que eu quero, se não for assim muito mau...e é simpática e não sei mais.”

3.2. “Acho que às vezes dá muita importância às coisas que eu faço de mal, os recados acho não havia de dar tanta importância como ela dá, porque as coisas não são assim tão graves e com a importância que ela dá faz com que as coisas fiquem mais graves.”

4. “Não sei, acho que não, não há nada assim de especial, é tudo normal na minha vida não aconteceu assim muita coisa.”

5.

5.1. “hmm, que não concorde...deve haver eu é que não me lembro, há muitas coisas que eu não concordo” por exemplo...”não sei...tou a pensar, quer dizer eu não concordo com algumas coisas da escola e isso, ah sim! Nós às vezes portamo-nos mal e vamos para a rua, depois a nossa nova professora quer-nos dar castigos. Então, mas nós podemos ir para a rua mas não nos devia dar assim castigos tipo limpar casas de banho e isso, eu acho que não concordo com isso, enquanto os pais concordam sempre.” Mais...”mais nada.”

5.2.

5.3. “Chateio-me, mas depois volta tudo ao normal.”

6.

6.1. “Boas notas, que não fume nem vá para a droga e isso, que acabe pelo menos o 12º e vá para a universidade, mais tarde tenha trabalho e que não arranje problemas.”

6.2. “Acho bem, porque se os pais não exigissem nos íamos por um mau caminho.”

7.

7.1. “Não. Acho que não.”

8. “Uma história, para inventar?! Não sei.... Era uma vez um miúdo que tava na rua e depois estava com a mãe e foram ao supermercado e assaltaram um supermercado, então tentou fugir e os assaltantes iam dar um tiro e a mãe pôs-se à frente e morreu pelo filho, pronto. O filho ficou bem e feliz e nunca conseguiu esquecer essa história. E não sei mais.”

SUJEITO 5 (13 anos)

1.

1.1 “Então é como do filho com uma mãe.” E como é que é? “Então os problemas que eu tenho, falo com ela.”

1.2. “É simpática.”

2.

2.1. “Não, ou às vezes vejo televisão com ela, trabalhos da escola e no computador.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim.”

2.4. “Sobre os meus problemas.” Por exemplo...”Os problemas da escola, sobre as notícias da televisão, falo também sobre o meu irmão.”

2.5. “Umás vezes eu, outras vezes ela, mas ela mais.”

2.6. “Sobre os assuntos mais pessoais.” Por exemplo...”de quem gosto e não sei quê...” E porquê? “Porque não me sinto muito à vontade para falar sobre isso.”

- Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Não.”

2.7. “Sim.”

-Que problema(s)?

“Da escola.”

2.8. “Não.” Se calhar agora fazes coisas que não fazias...”Não.”

3.

3.1. “Ser simpática comigo e com os outros.”

3.2. “Quando ela está um bocadinho mais mal disposta.”

4. “Que me lembre não.”

5.

5.1. “Nas roupas.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3. “Algumas vezes continuo a dizer que gosto mais daquilo do que da outra, outras vezes deixo estar.”

6.

6.1. “Que tire boas notas.”

6.2. “Concordo, também eu quero ter boas notas....”

7.

7.1. “Não.”

8. “Uma mãe que quando o filho nasceu, como não queria ser mãe, deu-o, quando o filho já tinha crescido, não o reconheceu e andou sempre à procura dele e depois em adulto a mãe encontrou-o e tentou viver os momentos de infância, ficaram contentes.”

SUJEITO 6 (13 anos)

1.

1.1 “É boa.” E porque é que dizes que é boa? “Damo-nos bem, ajudamo-nos uns aos outros e quando alguém precisa de alguma coisa ajudamos.”

1.2. “É inteligente, é carinhosa e divertida.”

2.

2.1. “Ela trabalha muito na casa e...vemos televisão juntos, mas quase nada.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Sim.”

2.4. “Sobre a escola, sobre...mais nada.”

2.5. “A mãe.”

2.6. “Não gosto muito, sobre o que se passa nas aulas, mais nada.” Com quem falas? “Só com o meu pai.”

2.7. “Sim, acho que sim.”

- Que problema(s)?

“Na matéria da escola e mais nada, acho eu.”

2.8. “Acho que não.” Não mudou nada? “Não.”

3.

3.1. “Gosto do carinho dela por mim, gosto quando ela me ajuda, mais nada acho eu.”

3.2. “Quando...não sei.” Se calhar há alguma coisa que não gastes... “Quando ela começa a ralar comigo por eu não ajudar nas tarefas de casa ou por dizer que eu estou muito tempo a jogar ou ver televisão.”

4. “Não me lembro.”

5.

5.1. “Não, acho que nos entendemos e concordamos.”

6.

6.1. “Exige que eu trabalhe para ter uma actividade boa, porque sem isso não vou a lado nenhum, mais nada. Depois claro, não quer que eu me meta em problemas.”

6.2. “Sei que o que a minha mãe está a fazer é para me ajudar e eu entendo isso, apesar de não gostar muito.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Era uma vez uma mãe que estava muito doente e o filho estava na escola, estava a estudar, foi ao hospital ter com a mãe, a mãe agradeceu o apoio do filho por ajudar a mãe a passar aquela fase e o filho ficou muito contente... quando a mãe já a sair do hospital viu que o filho não teve muito boas notas, porque teve muitas vezes no hospital, não teve tempo para estudar, a mãe não ficou chateada, mas avisou o filho que tinha agora de estudar mais para subir as notas, o filho fez o que a mãe disse, estudou e no fim teve boas notas e a mãe ficou contente.”

SUJEITO 7 (13 anos)

1.

1.1. “É boa, gosto da minha mãe, deixa-me fazer o que eu quero, de vez em quando, dá-me educação.”

1.2. “É alta, olhos castanhos, cabelo preto, veste-se com roupas modernas... às vezes tem mau feitio quando se chateia, mas é engraçada.”

2.

2.1. “Às vezes ajudo-a na cozinha e a limpar a casa e mais nada.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sim, de vez em quando”

2.4. “Quando faço coisas mal feitas, quando dá notícias na televisão, só isso.”

2.5. “É a minha mãe.”

2.6. “Não.” Se calhar há coisas que não gostas tanto de falar com ela. “Só quando ela tem a mania que, quando era pequena ela estava com o irmão dela mais novo e viu-o ser atropelado e agora tem a mania que também me pode acontecer isso e tem de ir sempre à janela ver-me e é isso que me chateia.” Mas há algum assunto que não gostes tanto de falar com ela? “Não...”

2.7. “Sim.”

- **Que problema(s)?**

“Psicológicos....” Por exemplo... “Se... alguma coisa que tenha feito na escola, estudos e isso.”

2.8. “Não, por enquanto não....” Se calhar agora fazes algumas coisas que não fazias... “às vezes saio com os meus colegas, a casa deles e mais nada.”

3.

3.1. “É uma pessoa simpática, amorosa, mas às vezes fica um bocado chateada com o que se passa à volta dela, gosto como ela é....”

3.2. “Quando ela se chateia por eu estar no computador muito tempo.”

4. “As férias que temos passado juntos, com a família, as festas e isso. Gosto de estar com a família e conviver com outras pessoas.”

5.

5.1 “Com a mania de como atravessar a estrada e dizer que estou muito tempo no computador e que faz mal e isso.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3. “ Não faço nada, calo-me, faço o que ela me diz, se não ela chateia-se comigo.”

6.

6.1. “Que estude muito, que não vá na conversa dos meus colegas.”

6.2. “Não gosto muito que ela me controle, parece que não tem confiança em mim.”

7.

7.1. “Não.”

8. “O filho já era crescido então teve problema com drogas, bebida e outros problemas, até que a mãe dele descobriu e não gostou muito então prendeu-o em casa e não o deixou sair proibiu o filho de estar com os amigos até que um dia fugiu de casa e puseram a polícia a procurar por ele e a mãe também, esperaram e quando o encontraram estava no chão, no meio da rua com a cabeça assim um bocado maluca por causa das drogas e do álcool e isso, depois mandaram-no para o hospital e teve que ir para os alcoólicos anónimos de beber e fumar e tomar drogas.” E depois? “Depois ele foi às aulas disso e deixou de beber.”

SUJEITO 8 (13 anos)

1.

1.1 “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “Não nos chateamos nem nada e ela percebe-me.”

1.2. “Não sei explicar... acho-a simpática, é compreensiva, é só.”

2.

2.1 “Às vezes ajuda-me a fazer trabalhos no computador, às vezes também me ajuda a estudar e é só.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Sobre alguns assuntos...”

2.4. “Namoradas e assim...”

2.5. “É ela que me pergunta.”

2.6. “Não. Talvez as notas...” Falas com alguém? “Também não.”

2.7. “Depende do problema...”

- **Que problema(s)?**

“Se for para a rua assim numa aula, mais nada.”

2.8. “Não, acho que não.” Se calhar agora fazes coisas que antes não fazias... “Sim, antes passava mais tempo com eles, agora passo menos.”

- **O que mudou?**

“Mudou um bocado.”

- **Tens alguma ideia porque mudou?**

“Não.”

3.

3.1. “Quando eu faço alguma coisa errada e lhe conto, ela tenta compreender e isso é bom, ajuda-me a estudar.”

3.2. “Quando se chateia, é muito teimosa também.”

4. “Não me lembro agora.”

5.

5.1. “Sim...” Por exemplo...” Na escola, quando quero ir sair com os amigos ou assim, ela acha mal diz que eu ainda sou muito novo (ri-se) e se calhar ainda sou, mas é sair assim à tarde...”

5.2. (Responde na anterior)

5.3. “Faço chantagem... (ri-se), não, não faço. Ela deixa-me quase sempre e se não deixar o meu pai ajuda-me.”

6.

6.1. “Boas notas.”

6.2. “É assim.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Não sei....” Posso contar uma historia real...por exemplo um colega meu teve uma negativa, só que não contou aos pais, ele tinha boas notas nessa disciplina e não estudou se calhar, e teve negativa. E um dia fomos a casa dele e alguém falou no assunto e os pais ouviram e depois pronto chatearam-se. Agora se tirar uma nota baixa já conta, com medo.”

SUJEITO 9 (13 anos)

1.

1.1. “É boa... eu não sou daquelas pessoas que estou sempre a dizer muitas coisas aos meus pais, falo com eles e às vezes conto o que se passa na escola ou para desabafar, comento mais ou menos as coisas que se passam na escola, nunca comento tudo o que se passa nas aulas, mas com a minha mãe dou-me bem.” Porque é que dizes que te dás bem? “Agora falar nisso....Tanta coisa...o que é que eu posso dizer? Ainda por cima a minha mãe ontem fez anos. A minha mãe pergunta-me sempre o que aconteceu na escola, quer saber sempre coisas sobre mim, mas eu desabafo mais com a minha mãe do que às vezes com o meu pai, só certos assuntos é que eu desabafo com o meu pai, a minha mãe é a pessoa com quem eu mais desabafo, se calhar por isso é que me dou melhor com ela. Há coisas que eu faço com o meu pai, como jogar Play Station e isso, a minha mãe não gosta e faço com o meu pai.”

1.2. “Simpática, ajuda os outros e acho que é só isso.”

2.

2.1. “Às vezes, por exemplo às vezes gosto de fazer comida com a minha mãe, às vezes também jogamos jogos juntos, estudamos juntos, eu gosto de estudar sozinho, mas quando tenho dúvidas vou sempre primeiro à minha mãe que ao meu pai.” Fazes isso sozinho com a tua mãe? “É difícil fazer coisas mesmo sozinho com a minha mãe por causa do meu irmão que é mais pequeno, por isso eu gosto de ficar mais sozinho, acabo por me afastar um pouco da minha mãe e do meu pai, fico mais tempo no quarto. Assim sozinho, sozinho é difícil, se vamos sair também vai o meu irmão.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Às vezes, desabafo com a minha mãe, já disse... mas converso mais com o meu pai e com a minha mãe.”

2.4. “Assuntos que falo com a minha mãe... roupa, a minha mãe diz que eu tenho de andar sempre bem vestido e às vezes, por exemplo controla os sapatos que eu calço e isso tudo, esses assuntos são os que eu discuto mais, porque às vezes posso vestir uma coisa mas depois fica mal e depois eu tenho de estar a trocar de roupa, mesmo que eu goste de me vestir, são esses poucos assuntos, não é mais nada, eu não falo muito, eu gosto mais de sentir sozinho, com os meus amigos, mais do que com os meus pais às vezes.”

2.5. “São eles.”

2.6. “Hmm...o meu comportamento na sala de aula, falo, mas falo muito pouco porque às vezes acontecem coisas que eu sei como é que foram e não foi tanto culpa minha e por exemplo um recado, uma falta e eu sei o que aconteceu, pode ser um bocado culpa minha, mas não é tanto e por isso eu discuto isso, mas se não apanhar nenhum recado ou isso eu não discuto, digo por exemplo que o meu dia correu bem, ou se fiz um teste, pode-me ter corrido bem ou mal, mas eu digo sempre que me correu normal.” Há mais algum assunto que não gostes de falar com a tua mãe? “Por exemplo do relacionamento com os meus colegas, não gosto muito de falar disso.”

- Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Há muitos assuntos que eu não falo com os meus pais, eu conto, mas não conto tudo, tudo, tudo, mas conto aos meus colegas, porque sinto que depois não há problema nenhum, mas com os meus pais...”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“Se não perceber por exemplo alguma disciplina, antes tinha um problema que quando recebia recados e isso escondia, agora já não escondo, esse tipo de problemas, às vezes também por causa de eu não saber e os meus colegas da turma saberem todos e isso às vezes vou falar com a minha mãe.”

2.8. “Mudou.” Porquê? “Por exemplo agora já não é só um, são dois lá em casa, por isso como já disse gosto mais de estar mais sozinho no meu quarto, às vezes eu gosto.

- Como era antes?

“Antes passava quase sempre, ou a brincar, ou com os meus pais, estava quase sempre com os meus pais, por exemplo estávamos na sala e víamos todos televisão, mas agora não, só de vez em quando.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Se calhar porque eu cresci e às vezes gosto de estar mais sozinho, também têm tempo para o meu irmão, e também acontecem aquelas injustiças entre irmãos, por exemplo que eu nunca pude fazer qualquer coisa até uma certa idade e como correu tudo bem, o meu irmão nunca pode fazer, isso às vezes fico chateado.”

3.

3.1. “Ajuda-me sempre, sempre que eu lhe peço ajuda a minha mãe ajuda-me, ou quase sempre, a maior parte das vezes, também há uma coisa que eu não gosto na minha mãe é por exemplo, eu ponho-me a estudar e coisas assim e depois no fim quero alguma coisa e não me deixa, ou gostava de ir comprar qualquer coisa mas não posso.”

3.2. “Às vezes quando tenho uma negativa, ia ao cinema com um amigo, mas a minha mãe não me deixou porque tinha a negativa, depois uma vez houve uma festa na escola, e a minha mãe disse que eu estava de castigo, que não podia ir porque estava de castigo e não fui, mas o que me irrita mais é que a minha mãe no fim-de-semana disse ‘porque é que não foste?’.”

4. “Foi quando eu era mais novo, havia colegas meus que não gostavam de mim e eu ficava de parte, agora já não acontece tanto, e tive a falar mais com a minha mãe.”

5.

5.1. “Às vezes discorda muito da maneira como estudo, eu gosto de trabalhar da minha forma e não da forma que os outros querem que eu trabalhe e as vezes a minha mãe obriga-me a fazer coisas que eu não quero fazer e eu fico chateado e isso é uma das coisas que peço.”

5.2

5.3. “ Deixo passar pelo tempo, começo a fazer uma parte, faço um bocado à maneira dela, mas depois desisto porque não consigo, começo a fazer à minha maneira e depois ela deixa.”

6.

6.1. “Estudar e mais nada.”

6.2. “Sinto-me bem, ela tem razão, como eu sou disléxico às vezes tenho de ir ao médico e falar sobre essas relações entre amigos também e...esqueci-me da pergunta. Sinto-me um bocado pressionado, mas sinto-me bem às vezes.”

7.

7.1. “Não.”

8. “Esse é o tipo de coisas que se me pedirem eu não gosto de fazer, porque é o tipo de coisas que eu não falo com os meus pais e não tenho jeito para contar histórias, o que eu gosto de fazer é desenhar e odeio quando me interrompem.”

SUJEITO 10 (13 anos)

1.

1.1. “É boa.” Porque é que dizes que é boa? “Porque...discutimos e isso tudo mas, gostamos um do outro.”

1.2. “É baixa, é um bocado gorda, a minha cara é muito parecida com a dela, pelo menos é o que dizem, às vezes é simpática, outras vezes está aos gritos.”

2.

2.1 “Normalmente fazemos passeios e desporto também, taekwondo, eu a minha mãe e o meu irmão.” Só tu e a tua mãe fazem alguma coisa? “Não.”

2.2. “Gosto.”

2.3. “Não.” Só coisas do dia-a-dia, mas de resto não.

2.4. “Assuntos do dia-a-dia, por causa da minha cara, dos pontos negros e borbulhas e mais nada.”

2.5. “Ela.”

2.6. “Sobre quase tudo.” Por exemplo...” A escola, tudo.” E porquê? “Porque não gosto, sinto-me um bocado mal.”

- Então com quem falas? Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Não.” “Falo com o meu irmão e com o meu pai sobre PC’s.”

2.7. “Não.”

- Que problema(s)?

“Só se for dúvidas da escola ou assim.”

2.8. “Mudou.”

- O que mudou?

“Ficamos assim mais separados.”

- Como era antes?

“Falávamos mais e raramente discutíamos, agora é quase todos os dias.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Porque se calhar cresci e por causa da preguiça e isso tudo.”

3.

3.1. “Ela ser engraçada e dizer piadas.”

3.2. “Quando ela me chatea.”

4. “Não.”

5.

5.1. “Em várias coisas, por exemplo quando faz uma comida que não gosto fico chateado, mais...nos móveis do meu quarto e isso tudo, só que eu quero como tá.”

5.2.

5.3. “Falando.”

6.

6.1. “Fazer as tarefas – ir por o lixo, tirar a loiça da máquina e pôr a mesa, ir pôr comida aos cães, ir arrumar o quarto e a roupa.”

6.2. “Sinto-me mal, não gosto de trabalhar.”

7.

7.1. “Era ela chatear-me menos, de resto nada.”

8.“Era uma vez um miúdo que estava na praia, no mar e depois apareceu um tubarão e o tubarão foi atacá-lo, só que a mãe protegeu-o, tirou-o de lá e depois nada aconteceu. O filho ficou bem e a mãe não, tinha mordidelas nas pernas.”

SUJEITO 11 (13 anos)

1.

1.1.“É boa. Temos uma relação normal, trata bem, pronto normal...” Mas porque é que dizes que é boa? “Sei lá, tem aqueles carinhos de mãe, mas quando é preciso às vezes também ralha, pronto.”

1.2.“É simpática, quando é preciso ralhar, ralha, gosta de dar muitos mimos, mais ..., é divertida, gosta daquelas coisas lá dos anos 60.”

2.

2.1.“ Não, a não ser para ir às compras tenho de ir com ela, para a ajudar e isso. Ao domingo vou com ela.” Costumas fazer mais coisas com a tua mãe ou com o teu pai? “com o meu pai, ele toca saxofone e tem assim mais ou menos uma banda e eu às vezes vou com ele e também toco.”

2.2.“Sim.”

2.3.“Não, é mais com o pai.”

2.4.“Que assuntos falas com a mãe? “com a mãe falo o que se passa na escola, com os amigos e isso, com o pai é mais coisas assim...como é que eu hei-de dizer.. de homens.” Por exemplo...”por exemplo...raparigas e assim e pronto não me tou a lembrar mais.”

2.5.“A mãe. Quando é com o pai é que sou eu.”

2.6.“Sou um bocado tímido com a mãe, ela diz que eu sou um bicho do mato, que não me dou muito com as pessoas, cá na escola é diferente, lá é que sou um bocado bicho do mato então ela é que toma a iniciativa de falar e diz que o que se passa hoje e isso.” E que assuntos é que

não gostas de falar com ela? “ela está-me sempre a perguntar se eu tenho namorada e eu digo que não, que não. Falar de raparigas é que não gosto.” E porquê? “Porque me sinto mais à vontade com o pai do que com a mãe.”

- Então com quem falas?

“Com o meu pai e com o meu tio, também costumo falar com ele.”

2.7.“Sim.”

- Que problema(s)?

“Nunca me ocorreu nenhuma situação dessas, mas se ocorresse acho que ia falar com a mãe e com o pai, se fosse qualquer problema ia falar.”

2.8.“Não, acho que não, acho que continuo a mesma pessoa, ela diz que eu agora lhe dou menos atenção, sou o que lhe ligo menos a ela, mas continuamos à noite, às vezes sento-me ao pé dela no sofá e ela fica assim ali ao pé e acho que não mudou assim muito.”

- Como era antes?

“Antes acho que estava mais com ela à noite, porque ela trabalha e eu tenho escola, depois ela chega por volta das oito a casa e, acho que estava mais tempo, agora passo mais tempo no computador e isso, mas depois à noite eu saí para as minhas irmãs também irem e vou ter com ela e falamos e isso.” Achas que mudou? “Depende, é que já estou mais velho não é?!, e se calhar já não ligo tanto à mãe, mas pronto acho que se mudou não foi assim grande diferença.”

3.

3.1.“Hmm...o tipo de ser, se calhar, sabe falar, se lhe faço alguma pergunta sabe responder, sabe responder às questões de filho e tem conversas connosco sobre os problemas da adolescência e isso e não tem problemas de falar, fala abertamente.”

3.2.“É muito impaciente e irrita-se muito facilmente, se eu disser alguma coisa ela diz que não está com muita paciência, porque ela trabalha num cabeleireiro e então, se às vezes não

vem...o trabalho é pouco e assim, então não vem muito bem e gosta de se ir deitar às vezes e nós às vezes também chateamos um bocado, admito...e ela fica assim um bocado chateada.”

4.“Não, acho que não.”

5.

5.1.“Pois...Como é que eu hei-de explicar...não me estou a lembrar assim de nenhuma situação específica que não concorde, mas às vezes acho que eu é que tenho razão e ela não, mas às vezes também erram, mas eu as vezes acho que tenho razão, mas os pais é que têm o poder portanto temos que ceder sempre.” Que assuntos por exemplo? “Não sei, não me lembro, mas sei que há situações.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3.“Ou às vezes não faço, outras vezes tenho de fazer às escondidas.”

6.

6.1.“Boas notas. Eu tiro satisfaz ou satisfaz bem, mas ela diz que eu não estudo e tiro satisfaz, se estudasse mais um bocadinho se calhar era aluno de satisfaz bem e alguns muito bem. Exige isso de mim e eu tento.”

6.2.“Não me sinto mal, porque eu sei que ela quer o melhor para mim e sei que quer que eu quando cresça tenha uma boa profissão e não ande a trabalhar nas obras ou assim, então sinto-me bem, sinto que ela se preocupa.”

7.

7.1.“Não, acho que está bem assim.”

8.“Era uma vez uma mãe que era muito exigente com o filho e a mãe às vezes era um bocado irritante e estava sempre mal humorada e o filho também tinha alguma razão em ela estar sempre a chatear-se com ele, não era não gostar, era impaciente, não era impaciente, era estava sempre a ralhar, acontecia alguma coisa e ralhava, então uma vez o filho decidiu nunca mais falar com a mãe, fazer silêncio e então a mãe falava com o filho e ele não respondia,

então ela decidiu que a relação entre ela e o filho estava má, ela não queria continuar assim então tentou falar com o filho e nada, o filho virou-lhe costas foi-se embora e ela ficou triste e pensou mudar a atitude para ficar mais com o filho, então fizeram mais coisas juntos e pediu para sair com ele, foram ao centro comercial, compraram coisas e pronto, depois ela tentou ser mais amável com o filho e o filho começou a falar com a mãe e a mãe não ficou tão resmungona e pronto, eles ficaram felizes.”

SUJEITO 12 (13 anos)

1.

1.1.“Gosto da minha mãe, nós os dois somos bastante amigos, ela às vezes ajuda-me quando é preciso, na escola, quando tenho algumas dúvidas quando estou a estudar posso-lhe ir perguntar, ela explica-me, é simpática gosto bastante, não só da minha mãe, mas dos meus pais em geral, são bons pais e fazem bem o dever de pais. Também se preocupa um bocado, diz-me: tem cuidado, vai agasalhado, está preocupada se eu fico doente.”

1.2.“É como uma mãe, é uma mãe simpática, às vezes vejo mães que gritam bastante com os filhos, a minha não é nada assim, nem o meu pai, são bastante simpáticos, um para o outro também, pronto não há muito para dizer, mas gosto dos meus pais.”

2.

2.1.“ É assim durante a semana muito pouco, porque os meus pais trabalham os dois até bastante tarde, especialmente o meu pai, que por vezes não está cá no país, por vezes tem mesmo que ir para a Suécia, e a minha mãe também trabalha até bastante tarde, seis, sete, ao fim-de-semana é que às vezes dá para fazermos qualquer coisa os três e com a minha irmã também, uma almoçaradas em casa.” E só com a tua mãe fazes alguma coisa? “Só eu e a minha mãe, às vezes, podemos ir sair, se precisarmos de alguma coisa, por exemplo a minha mãe ao fim-de-semana muitas vezes tem de ir fazer compras lá para casa, eu vou ajudar com os sacos e pronto à vezes é pesado e como às vezes o meu pai não está em casa ao fim-de-semana, a minha mãe sente mais necessidade. O meu pai também está sempre pronto para ajudar, se o chamarem, preciso de ir às compras, preciso que me ajudes, ele ajuda, só que às vezes não está em casa”.

2.2.“Gosto.”

2.3. “Às vezes, mas não necessariamente só com ela, às vezes se preciso de alguma coisa dos meus pais, falo com os dois, mas não tenho, como é que se diz..., segredos com os pais, mas não digo uma coisa à minha mãe que não vá dizer ao meu pai, isso não costumo fazer, até porque não tenho razão para, porque pronto, mas às vezes falo com a minha mãe sobre assuntos da actualidade, mas pronto.”

2.4. “Essencialmente o que se passa, por exemplo se a gente vir alguma coisa que se passa, a gente costuma comentar, por exemplo este caso da gripe suína, lá em casa os três, e também, mais com a minha mãe porque nessa altura o meu pai não estava, a gente comentou bastante, porque a gente ia agora até sair do país neste feriado e estávamos um bocado com medo e falamos sobre esse tipo de coisas e às vezes a minha mãe também pergunta: aconteceu alguma coisa na escola? Precisas?. Também acho que me socializo bem com toda a gente, fora, dentro da escola. Conheço bastante gente fora da escola, de outras escolas, e pronto acho que não tenho inimigos, e espero também não ter, não é...”

2.5. “É mais a minha mãe, porque eu costumo ser um pouco de ter o meu espaço, costumo ficar ali, às vezes vou sair com os meus amigos, mas costuma ser a minha mãe, às vezes estou ali a passar e a gente fica ali a falar, ou costuma estar na sala e diz: ‘então o que achas e tal’. É assim, às vezes a gente também se ri, a minha mãe às vezes recebe uma anedota qualquer e a gente ri-se um pouco, e o meu pai também faz bastante isso. São coisas engraçadas.”

2.6. “Sobre... namoradas e essas cenas não falo com os pais.” E porquê? “Porque depois suscita curiosidade dos pais e eu não me agrada, pronto, por isso não costumo falar disso com eles.”

- Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Também tenho amigos que eu sou mais chegado não é, e às vezes a gente comenta esse tipo de coisas que não comenta com os pais, porque a minha mãe compreende um pouco, ou filho se não quiseres falar, não fales, e está tudo bem. Eu às vezes comento com um amigo meu e ele também faz isso comigo, e a gente tem confiança um no outro, já nos conhecemos com 3 ou 4 anos e por isso a gente confia bastante um no outro e não há medo de comentar esse tipo de coisas que a gente não diz aos pais, mas

que não são nada de mal.” E mais algum assunto que não goste de falar? “essencialmente isso, são assuntos que têm a ver com a nossa privacidade, lembrei-me desse assunto, mas agora também não me lembro de mais, mas também acho que não há muito mais e até porque falo abertamente com os meus pais e se eu fizer alguma coisa mal, os meus pais tentam fazer da melhor maneira para me ensinar a não fazer de novo, mas não são daquele tipo que ficam muito irritados e isso.”

2.7. “Sim, com os meus pais.” Mais com a tua mãe ou com o teu pai? “mais com a minha mãe, porque o meu pai às vezes não está em casa, às vezes falo logo com os dois.”

- Que problema(s)?

“Por exemplo, no outro dia tive um problema de saúde e pensei até numa cirurgia, porque eu quando era pequenino, com 3 meses, eu comia e vomitava a seguir e então tive logo de ser operado. Já não me lembro bem o problema que era, mas algo que entupia o canal e tive de ser operado. E eu estava com sinais um pouco disso, sentia-me mal disposto depois de comer. Eu comentei, disse abertamente aos meus pais, fomos ao médico detectou-se que era qualquer coisa que eu tinha comido e que causava o resto e pronto, acho que é melhor assim do que guardar segredo aos pais e depois não lhes dizer e ficar assim ‘será que tenho alguma coisa?’ e depois se não dissermos eles ficam preocupados, mas eu falo abertamente com eles.”

2.8. “Não sei, mas acho que... bom, se calhar mudou, porque quando eu era mais pequenino, estava sempre com a minha mãe e com o meu pai, mas sempre menos com o meu pai porque é aquele caso do trabalho. A gente passeava, agora acho que passo menos tempo em casa e menos tempo com os pais e se calhar com isso a relação mudou, acho que o ser também se torna mais autónomo, pronto já costumo ver os meus pais durante a semana, mesmo à noite, naquela hora de jantar, acho que a relação com os pais ao longo do tempo muda um bocado porque a gente fica mais autónoma e mais independente dos pais. Não digo que seja mau, mas pronto acho que se deve continuar a manter os laços fortes com os pais, porque a minha irmã mesmo depois de se ter mudado, mesmo depois de se ter casado, continua sempre, às vezes telefona, ou vai lá a casa. Pode-se viver uma vida ou qualquer coisa, mas deve-se continuar a

prestar atenção aos pais, especialmente quando os pais ficam mais velhotes, que se precisarem alguma coisa deve-se ajudar nesse caso.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Tenho...porque eu, vou deixando de falar com os meus pais, falo como tinha dito, mas acho que a gente... já não falo assim tanto, continuamos a falar às vezes, com a minha mãe e com o meu pai, a gente conta umas piadas e assim. O meu pai às vezes não chega à hora de jantar e eu vou jantar com ele, porque a minha mãe também chega bastante cansada. Mas damos umas gargalhadas com coisas às vezes da televisão. Mas acho que mudou porque os pais cada vez estão mais ocupados e os filhos também. Acho que é um pouco isso, as relações entre pais e filhos se vão, no geral, cortando, eu pelo menos tento que não seja dessa maneira, e gostava que não fosse. Porque tenho amigos meus que não falam mesmo com os pais, chegam a casa fazem o que querem e não falam com os pais, porque há pais que só vão jantar, que acho que é o caso de muita gente. Ou seja, vão jantar, falam lá com os pais e depois vão para a cama dormir e depois no dia seguinte vestem-se, vão para a escola e essas coisas, pronto vai-se cortando as relações com os pais.”

3.

3.1.“A personalidade dela, ela é muito engraçada, ela não é, ela e o meu pai, não são assim pessoas más, tenho amigos que têm pais que são um pouco mais agressivos, mesmo com os filhos porque se irritam, como por exemplo quando fui a casa de um amigo meu a mãe estava visivelmente perturbada, porque o filho tinha feito não sei o quê. Os meus pais, mesmo que estejam, tentam não deixar transparecer isso e falam, por exemplo se eu chegar com amigos a casa e tiver acontecido algo com os meus pais, a minha mãe, uma vez cheguei a casa e eu tinha feito barulho e ela acordou, essas coisas. E a minha mãe deixou e quando os meus amigos se foram embora, a gente falou e esclareceu as coisas, e a minha mãe por isso acho que é uma pessoa calma, que não se irrita, que às vezes é engraçada e é simpática, não é uma pessoa ruim.”

3.2.“Não estou bem a ver...as vezes a minha mãe preocupa-se demais, acho que os pais preocuparem-se com os filhos é uma coisa boa, mas a minha mãe diz-me sempre a mesma coisa, já para aí há 5 anos, ou 6, ou 7, que diz aquela coisa do cuidado a atravessar a estrada e

acho que a gente já sabe essa história. E ela preocupa-se mesmo muito. Uma vez eu estava na baixa e tinha lá ido com uns amigos e a minha mãe telefona: ‘filho está tudo bem? tem cuidado’, pronto não é preciso fazer essas coisa e ela ‘eu tenho de me preocupar...’ já disse que não é preciso, adeus. Acho que é bom, mas demais também...”

4.“A minha mãe quando eu estava a ser operado passou lá todas as noites, quando eu tinha três meses, passou directas ao meu lado, esteve ali sempre pronta e acho que eu estava muito fraco, não conseguia comer, o meu sistema imunitário estava muito fraco, estava muito vulnerável a qualquer tipo de doenças e a minha mãe estava ali pronta para ajudar, se me acontecesse alguma coisa chamava logo o médico e acho que isso foi um grande momento e até pela marca que tenho aqui nunca me vou esquecer.”

5.

5.1.“Por acaso acho que já me aconteceu. Eu estou sempre no computador, mas a minha mãe não concorda com esse tipo de coisas, é mais à velha guarda e tal, mas a gente incita sempre a ela usar e tal e por vezes a minha mãe não concorda com as coisas, mas eu tento explicar que estou ao mesmo tempo a tentar construir um futuro, porque vou tirar programação, engenharia informática e tento dizer que tou a tentar construir um futuro naquilo que gosto e que me dá prazer, mas a minha mãe diz que estou sempre ali e que gosta quando eu saio com os amigos e às vezes eu lá vou, mas a minha mãe às vezes não concorda com isto do computador, mas depois está lá o meu pai para dizer que as coisas não são bem assim. O meu pai usa outro tipo de linguagem e a minha mãe depois lá concorda.”

5.2. (Responde na anterior)

5.3.“Tento explicar à minha mãe, quando é computadores, é sempre o meu pai que defende o menino, mas tento sempre explicar da melhor forma à minha mãe, mas no geral, a minha mãe entende, concorda e apoia-me se for preciso e acho que falando é que se chega lá, não é as turras que chegamos a lado nenhum.”

6.

6.1.“Boas notas.”

6.2.“Quer dizer, exige boas notas, mas não cinco nem nada disso, porque há mães de amigos que se não tiram cinco ficam altamente furiosas, a minha mãe não, importa-se mais com as notas dos testes, porque sabe que eu falo e isso influencia as notas finais. Mostro-lhe os testes, ela vê e diz em que disciplinas eu posso tirar melhor. Por exemplo inglês, tirei 96 ela ficou super contente e grande nota, pronto a minha mãe e o meu pai, ainda mais, fica mais contente mas também exige mais. Gostam os dois que eu tire boas notas eles tentam explicar que é com boas notas que se chega a algum lado e que arranja um bom emprego, é isso que eles tentam explicar.”

7.

7.1.“Sinceramente não, porque acho que, mesmo que aconteça alguma coisa, a gente tenta sempre resolver e por vezes chegamos sempre a um acordo, por exemplo tinha uma empregada que a minha mãe gostava mas quando ia limpar o meu quarto ele ficava visivelmente pior do que o que estava, falei com a minha mãe e agora eu é que sou responsável pelo meu quarto. Acho que assim é que se chega a acordos positivos para os dois lados.”

8.“Um filho estava na praia com a mãe e foi ao mar e a mãe estava a dormir (vai ser uma história sem aquele elemento do fantástico), acordou e reparou que o filho se estava a afogar, não havia ninguém que reparasse, mas a mãe conseguiu salvar o filho, acabou tudo muito bem, pronto, foi uma história que me passou pela cabeça durante a noite, quando estou naquela parte da noite que não consigo dormir e invento umas histórias que um dia eu acho que dava para escrever um livro, uso elementos que eu vejo na vida real e em filmes e que depois consigo associar a isso uma ideia nova e acho que isso por acaso fica engraçado.” E mais da história...” Depois da mãe ter acordado, por uma força maior, a mãe chegou ao mar, tentou procurar o filho nas águas, nadou, estava já o filho lá em baixo, tirou o filho, o filho estava mal e outra vez uma grande força conseguiu fazer com que o filho sobrevivesse porque ainda não era a hora do filho morrer e o filho ainda bebé sobreviveu, depois ficaram contentes, foram-se embora daquela praia, ficaram com medo, mas ficou tudo bem.”

SUJEITO 13 (13 anos)

1.

1.1. “É boa. Às vezes discutimos normalmente, mas é boa.” E porque dizes que é boa?
“Porque dou-me bem com ela, não temos assim grandes lutas e pronto, corre bem.”

1.2. “É...chateia-se um bocadinho com facilidade, mas é boa mãe, nunca me fez sentir mal....”

2.

2.1. “ Sim...fazia mais quando era pequenino, agora não há tanto tempo, mas costumamos fazer às vezes. O quê? “Às vezes ajuda-me nos trabalhos de casa, a estudar, outros trabalhos que tenho.” Fazes mais com a tua mãe ou com o teu pai? “Com os dois, faço praticamente quase tudo com os dois, às vezes faço sozinho, mas quando posso faço com eles. Mas mais com a mãe.”

2.2. “Sim.”

2.3. “Poucas vezes.” E mais com a tua mãe ou com o teu pai? “falo o mesmo com os dois praticamente.”

2.4.(que assuntos falas com a tua mãe?) “Assuntos da escola, do basket onde eu ando e pouco mais. Do trabalho dela também.”

2.5. “A mãe e eu.” Mais quem? ou é igual? “A mãe.”

2.6. “As namoradas. E mais? “Mais nada.” Porquê? “Não me sinto muito à vontade...”

- Falas com quem quando não falas com a tua mãe?

“Com os amigos. Mas claro que quando tiver lhe digo, não vou esconder, não tenho problemas, porque acham normal.”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“...se tiver algum problema disso, namoradas, ou da escola.” Por exemplo... “Se tiver más notas, se tiver boas também falo, mas isso não é problema, pronto.”

2.8.“Chateamo-nos mais. Quando era mais pequeno chateava-me menos, agora temos mais discussões, mas acho que é normal. Ela chateia-se com mais facilidade e eu também.” Que discussões? “por exemplo eu não tenho tanto tempo para estudar por causa do basket e ela não gosta muito e...pronto, só que é o que eu gosto de fazer e às vezes tiro um bocadinho menos nas notas, do que o que era capaz de fazer.” E mais? “ as coisas normais, ter feito alguma coisa mal.”

- Como era antes?

“Antes tinha mais tempo para estar com os meus pais, agora já nem tanto, tenho a escola, tenho aulas à tarde, o basket, mas de resto acho que não. Sem ser as discussões acho que não mudou nada.”

- Tens alguma ideia porque mudou?

“Se calhar estou a crescer, tenho mais... menos tempo livre e mais coisas para fazer e os meus pais, pronto, também. E já não estou tanto tempo com eles. Acho que é isso.”

3.

3.1.“Defende-me muito.” Defende do quê? “por exemplo, se tenho alguma coisa para contar ao meu pai, uma coisa que fiz mal, mas que não seja assim de tão grave, deixamos passar, mas depois acabamos por contar as coisas graves, mas ela defende-me.” E mais? “gosto dela como ela é, é boa mãe.”

3.2.“Quando está de mau humor, irrita-se muito. Irrita-se com mais facilidade, tem menos paciência.”

4.“Por exemplo quando a minha avó morreu, tive a ajudar e pronto. Ficámos mais unidos.”

5.

5.1. “Por exemplo...aquilo que já tinha dito, de às vezes a minha mãe não gosta que eu passe tanto tempo no basket e eu passo. As coisas normais, às vezes quero comer na sala e a minha mãe quer que coma na cozinha.”

5.2.

5.3. “Discuto, mas depois pronto, acabamos sempre por.... Às vezes chateamo-nos, mas depois fica tudo bem.”

6.

6.1. “Exigir, exigir, não exige, só pede para eu fazer o melhor que possa, não é estar a exigir, agora tens de trazer ‘x’ notas para casa. Desde que não tenha negativas e faça o meu melhor, pronto não exige nada.”

6.2. “Bem, porque não gostava de estar sempre a ser pressionado para ter as notas que os pais querem.”

7.

7.1. “Não. Damo-nos bem.”

8. “Por exemplo, a mãe quer que o filho traga só cinco para casa e o filho não consegue e depois a mãe bate-lhe se ele não trouxer, depois o filho fica...começa a tirar piores notas, porque não consegue, ainda se sente mais pressionado e depois... depois o pai defende e os pais separam-se por exemplo. Porque o pai quer só o que o filho consegue fazer e a mãe quer exigir tudo do filho. O filho acaba por ir viver com os pais e depois separa-se da mãe. E aí o filho já começa a trazer resultados bons, não o que a mãe quer, mas o normal.” Como o filho se sente? “acho que...se fosse no meu caso ficava pressionado, sentia-me pressionado porque não ia gostar e imagino que não tenho capacidade para trazer tudo cinco ia tentar fazer mais do que o que consigo e depois poderia não conseguir e passado mais tempo ficava com mais stress e pronto, ainda trazia pior do que consigo trazer normalmente.”

SUJEITO 14 (13 anos)

1.

1.1. “Às vezes é boa, outras vezes é má, depende do dia da pessoa. Quando a mãe tem um mau dia, está sempre chateada e depois põe a carga para cima de nós e os stresses e às vezes nós também é o contrário.”

1.2. “É uma boa pessoa, uma boa mãe, aplica-se, faz de mãe e pai ao mesmo tempo...” Porquê? “Porque o pai é presidente de uma empresa e trabalha fora do país, só vem ao fim-de-semana, então a minha mãe tem muito trabalho que fazer, porque nós somos dois filhos e ela é só uma, tem mais trabalho.” E mais? “Farta-se de trabalhar para nós, faz as vontades, resmunga quando é preciso, chateia-se quando é preciso e educa como deve ser, sabe por na ordem.”

2.

2.1. “Costumamos ir fazer exercício ao domingo, andar ao pé da ponte 25 de Abril, andar de bicicleta.” Tu e a tua mãe? “sim..quando a minha irmã tem de estudar fica em casa e vou eu com a minha mãe.”

2.2. “Gosto. É uma maneira diferente de passar o tempo com a minha mãe.”

2.3. “Raramente, muito raramente. Se converso é sobre assuntos escolares, notas dos testes, assuntos da minha irmã, muito raramente.”

2.4. (Respondeu na anterior)

2.5. “Costuma ser a minha mãe, que está sempre a puxar as conversas, os testes, as asneiras, outras vezes também sou eu, perguntar como é que foi o dia, o que é que ela fez nas escola, ou perguntar pelos alunos dela, é educadora de infância, mas a maior parte das vezes é ela que puxa a conversa.”

2.6. “Das namoradas.” Porquê? “Não me sinto muito à vontade de falar isso com a minha mãe, prefiro falar com a minha irmã que é, não sei, é mais da minha idade, porque a minha mãe

depois diz ‘ai quero conhecer, quem é?’ e depois começa a puxar a conversa sempre que conto alguma coisa, quem é, conheço, não conheço...por isso não me sinto muito à vontade para falar isso com ela.”

2.7. “Sim.”

- Que problema(s)?

“Depende do problema, se for um problema, por exemplo, uma complicação escolar, uma complicação com um aluno, aí falo com o meu pai e com a minha irmã, porque aí sei que a minha mãe vai dizer, ai não te metas em problemas, safa-te disso sozinho e não sei quê. Mas se for um problema do tipo, notas, castigos e isso, vou falar com a minha mãe e tento resolver o problema.” Falas mais com a tua mãe ou com o teu pai? “não muito porque, o meu pai está fora mas mesmo assim falo muito com ele, durante a semana com a minha mãe, só estou à noite com ela, durante o dia nunca estamos. Nesse tempo é o jantar, falamos das notas, da escola, depois deitar, às vezes ajuda a fazer trabalhos, depois deito-me. Com o meu pai faço muitas actividades com ele, depois também é conversar sobre o tempo lá, o que ele está a fazer lá, os colegas dele lá.” Mas se tiveres um problema falas primeiro com a tua mãe ou com o teu pai? “Depende do problema, se for um problema grave, falo primeiro com a minha mãe, porque sei que a minha mãe vai compreender melhor e depois explica comigo ao meu pai para o meu pai se chatear menos, se for um problema do tipo notas, explico ao meu pai, porque aí é o meu pai que explica melhor à minha mãe.”

2.8. “Mudou. Porque agora à pouco tempo os meus pais chatearam-se comecei-me a sentir um bocado à parte e depois não sabia quem é que tinha razão e quem não tinha então não sabia muito bem de que lado ficar, mas acabei por ficar do lado do meu pai, porque ela faz uma tempestade num copo de água e quando ela faz isso fico a pensar ‘porque é que fazes isso?’ a relação com a minha mãe mudou um bocado, agora dou-me melhor com o meu pai do que com a minha mãe.” Só por isso ou por mais alguma razão? “Talvez porque a minha mãe me anda a pressionar um pouco nos estudos, porque a minha irmã andou cá na escola e ela nesta escola marrava muito e tinha sempre excelentes notas e como ela é 5 anos mais velha eu nunca a apanhei na escola, ela saía sempre no ano em que eu entrava então os meus pais estão

habituaados a ela ter essas excelentes notas então querem que eu seja como ela, só que eu não consigo explicar que a minha irmã é uma coisa e eu sou outra, ela marrava, gostava de estudar, eu não marro, não gosto de estudar, mas a minha mãe principalmente teima que eu tenho de ser como a minha irmã, tenho de ter boas notas como ela, tenho de estudar como ela. E isso chateia, porque eu explico-lhe que não posso ter as mesmas notas, não posso ser tão bom aluno, não sou capaz. Eu não consigo ser como ela.”

- Como era antes?

“Antes dava-me melhor com a minha mãe, jogávamos muitos jogos e muitas brincadeiras, ao jantar falávamos de muita coisa, ria-mos muito, contava-mos anedotas, antes o meu pai também ainda não tinha ido para fora, portanto era uma relação melhor, porque como estávamos todos juntos, falávamos de mais coisas, dávamo-nos melhor, eles não discutiam muito. Agora como estão longe, começa a haver aquela questão da desconfiança, estás lá fora, o que fazes lá fora, nunca te vejo a fazer nada, depois é o meu pai e a minha mãe. Depois a minha irmã vai sair com as amigas e depois é onde é que foste não sei quê e isso piora a relação de todos e o stress também não é bom para ninguém.”

3.

3.1.“Não sei...o que é que eu gosto na minha mãe? Gosto de tanta coisa na minha mãe...Gosto da maneira como a minha mãe educa, a minha mãe é assim, às vezes faz um bocado de maluca e nós desatamos a rir, é muito brincalhona, mas também sabe por na linha, é isso que eu gosto na minha mãe.”

3.2.“Das pressões dela, da maneira dela se chatear com as notas, comportamento, estudos, com tudo.”

4.“Foi na morte do meu avô da parte da mãe, estávamos todos muito, muito tristes e quando eu soube na notícia também fiquei muito triste então a minha mãe levou-me a mim, fomos só os dois para o Algarve e aí a minha mãe fez-me compreender que o avô estava muito doente e que não tinha de ficar mais connosco e ela aí fez-me perceber como era, eu tinha 8 anos e mesmo assim a morte dele fez-me ficar muito triste e a minha mãe lá explicou-me.”

5.

5.1. “Outra vez a coisa dos estudos, uma pessoa não tem de ser pressionada nos estudos. Por exemplo quando eu tenho um quatro, a minha mãe em vez de ficar contente com um quatro ‘boa é quase cinco’, não, ela pergunta ‘só?’ e depois põe-se a resmungar porque diz que eu tenho capacidades para ter cinco só que não faço por isso e isso não me agrada.”

5.2.

5.3. “Ou fico chateado e não falo, ou tento explicar e dizer, ou então quando é a mãe ou o pai que têm razão sou teimoso, não me fico por ali, sou sempre teimoso.”

6.

6.1. “As notas e o comportamento.”

6.2. “Outra vez a questão da minha irmã, a minha irmã é aquela menina sempre certinha só que eu não posso ser e então sinto-me sempre um bocado...como se fosse o menino que nasceu imperfeito, porque a minha mãe saiu como deve ser, boa aluna e não sei quê e eu saí com algumas notas piores e pronto, é como se tivesse desapontado os pais que estavam habituados àquelas notas da irmã e eu fico sempre um bocado em baixo quando resmungam.”

7. “Não.”

8. “Uma vez uma mãe chamada Rosa e um filho chamado Filipe. Um dia a mãe levou o filho à escola e o filho não lhe deu um beijinho de despedida, foi-se embora, a mãe ficou zangada, à tarde quando voltou a ver o filho, zangou-se com o filho, o filho disse que não podia ter dado um beijinho, que já estava atrasado, depois a mãe continuou-se a zangar com ele porque não gostou da atitude dele e o filho ficou um bocado triste por causa da reacção da mãe e depois à noite ao jantar falaram sobre isso e continuaram a discutir, o irmão também não concordava com a atitude nem da mãe, nem do filho depois a outra irmã estava um bocado normal a isso, dizia que não tinha nada a ver com isso e continuava a explicar à mãe que não tinha sido por mal, que tinha sido por atraso escolar e a mãe ficou chateada com o filho e deixou de lhe

falar.” E ficou assim? “Ficou assim...” e nunca mais se falaram? “pois isso eu já não sei, depois tentaram resolver as coisas com o pai depois o pai fez a mãe perceber que o rapaz já estava atrasado e não tinha tido tempo. A mãe acabou por perceber e acabaram por ficar novamente normais.”

ANEXO E

TABELAS E GRÁFICOS DOS RESULTADOS

1. Pré-Categoria – A Mãe

PRÉ-CATEGORIA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A		F	%	Somas
M - Mãe Toda a informação que possibilita a categorização da figura materna	MM Mãe como Mãe	MMAp - função afectiva positiva	MMAp - apoiar/ajudar/amparar: "é muito mãe galinha." (suj.2); "protege-me" (suj.10)	2	14,29%	42,86%
			MMApp - ser amiga/conversar/estar presente: "é amiga" (suj.8)	1	7,14%	
			MMApam - mostrar amor/compreensão	0	0,00%	
		MMAm - função afectiva negativa	MMAm - mostrar impaciência: "não tem muita tolerância." (suj.7); "às vezes está zangada comigo e fica muito chata." (suj.8); "de vez em quando é que se irrita um bocado." (suj.9)	3	21,43%	
		MME - função educativa/formativa: "ajuda-me a estudar." (suj.13)	1	7,14%	7,14%	
		MML - função lúdica	0	0,00%		
		MMAf - função de autoridade	MMAfe - exigente: "manda-me fazer uma coisa, depois eu não quero e depois obriga-me." (suj.5)	1	7,14%	21,43%
			MMAfc - conservadora:	0	0,00%	
			MMAfl - liberal: "é liberal." (suj.7); "dá-me liberdade..." (suj.9)	2	14,29%	
		MMAnc - função provedora de necessidades: "tudo o que é para ela, ela dá-me tudo a mim e...sabe-me tratar muito bem." (suj.1); "quando quero alguma coisa, compra isso." (suj.8); "sabe cuidar de mim, dá-me as refeições...compra coisas." (suj.10)	3	21,43%	21,43%	
	MP Mãe como Pessoa	MPT - mãe trabalhadora	0	0,00%		
		MPR - mãe relacional: "É um pouco invejosa, mas também é simpática." (suj.1); "...mau humor matinal...é simpática." (suj.2); "é simpática." (suj.3, 6, 13); "simpática, divertida." (suj.4); "é um bocado teimosa." (suj.5); "é divertida." (suj.7); "é boa pessoa." (suj.11); "simpática, tem muitas amigas, convive bem com outras pessoas." (suj.12); "é simpática, calma, compreende as pessoas, sabe ouvir as pessoas, não gosta de aborrecer as pessoas muitas vezes." (suj.14)	11	78,57%	78,57%	
		MPar - anti-relacional	0	0,00%		
		MPC - centrada em si	0	0,00%		
		MPF - aspectos físicos: "é loira, tem cabelos encaracolados, olhos azuis, é magra, é um bocado...é média, não é alta nem é baixa." (suj.2); "morena...é alta." (suj.4); "é grande, cabelos pretos, olhos castanhos" (suj.8); "tem cabelo encaracolado, é pintado mais ou menos de laranja, um bocado acastanhado, tem olhos verdes e é um bocado branquinha." (suj.9); "Já tem 53 anos...é quase da altura do meu irmão, ... é assim magra." (suj.10); "tem 49 anos, é um bocado velha, mas tem uma carinha assim tipo de 39." (suj.11); "é baixinha como eu... é bonita." (suj.12)	7	50,00%	50%	
MPP - aspectos psicológicos		0	0,00%			
Categoria Indiferenciada: "ela é..., é...não sei." (suj.3); "é boa mãe...e não sei" (suj.6)		2	14,29%	14,29%		

Tabela 1.1 – Cotação das respostas correspondentes às categorias Mãe como Mãe e Mãe como Pessoa no grupo dos 12 anos

PRE-CATEGORIA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A		F	%	Somas	
M - Mãe Toda a informação que possibilita a categorização da figura materna	MM Mãe como Mãe	MMAP - função afectiva positiva	MMAPa - apoiar/ajudar/amparar:	0	0,00%	78,57%	
			MMAPp - ser amiga/conversar/estar presente: "é amiga." (suj.3)	1	7,14%		
			MMAPam - mostrar amor/compreensão: "tem muita paciência para as asneiras que eu faço." (suj.1); "não se chateia muito, não é irritadiça nem nada." (suj.2); "é carinhosa..." (suj.6); "compreensiva." (suj.8); "gosta de dar muitos miminhos." (suj.11); "é como uma mãe, é uma mãe simpática, às vezes vejo mães que gritam bastante com os filhos, a minha não é nada assim, nem o meu pai..." (suj.12); "é boa mãe, nunca me fez sentir mal." (suj.13)	7	50,00%		
		MMAN - função afectiva negativa	MMANi - mostrar impaciência: "às vezes tem mau feitiço quando se chateia." (suj.7); "outras vezes está aos gritos." (suj.10); "chateia-se um bocadinho com facilidade." (suj.13)	3	21,43%		
		MME - função educativa/formativa: "educa como deve ser." (suj.14)	1	7,14%	7,14%		
		MML - função lúdica	0	0,00%			
		MMAt - função de autoridade	MMAtc - conservadora	0	0,00%		35,71%
			MMAtl - liberal: "faz-me as vontades...deixa-me ir aos sítios quando eu lhe peço." (suj.3)	1	7,14%		
			MMNc - função provedora de necessidades: "aplica-se, faz de mãe e pai ao mesmo tempo." (suj.14)	1	7,14%		
		MP Mãe como Pessoa	MPT - mãe trabalhadora:	0	0,00%		
	MPR - mãe relacional: "é simpática, agradável." (suj.1); "é simpática, extrovertida." (suj.2); "é simpática." (suj.4, 5, 8, 9, 11); "engraçada." (suj.7); "ajuda os outros" (suj.9); "divertida." (suj.11); "é uma boa pessoa." (suj.14)		11	78,57%	78,57%		
	MpAr - anti-relacional		0	0,00%			
	MpC - centrada em si		0	0,00%			
	MpF - aspectos físicos: "bonita." (suj.4); "é alta, olhos castanhos, cabelo preto, veste-se com roupas modernas." (suj.7); "é baixa, é um bocado gorda, a minha cara é muito parecida com a dela, pelo menos é o que dizem..." (suj.10)		3	21,43%	21,43%		
	MpP - aspectos psicológicos: "é inteligente." (suj.6); "gosta daquelas coisas lá dos anos 60." (suj.11)		2	14,29%	14,29%		
	Categoria Indiferenciada: "não sei explicar..." (suj.3, 8); "é importante..." (suj.4); "é como do filho com uma mãe." (suj.5);		4	28,57%	28,57%		
	Excepção: "não consigo estar muito tempo longe dela...vêm as saudades." (suj.3)						

Tabela 1.2 – Cotação das respostas correspondentes às categorias Mãe como Mãe e Mãe como Pessoa no grupo dos 13 anos

1. Pré-Categoria – A Mãe (M)

Categoria – Mãe como Mãe (MM)

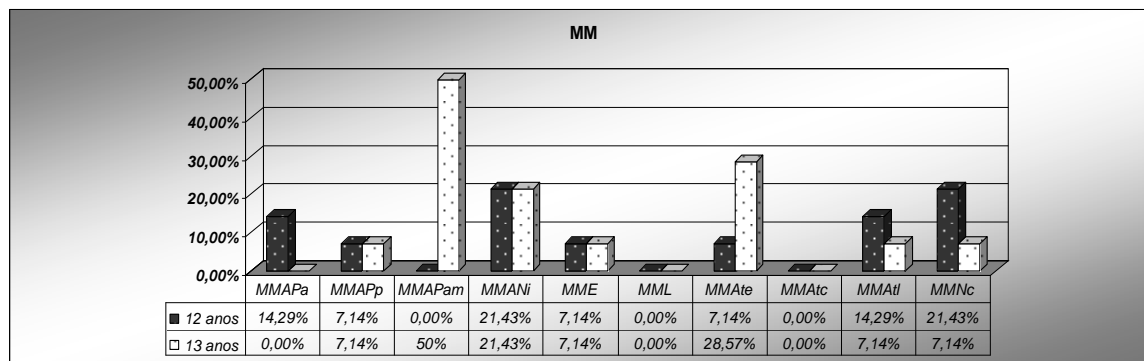


Fig.1.1 – Percentagem das respostas relativas à categoria Mãe como Mãe (MM), no grupo de rapazes de 12 e 13 anos.

Através do gráfico podemos verificar que, na categoria Mãe como Mãe (MM), no grupo de rapazes de **doze anos** destaca-se a função negativa de mostrar impaciência (MMANi), no entanto se juntarmos as funções positivas e negativas, igualam com 21,43%, mas com esta mesma percentagem encontra-se a função da mãe como provedora de necessidades (MMNc). Seguidamente a estas surgem, com igual percentagem (14,29%), as funções, de apoiar/ajudar/amparar (MMAPa) e de autoridade, na sua vertente liberal (MMAtl).

No grupo de **treze anos**, destaca-se fortemente a função afectiva positiva de mostrar amor/compreensão (MMApam), com 50%, seguindo-se da função de autoridade (MMAte), na sua vertente exigente, com 28,57%, de seguida encontramos a função afectiva negativa de mostrar impaciência, com 21,43%.

É importante destacar que a função de autoridade na sua vertente conservadora não ocorre em nenhum dos grupos. Destaca-se também o facto de não surgir a função afectiva positiva de mostrar amor/compreensão aos doze anos e ocorrer com grande incidência aos treze, mas também o facto de não ocorrer a função afectiva positiva de apoiar/ajudar/amparar, aos treze, mas ocorrer aos doze.

Resumindo, a função afectiva positiva, no seu conjunto, e negativa, igualam e acabam por se evidenciar na mesma proporção aos doze anos, enquanto que aos treze, destaca-se a

positiva. Na função de autoridade sobressai a vertente exigente aos treze e a liberal aos doze. E a função provedora de necessidades sobressai aos doze anos.

Categoria – Mãe como Pessoa (MP)

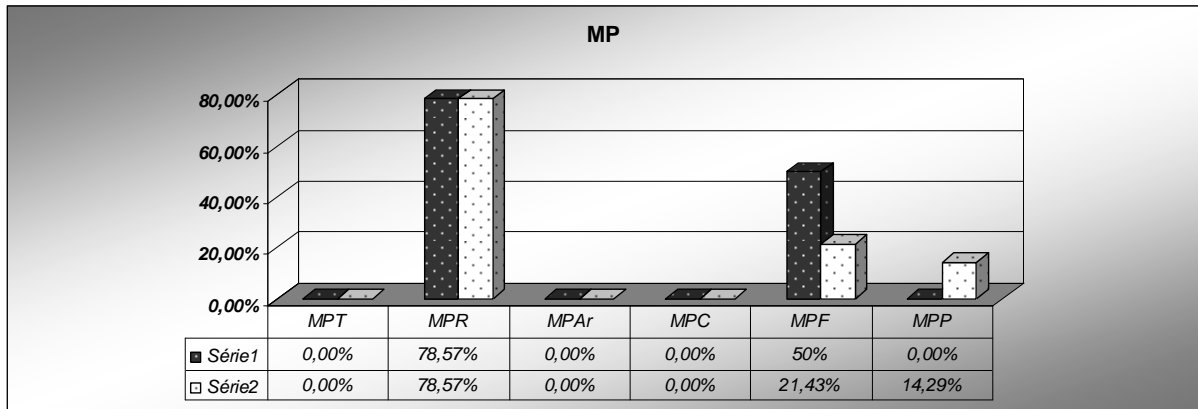


Fig.1.2 – Percentagem de respostas relativas à categoria da Mãe como Pessoa (MP), aos 12 e 13 anos.

Na categoria Mãe como Pessoa (MP) destaca-se, aos **doze anos** a elevada percentagem de aspectos físicos (MPF) para caracterizarem a mãe, com 50%, assim como sobressaem os aspectos relacionais (MPR), com 78,57%, em ambas as fixas etárias.

Aos **treze anos** destacam-se, com 28,57%, as respostas de carácter indiferenciado (C.Indif.), seguida dos aspectos físicos (MPF), com 21,43%, assim como os aspectos psicológicos (MPP) atribuídos à mãe, em 13,29%.

De um modo geral, os aspectos relacionais sobressaem aos doze e treze anos, ambos com 78,57%, os aspectos físicos predominam aos doze e os psicológicos, aos treze. Mas interessa destacar que aparecem os aspectos psicológicos apenas nos rapazes de treze anos.

2. Categoria – Relação com a Mãe

Subcategoria Tipo de Relação

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.		F	%
RM Relação com a Mãe	RMR Tipo de Relação	RMRp - positiva	11	78,57%
		RMRpe - educativa/formativa: "conto-lhe as coisas da escola" (suj.2); "diz o que eu devo fazer" (suj.3); "às vezes estou a fazer os trabalhos, ela ajuda-me." (suj.12)	3	21,43%
		RMRpl - lúdica: "ainda ontem fomos a um concerto." (suj.2); "deixa às vezes ir para o computador." (suj.10); "vamos a sítios." (suj.11); "saimos sempre à tarde." (suj.14)	4	28,57%
	RMRn - negativa	RMRna - afectiva: "chateamos às vezes..." (suj.4); "às vezes zanga-se...tem algumas guerras, mas não me bate muito...começa a gritar." (suj.5)	2	14,29%
		RMRnd - dominação: "normalmente faço o que ela me pede ou ordena." (suj.1)	1	7,14%
		RMRnt - neutra	0	0,00%

Tabela 2.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Tipo de Relação no grupo dos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMR Tipo de Relação	RMRp - positiva	RMRpa - afectiva: "damo-nos bem." (suj.1, 2, 6); "é boa...estou mais à vontade com ela." (suj.3); "é boa porque não nos chateamos... porque nos damos bem, falamos..." (suj.4); "é boa, gosto da minha mãe" (suj.7); "não nos chateamos nem nada e ela percebe-me." (suj.8); "a minha mãe é a pessoa com quem eu mais desabafo." (suj.9); "gostamos um do outro." (suj.10); "trata-me bem...tem aqueles carinhos de mãe." (suj.11); "nós os dois somos bastante amigos." (suj.12); "não temos assim grandes lutas." (suj.13)	12	85,71%
			RMRpe - educativa/formativa: "dá-me educação." (suj.7); "ajuda-me quando é preciso, na escola, quando tenho algumas dúvidas quando estou a estudar." (suj.12)	2	14,29%
			RMRpl - lúdica: vemos filmes durante a tarde...passeamos...jogamos jogos." (suj.2)	1	7,14%
		RMRn - negativa	RMRna - afectiva: "deixa-me fazer o que eu quero, de vez em quando." (suj.7); "a minha mãe pergunta-me sempre o que aconteceu na escola, quer saber sempre coisas sobre mim." (suj.9); "discutimos" (suj.10); "às vezes também ralha." (suj.11); "quando a mãe tem um mau dia, está sempre chateada e depois põe a carga para cima de nós e os stresses." (suj.14)	5	35,71%
			RMRnd - dominação	0	0,00%
			RMRnt - neutra	"é como do filho com uma mãe...os problemas que eu tenho falo com ela." (suj.5); "temos uma relação normal." (suj.11)	2

Tabela 2.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Tipo de Relação no grupo dos 13 anos

Subcategoria Tipo de Relação

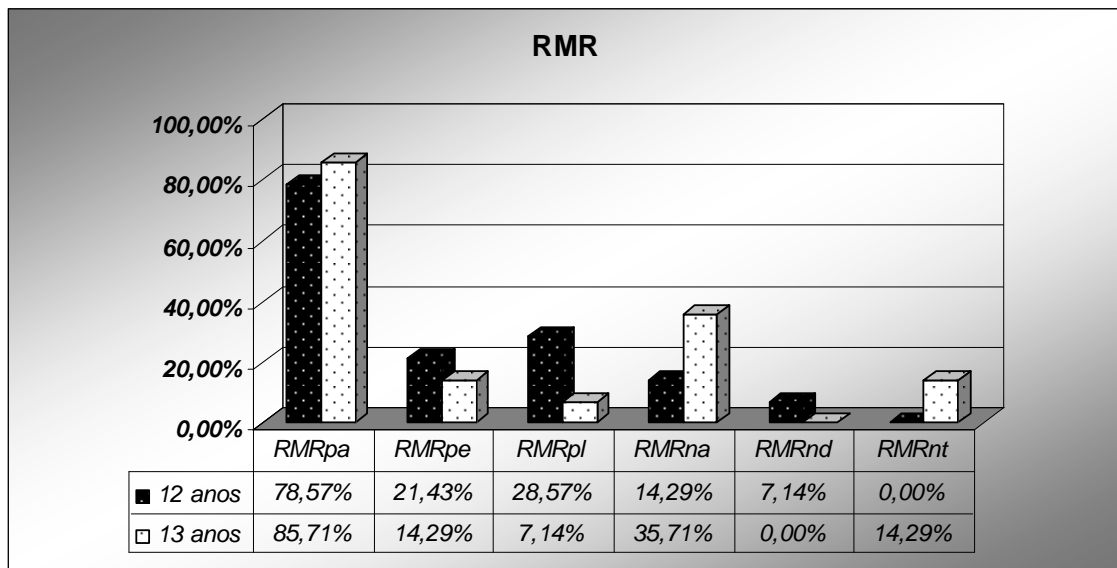


Fig.2.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Tipo de Relação (RMR) aos 12 e 13 anos.

Pode-se verificar, através do gráfico, que sobressai um tipo de relação positiva afectiva (*RMRpa*) em ambos os grupos, aos doze, com 78,57% e aos treze com 85,71%.

No grupo dos **doze anos** destacam-se também uma relação positiva lúdica (*RMRpl*), com 28,57% e educativa/formativa (*RMRpe*), com 21,43%.

A relação negativa afectiva (*RMRna*), salienta-se no grupo dos **treze anos**, com 35,71%.

A relação neutra (*RMRnt*) apenas se evidencia aos treze anos, com 14,29%, assim como a relação negativa de dominação (*RMRnd*) apenas se revela no grupo dos doze, com 7,14%.

2.2. Subcategoria – Relação Mãe Conversa (RMC)

Subcategoria Relação Mãe Conversa

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12 A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMC Relação Mãe Conversa	RMCf - O que falam	RMCfe - escola: "sobre escola." (suj.2, 5, 7, 9, 11, 12, 14)	7	50,00%
			RMCfa - amigos: "...os amigos." (suj.9); "sobre os meus colegas." (suj.11)	2	14,29%
			RMCfbe - bem-estar	0	0,00%
			RMCfd - dúvidas	0	0,00%
			RMCfva - vida amorosa: "namoradas" (suj.2, 11)	2	14,29%
			RMCfp - problemas: "assuntos mais problemáticos." (suj.7)	1	7,14%
			RMCfns - não sei: "Não sei agora...não sei, não me lembro." (suj.4)	1	7,14%
			RMCfq - assuntos quotidiano: "do que gostava de fazer, de onde gostava de ir." (suj.2); "...assuntos de família...e de casa." (suj.7); "sobre o meu dia-a-dia e o dela." (suj.9)	3	21,43%
			RMCfar - assuntos repreensíveis	0	0,00%
			RMCft - tudo: "costumo-lhe dizer tudo." (suj.1); "qualquer assunto." (suj.3); (suj.6, 13); "tudo vá..." (suj.8)	5	35,71%
	RMCac - ausência de conversa		0	0,00%	
	RMCnf - O que não falam	RMCnfva - vida amorosa: "sobre as namoradas" (suj.4); "quando se está apaixonado assim por outra pessoa." (suj.5); "sobre as raparigas." (suj.14)	3	21,43%	
		RMCnfar - assuntos repreensíveis: "sobre coisas do computador...vai lá mexer e eu não gosto...na escola quando faço algum problema também não quero que ela saiba." (suj.7); "só se fiz alguma coisa má ou porcaria." (suj.9); "das notas, quando são más, das coisas que eu fiz e que aprendi na escola." (suj.10); "sobre as notas." (suj.12)	4	50,00%	
		RMCnfn - nada:	0	0,00%	
	RMCic - iniciativa da conversa	RMCicm - mãe: "é mais a minha mãe" (suj.1, 11); "ela pergunta-me uma coisa...depois começamos a falar." (suj.2); "é a minha mãe" (suj.3, 6, 7, 13); "é mais ela." (suj.4, 5); "normalmente é ela." (suj.9, 12); "é ela." (suj.10)	12	85,71%	
		RMCicf - filho: "eu." (suj.14)	1	7,14%	
		RMCicd - os dois: "umas vezes é ela, outras vezes sou eu." (suj.8)	1	7,14%	
		RMCicpm - pai e mãe:	0	0,00%	
	RMCqf - Com quem fala quando não fala com mãe	RMCqfp - pai	0	0,00%	
		RMCqfi/a - irmãos/amigos: "às vezes com o meu irmão" (suj.4); "amigos" (suj.5, 7); (suj.10)	4	57,14%	
RMCqfn - com ninguém: (suj.9, 14)		2	28,57%		
RMCqfv - vários: "pai, irmão, amigos, mas também falo com a minha mãe" (suj.12)		1	14,29%		

Tabela 3.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Conversa no grupo dos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13 A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMC Relação Mãe Conversa	RMCf - O que falam	RMCfe - escola: "escola." (suj. 1, 3, 4, 6, 13); "pergunta-me o que aconteceu na escola." (suj.2); "falo o que se passa na escola." (suj.11); "sobre assuntos escolares." (suj.14)	8	57,14%
			RMCfa - amigos: "sobre os amigos." (suj.3); "o que se passa...com os amigos." (suj.11)	2	14,29%
			RMCfbe - bem-estar: "por causa da minha cara, dos pontos negros e borbulhas..." (suj.10)	1	7,14%
			RMCfd - dúvidas	0	0,00%
			RMCfva - vida amorosa: "namoradas" (suj.8)	1	7,14%
			RMCfp - problemas: "sobre os meus problemas...os problemas da escola." (suj.5)	1	7,14%
			RMCfns - não sei	0	0,00%
			RMCfq - assuntos quotidiano: "sobre as notícias." (suj. 1, 5, 7); "o que aconteceu no dia..." (suj.2); "sobre o que me acontece..." (suj.3); "como é que foi o dia." (suj.4); "só coisas do dia-a-dia." (suj.10); "assuntos da actualidade." (suj.12)	8	57,14%
			RMCfar - assuntos repreensíveis: "quando faço coisas mal feitas." (suj.7)	1	7,14%
			RMCft - tudo:	0	0,00%
	RMCac - ausência de conversa		0	0,00%	
	RMCnf - O que não falam	RMCnfva - vida amorosa: "sobre se tenho namorada ou não." (suj.3); "de quem gosto..." (suj.5); "falar de raparigas é que não gosto." (suj.11); "namoradas." (suj.12, 13, 14)	6	42,86%	
		RMCnfar - assuntos repreensíveis: "quando tenho más notas nos testes." (suj.1); "da escola." (suj.4); "sobre o que se passa nas aulas." (suj.6); "talvez as notas..." (suj.8); "o meu comportamento na sala de aula...do relacionamento com os meus colegas" (suj.9)	5	35,71%	
		RMCnfn - nada:	0	0,00%	
	RMCic - iniciativa da conversa	RMCicm - mãe: "mais a minha mãe." (suj.1, 2, 3, 12); "a minha mãe, sempre." (suj.4); "mais ela." (suj.5); "a mãe." (suj.6, suj.11, 13); "é a minha mãe." (suj.7); "é ela que me pergunta." (suj.8); "ela" (suj.10); "a maior parte das vezes é ela que puxa a conversa." (suj.14)	13	92,86%	
		RMCicf - filho:	0	0,00%	
		RMCicd - os dois:	0	0,00%	
		RMCicpm - pai e mãe: "são eles." (suj.9)	1	7,14%	
	RMCqf - Com quem fala quando não fala com mãe	RMCqfp - com o pai: (suj.6)	1	9,09%	
		RMCqfi/a - irmãos/amigos: "amigos" (suj.3, 4, 9, 12, 13); "com a minha irmã" (suj.14); (suj.1)	7	63,64%	
RMCqfn - ninguém: (suj.5, 8)		2	18,18%		
RMCqfv - vários: "pai e com o meu tio" (suj.11)		1	9,09%		

Tabela 3.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Conversa no grupo dos 13 anos

O que falam

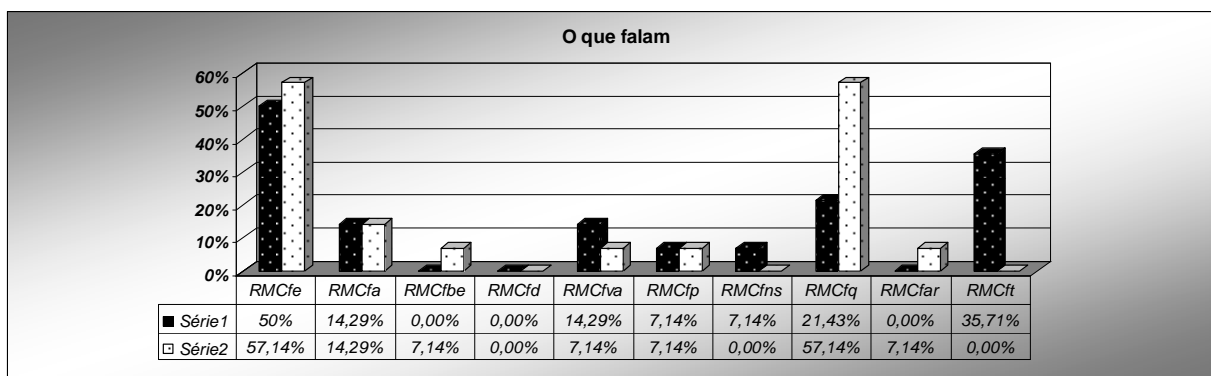


Fig.3.1 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, consoante aos assuntos que falam, aos 12 e 13 anos.

Relativamente ao que falam com a mãe, podemos verificar através do gráfico que, aos doze anos 50% falam sobre a escola (RMCfe), seguindo-se 35,71% a falarem de tudo (RMCft), depois referem falar também dos amigos e vida amorosa, ambos com 14,29% e, por fim, apenas com 7,14% dizem não saber do que falam (RMCfns), assim como falam dos problemas (RMCfjp), em igual proporção.

Aos treze anos verificamos que, 57,14% falam da escola (RMCfe) e em igual percentagem falam de assuntos do quotidiano (RMCfq), seguindo-se os amigos, com 14,29% os restantes assuntos com apenas 7,14% cada.

Não ocorre falarem sobre dúvidas (RMCfd) em ambos os grupos. Aos doze anos não surge falarem sobre o bem-estar (RMCfbe), nem de assuntos repreensíveis (RMCfar), assim como não ocorre aos treze anos não saberem do que falam (RMCfns), assim como falarem sobre tudo (RMCft).

Resumindo, destaca-se o assunto escola em ambos os grupos, o facto de referirem falar de tudo aos doze e assuntos do quotidiano aos treze anos.

O que não falam

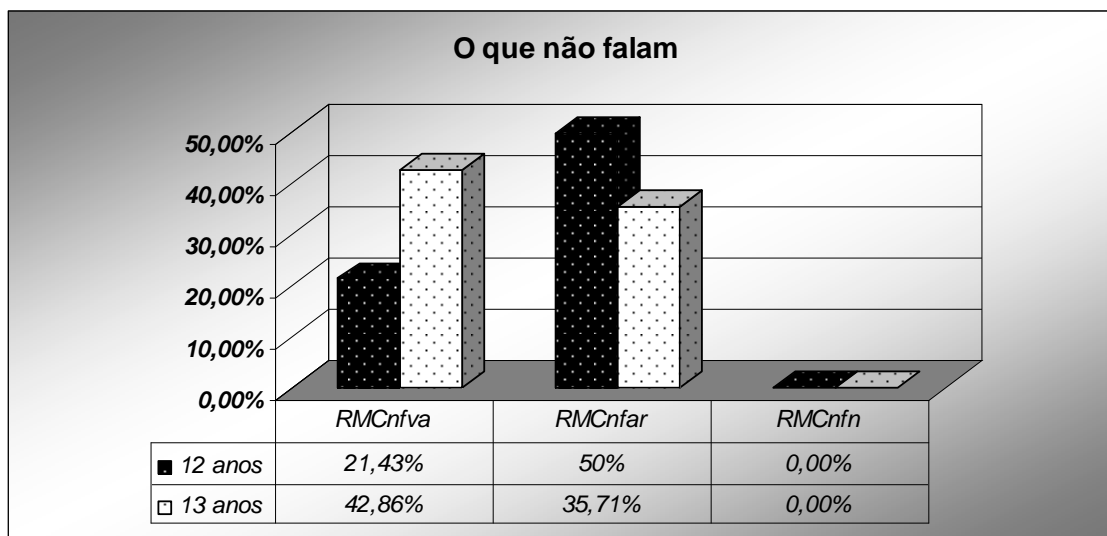


Fig.3.2 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, consoante aos assuntos que não falam, aos 12 e 13 anos.

Perante o gráfico observamos que, aos doze anos destacam-se 50% dos rapazes que não falam de assuntos repreensíveis (*RMCnfar*) e sobressai, aos treze anos 42,86% dos rapazes a não falarem da vida amorosa.

Em nenhum dos grupos há rapazes a referir que não falam de nada.

Iniciativa das conversas

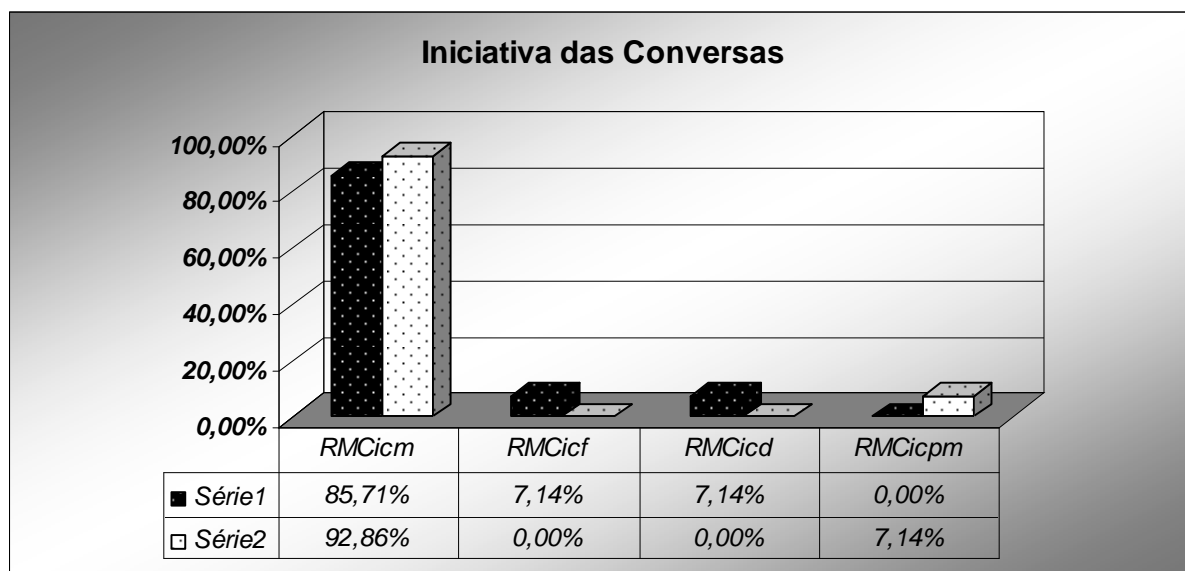


Fig.3.3 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, relativamente à iniciativa das conversas, aos 12 e 13 anos.

Quanto à iniciativa das conversas observamos que, em ambas as faixas etárias sobressai a mãe como desencadeadora do discurso, aparecendo o filho como iniciando a conversa apenas aos doze anos. Para além disso aparecem os dois, mãe e filho, a iniciar a conversa apenas no grupo dos doze anos, enquanto que no grupo dos treze aparece o pai e a mãe (em conjunto), como iniciadores do discurso.

Com quem falam quando não falam com a mãe

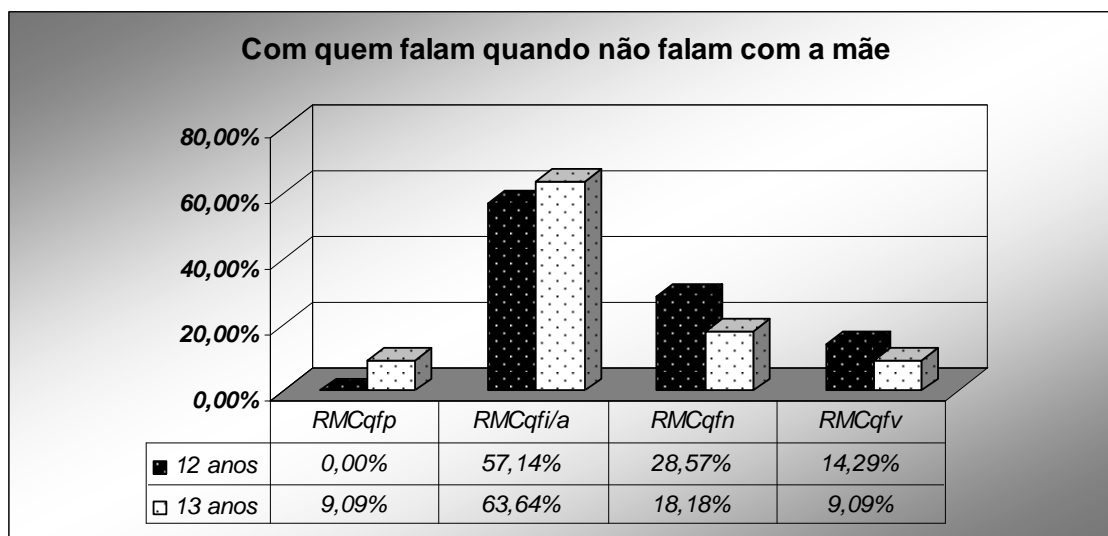


Fig.3.4 – Percentagem de respostas relativas à 2ª subcategoria Relação Mãe Conversa, relativamente a quem falam quando não falam com a mãe, aos 12 e 13 anos.

Quando os rapazes não falam de determinados assuntos com a mãe verifica-se que, em ambos os grupos a maioria recai sobre os irmãos e amigos (RMCqfi/a). No grupo dos **doze anos**, depois dos irmãos e amigos aparece 28,37% a não falarem com ninguém (RMCqfn) e 14,29% a referirem falarem vários sujeitos (RMCqfv).

No grupo dos **treze anos**, depois dos irmãos e amigos, 18,18% dizem falar com ninguém (RMCqfn), seguindo-se com a mesma proporção, 9,09%, falarem com vários (RMCqfv) e com o pai (RMCqfp).

Resumindo, tanto aos doze como aos treze anos a maioria fala com os irmãos e amigos, seguindo-se o facto de não falarem com ninguém, guardando assuntos para si.

2.3. Subcategoria – Relação Mãe Fazer (RMF)

Relação Mãe Fazer

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.		F	%
RM - Relação com a Mãe	RMF Relação Mãe Fazer	RMFfp - passear: "...quando tenho de ir ao dentista ou ao médico." (suj.2); "às vezes vou com ela onde ela quer ir...vamos dar uma volta." (suj.4); "às compras." (suj.6, suj.10); "costuma-me levar a sitios..." (suj.9); "damos passeios." (suj.11); "vamos andar..." (suj.12); "vou passear com ela." (suj.13); "vamos muitas vezes ao centro comercial...damos passeios..." (suj.14)	9	64,29%
		RMFfb - brincar/jogar: "brincar." (suj.3); "às vezes jogo jogos com ela." (suj.6); "...jogamos computador." (suj.12)	3	21,43%
		RMFfe - estudar: "estudar." (suj.3); "fazemos os trabalhos de casa juntos." (suj.5, 11); "às vezes peço-lhe ajuda para estudar, para fazer os trabalhos de casa." (suj.6); ajuda-me...a fazer os trabalhos de casa." (suj.9, 12); "lemos livros." (suj.10); "estudo com ela." (suj.13)	8	57,14%
		RMFfv - ver filmes/TV: "vemos filmes." (suj.2); "vemos televisão" (suj.12)	2	14,29%
		RMFfc - conversar: "conversar." (suj.3); "falamos..." (suj.5, 8)	3	21,43%
		RMFfet - estar	0	0,00%
		RMFftd - tarefas domésticas: "às vezes cozinhamos." (suj.1); "ajudo-a a fazer o jantar." (suj.2); "às vezes ajudo-a a cozinhar." (suj.5); "às vezes faço o comer...posso ajudar a por a mesa. Ajudo-a a por a minha roupa no armário." (suj.7); "cozinho com ela..., fazemos as camos e pomos a mesa." (suj.10); "ajudo a minha mãe a cozinhar...ajudo-a a limpar a casa." (suj.12)	6	42,86%
RMFfnf - não fazem	0	0,00%		

Tabela 4.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Fazer no grupo dos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMF Relação Mãe Fazer	RMFf - O que fazem	RMFfp - passear: "vamos ao café, ao supermercado." (suj.1); "vamos passear...dar uma volta de carro" (suj.2); "damos uns passeios." (suj.4); "ir às compras." (suj.11); "sair...às compras." (suj.12); "...andar a pé..." (suj.14)	6	46,15%
			RMFfb - brincar/jogar: "jogar jogos na consola...jogar ténis." (suj.2); "jogamos a jogos." (suj.3, 9)	3	23,08%
			RMFfe - estudar: "os trabalhos de casa." (suj.4); "trabalhos da escola..." (suj.5); "ajuda-me a fazer trabalhos no computador...e a estudar." (suj.8); "estudamos juntos." (suj.9); "ajuda-me nos trabalhos de casa, a estudar." (suj.13)	5	38,46%
			RMFfv - ver filmes/TV: "ver filmes." (suj.2); "vimos televisão." (suj.3, 4, 6); "vejo televisão com ela." (suj.5)	5	38,46%
			RMFfc - conversar: "falamos." (suj.3, 4)	2	15,38%
			RMFfet - estar	0	0,00%
			RMFftd - tarefas domésticas: "ajudo-a a limpar a casa." (suj.2); "arrumamos a casa" (suj.3); "às vezes cozinho com ela." (suj.4); "ajudo-a na cozinha e a limpar a casa." (suj.7); "às vezes gosto de fazer comida com a minha mãe." (suj.9)	5	38,46%
	RMFnf - não fazem	(suj.10)	1	7,14%	

Tabela 4.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Fazer no grupo dos 13 anos

Relação Mãe Fazer

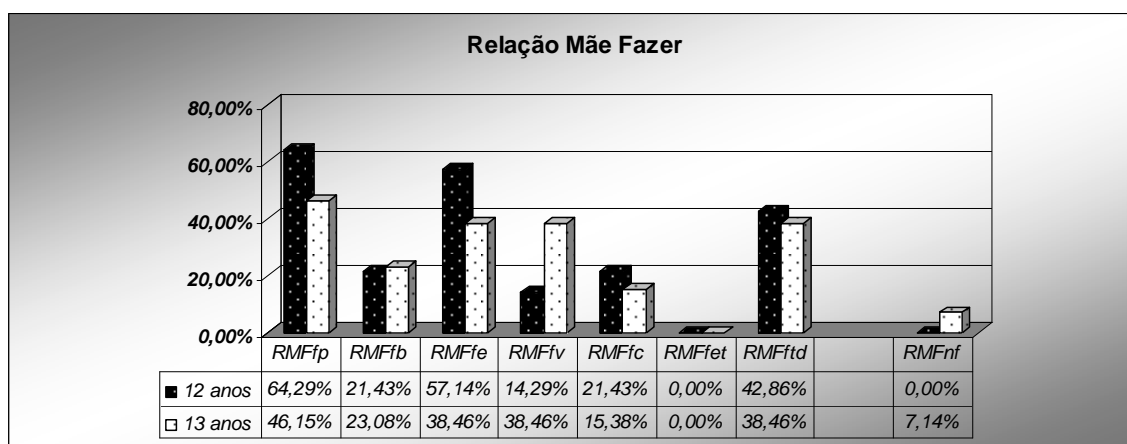


Fig.4.1 – Percentagem de respostas relativas à 3ª subcategoria Relação Mãe Fazer, aos 12 e 13 anos

Relativamente ao que fazem com a mãe podemos observar pelo gráfico que, em ambas as faixas etárias destaca-se o passear (RMFfp).

Aos **doze anos**, depois de passear sobressai estudar com 57,14% (RMFfe), seguindo-se 42,86% nas tarefas domésticas (RMFftd). Com 21,43% aparecem conversar (RMFfc) e brincar/jogar (RMFfb) e por fim ver filmes/TV (RMFfv), com 14,29%.

Aos treze anos, a seguir a passear destacam-se o estudar (RMFfe), ver filmes/TV (RMFfv) e tarefas domésticas (RMFftd), todos com 38,46%. Seguindo-se 23,08% em brincar/jogar (RMFfb) e 15,38% em conversar (RMFfc).

Aparece apenas aos treze anos 7,14% a referir que não faz nada (RMFnf) só com a mãe.

Não aparecem sujeitos, em nenhuma das faixas etárias a referir estar (RMFfet) com a mãe.

Sucintamente, destaca-se que a tarefa que mais realizam com a mãe é passear, em ambos os grupos e apenas aos treze aparece um sujeito a referir não fazer nada com a mãe.

2.4. Subcategoria – Relação Mãe Exige (RME)

Relação Mãe Exige

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.		F	%
RM - Relação com a Mãe	RME Relação Mãe Exige	RMEee - escola: "coisas da escola." (suj.1); "que eu estude." (suj.2); "que não chumbe." (suj.3); "as notas, para não conversar." (suj.4); "que eu estude muito." (suj.5); "estudar, fazer os trabalhos de casa antes de ir para o computador." (suj.6); "boas notas." (suj.8, 9, 11, 12); "estudar." (suj.10); "estude...leia livros." (suj.13); "que não seja mau aluno..." (suj.14)	13	92,86%
		RMEep - passatempos: "não jogar tanto." (suj.4); "quando eu via muita televisão, que eu visse menos e não jogar tanto computador." (suj.5); "não veja tanta televisão." (suj.13)	3	21,43%
		RMEev - bom-comportamento/valores morais: "que seja educado..." (suj.2); "que não faça coisas más, que não tenha um mau comportamento nas aulas." (suj.3); "me porte bem." (suj.9); "...não falte ao respeito a ninguém..." (suj.14)	4	28,57%
		RMEes - maior segurança	0	0,00%
		RMEec - cuidado: "comer bem e não ter amigos maus, aqueles tipo rufias" (suj.12)	1	7,14%
		RMEet - tarefas domésticas: "mantenha o meu quarto arrumado." (suj.9); "...limpe o quarto" (suj.13)	2	14,29%
	RMEse - O que o filho sente face às exigências da mãe	RMEseb - sente-se bem/concorda: "ela faz isso para eu ser boa pessoa quando crescer." (suj.2); "é sinal que ela se está a preocupar comigo e isso é bom." (suj.3); "bem, porque ela quer o meu bem." (suj.6); "sinto-me bem porque vai ser lucrativo." (suj.8); "bem." (suj.11); "acho que é uma boa atitude..." (suj.12); "acho que a minha mãe só me está a tentar ajudar..." (suj.13); "sinto-me bem, acho que a minha mãe tem razão..." (suj.14)	8	57,14%
		RMEsem - mais ou menos/ não concorda com algumas coisas: "mais ou menos...sei que tenho de estudar, mas não quero." (suj.10); "tento, às vezes vou para o meu quarto...tenho coisas para fazer e ela não me deixa, por exemplo no computador...não me apetece deixar de falar com aquela pessoa, mas depois tenho de desligar." (suj.4); "nem sempre acho que ela tenha razão..." (suj.7)	3	21,43%
		RMEsem - sente-se mal/discorda: "um bocado preso..." (suj.5); "De vez em quando é que já não dá!" (suj.9)	2	14,29%
	Exceções: "desempenho, desempenho no que estou a fazer, em tudo...integrar, integrar as coisas." (suj.7); "falo com ela" (suj.1)			

Tabela 5.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Exige no grupo dos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.		F	%
RM - Relação com a Mãe	RME Relação Mãe Exige	RMEee - escola: "boas notas." (suj.1, 4, 5, 8, 11, 12); "estudar mais." (suj.2); "estudar muito..." (suj.3, 7); "trabalhe para ter uma actividade boa..." (suj.6); "estudar." (suj.9), "as notas." (suj.14)	12	85,71%
		RMEep - passatempos:	0	0,00%
		RMEev - bom-comportamento/valores morais: "me porte bem." (suj.2); "não me meter em confusões" (suj.3), "não fume, não vá para a droga..." (suj.4); "não quer que eu me meta em problemas." (suj.6); "o comportamento." (suj.14)	5	35,71%
		RMEes - maior segurança	0	0,00%
		RMEec - cuidado: "não vá na conversa dos meus colegas." (suj.7)	1	7,14%
		RMEet - tarefas domésticas: "fazer tarefas, ir por o lixo..." (suj.10)	1	7,14%
	RMEse - O que o filho sente face às exigências da mãe	RMEseb - sente-se bem/concorda: "concordo..." (suj.1, 5), "sinto-me bem, acho que os pais devem apoiar os filhos..." (suj.3); "acho bem...se os pais não exigissem íamos por um mau caminho." (suj.4); "sinto-me bem...sinto que ela se preocupa." (suj.11); "bem...não gostava de estar sempre a ser pressionado para ter as notas que os pais querem." (suj.13)	6	42,86%
		RMEsem - sente-se mal/discorda: "não gosto muito que ela me controle...não tem confiança em mim." (suj.7); "sinto-me mal, não gosto de trabalhar." (suj.10); "...como se fosse o menino que nasceu imperfeito..." (suj.14)	3	21,43%
		RMEemm - mais ou menos/não concorda com algumas coisas: "...eu entendo isso, apesar de não gostar muito." (suj.6); "é assim..." (suj.8); "sinto-me bem...mas às vezes fico chateado de não poder estar mais tempo no computador..." (suj.2); "sinto-me um bocado pressionado, mas sinto-me bem às vezes." (suj.9)	4	28,57%
	<p>Excepção: "...pronto a minha mãe e o meu pai...gostam que eu tire boas notas...é isso que eles tentam explicar." (suj.12)</p>			

Tabela 5.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Exige no grupo dos 13 anos

O que a Mãe Exige

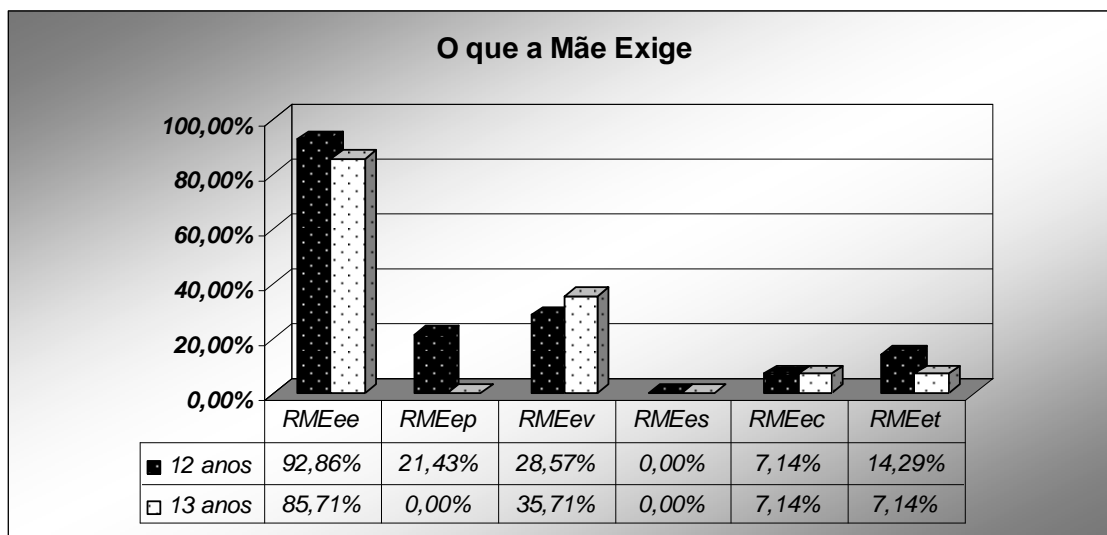


Fig.5.1 – Percentagem de respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Mãe Exige, aos 12 e 13 anos.

Perante o gráfico percebemos que em ambas as faixas etárias as exigências recaem principalmente sobre a escolar (RMEee) – 92,86% para os doze anos e 85,71% para os treze.

Aos **doze anos** depois da escola, as exigências distribuem-se pelo bom comportamento/valores morais (RMEev) em 28,57%, seguido dos passatempos (RMEep) com 21,43%, 14,29% ainda referem tarefas domésticas (RMEet). Por fim e com 7,14% encontra-se as exigências ao nível do cuidado (RMEec), com a mesma proporção em ambas as faixas etárias.

Aos **treze anos** podemos verificar que depois das exigências ao nível escolar encontramos, como aos doze anos, as exigências no âmbito do bom comportamento/valores morais (RMEev) em 35,71% dos rapazes. Depois disto apenas aparecem em 7,14% as exigências ao nível do cuidado (RMEec) e tarefas domésticas (RMEet). Nesta faixa etária não aparecem exigências ao nível dos passatempos (RMEep).

Resumindo, destacam-se as exigências ao nível escolar, seguidas dos valores morais em ambos os grupos.

Como o filho se sente face às exigências da mãe

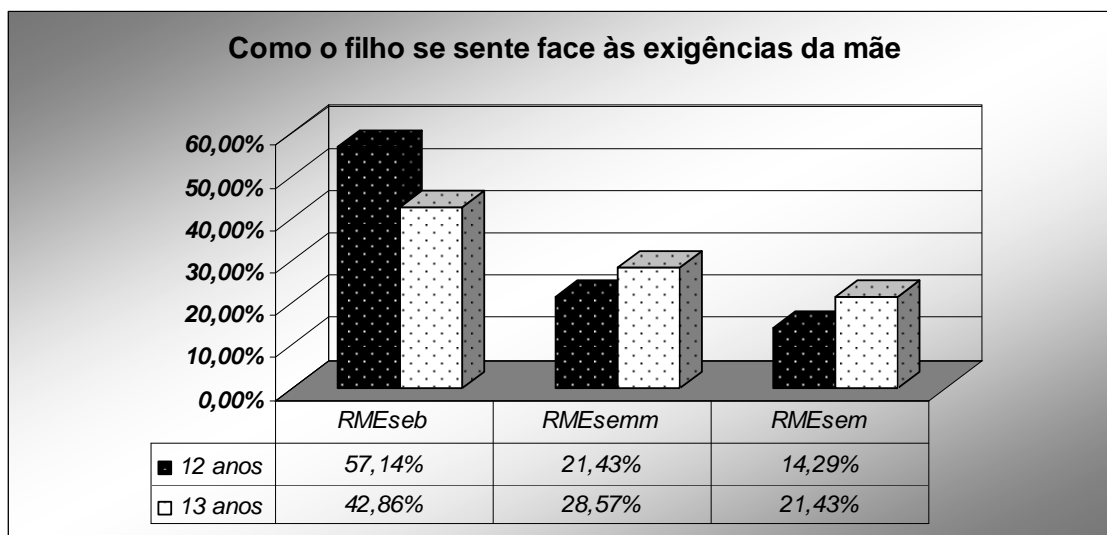


Fig.5.2 – Percentagem de respostas relativas à 4ª subcategoria Relação Mãe Exige, consoante ao que o filho sente face às exigências, aos 12 e 13 anos.

Perante as exigências verificamos que, tanto no grupo dos doze anos como no grupo dos treze anos, a maioria sente-se bem/concorda (RMEseb) – 57,14% aos doze anos e 42,86% aos treze.

No grupo dos **doze** anos verificamos que 21,43% dos rapazes sentem-se mais ou menos face às exigências da mãe (RMEesmm), seguindo-se 14,29% que se sentem mal face às exigências.

No grupo dos **treze anos**, após a maior incidência de rapazes que se sente bem face às exigências, seguem-se 28,57% que se sentem mais ou menos e, por fim 21,43% sente-se mal.

2.5. Subcategoria – Relação Mãe Discordância (RMD)

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMD Relação Mãe discordância	RMDhs - saídas/amigos: "não me deixa sair..." (suj.4); "quando eu quero ir a algum sitio e ela diz que não quer ir..." (suj.11)	2	16,67%	
		RMDhe - escola: "...quando tenho teste, acordo e pergunta...vá, vai estudar." (suj.5); "quando a minha mãe diz que eu tenho de estudar e eu não quero." (suj.11); acontece alguma coisa na escola...a minha mãe acha que eu tenho mais culpa." (suj.14)	3	25,00%	
		RMDhp - passatempos	0	0,00%	
		RMDhd - discussões familiares: "eu às vezes é que penso que ela só os quer defender, é os ciúmes." (suj.2)	1	8,33%	
		RMDhn - notícias/politica	0	0,00%	
		RMDhi - individualidade: "é mais nos castigos." (suj.1), "também não concordo quando ela me põe de castigo, não percebo porquê..." (suj.4); "...só se for por ela me por de castigo..." (suj.6); diz-me para eu vestir uma coisa, mas eu não quero porque não gosto..." (suj.5); "às vezes quero vestir uma coisa e ela quer que vista outra." (suj.12); "por exemplo no Carnaval, as brincadeiras..." (suj.3); "quando ela diz uma coisa e eu digo que não concordo." (suj.9); "quando às vezes não posso ir comer para a sala." (suj.7); "às vezes quero comer num sitio, ela quer comer noutra...quero passear a um lugar, ela quer ir a outro." (suj.12)	9	75,00%	
		RMDhc - conflito de gerações	0	0,00%	
		RMDht - tarefas domesticas	0	0,00%	
		RMDhdi - dinheiro: "quando quero alguma coisa e quero comprar..." (suj.8)	1	8,33%	
		RMDnh - não há discordância	"Não, eu concordo." (suj.10); "agora não me lembro de nada." (suj.13)	2	16,67%
		RMDrc - Tipo de resolução do conflito	RMDrc - confronto	0	0,00%
			RMDrce - evitamento de confrontos: "tenho de respeitá-la e obedecer." (suj.1); "não resolvo, não lhe digo nada." (suj.2); "tentamos conversar." (suj.3); "infelizmente tenho de fazer aquilo..." (suj.5), "...tenho de fazer o que ela quer." (suj.6); "mãe é mãe, tenho de aceitar." (suj.7); "pergunto: posso juntar?..." (suj.8); "damos as opiniões um do outro." (suj.9); "tem de ser à maneira dela..." (suj.11); "às vezes falamos..." (suj.12); "normalmente conversamos e chegamos à razão." (suj.14)	11	91,67%
RMDnrc - não resolução do conflito	"umas vezes respondo-lhe: tá bem...!...se achar que não tem razão vou para o meu quarto" (suj.4);	1	8,33%		

Tabela 6.1 – Cotação das respostas relativas à subcategoria Relação Mãe Discordância aos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.		F	%	
RM - Relação com a Mãe	RMD Relação Mãe discordância	RMDh - há discordância	RMDhs - saídas/amigos: "quando quero sair com os amigos." (suj.8)	1	9,09%
			RMDhe - escola: "vamos para a rua e levamos castigos...do tipo limpar a casa de banho...não concordo...os pais concordam sempre." (suj.4); "na escola" (suj.8); "uma pessoa não tem de ser pressionada nos estudos." (suj.14)	3	27,27%
			RMDhp - passatempos: "muito tempo no computador..faz mal." (suj.7); "estou sempre no computador..." (suj.12); "...passe tanto tempo no basket." (suj.13)	3	27,27%
			RMDhd - discussões familiares	0	0,00%
			RMDhn - notícias/política	0	0,00%
			RMDhi - individualidade: "noticias sobre ladrões..." (suj.1); "nas roupas..." (suj.5); "às vezes a minha mãe obriga-me a fazer coisas que eu não quero" (suj.9); "às vezes acho que eu é que tenho razão e ela não." (suj.11); "não gosto da comida...fico chatedo...os móveis...mas eu quero como está!" (suj.10)	5	45,45%
			RMDhc - conflito de gerações	0	0,00%
			RMDht - tarefas domesticas	0	0,00%
			RMDhdi - dinheiro	0	0,00%
		RMDnh - não há discordância	"Não" (suj.2); "Assim de repente, não sei..." (suj.3); "acho que nos entendemos e concordamos." (suj.6)	3	21,43%
		RMDrc - Tipo de resolução do conflito	RMDrcc - confrontação: "digo que não concordo..." (suj.1); "chateio-me..." (suj.4); "discuto..." (suj.13); "não me fico por ali, sou sempre teimoso." (suj.14)	4	36,36%
			RMDrce - evitamento de confrontos: "calo-me." (suj.7); "falando." (suj.10, 12); "se não deixar o meu pai ajuda-me." (suj.8)	4	36,36%
		RMDnrc - não resolução do conflito	"algumas vezes continuo a dizer que gosto mais daquilo do que da outra, outras vezes deixo estar." (suj.5); "deixo passar um tempo...faço um bocadinho à maneira dela...depois faço à minha maneira...ela deixa" (suj.9); "ou às vezes não faço, outras vezes tenho de fazer às escondidas." (suj.11)	3	27,27%

Tabela 6.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Relação Mãe Discordância no grupo dos 13 anos

Onde há discordância/se não há discordância

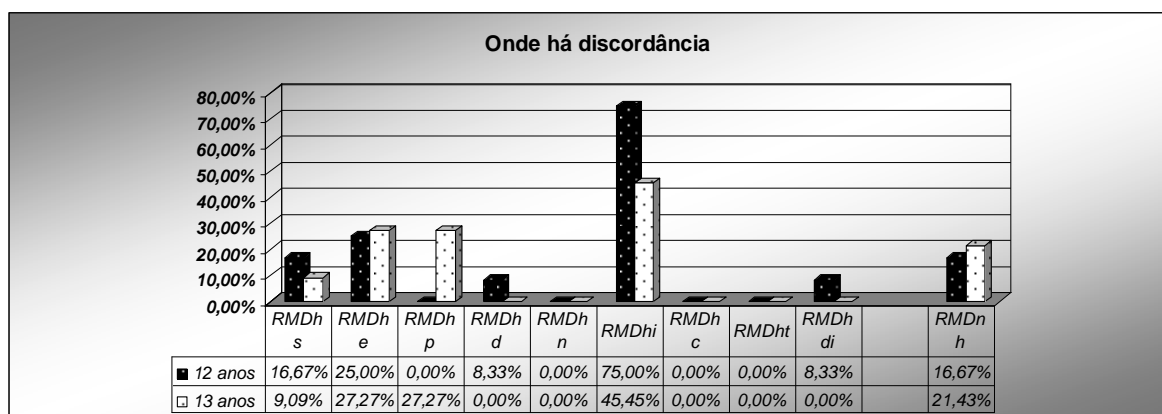


Fig.6.1 – Percentagem de respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Mãe Discordância, relativamente a onde há discordância, aos 12 e 13 anos.

Diante do gráfico percebemos que a discordância incide maioritariamente, em ambos os grupos, ao nível da individualidade – aos doze anos com 75% e aos treze com 45,45%.

Para além da maioria dos rapazes discordar quanto à individualidade, aos **doze anos** também discordam relativamente à escola (RMDhe), em 25%, seguida das saídas/amigos (RMDhs), com 16,67% e, em igual proporção encontramos as discussões familiares e dinheiro, com 8,33%.

No entanto, encontram-se 16,67% dos rapazes de doze anos que referem não haver discordância.

Aos **treze anos**, depois da maioria incidir na discordância ao nível da individualidade, encontramos a discordância ao nível da escola (RMDhe) e dos passatempos (RMDhp), ambos com 27,27% e, por fim encontramos a discordância relativamente às saídas/amigos (RMDhs), com 9,09%.

Mesmo assim, no grupo dos treze anos verificamos que existem 21,43% de rapazes que referem não haver discordância com a mãe.

Tipo de resolução do conflito/não resolução

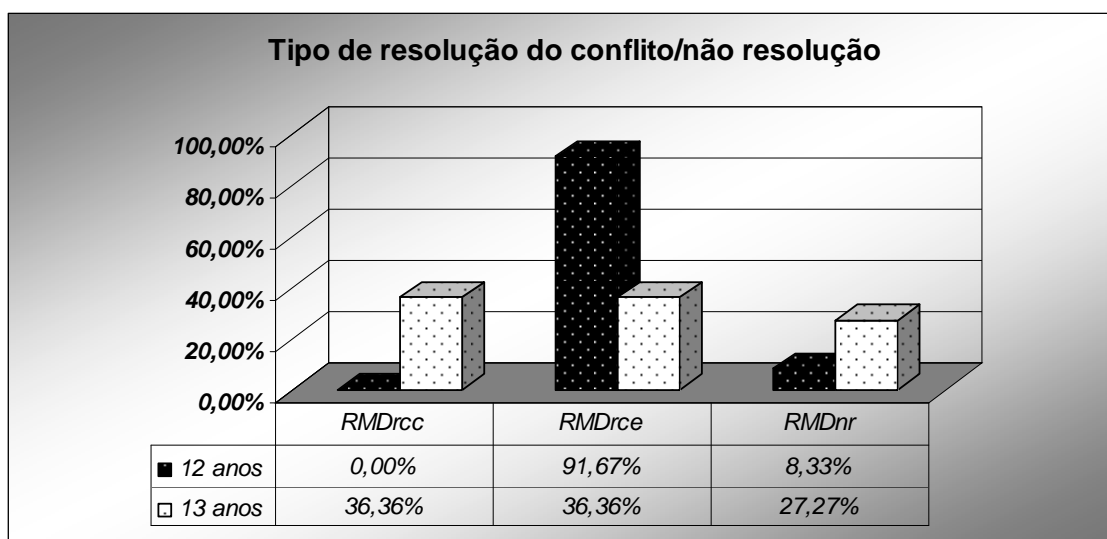


Fig.6.2 – Percentagem de respostas relativas à 5ª subcategoria Relação Mãe Discordância, relativamente ao tipo de resolução, ou não resolução, de conflito, aos 12 e 13 anos.

Podemos observar que no que se refere ao tipo de resolução do conflito, os rapazes de **doze anos** referem mais evitamento de confrontos (RMDrce), em 91,67%, não havendo nenhum rapaz a evidenciar confronto (RMDrcc). De qualquer modo, observamos ainda 8,33% dos rapazes a demonstrarem não resolução de conflitos (RMDnr).

Nos rapazes de **treze anos** observamos uma distribuição similar entre o confronto (RMDrcc) e o evitamento de confrontos (RMDrce), ambos com 36,36% dos rapazes. No entanto, ainda se verificam 27,27% de rapazes que demonstram não resolução de conflitos (RMDnr).

Resumindo, há um maior número de rapazes de doze anos a evitar o confronto que aos treze.

3. Categoria – Imagem da Mãe

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de registo 12A		F	%
IM Imagem da Mãe	IMP Imagem da Mãe Positiva	IMPfd - fazer o desejado: "dá-me sempre tudo, o que ela pode dar, ela dá." (suj.1); "quando me chama para falar com ela." (suj.2); "quando ela não resmungar comigo." (suj.4); "de às vezes me dar o que eu quero." (suj.8); "quando eu lhe peço uma coisa ela dá." (suj.6); "dos cozinhados." (suj.10); "da comida dela." (suj.12)	7	50,00%
		IMPsd - ser o desejado: "ela é muito bondosa para mim." (suj.1); "ela ajuda-me a resolver os meus problemas." (suj.3); "quando ela está feliz." (suj.5); "é liberal." (suj.7); "ser amiga...sabe falar comigo como deve ser." (suj.8); "dá-me liberdade." (suj.9); "...quando ela é simpática para os meus amigos." (suj.11); "gosto da paciência dela." (suj.12); "simpática, descontraída...quando falo com ela fico descontraído." (suj.13); "o que eu gosto mais é a forma dela ser..." (suj.14)	10	71,43%
		IMPed - estar disponível: "quando está de bom humor." (suj.2); "quando ela está comigo...e ficamos ali sem dizer nada..." (suj.4); "gosto de estar com ela." (suj.5); "conseguir ter tempo para falar comigo." (suj.6)	4	28,57%
	IMN Imagem da Mãe Negativa	IMNfnd - fazer o não desejado: "quando ela me manda ir estudar." (suj.3); "quando é para me ir deitar." (suj.4); "não gosto quando ela se chateia." (suj.5); "quando me mete de castigo, ..., quando não me deixa jogar computador." (suj.6); "irrita-se só por uma coisinha que eu faça." (suj.7); "não me deixa estar acordado até mais tarde." (suj.10); "quando me começa só a chatear..." (suj.11); "quando fala das amigas dela ou do trabalho dela." (suj.12); "às vezes chateia-se comigo sem eu ter culpa." (suj.14)	9	64,29%
		IMNnsd - não ser o desejado: "é um bocado injusta com os castigos em casa." (suj.1); "do mau humor matinal." (suj.2); "quando está chateada comigo." (suj.8); "...é um bocado histérica." (suj.9); "às vezes é um bocado stressada, discute..." (suj.13)	5	35,71%
		IMNned - não estar disponível	0	0,00%
	AIMN Ausência de Imagem da Mãe Negativa			0

Tabela 7.1 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Imagem da Mãe no grupo dos 12 anos

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A		F	%
IM Imagem da Mãe	IMP Imagem da Mãe Positiva	IMPfd - fazer o desejado: "costuma ver filmes comigo." (suj.1); "gosto que ela passe algum tempo comigo a jogar ténis, a andar de bicicleta." (suj.2); "...quando ela me ajuda." (suj.6); "ajuda-me sempre, ...quase sempre, a maior parte das vezes." (suj.9); "defende-me muito." (suj.13)	5	35,71%
		IMPsd - ser o desejado: "compreende sempre o que eu às vezes faço..." (suj.3); "dá-me liberdade, deixa-me fazer o que eu quero." (suj.4); "ser simpática comigo e com os outros." (suj.5); "gosto como ela é..." (suj.7); "quando eu faço alguma coisa errada e lhe conto, ela tenta compreender...ajuda-me a estudar." (suj.8); "ela ser engraçada e dizer piadas." (suj.10); "o tipo de ser." (suj.11); "a personalidade dela, é muito engraçada...é uma pessoa calma..." (suj.12); "gosto dela como ela é, é boa mãe." (suj.13); "gosto como a minha mãe educa...faz um bocado maluca e nós desatamos a rir...mas também sabe pôr na linha." (suj.14)	10	71,43%
		IMPed - estar disponível: "sabe falar, se lhe faço alguma pergunta sabe responder, sabe...fala abertamente." (suj.11)	1	7,14%
	IMN Imagem da Mãe Negativa	IMNfnd - fazer o não desejado: "ralha muito comigo." (suj.1); "quando me pede para limpar a casa, para ir fazer os trabalhos de casa, para estudar..." (suj.2); "quando ela me manda arrumar a loiça, fazer a cama." (suj.3); "quando ela começa a ralhar comigo por eu não ajudar nas tarefas de casa..." (suj.6); "quando ela se chateia por eu estar no computador muito tempo." (suj.7); "...gostava de ir comprar qualquer coisa mas não posso." (suj.9); "quando ela me chateia." (suj.10); "quando está de mau humor, irrita-se muito." (suj.13); "das pressões dela, da maneira dela se chatear com as notas..." (suj.14)	9	64,29%
		IMNnsd - não ser o desejado: "dá muita importancia às coisas que eu faço mal..." (suj.4); "quando ela está um bocadinho mais mal-disposta." (suj.5); "quando se chateia é muito teimosa também." (suj.8); "...preocupa-se demais..." (suj.12)	4	28,57%
		IMNned - não estar disponível: "é muito impaciente e irrita-se muito facilmente..." (suj.11)	1	7,14%
		AIMN Ausência de Imagem da Mãe Negativa	0	0,00%

Tabela 7.2 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Imagem da Mãe no grupo dos 13 anos

3. Categoria – Imagem da Mãe (IM)

Imagem da Mãe Positiva e Negativa

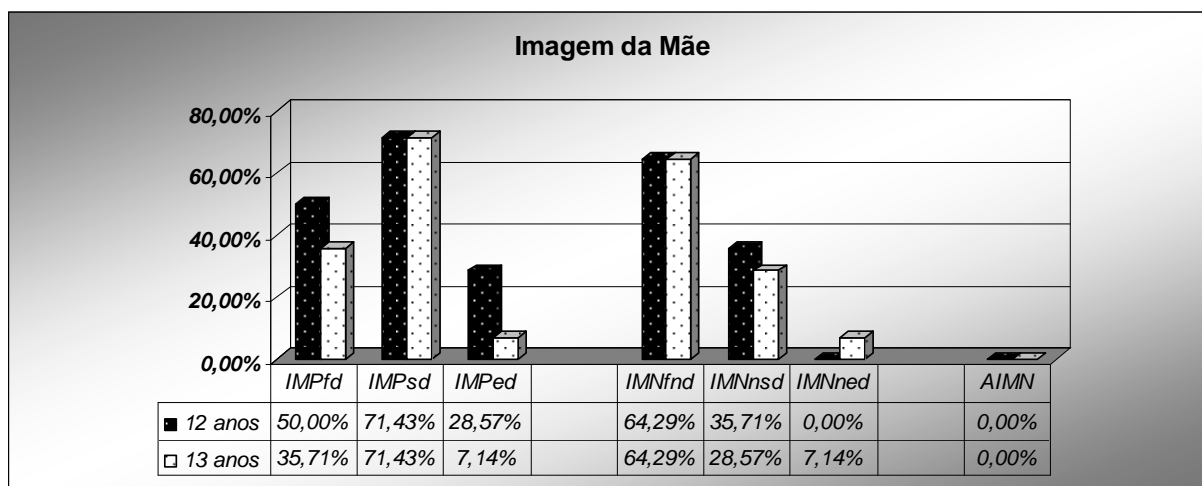


Fig.7.1 – Percentagem de respostas relativas à categoria Imagem da Mãe, relativamente à imagem positiva e negativa, aos 12 e 13 anos.

Relativamente à imagem da mãe podemos observar que em ambas as faixas etárias, a imagem da mãe positiva incide maioritariamente sobre ser o desejado (IMPsd), com 71,43%, igual aos doze e treze anos, assim como também incide maioritariamente sobre a imagem da mãe negativa em fazer o não desejado com 64,29%, em ambas as idades.

Aos **doze anos** segue-se com 50% a imagem da mãe positiva em fazer o desejado (IMPfd) e, por fim, com 28,57% de rapazes consideram a imagem da mãe positiva em estar disponível (IMPed). Na mesma faixa etária, a seguir à imagem da mãe negativa como fazer o não desejado encontra-se a imagem da mãe negativa em não ser o desejado (IMNnsd), com 35,71%, não se verificando nenhum sujeito demonstrando a imagem da mãe negativa como não estar disponível (IMNned).

Aos **treze anos** verifica-se, após a grande proporção da imagem da mãe positiva em ser o desejado (IMPsd), encontramos 35,71% dos rapazes que referem a imagem da mãe positiva como fazer o desejado (IMPfd) e 7,14% em estar disponível (IMPed). Quanto à imagem da mãe negativa, nos treze anos verificamos que depois da grande incidência em fazer o não desejado, estão 28,57% em não ser o desejado (IMNnsd) e 7,14% em não estar disponível.

4. Pré-Categoria – Mudança Relacional

PRÉ-CATEGORIA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.	F	%
MR Mudança Relacional	Mudança na Relação	MRh - houve: "talvez possa ter piorado..." (suj.1); (suj.2, 3, 4, 8, 11); "um bocado..." (suj.5, 9); "mudou desde que estou da altura dela." (suj.7); "alterou..." (suj.10)	10	71,43%
		MRnh - não houve: "Não." (suj.6, 12, 13, 14)	4	28,57%
	O que mudou/Como era antes	MRp - proximidade: "conforme vou crescendo comecei a falar mais com ela sobre os problemas." (suj.2); "antes não nos dava-mos tão bem." (suj.3); "agora falo, consigo falar melhor." (suj.4); "antes não falava muito com ela mas agora está a melhorar." (suj.8)	4	40,00%
		MRA - afastamento: "agora há umas coisas que não gosto de lhe pedir ajuda." (suj.1); "antes fazíamos mais coisas." (suj.9); "eu agora já não converso muito com a minha mãe por causa do crescimento e isso..." (suj.11)	3	30,00%
		MRI - indiferenciada: "Sei lá...não sei, como é que eu hei-de dizer?...parece que se chateia mais comigo do que com o meu irmão" (suj.5); "antes era mais infantil, agora, pronto, estou um bocado mais alto (suj.7); "antes chegava a casa e ia estudar, depois de jantar ia para a cama" (suj.10)	3	30,00%
	Quem mudou	MRm - mãe "quando eu era mais pequeno ela era mais delicada...agora...pensa que eu faço muita asneira" (suj.5); "a maneira dela falar..."(suj.7)	2	20,00%
		MRf - filho (suj.1, 2, 4, 8, 11)	5	50,00%
		MRO - outros (suj.3, 9, 10)	3	30,00%
	Porque mudou	MRpm - por causa da mãe	0	0,00%
		MRpf - por causa do filho: "comecei a ter mais amigos." (suj.2); "agora estou mais resmungão." (suj.4); "por às vezes não fazer uma parte dos meus deveres a minha mãe diz que sou irresponsável." (suj.7); "antes ainda era criança e tinha vergonha de dizer certas coisas aos meus pais, tinha medo da reacção, agora já não." (suj.8)	4	40,00%
		MRpd - por causa dos dois	0	0,00%
		MRpe - por circunstâncias exteriores: "porque eu mudei de escola..." (suj.1); "...quando alguma coisa corre mal." (suj.5); "eramos menos, agora já somos mais..." (suj.9)	3	30,00%
		MRpns - não sabe: "sei lá, não sei..." (suj.3); "...não sei..." (suj.10); "a minha mãe diz que eu estou naquela fase do crescimentos, por mim pode ser...eu posso achar, mas não tenho a certeza." (suj.11)	3	30,00%
	Desejo de mudança na relação	dMR - desejo de Mudança na Relação: "Sim." (suj.1, 4, 5, 7, 11)	5	35,71%
		ndMR - não desejo de Mudança na Relação: "Não." (suj.2, 3, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14)	9	64,29%
	O que desejam	MRmd - Mãe diferente: "tento falar com ela para ver se ela muda a atitude acerca daquilo de guardar as coisas para ela." (suj.1); "que ela fosse menos exigente." (suj.5)	2	40,00%
		MRmfd - Mãe que faça o desejado: "ela não embirrar comigo." (suj.4); "não discutir demais." (suj.7)	2	40,00%
MRfd - Filho diferente: "mudava a minha atitude." (suj.11)		1	20,00%	
MRmdp - Mãe disponível		0	0,00%	

Tabela 8.1 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Mudança Relacional no grupo dos 12

anos

PRÉ-CATEGORIA	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.	F	%
MR Mudança Relacional	Mudança na Relação	MRh - houve: "Sim." (suj.1, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14)	10	71,43%
		MRnh - não houve: "Não." (suj.2, 5, 6, 7)	4	28,57%
	O que mudou/Como era antes	MRp - proximidade: "ficou melhor...o meu pai está longe e temos de ficar mais unidos" (suj.3)	1	10,00%
		MRa - afastamento: "...agora não se zanga tanto..." (suj.1); "estou a ficar mais velho e quase autónomo e acho que consigo fazer as coisas mais por mim." (suj.4); "antes passava mais tempo com eles, agora passo menos." (suj.8); "antes...estava quase sempre com os meus pais, mas agora não, só de vez em quando." (suj.9); "ficamos assim mais separados...falávamos mais e raramente discutíamos, agora é quase todos os dias." (suj.10); "antes acho que estava mais com ela à noite...agora acho que passo mais tempo no computador e isso." (suj.11); "quando eu era mais pequenino, estava sempre com a minha mãe...agora acho que passo menos tempo em casa..." (suj.12); "antes tinha mais tempo para estar com os meus pais..." (suj.13); "agora dou-me melhor com o meu pai do que com a minha mãe" (suj.14)	9	90,00%
	Quem mudou	MRm - mãe	0	0,00%
		MRf - filho: (suj.1, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13)	8	80,00%
		MRo - outros: (suj.3, 14)	2	20,00%
	Porque mudou	MRpm - por causa da mãe	0	0,00%
		MRpf - por causa do filho: "estou mais responsável." (suj.4); "talvez porque cresci e às vezes gosto de estar mais sozinho." (suj.9); "porque se calhar eu cresci e por causa da preguiça e isso tudo." (suj.10); "...é que já estou mais velho, e se calhar já não ligo tanto à mãe." (suj.11); "a gente fica mais autónoma e mais independente dos pais." (suj.12); "se calhar porque estou a crescer...tenho menos tempo livre." (suj.13)	6	60,00%
		MRpd - por causa dos dois: "porque eu faço menos asneiras e porque ao longo do tempo ganha-se mais paciência para as asneiras que as pessoas fazem." (suj.1)	1	10,00%
		MRpe - por circunstâncias exteriores: "quando o meu pai se foi embora..." (suj.3); "há pouco tempo os meus pais chatearam-se..." (suj.14)	2	20,00%
		MRpns - não sei: (suj.8)	1	10,00%
	Desejo de mudança na relação	dMR - desejo de Mudança na Relação: "Sim." (suj.10)	1	7,14%
		ndMR - não desejo de Mudança na Relação: "Não." (suj.1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14)	13	92,86%
	O que desejam	MRmd - Mãe diferente	0	0,00%
		MRmfd - Mãe que faça o desejado: "era ela chatear-me menos." (suj.10)	1	100,00%
		MRmdp - Mãe disponível	0	0,00%

Tabela 8.2 – Cotação das respostas correspondentes à categoria Mudança Relacional no grupo dos 13 anos

4. Pré-Categoria – Mudança Relacional (MR)

Mudança na Relação

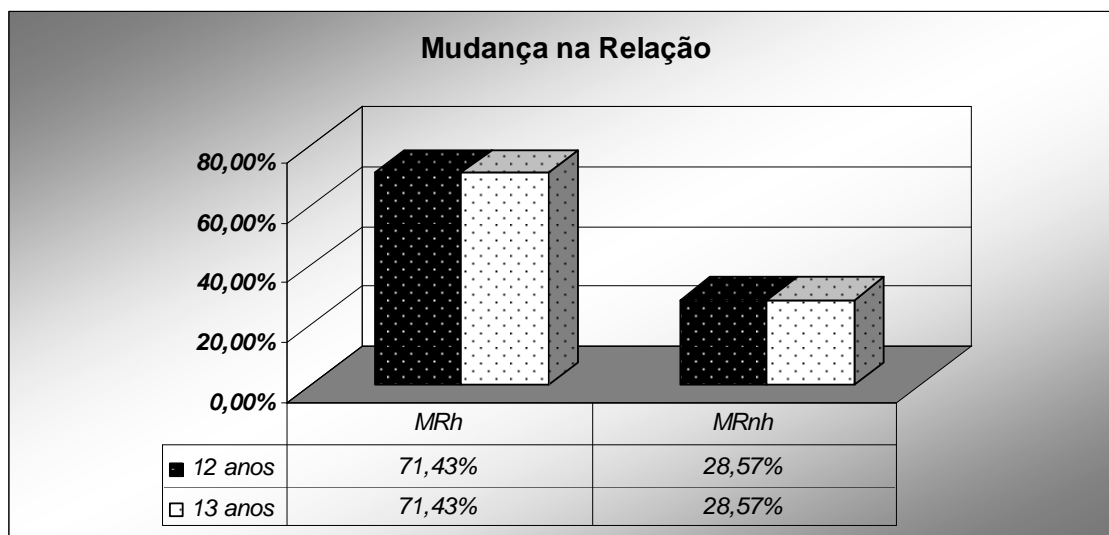


Fig.8.1 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, aos 12 e 13 anos.

Podemos observar igual proporção em ambos os grupos (doze e treze anos), tanto no que se refere à existência de mudança relacional (MRh), como não mudança da mesma (MRnh).

O que mudou na relação

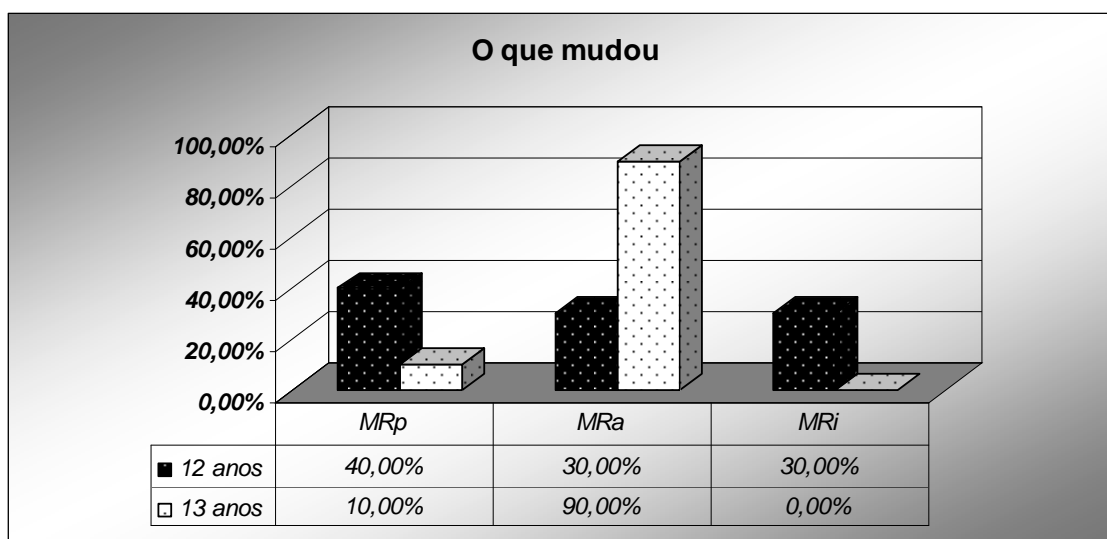


Fig.8.2 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente ao que mudou, aos 12 e 13 anos.

Verificamos através do gráfico que, aos **doze anos** a mudança incide em 40% sobre a proximidade à mãe (*MRp*), e em 30%, tanto quanto ao afastamento (*MRa*), como também, na mesma proporção, uma indiferenciação quanto à mudança (*MRi*).

Aos **treze anos** observamos 90% dos rapazes a referirem uma mudança em termos de afastamento (*MRa*), seguida de 10% em proximidade e, portanto não ocorre nenhum em indiferenciado.

Destaca-se assim a proximidade aos doze anos e o afastamento aos treze.

Quem mudou na relação

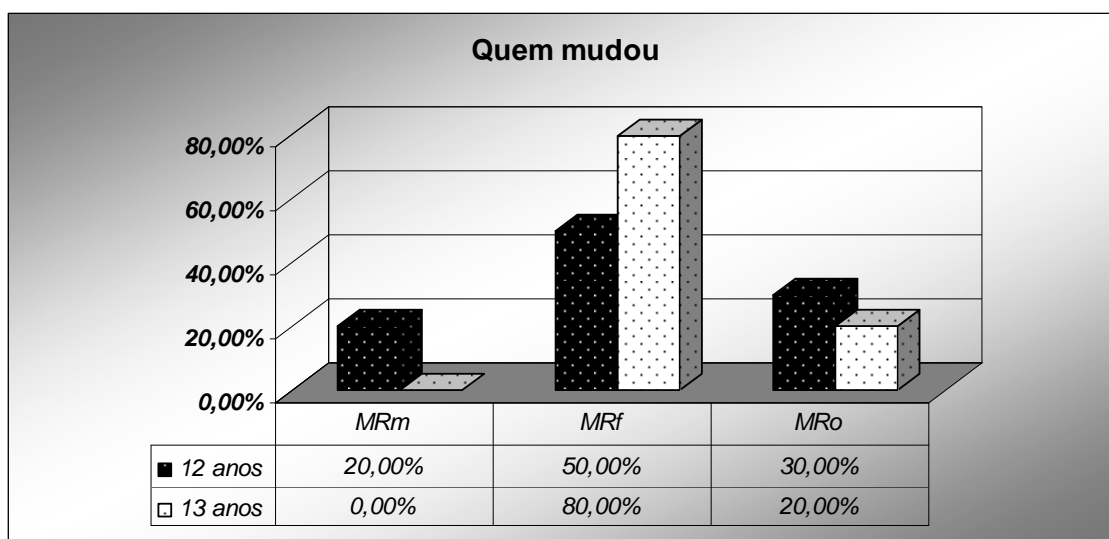


Fig.8.3 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente a quem mudou, aos 12 e 13 anos.

A mudança relacional recai essencialmente, como podemos observar no gráfico, sobre o filho (MRf), tanto aos doze como aos treze – 50% aos doze anos e 80% aos treze.

Seguida esta, aos **doze anos**, de outros (MRo) e 20% sobre a mãe (MRm).

Aos **treze anos** depois do filho verificam-se 20% sobre outros (MRo) e nenhum refere a mãe (MRm) como sendo esta a mudar.

Porque a relação mudou

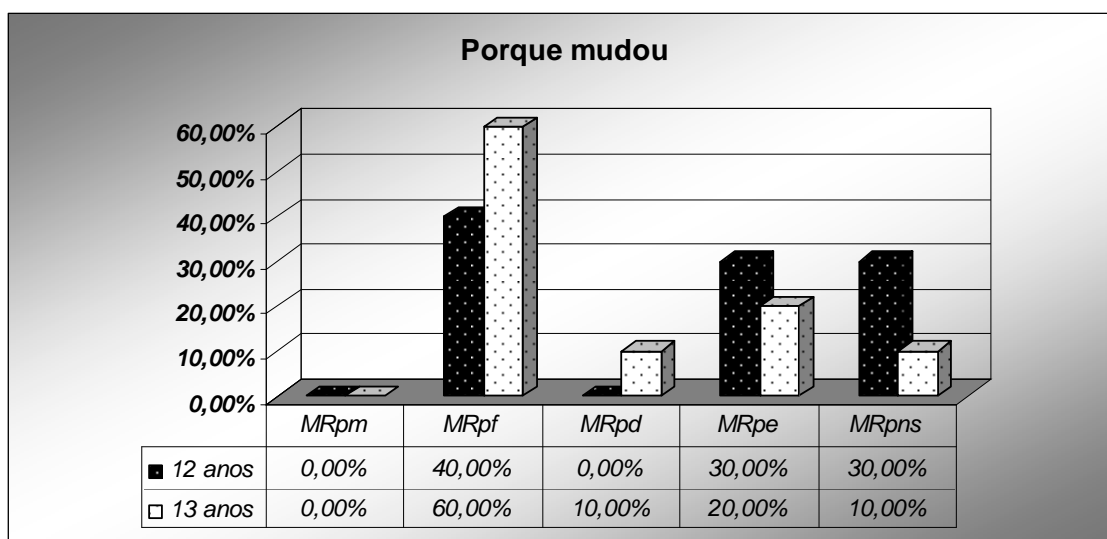


Fig.8.4 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente a porque mudou, aos 12 e 13 anos.

Perante este gráfico percebemos que a mudança relacional ocorreu, segundo 40% dos rapazes de doze e 60% dos rapazes de treze anos, por causa do filho (MRpf). Depois dele, aos **doze anos** referem, 30% mudanças por circunstâncias exteriores (MRpe) e, outros 30% não sabem porque mudou.

Aos **treze anos**, após referir o filho, as circunstâncias exteriores (MRpe) são as que mais surgem, em 20% dos rapazes, seguindo-se de 10% dos rapazes a referir os dois (MRpd), ele e a mãe e, outros 10% refere não saber porque houve mudança (MRpns).

Desejo de mudança na relação

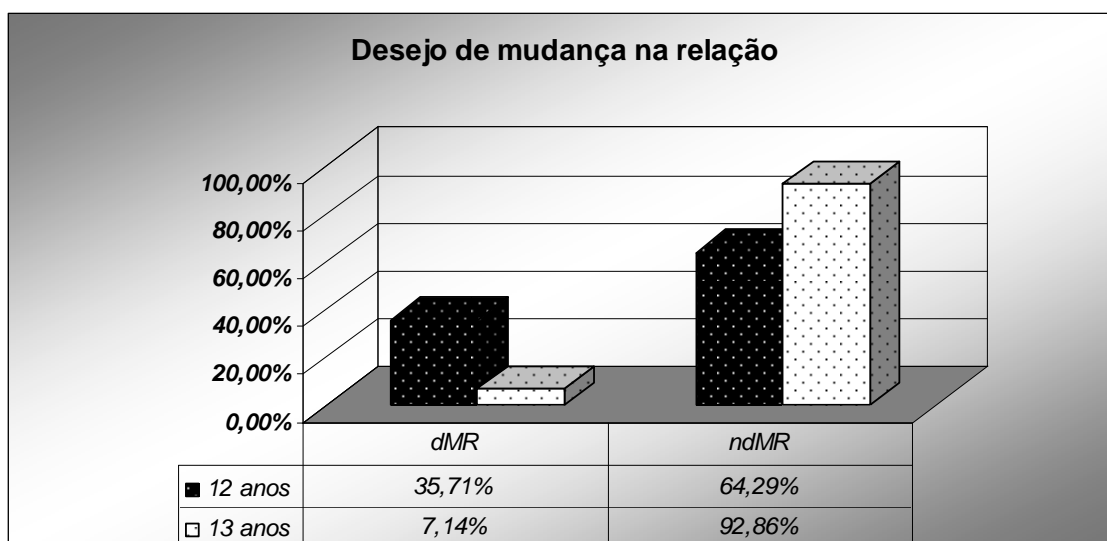


Fig.8.5 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente ao desejo de mudança, aos 12 e 13 anos.

Perante o gráfico acerca do desejo de mudança na relação com a mãe podemos verificar que aos **doze anos** há 35,71% de rapazes que desejam mudança (dMR) e 64,29% de rapazes que não desejam mudança (ndMR).

Aos **treze anos** observamos que 7,14% dos rapazes desejam mudança (dMR) e 92,86% não desejam mudança na relação com a mãe (ndMR).

O que desejam

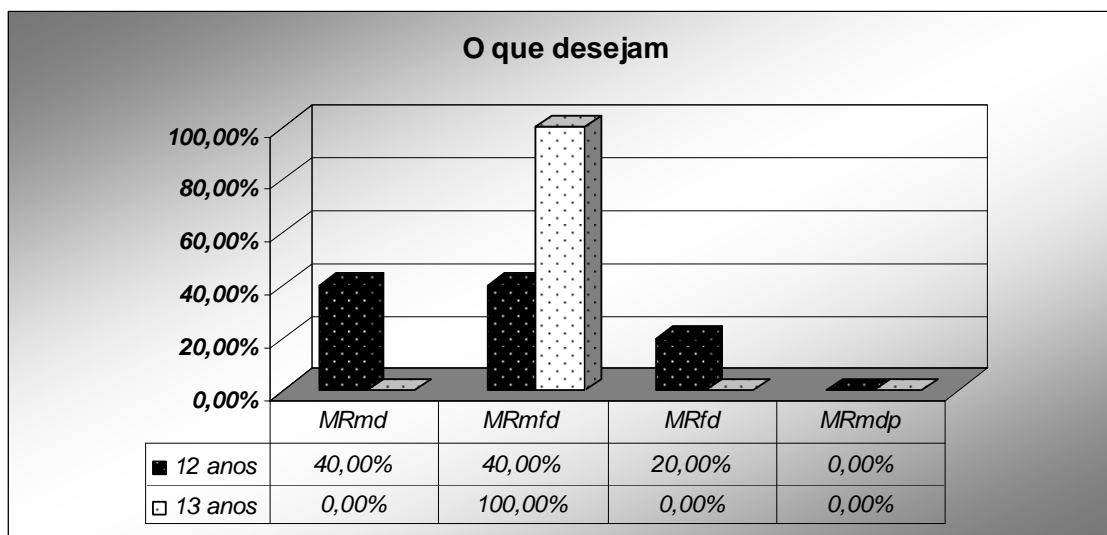


Fig.8.6 – Percentagem de respostas relativas à pré-categoria Mudança Relacional, relativamente ao que desejam face à mudança na relação, aos 12 e 13 anos.

Face aos rapazes que desejam mudança na relação com a mãe verificamos que os de **doze anos** desejam, 40% mãe diferente (MRmd), outros 40%, mãe que faça o desejado (MRmfd) e 20% filho diferente (MRfd). Nenhum refere desejo de mãe disponível.

O único de **treze anos** que refere desejar mudança, deseja mãe que faça o desejado – 100% (MRmfd).

5. Categoria – Narrativas

Acontecimentos Importantes

SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 12A.				F	%	Soma	
Acontecimentos Importantes A	Não contaram	<i>(Suj. 1, 3, 4, 6, 10, 11, 13)</i>		7	50,00%	50%	
	TA - Tipo de acontecimento	TAe - episódios	TAep - positivos	presença/proximidade da mãe: <i>(Suj. 14)</i>	1	14,29%	71,43%
			TAea - ambíguo	presença/proximidade da mãe: <i>(Suj. 2, 9)</i>	2	28,57%	
			TAen - negativos	segurança/protecção	0	0,00%	
				angústia de perda	0	0,00%	
			mãe que reprime: <i>(Suj. 5, 7)</i>	2	28,57%		
		TAm - memórias	TAm - agradáveis		0	0,00%	14,29%
			TAm - desagradáveis	<i>(Suj. 8)</i>	1	14,29%	
	TAmab - ambíguas			0	0,00%		
		TAcr - clima relacional		0	0,00%	0,00%	
	TpA - Tempo de acontecimento	TpAp - Passado: <i>(Suj. 7, 8, 9, 14)</i>		4	57,14%	57,14%	
		TpAa - Actual: <i>(Suj. 12)</i>		1	14,29%	14,29%	
TpAi - Indeterminado: <i>(Suj. 2, 5)</i>		2	28,57%	28,57%			
Excepção: <i>Suj. 12</i>							

Tabela 9.1 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Acontecimentos Importantes, no grupo dos 12 anos

SUBCATEGORIAS e Unidades de Registo 13A.				F	%	Soma	
Acontecimentos Importantes A	Não contaram	(Suj.1, 4, 5, 6, 8, 10, 11)		7	50,00%	50%	
	TA - Tipo de acontecimento	TAe - episódios	TAep - positivos	presença/proximidade da mãe: (Suj.2)	1	14,29%	42,86%
			TAea - ambíguos	presença/proximidade da mãe: (Suj.12, 14)	2	28,57%	
			TAen - negativos	segurança/protecção	0	0,00%	
				angústia de perda	0	0,00%	
			mãe que reprime	0	0,00%		
		TAm - memórias	TAmA - agradáveis	(Suj.7)	1	14,29%	42,87%
			TAmD - desagradáveis	(Suj.9)	1	14,29%	
	TAmab - ambíguas		(Suj.13)	1	14,29%		
		TAcr - clima relacional		0	0,00%	0,00%	
	TpA - Tempo de acontecimento	TpAp - Passado (Suj.9, 12, 13, 14)		4	57,14%	57,14%	
		TpAa - Actual		0	0,00%	0,00%	
TpAi - Indeterminado (Suj.2, 3, 7)		3	42,86%	42,86%			
Excepção: Suj.3							

Tabela 9.2 – Cotação das respostas correspondentes à subcategoria Acontecimento no grupo dos 13 anos

Acontecimentos Importantes (A)

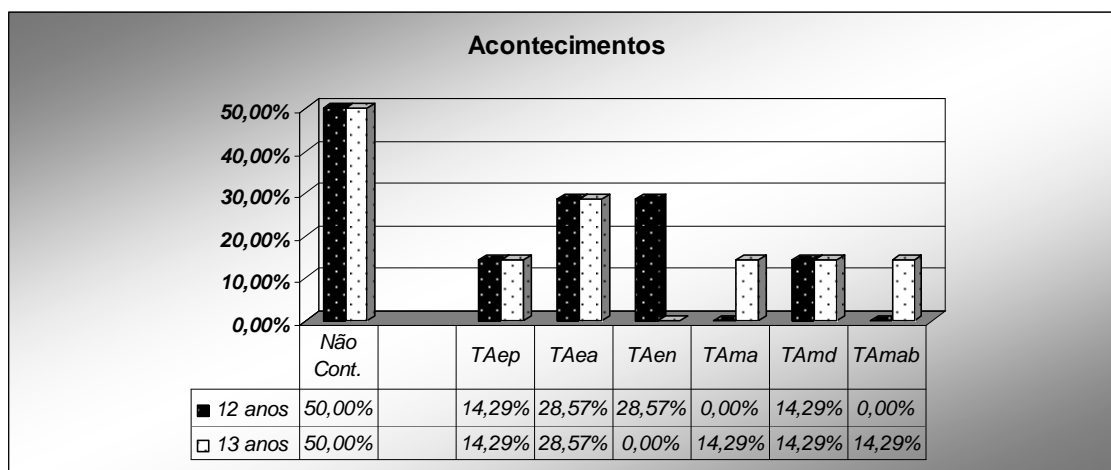


Fig.9.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Acontecimentos Importantes, aos 12 e 13 anos.

Através do gráfico observamos que 50% dos rapazes, tanto dos doze, como dos treze anos de idade não contaram um acontecimento importante.

Aos **doze anos** destacam-se, com 28,57% os episódios negativos (TAen), assim como os ambíguos (TAea), com a mesma percentagem. De seguida ocorrem os acontecimentos positivos (TAep), em 14,29%, sendo que, na mesma percentagem ocorrem as memórias desagradáveis (TAMD).

Aos **treze anos**, sobressaem 28,57% a contarem episódios ambíguos (TAea) e 14,28% para os episódios positivos (TAep), assim como para as memórias, agradáveis (TAma), desagradáveis (TAMD) e ambíguas (TAmab, todas com a mesma percentagem (14,29%).

Tempo dos acontecimentos

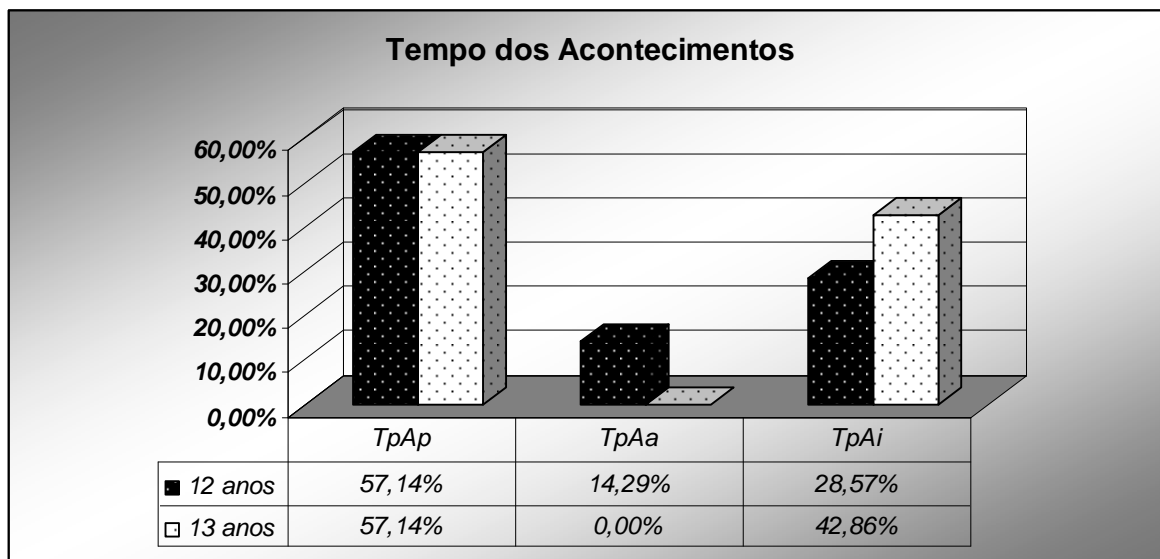


Fig.9.2 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Acontecimentos Importantes, relativamente ao tempo dos acontecimentos, aos 12 e 13 anos.

Perante o gráfico acima, podemos observar que, o tempo dos acontecimentos ocorre, tanto aos doze como aos treze em 57,14% dos rapazes. Aos **doze anos** ainda incidem, 28,57% dos rapazes em tempo indeterminado e 14,29% em tempo actual.

Aos **treze anos** após a maioria dos rapazes incidir no passado, os restantes, 42,86% incidem sobre um tempo indeterminado, não ocorrendo nenhum em tempo actual.

Histórias

CATEGORIA	SUB-CATEGORIAS						Unidades de Registro	F	%	
Histórias	Não contaram	12 anos						0	0,00%	
		13 anos	suj. 9					1	7,69%	
	TH - Tipo de História	THF - Fantasiada	THFp - positiva	Conflito	Sem Conflito Específico	12 anos			0	0,00%
						13 anos	Suj.1		1	7,69%
				Mãe	Ideal	12 anos			0	0,00%
						13 anos	Suj.1		1	7,69%
			THFa - ambígua	Inclusão de um terceiro elemento	12 anos		Suj.9		1	7,14%
					13 anos		Suj.3, 13, 14		3	23,08%
				Conflito	Eu Ideal	12 anos	Suj.12		1	7,14%
						13 anos			0	0,00%
					Sem Conflito Específico	12 anos	Suj.10, 13		2	14,29%
						13 anos	Suj.3, 6		2	15,38%
					Dependência/ Independência	12 anos	Suj.2, 3, 4, 7, 9, 11, 14		7	50,00%
						13 anos	Suj.4, 5, 10, 11, 12, 13, 14		7	53,85%
				Rivalidade	12 anos	Suj.8		1	7,14%	
					13 anos	Suj.2		1	7,69%	
				Mãe	Rejeitante	12 anos	Suj.2, 10		2	14,29%
						13 anos	Suj.3, 5		2	15,38%
			Limitante		12 anos	Suj.3, 4, 7, 11, 12		5	35,71%	
					13 anos	Suj.11, 13, 14		3	23,08%	
			Objecto de desejo		12 anos	Suj.8		1	7,14%	
					13 anos	Suj.2		1	7,69%	
			Ideal		12 anos			0	0,00%	
					13 anos	Suj.4, 10		2	15,38%	
			Frágil	12 anos			0	0,00%		
				13 anos	Suj.6		1	7,69%		
			Negligente	12 anos	Suj.2, 13, 14		3	21,43%		
				13 anos	Suj.12		1	7,69%		
			THFn - negativa	Inclusão de um terceiro elemento	12 anos				0	0,00%
					13 anos		Suj.7		1	7,69%
				Conflito	Rivalidade	12 anos			0	0,00%
						13 anos			0	0,00%
					Dependência/ Independência	12 anos	Suj. 5, 6		2	14,29%
				13 anos		Suj.7		1	7,69%	
				Mãe	Limitante	12 anos	Suj.5, 6		2	14,29%
						13 anos	Suj.7		1	7,69%
				THFrc - resolução do conflito dependência /independência	Submissão	12 anos	Suj.6, 7, 11		3	42,86%
						13 anos			0	0,00%
			Regressão		12 anos	Suj.2, 4, 5		3	42,86%	
					13 anos	Suj.5, 12, 13		3	42,86%	
			Reparação mágica		12 anos	Suj.3, 14		2	28,57%	
					13 anos			0	0,00%	
			Omnipotência		12 anos	Suj.9		1	14,29%	
					13 anos	Suj.4, 10, 11, 13		4	57,14%	
			Inclusão de um terceiro elemento	12 anos	Suj.14		1	14,29%		
				13 anos	Suj. 7		1	14,29%		
			THR - Real	THRm - memórias	agradáveis	12 anos	Suj.1		1	7,14%
13 anos								0	0,00%	
desagradáveis					12 anos			0	0,00%	
	13 anos	Suj. 8			1	7,69%				
TpH - Tempo da História	TpHp - passado	Suj.1, 5				2	14,29%			
		Suj.8				1	7,69%			
	TpHa - actual					0	0,00%			
						0	0,00%			
	TpHi indeterminado	Suj.2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14				12	85,71%			
		Suj.1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14				12	92,31%			

Tabela 10.1 – Cotação das respostas à subcategoria Histórias no grupo de 12 e 13 anos

Histórias Fantasiadas Positivas

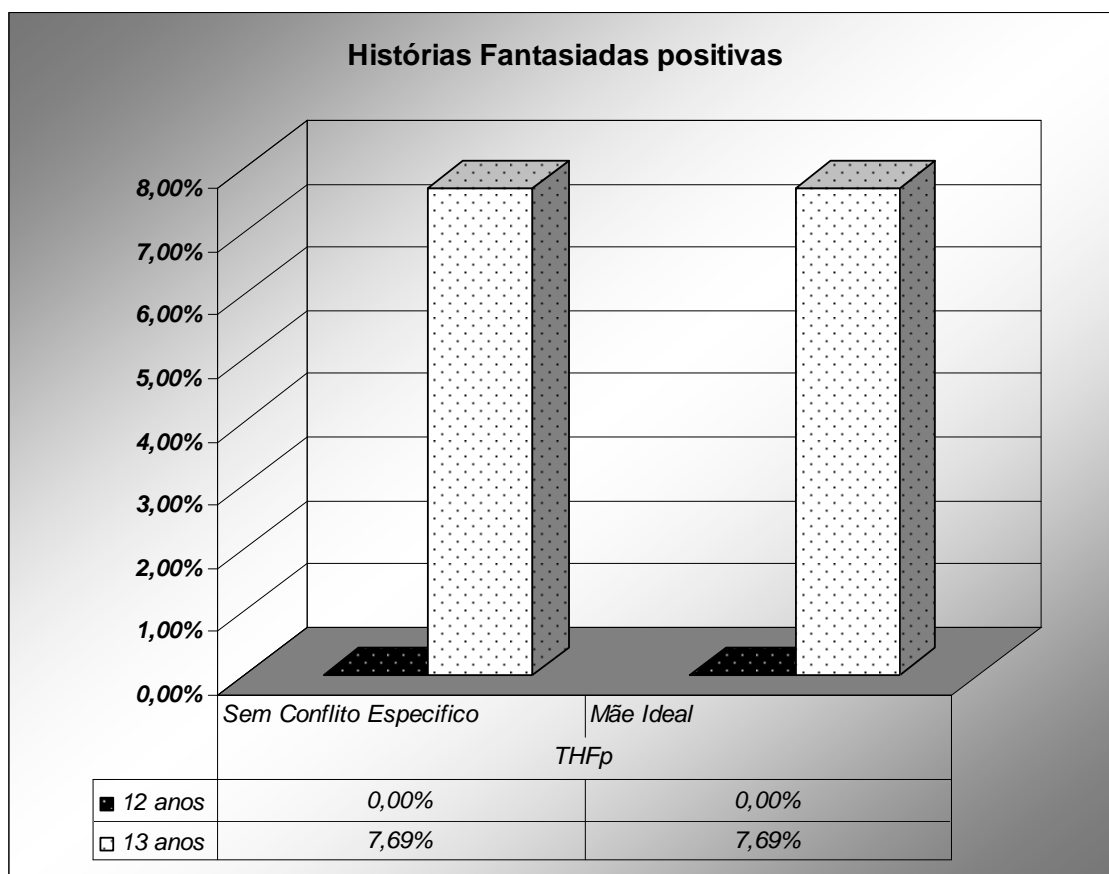


Fig.10.1 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente positiva, aos 12 e 13 anos.

Diante do gráfico referente às histórias fantasiadas positivas (THFp) podemos observar que, aos **doze anos** não há nenhum sujeito que não refira conflito específico, nem nenhum tipo de mãe, no entanto, aos **treze anos**, em ambos há 7,69% de rapazes (1) que fantasia uma história em que não se evidencia conflito específico e a mãe é ideal.

Histórias Fantasiadas Ambíguas

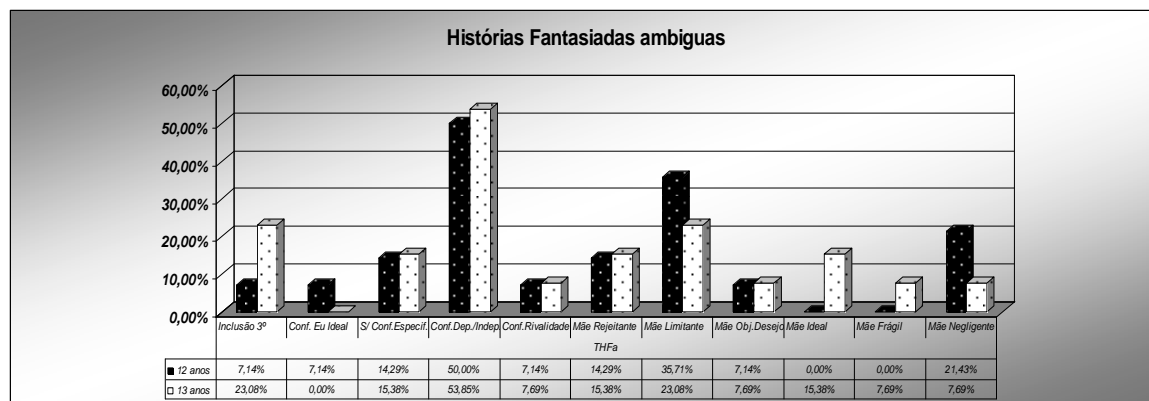


Fig.10.2 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente ambígua, aos 12 e 13 anos

Relativamente às histórias fantasiadas ambíguas verificamos que, 50% dos rapazes do grupo dos **doze anos** de idade incide sobre o conflito de dependência/independência, seguindo-se 14,29% sem conflito específico e 7,14% num conflito com o Eu Ideal e, na mesma percentagem o conflito de rivalidade. Quanto ao tipo de mãe, 35,71% incide sobre a mãe limitante, seguindo-se 21,43% em mãe negligente, 14,29% em mãe rejeitante e por fim, 7,14% em mãe como objecto de desejo. Para além disso, 7,14% incluem uma terceira personagem na fantasia.

No grupo dos **treze anos**, quanto ao tipo de conflito observamos 53,85% de rapazes que recaem sobre o conflito de dependência/independência, seguindo-se 14,29% sem conflito específico e 7,14% dos rapazes a incidirem sobre o conflito de rivalidade. Quanto ao tipo de mãe, 23,08% dos rapazes salienta uma mãe limitante, com 15,38% dos rapazes encontramos a mãe rejeitante e a mãe ideal, com a mesma percentagem. A mãe negligente, objecto de desejo e frágil encontram-se todas com 7,69%. É ainda importante destacar que 23,08% dos rapazes de treze anos incluem uma terceira personagem na história fantasiada.

Histórias Fantasiadas Negativas

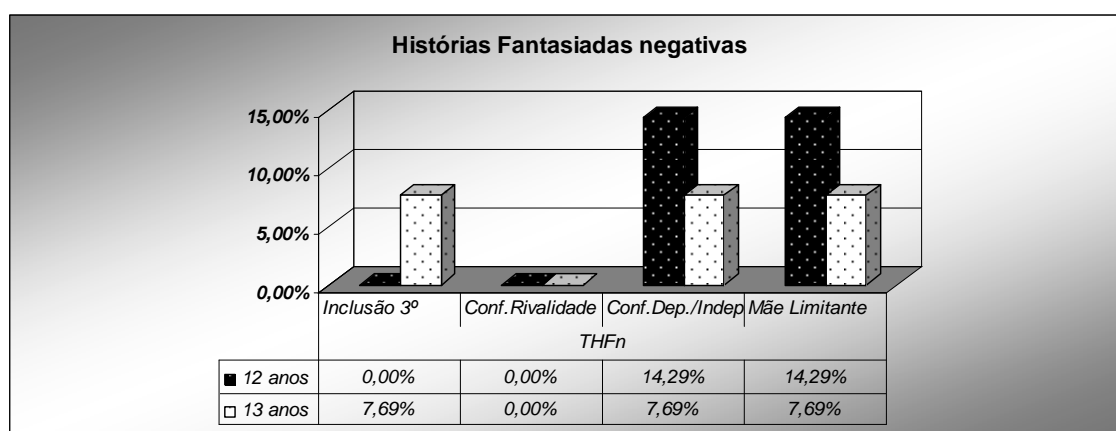


Fig.10.3 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, na sua vertente negativa, aos 12 e 13 anos.

No que se refere às histórias fantasiadas negativas podemos observar que, aos **doze anos** 14, 29% incidem sobre o conflito de dependência/independência, sendo que, na mesma proporção encontramos um tipo de mãe limitante. Não encontramos inclusão de uma terceira personagem, nem conflito de rivalidade.

No grupo dos **treze anos** verificamos que, 7,69% introduzem uma terceira pessoa, incidem sobre o conflito de dependência/independência e sobre um tipo de mãe limitante.

Tipo de Resolução de Conflito Dependência/Independência

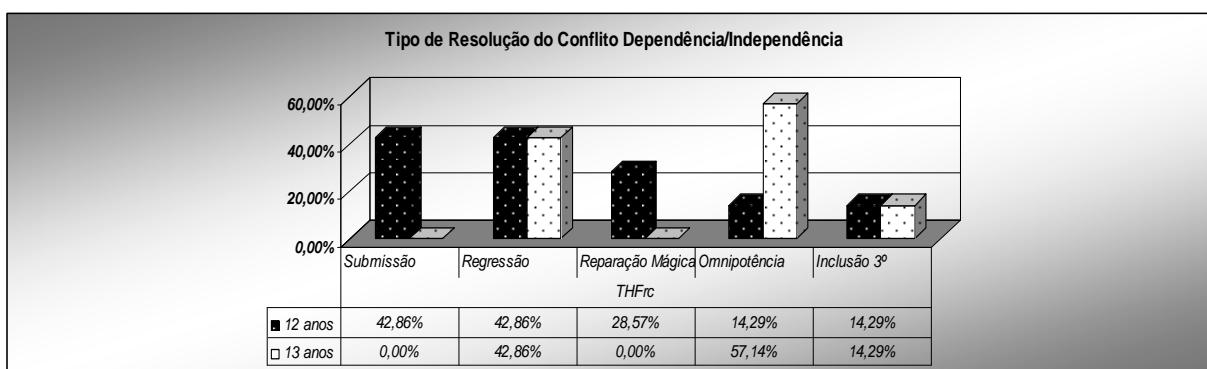


Fig.10.4 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, quanto ao tipo de resolução do conflito dependência/independência, aos 12 e 13 anos.

O tipo de conflito que se evidencia mais ao longo das histórias é o de dependência/independência e portanto vamos observar como este é resolvido pelos rapazes de ambas as faixas etárias.

Aos **doze anos**, 28,57% dos rapazes incidem sobre a regressão, seguindo-se, em igual percentagem as resoluções: submissão, reparação mágica e onnipotência (14,29%).

Aos **treze anos** encontramos apenas o tipo de resolução onnipotente, em 57,14% e a regressão em 42,86%. Neste grupo não se verifica a submissão, nem a reparação mágica.

Tempo das Histórias

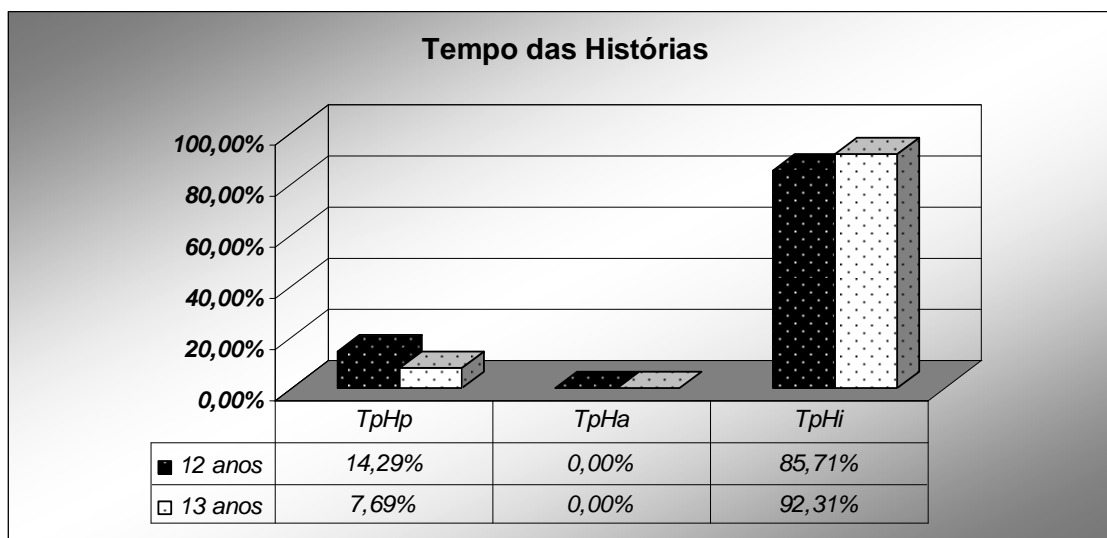


Fig.10.5 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Fantasiadas, relativamente ao tempo das histórias, aos 12 e 13 anos.

Este gráfico mostra-nos que, 85,71% das histórias dos rapazes de **doze anos** incidem sobre um tempo indeterminado e 14,29% sobre o passado, sendo que nenhum incide sobre o tempo actual.

Nos rapazes de **treze anos** de idade observamos que 92,31% das histórias recaem sobre um tempo indeterminado e 7,69% incidem sobre o passado, não se verificando o tempo actual.

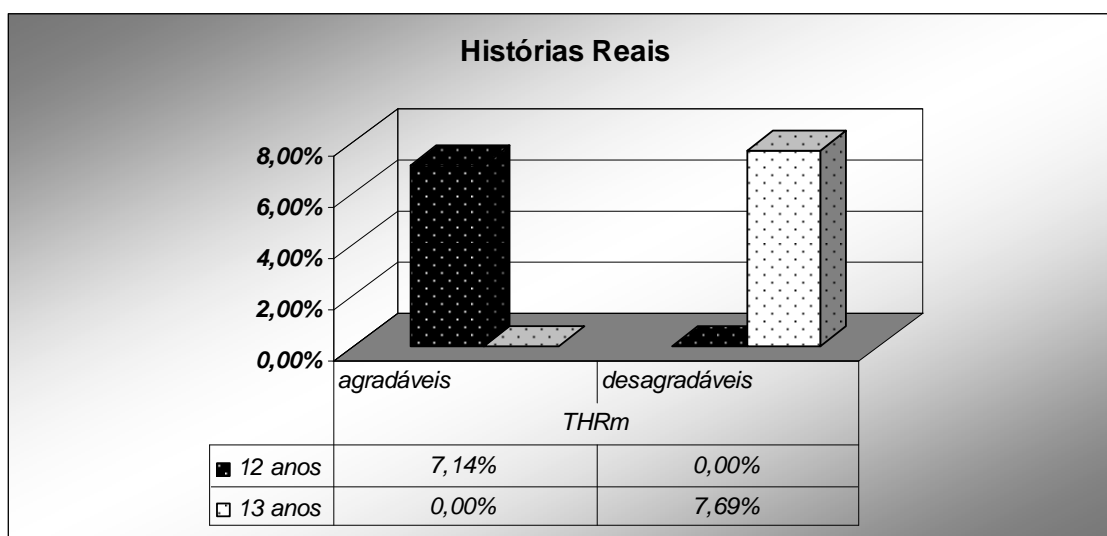
Histórias Reais

Fig.10.6 – Percentagem de respostas relativas à subcategoria Histórias Reais, na sua vertente de memórias, aos 12 e 13 anos.

Relativamente às histórias reais podemos observar pelo gráfico que, dos rapazes do grupo dos doze anos que as referem, 7,14% incide sobre as agradáveis e nenhum sobre as desagradáveis. Aos treze anos, dos que as referem, 7,69% recaem sobre as histórias desagradáveis.

ANEXO F
CARACTERIZAÇÃO CATEGORIAS

PRÉ-- CATEGORIA	CATEGORIA	SUBCATEGORIAS		CARACTERIZAÇÃO
M (A Mãe)	MM	MMAP	MMAPa	Referem a mãe enquanto tal, na sua função afectiva positiva, caracterizando-a como mãe que ajuda, apoia e ampara, mãe percebida como afectivamente preocupada
			MMAPp	Referem a mãe enquanto tal, na sua função afectiva positiva, caracterizando-a como mãe afectivamente disponível para conversar, estar presente e ser amiga
			MMAPam	Referem a mãe enquanto tal, na sua função afectiva positiva, caracterizando-a como mãe compreensiva e que mostra amor pelo filho
		MMAN	MMANi	Referem a mãe enquanto tal, na sua função afectiva negativa, percebida como incompreensiva
		MME		Mãe percebida como mãe na sua função educativa e formativa
		MML		Mãe percebida como tendo uma função lúdica
		MMNc		Mãe percebida como tendo uma função provedora de necessidades, uma mãe ao nível funcional
	MP	MPT		Caracterizam a mãe como pessoa, percebida como trabalhadora
		MPR		Caracterizam a mãe como pessoa, nas suas características relacionais, de relação social
		MPAr		Mãe percebida como anti-relacional
		MPC		Mãe percebida como egocêntrica, centrada em si
		MPF		Mãe percebida pelo seu aspecto físico
		MPP		Mãe percebida pelos seus aspectos psicológicos

Tabela 11 – Caracterização da pré-categoria M (A Mãe), nas suas diversas categorias e subcategorias.

RM	RMR	RMRp	RMRpa	Relação com a mãe percebida num âmbito de relacionamento afectuoso positivo
			RMRpe	Relação com a mãe percebida como positiva, a um nível educativo/formativo
			RMRpl	Percepção da relação positiva com a mãe ao nível lúdico
		RMRn	RMRna	Relação com a mãe percebida num âmbito menos afável, de carácter negativo
			RMRnd	Relação com a mãe percebida como tendo um domínio sobre o próprio
			RMRnt	Percepção da relação com a mãe neutra, pouco específica, sendo indeterminada
	RMC	RMCf	RMCfe	Os rapazes revelam falar com a mãe, de assuntos relacionados com a escola
			RMCfa	Os rapazes revelam falar com a mãe, sobre os amigos
			RMCfbe	Os rapazes revelam falar com a mãe, de assuntos relacionados com o bem-estar
			RMCfd	Os rapazes revelam falar com a mãe, sobre dúvidas
			RMCfva	Os rapazes revelam falar com a mãe, sobre a vida amorosa
			RMCfp	Os rapazes revelam falar de problemas
			RMCfns	Os rapazes revelam que não sabe, não discrimina os assuntos que fala com a mãe
			RMCfq	Os rapazes revelam falar com a mãe, de assuntos do quotidiano
			RMCft	Os rapazes revelam falar de tudo com a mãe
		RMCnf	RMCnfva	Os rapazes revelam não falar com a mãe sobre a vida amorosa
			RMCnfar	Os rapazes revelam não falar com a mãe dos assuntos repreensíveis
			RMCnfn	Os rapazes revelam não falar de nada com a mãe
		RMCic	RMCicm	Referem que a iniciativa da conversa é da mãe
			RMCicf	Referem a iniciativa da conversa como sua (filho)
			RMCicd	Referem a iniciativa da conversa como sendo dos dois, mãe e filho
			RMCicpm	Referem a iniciativa da conversa como sendo do pai e da mãe
		RMCqf	RMCqfp	Dos assuntos que não falam com a mãe, revelam falar com o pai
			RMCqfi/a	Dos assuntos que não falam com a mãe, revelam falar com irmãos ou amigos
	RMCqfn		Dos assuntos que não falam com a mãe, revelam não falar com ninguém	
	RMCqfv		Quando refere falar com várias pessoas sobre os assuntos mais problemáticos, não discriminando uma só pessoa para essa conversa	
	RMF	RMFf	RMFfp	Referem passear com a mãe
			RMFfb	Referem brincar/jogar com a mãe
			RMFfe	Referem estudar, elaborar assuntos mais didáticos, com a mãe
			RMFfv	Referem ver filmes/TV com a mãe
RMFfet			Referem conversar com a mãe	
RMFtd			Referem realizar tarefas domésticas com amãe	
RMFnf	Referem não fazer nada com a mãe			

Tabela 12.1 – Caracterização da categoria RM (Relação com a Mãe), nas suas diversas subcategorias.

RM	RME	RMEe	RMEee	Revelam exigências por parte da mãe no âmbito escolar, que tenha a ver com aspectos mais didáticos	
			RMEep	Revelam exigências por parte da mãe no âmbito dos passatempos, quando a mãe exige precaução ao nível do tempo dispendido nos passatempos	
			RMEev	Revelam exigências por parte da mãe no âmbito do bom comportamento/valores morais	
			RMEes	Revelam exigências por parte da mãe ao nível de maior segurança	
			RMEec	Revelam exigências por parte da mãe ao nível do cuidado	
			RMEet	Revelam exigências por parte da mãe ao nível das tarefas domésticas	
		RMEse	RMEseb	Face às exigências da mãe, o rapaz refere sentir-se bem/concorda	
			RMEsemm	Face às exigências da mãe, o rapaz refere sentir-se mais ou menos/não concorda com algumas coisas	
			RMEsem	Face às exigências da mãe, o rapaz refere sentir-se mal/discorda	
		RMD	RMDh	RMDhs	O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente a assuntos relacionados com saídas/amigos
				RMDhe	O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente a assuntos relacionados com a escola
				RMDhp	O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente aos passatempos
	RMDhd			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente às discussões familiares	
	RMDhn			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente às notícias/política	
	RMDhi			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente a assuntos relacionados com a individualidade (do rapaz)	
	RMDhc			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente aos conflitos de gerações	
	RMDht			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente às tarefas domésticas	
	RMDhdi			O rapaz refere haver discordância em relação à mãe relativamente ao dinheiro	
	RMDnh		quando referem que não há discordância		
	RMDrc		RMDrcc	Revelam haver uma confrontação relativamente ao tipo de resolução de conflito	
		RMDrce	Revelam haver um evitamento do confronto relativamente ao tipo de resolução de conflito		
	RMDnrc	não revelam resolução do conflito			

Tabela12.2 – Caracterização da categoria RM (Relação com a Mãe), nas suas diversas subcategorias

IM	IMP	IMPfd	Revelam uma imagem da mãe positiva no âmbito de fazer o desejado
		IMPsd	Revelam uma imagem da mãe positiva no âmbito de ser o desejado
		IMPed	Revelam uma imagem da mãe positiva no âmbito de estar disponível
	IMN	IMNfnd	Revelam uma imagem da mãe negativa no âmbito de não fazer o desejado
		IMNnsd	Revelam uma imagem da mãe negativa no âmbito de não ser o desejado
		IMNned	Revelam uma imagem da mãe negativa no âmbito de não estar disponível
	AIMN		não revelam resolução do conflito

Tabela13 – Caracterização da categoria IM (Imagem da Mãe), nas suas diversas subcategorias.

MR	MRh	Há mudança na relação
	MRnh	Não há mudança na relação
	MRp	Revelam haver uma proximidade na relação/na forma como percebem a relação com a mãe
	MRA	Revelam haver um afastamento na relação/na forma como percebem a relação com a mãe
	MRi	Revelam uma relação indiferenciada com a mãe/não evidenciam perceber a diferença entre a infância e o presente
	MRm	Atribuem a mudança à mãe
	MRf	Atribuem a mudança ao filho
	MRo	Atribuem a mudança a outros
	MRpm	Revelam que a mudança relacional ocorreu por casa da mãe
	MRpf	Revelam que a mudança relacional ocorreu por casa do filho
	MRpd	Revelam que a mudança relacional ocorreu por casa dos dois (filho e mãe)
	MRpe	Revelam que a mudança relacional ocorreu por casa de circunstâncias exteriores
	MRpns	Revelam não saber porque a mudança relacional ocorreu
	dMR	Revelam desejo de mudança na relação
	ndMR	Não revelam desejo de mudança na relação
	MRmd	Face ao desejo de mudança na relação, desejam mãe diferente
	MRmfd	Face ao desejo de mudança na relação, desejam mãe que faça o desejado
	MRfd	Face ao desejo de mudança na relação, desejam filho diferente
	MRmdp	Face ao desejo de mudança na relação, desejam mãe disponível

Tabela 14 – Caracterização da categoria MR (Mudança Relacional), nas suas diversas subcategorias.

A	TA	TAe	TAep	Quando narram um episódio específico percebido como positivo
			TAea	Quando narram um episódio específico ambíguo, percebendo os seus aspectos, tanto positivos, como negativos, ou pouco explícitos no seu conteúdo
			TAen	Quando narram um episódio específico percebido como negativo
		TAm	TAmA	Quando narram uma memória/recordam um acontecimento não específico percebido como agradável
			TAmD	Quando narram uma memória/recordam um acontecimento não específico percebido como desagradável
			TAmab	Quando narram uma memória/recordam um acontecimento não específico no seu conteúdo, percebido como ambíguo
	TpA	TpAp		Tempo do acontecimento é passado
		TpAa		Tempo do acontecimento é actual
		TpAi		Tempo do acontecimento é indeterminado

Tabela.15 – Caracterização da subcategoria Acontecimentos Importantes.

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS		CARACTERIZAÇÃO		
H	THF	THFp	Histórias Fantasiadas percebidas como positivas		
		THFa	Histórias Fantasiadas percebidas como ambíguas, pouco definidas quanto ao seu conteúdo		
		THFn	Histórias Fantasiadas percebidas como negativas		
		Conflito	Sem Conflito Específico	Quando na história fantasiada não existe um conflito específico	
			Eu Ideal	Quando, na história fantasiada, há um conflito com o Eu Ideal	
			Dependência/Independência	Quando, na história fantasiada, há um conflito de dependência/independência face à figura materna	
			Rivalidade	Quando há um conflito de rivalidade, quer fraterna, quer edipiana, narrado na história fantasiada	
		Mãe	Rejeitante	História fantasiada em que a mãe é rejeitante	
			Limitante	História fantasiada em que a mãe limitante	
			Objecto de desejo	História fantasiada em que a mãe é objecto de desejo	
			Ideal	História fantasiada em que a mãe é idealizada e portanto, a mãe ideal	
			Frágil	História fantasiada em que a mãe é frágil	
			Negligente	História fantasiada em que a mãe é negligente	
		Inclusão de um terceiro elemento		Incluem, para além da mãe e do filho, uma outra personagem	
		THFrc	Submissão	A resolução do conflito de dependência/independência é feita através da submissão	
			Regressão	A resolução do conflito de dependência/independência é feita através da regressão	
			Reparação Mágica	A resolução do conflito de dependência/independência é feita através reparação mágica, não revelando o modo como chega à resolução	
			Omnipotência	A resolução do conflito de dependência/independência é feita através da onnipotência	
		THR	THRm	agradáveis	Quando narram histórias reais percebidas como agradáveis
				desagradáveis	Quando narram histórias reais percebidas como desagradáveis
		TpH	TpHp		Tempo da história é passado
			TpHa		Tempo da história é actual
			TpHi		Tempo da história é indeterminado, sem haver referência a algo que determine o tempo em que a história se passa.

Tabela 16 – Caracterização da subcategoria Histórias.